

água da fonte





Av. Brasil Oeste, 792
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:
Gilberto R. Cunha

Vice-presidente:
Agostinho Both

Secretário-geral:
Paulo D. S. Monteiro

1ª Secretária:
Antonieta Rovena G. Dias

2º Secretário:
Marcos A. B. de Andrade

1º Tesoureiro:
Luis Lopes de Souza

2º Tesoureiro:
Francisco Mello Garcia

Membros:

Adelvino Parizzi
Alberto A. Rebonatto
Carlos Alceu Machado
Carlos A. Madalosso
Daniel Viuniski
Dilse Piccin Corteze
Elisabeth Souza Ferreira
Elmar Luiz Floss
Fernando S. de Miranda
Getulio Vargas Zauza
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Ivaldino A. Tasca
Jabs Paim Bandeira
Júlio César Perez
Luiz Juarez N. de Azevedo
Luiz Carlos Tau Golin
Marilise Brockstedt Lech
Marisa Potiens Zilio
Mauro J. Gaglietti
Odilon Garcez Ayres
Osvandré Lech
Pia Elena Borowski
Ricardo José Stolfo
Sueli Gehlen Frosi
Romeu C. A. Gehlen
Santo Claudino Verzeleti
Welci Nascimento

Editorial

Gratidão

A humanidade viveu tempos difíceis, em 2020 e 2021. Para a Academia Passo-Fundense de Letras não foi diferente. A atividade institucional precisou ser radicalmente alterada. Os encontros presenciais, pelo devido respeito às medidas de saúde pública, foram substituídos pelos virtuais, alguns projetos caros para a instituição precisaram ser cancelados e, não obstante as limitações impostas pela pandemia, muitas outras coisas foram feitas.

Ainda que as nossas certezas, nesses tempos de Covid-19 e novas variantes, pareçam quase irrelevantes diante do imponderável futuro, temos muito a comemorar: ESTAMOS VIVOS! O nosso Sodalício das letras locais não pereceu. Ao contrário, reinventou-se e renovou-se. No honorável cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, eu escolhi GRATIDÃO como a palavra mais adequada para resumir o nosso sentimento nesse momento. E gratidão não por pouca coisa, pois, apesar dos percalços, conseguimos manter viva a esperança e gozar da confiança e do apoio dos pares. A união em prol do ideal da instituição, um legado de 84 anos (desde 7 de abril de 1938) de respeito à pluralidade (formação profissional, crença religiosa, ideologia política, etc.), foi preservada.

Em rápido balanço da gestão que ora se encerra, podemos incluir: o sítio Internet da instituição repaginado; o bem-sucedido concurso “Gaúcho Doador de Sangue”, em parceria com o Hemocentro do HSVP; a conclusão do livro sobre Meirelles Duarte (lançamento em 2022); duas edições da revista *Água da Fonte* publicadas; a participação institucional nas discussões sobre projetos culturais

para o município em agendas com os candidatos a prefeito; a Webinar “Academias de Letras: seus propósitos e suas ações em tempos de pandemia”, levada a cabo em parceria com a Academia Rio-Grandense de Letras; a participação ativa dos membros da APLetras na programação da Semana do Município 2021; a renovação da parceria com o HSVP-UPF-7ªRT para o concurso “Gaúcho Doador 2021-2022”; o Edital 03/2021, de abertura do processo seletivo de novos acadêmicos (que teve 11 candidatos inscritos); a recuperação do mobiliário (cadeiras) e a dotação de cortinas novas no auditório; a padronização das estantes e a organização da biblioteca, a padronização das molduras da galeria de arte dos quadros capas da revista *Água da Fonte*; a limpeza da Linotipo; a atuação da Academia na organização da Festa Literária, realizada na Estação da Gare, de 1º a 5 de dezembro, antecipando os preparativos para 2022 no sugestivo slogan “Feira do Livro – Próxima Estação 2022”; e, culminado o ano, a escolha da nova direção do Sodalício.

Não podemos ignorar, todavia, as perdas de pessoas queridas nesses dois últimos anos. Entre tantas: mortes de acadêmicos; de ex-acadêmicos; de familiares de acadêmicos e de amigos da APLetras. Os nossos respeitos aos que sentiram mais intensivamente a dor dessas perdas.

Temos fé, que, com o avanço da vacinação no mundo, tempos melhores virão. Renovam-se as esperanças! Saúde e Paz e boas entradas de 2022.

GILBERTO R. CUNHA
Presidente APLetras

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 17, n. 20, dez. 2021

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras
Anos 17 – Número 20 – Dezembro de 2021

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo D. S. Monteiro
Capa: Elvira Battisti Ferreira – Lenda da Mãe Preta (óleo sobre tela, 0,80 m x 1,30 m, 2007)

Arte-final e diagramação: Everaldo Lemos Siqueira

Fotos: arquivos APLetras e autores

Tiragem: 500 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Festa Literária – Próxima Estação 2022

A “Festa Literária – Próxima Estação 2022”, realizada de 1º a 5 de dezembro de 2021, na Estação da Gare, contou com sarau realizado pela Academia Passo-Fundense de Letras, em memória dos acadêmicos e amigos que morreram nos últimos dois anos, além da presença de acadêmicos no estante institucional. A participação do Sodalício foi coordenada pelos acadêmicos Agostinho Both e Marcos Antônio Bulgos de Andrade.



Diretoria 2022-2024

(FOTOS: ARQUIVO APLETRAS)



Em eleição realizada na sede do Sodalício das letras locais, em 18 de dezembro de 2021, foi eleita, por unanimidade, a diretoria que comandará a agremiação no biênio 2022-2024: acadêmicos Marilise Brockstedt Lech (presidente); Marisa Potiens Zilio (vice-presidente); Agostinho Both (secretário-geral); Elisabeth Souza Ferreira, (primeira secretária; Elmar Luiz Floss (segundo secretário); Daniel Viuniski, (primeiro tesoureiro); e Luis Lopes de Souza (segundo tesoureiro). E para a Comissão de Contas e Patrimônio: acadêmicos Fernando Miranda (presidente); Pia Elena Zancanaro Borowski (relatora); Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias (conselheira titular); tendo Marcos Antônio Bulgos de Andrade, Mauro José Gaglietti e Júlio César Perez como suplentes.

Lenda da Mãe Preta

Elvira Battisti Ferreira pintou, no marco das comemorações dos “150 Anos de Passo Fundo”, em 2007, o quadro “Lenda da Mãe Preta”, óleo sobre tela, com dimensões de 0,80 m x 1,30 m. A obra de arte, que ilustra a capa dessa edição de *ÁGUA DA FONTE*, foi doada, pela artista plástica, ao Sodalício, em junho de 2008. Integra a Galeria das Capas da Revista *Água da Fonte*.



Boas-vindas

Em 2022, desejamos boas-vindas aos novos acadêmicos, eleitos pela Assembleia Geral realizada no dia 20 de novembro de 2021: Aleixo da Rosa (Cadeira 4, Patrono Antônio Vieira Caldas Jr.); Cleuza Rejane Ochôa Ughini (Cadeira 12, Antônio Miguel Eramy Guedes); Djiovan Vinicius Carvalho (Cadeira 35, Patrono César Santos); Eládio Vilmar Weschenfelder (Cadeira 3, Patrono Alcides Castilho Maia); Ironi Gozzi de Andrade (Cadeira 33, Patrono Túlio Fontoura); Luciana Marinho Albrecht (Cadeira 11, Patrono Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo); Patricia Godoy Ritter de Bairos (Cadeira 27, Patrono Anna Luísa Ferrão Teixeira); Roque Gilberto Annes Tomasini (Cadeira 38, Patrono Tenebro dos Santos Moura); e Silvana Alba Scortegagna (Cadeira 36, Patrono Mario Quintana).

Santina Dal Paz - Pelerine

A pelerine que pertenceu à acadêmica Santina Rodrigues Dal Paz, preservada em quadro de vidro, representa a homenagem do Sodalício a um dos símbolos da instituição e à preservação da memória da acadêmica e ex-presidente que prestou grandes serviços à Educação e à Cultura de Passo Fundo.



Flores da Pandemia

Durante o período da pandemia da Covid-19, os acadêmicos, cumprindo os seus designios, prefaciaram obras de escritores locais e escreveram as suas próprias. Publicaram livros, em 2020 e 2021, os acadêmicos Carlos Antonio Madalosso (Autobiografia), Agostinho Both (Vim, Vivi, Escrevi), Elmar Luiz Floos (Maximizando o rendimento da soja e Produção de Alimentos: A nobre missão da agricultura), Antonieta Rovena Gonçalves Dias (Igreja Quadrangular Internacional), Marilise Lech (Humanização pela educação), Daniel Viuniski (Culpado ou Inocente – Vivemos o Júri), Ivaldino Tasca (Portas), Mauro Gaglietti (Covid-19: o avesso do desavesso) e Gilberto Cunha (Ah! Essa estranha instituição chamada ciência: Borgelatria e outros ensaios).

Biblioteca Dorival Guedes

A Academia Passo-Fundense de Letras, pelos relevantes serviços prestados por Dorival Guedes à instituição e à cultura local (preservou documentos públicos que fora instado a destruir, por exemplo), em reunião realizada no dia 2 de outubro de 2021, decidiu dar o nome de Dorival de Almeida Guedes à biblioteca do Sodalício, que ora está sendo remodelada e voltada à preservação da memória das letras locais. Muito do acervo dessa biblioteca, quis o destino, foi, um dia, manuseado e cuidado com esmero por esse homem que primou pela humildade em vida.



Gaúcho Doador

(FOTO: A.P. KOENEMANN)



A solenidade de entrega das publicações aos vencedores da edição 2020 e o lançamento do concurso “Gaúcho Doador – Doe sangue, mostre seu valor! – 2021-2022” foi realizada no dia 29 de setembro de 2021, no auditório da Academia Passo-Fundense de Letras. O evento foi uma promoção conjunta do Hospital São Vicente de Paulo – Hemocentro, da 7ª Região Tradicionalista, da Universidade de Passo Fundo e da Academia Passo-Fundense de Letras, tendo por objetivo, via ações culturais, incentivar a doação de sangue.

Academia Carazinhense de Letras

(FOTO: ARQUIVO ACL)



Antonieta Rovena Gonçalves Dias, Clarice Corrêa, Fátima Dorneles, Beatriz Ecker e Maria Inês Reisdorfer

A Academia Passo-Fundense de Letras esteve presente na posse da nova diretoria da Academia Carazinhense de Letras, ocorrida em 10 de dezembro de 2021, na sede da CDL, em Carazinho. O Sodalício foi representado pela acadêmica Antonieta Rovena Gonçalves Dias e pela escritora Patricia Godoy Ritter de Bairos, eleita para assumir uma cadeira na APLetras em 2022.

Sumário

Editorial.....	1	Muito além do centenário do Instituto Educacional	74
Informe acadêmico.....	2	Ter um hobby é cuidar da saúde.....	76
Tributo a José Ernani de Almeida	5	Teoria e prática.....	77
A última Grande Parada do Magro Ernani.....	6	A vida plena de Carlos Madalosso.....	78
O amigo José Ernani	8	A maior porta de todas.....	79
A minha mãe Santina Rodrigues Dal Paz	9	Projeto Museu a Céu Aberto	80
Minha querida vó Santina	10	Náufrago	81
Santina e Almery - uma amizade dos “velhos tempos”	11	Gaúcho Doador. Doe Sangue, Mostre Teu Valor	82
A Santina nos deixou, fisicamente	12	Parceria com o Hemocentro do Hospital São Vicente de Paulo.....	83
Santa: Santina Rodrigues Dal PaZ... da paz.....	13	Cultivando talentos	84
Professora, escritora, tradicionalista e várias outras versões: a biografia de Orefelina Vieira Melo	14	Mãe	84
Bando e Bandinho de Letras:		Coronavírus.....	85
Arte & Rebeldia a Favor da Leitura.....	18	Tempo	85
Olá, leitor, olá leitora!	19	Quarentena	86
Tulipas holandesas no Canadá	20	Menino dos olhos castanhos	86
A esperança paga imposto.....	21	Elton Ubirajara Ventura, o exemplar médico comunitário	87
Jubileu de Prata do Curso de Medicina Veterinária, UPF “um legado de Edison Nunes”	22	Jovem e tolo	88
É o povo que paga o pato.....	23	Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos: o encontro entre a autobiografia, a biografia e a história.....	89
Grosso metido a fino	24	Reflexão sobre o sono	92
A humanidade com a flor na boca.....	25	Frágeis, muito frágeis.....	94
Obrigado	27	Jesuvaldo e Emília	95
Conversa com Caronte.....	29	O que o doutor Aventino Alfredo Agostini representa para o Brasil?.....	96
Professor Dr. Waldemar de Oliveira Chaves.....	30	A tortura	100
Cobra não tem sovaco	31	Envelhecendo	101
Diocese de Passo Fundo – 70 anos	32	As cadeiras.....	101
O Banco do Brasil em Passo Fundo.....	34	A etiologia da violência	102
Ironi Gozzi de Andrade: O segredo de Linha Segredo	36	Linguagem Neutra	104
Valdicirene	38	Alberto Torrico Villarroel, pioneiro da Reumatologia em Passo Fundo	105
Check-Up 2020	39	Realidade do Transporte no Brasil.....	106
Estrada a fora	40	O envelhecer de nossos pais	107
Dom Cláudio Colling, um Sábio.....	41	Pois todo mundo já sabe que ela é a coisa mais certa.....	108
Milonga do solitário	42	Genealogia Dias Gonçalves	109
A última lição de Unamuno	43	O envelhecimento e os laços de amizade.....	110
Frida, a feia, e Fredo, o bonito.....	44	Daniel Viuniski dignifica Passo Fundo	111
Como quando vai ao médico.....	45	A Clandestina	113
Do Boqueirão para Tóquio: minha participação na Universiade do Japão	46	Ansiedade.....	114
Oitenta anos de glória	47	Os belos escritos	115
Crônicas do Velho Fórum	48	Impermanência.....	115
Cianureto ou uísque? O que matou Leopoldo Lugones?	51	Os cristãos-novos de Soledade.....	117
Nos tempos em que eu escrevia	52	... e se não houver o amanhã	117
Prelúdio a um pecado.....	53	Vivências.....	119
O convite.....	54	A história da medicina	120
Sem volta	55	O que dizem os pássaros sobre o coronavírus	123
O adeus ao Velho Poeta.....	56	Irineu Gehlen, exemplo de determinação	125
Na pandemia nasceu o livro Culpado ou Inocente.....	57	Associação dos Amigos da Criança Autista de Passo Fundo- AUMA	126
Revolução pela Educação - urgência de uma nova consciência.....	58	Olhos de África	127
Dona Dominga	59	Linotipista restaura máquina em exibição na Academia Passo-Fundense de Letras	128
Antônio Chimango.....	60	Elza do povo	130
A célula tem alma?.....	64	Azul.....	130
Entrevista: Irineu Gehlen	65	Vazio	130
Mãe - A eterna personagem.....	69	Minhas lágrimas.....	131
Você encaminhou minha vida	69	Corpus Christi brasileiro.....	131
A você que planta e a você que transporta.....	69	O trágico fim do negacionista ingênuo	132
Uma quarta-feira da primavera de 1944	70		
A oratória parlamentar de Paulo Brossard no Senado	72		
Para o amigo Airtton Borowski.....	73		

Tributo a José Ernani de Almeida

GILBERTO R. CUNHA

A notícia da morte do Professor JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA logo no início da manhã do dia 8 de julho de 2021, apesar do sol que brilhava radiante no céu de Passo Fundo, deixou o dia turvo para familiares, amigos, ex-alunos e todos aqueles que, um dia, puderam privar da companhia do ilustre mestre.

A Academia Passo-Fundense de Letras, naquele dia, entrou em luto pela perda de um de seus membros. Em nome do sodalício das letras locais, trazemos a público esse tributo de reconhecimento e respeito à vida, ao trabalho, à luta por justiça social e à produção cultural deixada pelo acadêmico JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA.

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA era natural de Passo Fundo. Nasceu no dia 29 de dezembro de 1947 e, não por acaso, morreu, no dia 8 de julho de 2021, na mesma cidade de Passo Fundo, que sempre viveu. Estudou na Escola Eulina Braga, no Colégio Nossa Senhora da Conceição e na Universidade de Passo Fundo (UPF). Pela UPF, era formado em Direito (1971), Artes Plásticas (1974), História (1998) e Mestrado em História Regional (2005).

Iniciou a trabalhar nas rádios locais em 1966, desempenhando funções que foram desde operador de som, rádio-escuta, locutor, diretor de programação até gerente. Teve passagens pelas rádios Passo Fundo, Planalto e Diário da Manhã.

Ingressou no magistério estadual em 1972 (Escola Estadual Bandeirantes, em Sertão) e, a partir de 1974, se consagraria como professor dos chamados cursinhos pré-vestibulares locais, iniciando no Gama e, pela fatalidade da morte, encerrando a carreira como professor de História no Pré-vestibular MediSchool (deu a última aula um mês antes de morrer). Além de escolas como Rainha da Paz (Lagoa Vermelha),



São José (Erechim) e Colégio Notre Dame (Passo Fundo), atuou também no ensino superior em instituições como Faculdades Planalto (Faplan) e João Paulo II.

Articulista de opinião nos jornais locais e autor do livro “Denuncismo e censura nos meios de comunicação de Passo Fundo – 1964/1978”. Teve artigos publicados nos livros “Rato de Redação: homenagem a Tarso de Castro, um jornalista brasileiro” (2010), “Passo Fundo, sua História” (2008), “Fazendo História Regional – Política e Cultura” (2010) e “Os 15 dias que abalaram Passo Fundo” (2011) e textos de opinião diversos nas redes sociais. Foi secretário de Desporto e Cultura de Passo Fundo e, em 2012, ingressou na Academia Passo-Fundense de Letras.

A vida de JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA foi dedicada à Educação e à Cultura e a combater as injustiças sociais. Ao morrer “descansou” da luta contra um câncer, contra o qual se digladiava a mais de dois anos, porém

um professor de escola como JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA nunca morre, pois a sua memória continua bem viva nos exemplos que deixou para a geração de alunos que ajudou a formar, nos familiares e na multidão de amigos que construiu.

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA era apaixonado pela Música Popular Brasileira. Freqüentador assíduo de espetáculos em Porto Alegre, quando da vinda de artistas do centro do País. Lembro-me dele ter comentado que, depois de um espetáculo, Caetano Veloso o recebeu no camarim e chamou os filhos para conhecerem o professor que era da mesma cidade e tinha sido amigo do Tarso de Castro. É por coisas como essa, que eu imagino que ele, muito provavelmente, não deixou de sentir empatia por Angenor de Oliveira, o monumental poeta Cartola, que quando se descobriu à iminência da morte, compôs aqueles que são os mais emblemáticos versos da música popular brasileira. Refiro-me ao samba “Autonomia” e em particular aos versos: “Ai! Se eu tivesse autonomia./ Se eu pudesse gritaria, amor./ Se eu pudesse brigaria, amor./ Não vou, não quero”.

É pena Professor Ernani, que em relação à morte não tenhamos a autonomia que Cartola imortalizou em versos. A mesma autonomia que sua voz sempre se levantou para reivindicar quando estavam em jogo as liberdades individuais e a injustiça social. A luta pela qual o senhor nem sempre foi compreendido.

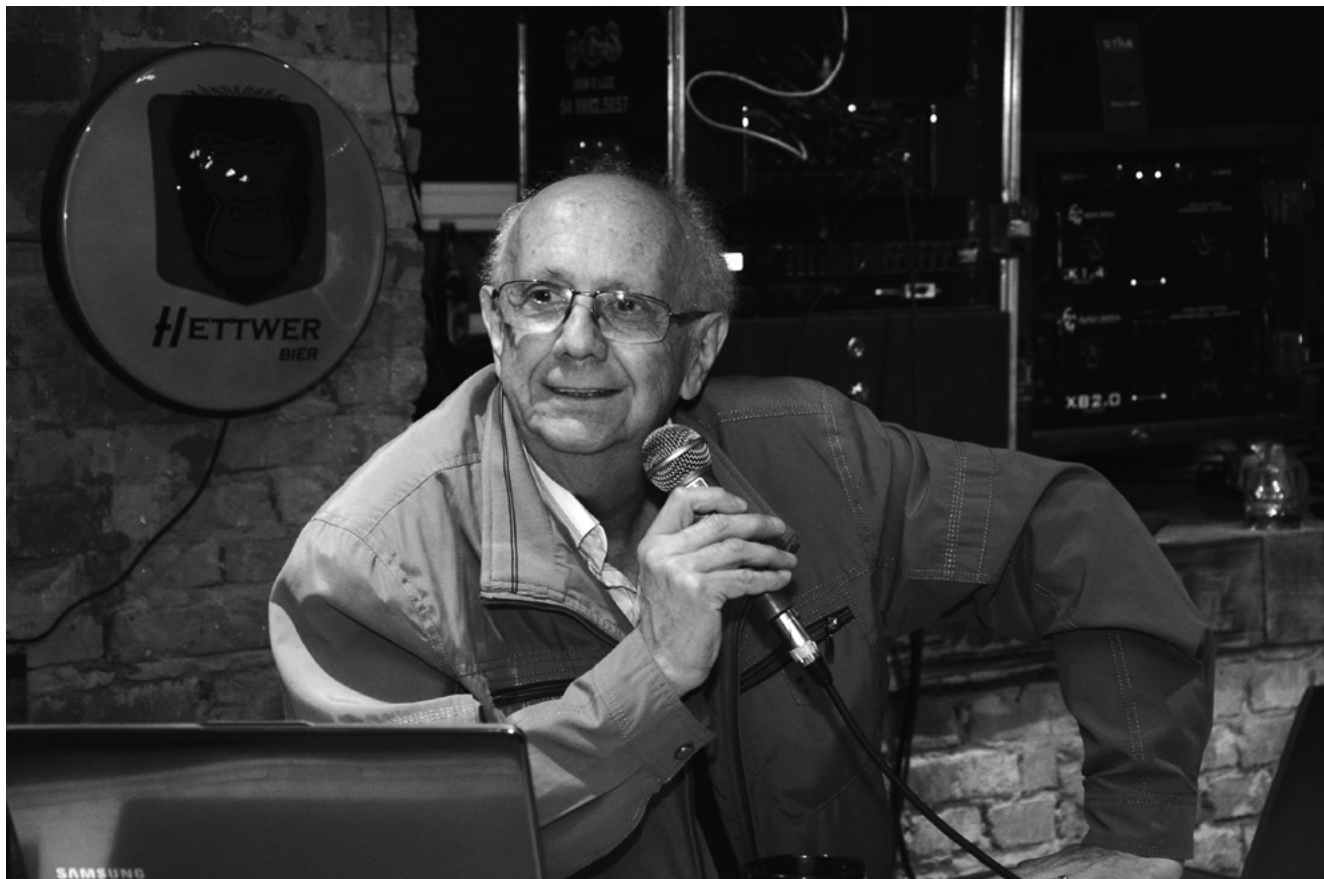
Posso imaginar o seu sorriso irônico ao vivenciar essa experiência nova que é a morte. Especialmente ao descobrir quantas invenções a nossa ignorância nesse terreno tem permitido.

Requiescat in pace, Prof. José Ernani!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)

A última Grande Parada do Magro Ernani

(FOTO - DALTRO MATTOS)



José Ernani de Almeida

LUIZ CARLOS SCHNEIDER

Nos anos 1970, as ondas da potente Rádio Planalto ecoavam no sul do país. O diferencial estava na qualidade musical, atrativo que conquistou uma grande audiência. O responsável pela linha de programação era José Ernani de Almeida. Sua voz metálica tinha o tom didático do professor com bem embasadas informações sobre a arte, especialmente a música. Numa época ainda sem emissoras FM e com poucas rádios AM, muitas gerações conheceram a música através dos seus

programas. A rádio contava com excelente acervo musical, pois a sua discoteca era a maior do Rio Grande do Sul. Isso, obviamente, sem deixar a agulha resvalar para os sulcos da vulgaridade.

Quando cheguei à Planalto não integrei apenas uma equipe de rádio. Éramos a Grande Família Planalto. E foi nesse clima familiar que convivi com o Magro Ernani, como era chamado carinhosamente. Foi o nosso diretor artístico exigente, inovador e com muito conhecimento. Perfeccionista, permanecia um bom tempo grudado às caixas de som no estúdio de gravações para conferir aquilo que iria ao ar. Na máqui-

na de escrever, cercado pelas pilhas de discos, atuava como uma enciclopédia musical. Ou como um pesquisador nas contracapas dos LPs, que serviam como uma espécie de Google em tempos que nem sonhávamos com a internet.

Rádio e educação

O Magrão se desdobrava entre a rádio e o magistério. Na rádio foi chefe de setor, programador, produtor e apresentava vários programas. O mais badalado era “A Grande Parada”, que ia ao ar nas tardes de domingo. Dividia o tempo de rádio com o de professor estadual no CACT João De Cesaro e, ainda,



José Ernani e Roberto Carlos

das aulas de História no Gama, então o mais badalado cursinho pré-vestibular do interior do estado. O Ernani corria muito. Aliás, literalmente, estava sempre correndo entre a discoteca, o estúdio principal e a gravadora. Enquanto apresentava o Show da Manhã, produzia o Especial para o final de semana. Mas, ao mesmo tempo, acompanhava a gravação de uma chamada para a Grande Parada. E, na passagem, ainda abria a porta da redação para uma breve corneta nos colorados.

A música já estava acabando e o operador soava a estridente campainha. Então o Magrão patinava no parquê daquele imenso corredor para chegar ao microfone a tempo de dizer o nome da música e a hora certa. Sempre inquieto, aproveitava os 60 segundos de comerciais para levar mais um disco até a gravadora para regravam a chamadinha. Isso porque seguíamos à risca a cartilha do aperfeiçoamento ininterrupto. E, assim, era a rotina de José Ernani na Planalto. Todos os dias ele percorria muitos quilômetros naquele prédio da Rua Coronel Chicuta.

Brincalhão e exigente

As correrias não afetavam duas características marcantes do Magrão: era brincalhão e exigente. A molecagem recíproca logo nos aproximou, para o sofrimento de incautos colegas. Bem

boladas, as brincadeiras eram do bem. E não escapava ninguém. O problema era a indisfarçável expressão de culpa do Ernani através do seu já característico olhar de réu confesso. Brincadeiras familiares que fortaleciam os laços de amizade de uma galera muito afinada. Seriedade ao microfone e muitas brincadeiras fora da cabine.

E o lado exigente? Ora, José Ernani seguia uma linha moldada com base em estágio na Rádio Universidade Católica de Pelotas, na fase pré-implantação da Planalto. Também carregava a sobriedade da Guaíba e a qualidade musical da Jornal do Brasil. O ouvido jovem ainda era influenciado pela vanguarda da Continental. E ponto final! Ele não permitia que rodássemos porcaria ou cometêssemos atropelos na Última Flor do Lácio ou errinhos de pronúncia. Não erguia a voz com ninguém. Apenas apontava erros e explicava como deveria ser. Não atuava com autoritarismo. Agia diplomaticamente como um guardião da qualidade. E, assim, o Ernani preservava o que considerava fundamental: o “Padrão Planalto”.

De Roberto a McCartney

O clima interno era de *avant-garde* e audácia enquanto gambeteávamos a censura. O Ernani estava sempre de olho naquele famoso compacto de Geraldo Vandré, pois o disquinho mantinha o

hábito rebelde de abandonar o seu escaninho para seguir caminhando e cantando pela Teixeira Soares.

Mas, vira e mexe, quando o Magrão chegava com um indisfarçável sorriso era sintoma de novidade à vista. Lançamento musical, nova edição da Billlboard ou mais uma entrevista exclusiva? Ele entrevistou os maiores nomes da MPB. Da fita cassete saíram históricos programas especiais com Roberto Carlos, Gilberto Gil, Gonzaguinha, Benito di Paula, Belchior, Simone, Toquinho e tantos mais. Além disso, o Ernani não perdia os grandes shows que passavam por Porto Alegre. Voltou fascinado com Paul McCartney, mas também aplaudiu orquestras tradicionais ou grupos de rock.

Essa correria toda ainda permitia atuar como centromédio no time da rádio ou brincar no futebol de mesa. Mas, nos últimos tempos, as correrias do nosso querido Magrão foram pelos corredores do hospital. Manteve o mesmo pique dos tempos daquele longo corredor da Planalto. E, aproveitando um intervalo entre tratamentos, pediu que a última camisa fosse aquela do show de Paul McCartney. Até porque a vida também tem uma Grande Parada.

(Luiz Carlos Schneider é jornalista e radialista, O NACIONAL, Passo Fundo, RS.)

O amigo José Ernani

DELICIO BENINCA

Parece que foi ontem, mas foi a quatro meses que nos deixou. Mesmo sabendo que um dia a vida acaba, a gente nunca está preparado para perder alguém.

Procuro várias formas para te homenagear, mas a melhor é procurar ser tão feliz, mas tão feliz, que assim dará para sentir e ouvir o teu riso, tua gargalhada nos dias de convívio nos intervalos das aulas.

As boas e lindas lembranças que temos de você sempre vão secar as nossas lágrimas e nos fazer sorrir.

Dói muito não ter mais o brilhante colega professor, mas podemos agradecer a oportunidade de compartilhar e conviver tantos momentos com você.

No Medischool Pré-Vestibular foram 11 anos de dedicação. Um professor exemplar, dedicado, organizado, moderno. Na vida foram 30 anos de parceria em vários cursinhos e escolas. Sempre o mesmo queridão.

Ainda é difícil lembrar-se de você querido amigo sem deixar as lágrimas inundarem a nossa face, mas procuramos encontrar conforto na ideia de que você viveu uma vida plena e feliz. Uma vida simples, de luta contra as desigualdades sociais, a vergonha da política nacional, os descasos com a educação e a cultura, uma vida de amor aos animais.

Nas inúmeras atividades que exerceu como professor, mestre em história, radialista, secretário de cultura, escritor e outras tantas, sem dúvida a mais nobre foi nos mostrar que devemos lutar sempre, incansavelmente pela justiça e felicidade.

José Ernani!!! Amigo de verdade que deixou marcas eternas e uma saudade infinita, amigo de verdade para todas as ocasiões sem exceção. Conselheiro que nos proporcionou no seu convívio uma alegria genuína e muitos sorrisos espontâneos. Fique bem grande colega.

Ernani foi para nós, aquele “amigo de



(FOTO: ARQUIVO D. BENINCA)

José Ernani e Delcio Beninca

fê, um irmão camarada. Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas. Cabeça de homem, mas o coração de menino. Aquele que está do lado em qualquer caminhada”.

O profissional

José Ernani, mais conhecido como “Nani”, sempre foi um profissional fora da curva. Amava que o que fazia e fazia o que amava, por isso talvez nunca tenha chamado “dar aula” de trabalho. Parecia diversão! Encantava seus alunos com histórias minuciosamente explicadas, repletas de um repertório “de respeito” e com exemplos encantadores. Era um PROFESSOR, com todas letras maiúsculas que esse termo deve ter. Sempre responsável, honrou seus compromissos até o final. Não parou um dia de dar aula, e fez isso com o mesmo amor e carinho que tivera em toda a sua trajetória.

Com certeza influenciou inúmeros docentes que estão espalhados por todo o Brasil. E não apenas em sua área de atuação, mas em todas as licenciaturas. Sua paixão pela profissão cativava a todos, e sem dúvidas, aqueles alunos

que tinham um pezinho na licenciatura, ao ter uma aula com o Nani viriam a confirmar a natureza e a beleza desta profissão tão nobre.

Para além da competência técnica, Nani era um agregador. Um colega especial, que nunca mediu esforços para ajudar no crescimento do grupo. Era gente de verdade! A sala dos professores era uma sem o Ernani, e outra completamente diferente nos seus dias de aula. O sorriso tomava conta dos rostos de seus colegas frente a sua presença. Sem falar nas gargalhadas e momentos de descontração proporcionados pelo mestre. Com certeza eram dias encantadores, que ficarão para sempre guardados na memória.

Ernani faz, e sempre fará falta. Sua presença e energia são insubstituíveis. Guardaremos eternamente, alunos e colegas, a memória de uma pessoa que veio ao mundo para nos mostrar que é possível sim, achar a felicidade em todos os momentos da nossa vida!

(Delcio Beninca é diretor do MediSchool Pré-Vestibular e professor de Biologia.)

A minha mãe Santina Rodrigues Dal Paz

CÁTIA MARIA DAL PAZ BENVENUTI

Santina Rodrigues Dal Paz, nasceu em 28 de Janeiro de 1930 na cidade de Ijuí, RS. Casou-se em 1954 com Augusto Dal Paz, desta união tiveram uma filha Cátia Maria Dal Paz Benvenuti, um neto José Augusto Dal Paz Benvenuti e um bisneto Gael Augusto Benvenuti.

Recebi o convite de escrever sobre minha mãe, em uma madrugada insone me debrucei sobre lembranças doces, momentos de afeto, alegrias e alguns momentos hilários de minha infância, adolescência e vida adulta em companhia da Santina. Desta forma escrevo com olhar de filha. Uma visão um pouco diferente da profissional, mais íntima. Queria que as pessoas conhecessem este lado dela. Falo aqui da mulher que me deu a vida, conheci, amei e me inspirei. Também haverá pinceladas sobre seu profissional, pois foi parte importantíssima de sua história.

Santina não veio a este mundo a passeio! Veio participar! Sua vida foi marcada de lutas, serviços sociais, comprometimento com o próximo e com a sociedade passo-fundense. Sempre que era convidada a compor uma associação, não ficava como expectadora, participava ativamente exercendo funções de secretária, tesoureira, vice-presidente, presidente. Assim aconteceu com a Associação de Ex-alunos do Colégio Notre Dame, Rotary Club, Associação dos Diplomados na Escola Superior de Guerra (ADESG), CEPERS, Academia Passo-Fundense de Letras e outras tantas ao longo de sua longa vida.

Foi professora primária, coordenadora do Magistério da EENAV, professora do Curso de Enfermagem, Diretora da Escola Cecy Leite Costa.

Escreveu a coluna diária “Aconteceu

há um quarto de século”, no Jornal Diário da Manhã, da sua incansável máquina de escrever recordava fatos históricos da cidade e do mundo, nascimentos e fatos pitorescos. Era quase uma rede social da época, pois sempre lembrava o aniversário de pessoas conhecidas.

Pesquisadora, em companhia do confrade Welci do Nascimento, escreveram



Cátia e Santina

a obra Vultos de Passo Fundo, da qual tinha muito orgulho.

Nossa casa sempre foi QG, onde se guardavam faixas, cartazes e panfleto das muitas lutas e greves lideradas por ela, em prol de um Magistério Estadual digno e valorizado, eram muitas reuniões, assembleias. Uma casa que acolhia colegas, amigos e filhos dos amigos.

Santina não tinha uma semana que não tivesse uma reunião, uma solenidade, formatura ou despedida de um velho amigo. Estava sempre pronta, como ela dizia: “Bastava uma echarpe e um batom e voila pronta!”

Amiga fiel, tinha sempre tinha uma palavra de conforto, um conselho. Tinha a paciência e a qualidade de ouvir e de segredos guardar. Conhecia o íntimo de seus amigos e seus segredos, os levou com ela.

Adotou muitos filhos. Amigos e sobrinhos que viraram filhos e seus filhos tornaram-se seus netos.

Era uma mãe e vó afetuosa, amiga, carinhosa, apaziguadora e ao, mesmo tempo, que enérgica e amável. Sempre pronta para ajudar, dar carinho e um ombro para chorar.

Foi pela paixão que via em seus olhos, ao falar na escola, em seus alunos que me tornei professora. Ensinou-me sobre ética, responsabilidade, comprometimento e amor pela profissão.

A Santina como vó foi perfeita! Cuidou, acolheu, participou do futebol, da escola, dos temas e das apresentações. Levou, buscou. Foi e esteve presente em cada momento importante e divertido da vida do neto. Jogou futebol com bola de meia, apostou corridas, fez teatro, ensinou sobre a natureza e a olhar o mundo, observar as maravilhas que encontramos pelos caminhos da vida.

Amante da natureza. Era exímia conhecedora de chás e plantas. Gostava muito de estar na “floresta”, como mencionava o seu quintal. Lá estavam suas árvores, flores, remédios, os pássaros, os gatos dos vizinhos. De lá tirava seu equilíbrio, energia, vitalidade e juventude.

Na sua cozinha sempre havia um chá para curar o corpo e a alma. Lá havia colo, carinho, conforto, sábias palavras e um humor inteligente e sagaz.

Podemos dizer que Santina, em seus 91 anos viveu! Deixou seu legado de simpatia, amor, convivência, viajou, estudou, construiu sua família e participou da vida de seus amigos. Uma vida repleta de realizações, emoções e principalmente de amizades. Mãe amor maior. Valeu ter estado aqui!

(Cátia Maria Dal Paz Benvenuti, filha de Santina Rodrigues Dal Paz, é professora, Passo Fundo, RS.

Minha querida vó Santina

JOSÉ AUGUSTO DAL PAZ BENVENUTI

Me pego aqui pensando, por coincidência no dia dos professores, em como escrever sobre uma pessoa como a minha avó Santina Rodrigues Dal Paz.

Imagino que, para muitos, isso pareça uma tarefa fácil. Afinal de contas ela foi uma mulher ímpar em inúmeros setores da sociedade, principalmente no setor da educação como professora, mas, para mim, é uma das tarefas mais complexas, pois me faltam palavras para descrever o quão importante ela foi na minha vida.

Ela foi para mim o ombro amigo, foi a diversão que só os avós são capazes de proporcionar aos netos, foi a palavra firme que direciona o homem e foi a ternura que acolhe nos momentos difíceis.

Minha querida vó Santina, devo muito do que sou como pessoa a você, uma mulher que inspirou e inspirará a todos serem pessoas melhores.

Te amo vó Santina!

Com carinho e lágrimas de saudade ...

(José Augusto Dal Paz Benvenuti é neto de Santina Rodrigues Dal Paz, Passo Fundo, RS.)



José Augusto e Santina



Cátia, José Augusto e Santina



Santina e José Augusto

Santina e Almerly - uma amizade dos “velhos tempos”

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Corria a década de quarenta do século passado, quando duas amigas pré-adolescentes deixaram a casa de seus pais para irem estudar como internas no Colégio Notre Dame - Medianeira de todas as Graças, na cidade de Tapejara. Ambas dotadas de beleza e inteligência seguiram para transformar seus sonhos em realidade. Almerly Longo Canfield, três anos mais velha, sonhava ser Freira, enquanto que a Santina Rodrigues já se encantava com a docência.

Quando adultas, exerceram seus ofícios como bordadeira e professora. Almerly, tendo abandonado os estudos para cuidar dos seus cinco irmãos pequenos após a morte prematura da mãe, foi reconhecida bordadeira da casa “A Moda”. Em 1955, casou-se com o caixeiro viajante João Lech, com quem teve três filhos: Osvandré, Antônio Geraldo e Ivana. A cerimônia do casamento contou com a presença da amiga Santina, que cantou “Ave Maria” enquanto a amiga adentrava a Igreja.

Almerly permaneceu como esposa e mãe dedicada, sendo uma exímia dona de casa e mantendo os bordados e a jardinagem como hobbies, já que seu esposo trabalhava fora da cidade. Por outro lado Santina - a professora, casou-se com Augusto Dal Paz, com quem teve a filha Cátia. Aos poucos, foi galgando inúmeros degraus no magistério, chegando a ser Diretora do Colégio Estadual Cecy Leite Costa. Também foi Presidente do Rotary Club e da Academia Passo-Fundense de Letras, dentre inúmeras outras atividades benemerentes.

Os anos foram passando e, sempre que possível, as amigas visitavam-se para tomar chá e lembrarem-se das peripécias da infância. O afeto que fluía entre elas era verdadeiro, crescia a cada

(FOTOS: ARQUIVO M.B.LECH)



Santina e Almerly

novo encontro e a cada festa de aniversário que comemoravam juntas. Ambas seguiram estilos de vida diferentes, o que alimentava ainda mais a admiração recíproca que sempre mantiveram. Diziam que eram irmãs de coração, enquanto Santina tinha os filhos da Almerly como sendo um pouco dela, também.

A fotografia, que ilustra esse texto, registra o momento que Santina faz um “remake” da música “Ave Maria”, cantada 60 anos antes, no casamento da Almerly, desta vez, para homenagear

a grande amiga pela passagem dos 90 anos, em 2017. A emoção tomou conta de todos. A toalha bordada por Almerly, no Colégio Notre Dame de Tapejara 80 anos antes, adornava a estante do local da festa, e as duas lembraram que este trabalho “valia nota” na escola.

Ao ser solicitada para descrever as qualidades da sua grande amiga recentemente falecida, Almerly, lúcida, aos 94 anos, com o coração apertado, não poupou elogios. Disse que a sua amiga Santina tinha uma alma boa, era uma mulher sábia, e que tem orgulho de ter tido uma amiga tão inteligente e sincera. Assim, a vida continua na memória afetiva das pessoas que construíram uma vida juntas, com amor, respeito e amizade, perpassando gerações que tiveram suas almas marcadas pelo exemplo de força, caráter e ética da nossa grande Santina.

(Marilise Brockstedt Lech, nora da Almerly e confreira da Santina, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A Santina nos deixou, fisicamente

WELCI NASCIMENTO

Santina Dal Paz. Realmente, o nome já diz tudo. Desde o falar, ela transmitia a paz. Moderada, mais concordava com os outros do que discordava. O silêncio tomava conta de seu ser. O sorriso falava por si só. Suas atividades docentes deram-lhe autoridade como mestra, não só pela formação acadêmica, mas, certamente, em razão de sua personalidade cheia de mansidão. Eu tive o privilégio de conhecer a Santina guerreira, lutadora, defendendo os direitos dos professores, desde os anos em que ela era presidente do Centro de Professores, núcleo de Passo Fundo. Santina percorria escola por escola, concitando suas colegas. Digo suas porque a quase totalidade dos professores das escolas primárias (normalistas) eram mulheres. Eu vi Santina liderando movimentos grevistas para exigir dos governos melhores salários para o magistério. Eu vi Santina, por conhecer as raízes desta cidade, ser coautora do livro “Vultos da História de Passo Fundo”. Duas edições esgotadas. Por ser amiga de lutas, escreveu as memórias de Dona Heloísa Almeida, mulher guerreira de Passo Fundo.

Santina Rodrigues Dal Paz, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, destaque em liderança no magistério, exerceu várias funções por mais de três décadas na cidade e no interior de Passo Fundo. Foi presidente do Rotary Clube Integridade. Da Associação dos Diplomados na Escola Superior de Guerra, foi secretária. Presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras e era membro afetivo do Instituto Histórico de nossa cidade. Amiga que foi do jornalista Túlio Fontoura, escrevia, como colunista, para o Jornal Diário da Manhã.

É, meus confrades, a Santina foi tudo isso e muito mais. Mansa e guerreira ao mesmo tempo.

(Welci Nascimento é professor aposentado, historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

(FOTO: ARQUIVO C.M.D.P.BENVENUTI)



Santina Rodrigues Dal Paz

Santa... SANTINA RODRIGUES DAL PAZ... da paz

(FOTO: ARQUIVO C.M.D.P.BENVENUTI)

DINAIR FERNANDES PIRES

Ao ser desafiada a falar sobre Santina Rodrigues Dal Paz surge logo o calor do bem-querer, a tranquilidade do aconchego e a segurança de um porto.

Aproximadas pelo exercício profissional, embora sendo esse exemplar, nossos laços foram se fortalecendo pela forma cativante e acolhedora que perpassavam tarefas, ensinamentos e projetos comuns. Sua sábia ingerência em todas as situações de trabalho era alicerçada por vasta e sólida bagagem de conhecimentos, mas, sobretudo, por uma firmeza transbordante de ética e respeito. Suas decisões eram tomadas sempre com tranquilidade e marcadas pelo senso de justiça e nobre hierarquia de valores.

Não poderia deixar de ressaltar o espírito pioneiro e audacioso que impulsionou suas ações. Isso se comprova quando ao ler sua biografia nos detivermos nas histórias das escolas Cecy Leite Costa e EENAV, do Núcleo do CPERS /PF, da Academia Passo-Fundense de Letras, do Jornal Diário da Manhã. Presença que marca, que transforma, que se instala nas memórias e nos corações.

Num depoimento pessoal diria: “Santa SANTINA, tua eternidade fica pela amorosidade, pela leveza, pela escuta e pela força que plantaste em mim através de um convívio tecido com sapiência, confiança e fé. Minha trajetória nessa jornada terrena foi abençoada pela tua companhia. Sou grata e te reverencio hoje e sempre”.



Santina Rodrigues Dal Paz

(Dinair Fernandes Pires é professora aposentada e foi amiga de Santina Rodrigues Dal Paz.)

Professora, escritora, tradicionalista e várias outras versões: a biografia de Orfelina Vieira Melo

(FOTOS: ARQUIVO FAMÍLIA O.V.MELO)

MARILUCI MELO FERREIRA,
LICEMAR VIEIRA MELO,
MARLISE VIEIRA MELO DE ARAÚJO
MARISOL VIEIRA MELO

Orfelina nasceu na localidade de São João, no interior de Passo Fundo, em 12 de agosto de 1939. Ela era a caçula entre os cinco filhos da família Mattos Vieira.

Desde cedo e na juventude ela demonstrava a aptidão e o desejo pelo conhecimento. Os mais de cinco quilômetros de distância entre o local onde morava com a família, no interior do município, e o Colégio Notre Dame, que ela percorria a pé, diariamente, nunca impediram que ela estudasse. Foi nessa escola que ela cursou o Normal, hoje Magistério.

Depois, na Universidade de Passo Fundo ela fez Pedagogia.

Foi em Carazinho, para onde ia de trem, na década de 1960, que ela começou a vida profissional, como professora, profissão que com dedicação e orgulho ela exerceria por anos.

Dessa forma ela trabalhou na formação de novos professores, tanto em Carazinho, quanto em Passo Fundo, no curso de Pedagogia da UPF, na antiga Escola Osvaldo Cruz, atual EENAV. Exerceu atividades de liderança, no mundo acadêmico, quando foi Diretora da Faculdade de Ciências e Letras de Palmas, no Paraná, onde morou, na década de 1970.

Na década de 1980, quando retornou a Passo Fundo, Orfelina desenvolveu, junto a Rede Municipal de Ensino o projeto “Folclore nas Escolas”.

O respeito e amor a tradição gaúcha foram características marcantes na trajetória dessa passo-fundense, e isso era demonstrado de diversas formas: como 1ª Prênda e integrante da invernada do hoje extinto CTG Getúlio Vargas, na juventude; pelas contribuições semanais, através da coluna “Cultuando a



Formatura_Licenciatura_20-12-1964

Tradição”, que publicou por mais de 10 anos no Jornal “O Nacional”; pela coordenação da invernada mirim do mesmo CTG em que ela participava desde a juventude; pelo trabalho como conselheira do Movimento Tradicionalista Gaúcho; como uma das idealizadoras do Grupo Raiz Nativa e como integrante da Comissão Organizadora do Festival de Música Nativista Chamamento do Pampa.

Orfelina era também amante das Letras, adorava ler e escrever. Em 5

agosto de 1989 ela foi empossada como membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras, ocupando a cadeira 3 do patrono Alcides Castilho Maia. Orfelina dizia que “o que não se registra se perde!” Foi assim que ela publicou quatro livros. Três deles abordaram a temática da terceira idade - Espiritualidade na Terceira e Melhor Idade, em 1992; O Idoso Cidadão em 1994 e Aposentadoria: Prêmio ou Castigo? em 1995 - e o último, em 1998 foi um Resgate da música gaúcha em Passo Fundo.



Noivado



Tia Carmela e a confecção dos vestidos de prenda - Museu das Bonecas (15/08/2004)



Lançamento_Espiritualidade na Terceira e Melhor Idade_Teatro Múcio de Castro-Junho_1992

O tema da maioria dos seus livros, a terceira idade, despertou um interesse pessoal que a levou, no início dos anos 1990, a integrar o grupo que trabalhou pela criação do Centro de Referência e Atenção ao Idoso (CREATI), em Passo Fundo; e também a fazer uma especialização, em Gerontologia Social.

O envolvimento com a comunidade sempre foi uma de suas características. Dessa forma, na década de 1990, ela fez parte do Grupo “Pró-Memória” de Passo Fundo; frequentava a Fazenda da Esperança, que trabalha na recuperação de dependentes químicos; participava das atividades da igreja católica, como Ministra da Eucaristia, entre as quais a Pastoral da Saúde do Hospital São Vicente de Paulo onde, semanalmente, visitava os doentes e levava uma palavra de apoio, além de ter sido sócia-fundadora da Associação dos Militares da Reserva, Inativos e Pensionistas do Exército (AMIRPE) do 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.

Ela também defendia o diálogo inter-religioso e a necessidade de união das igrejas cristãs e, por isso, fazia parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, o CONIC.

No âmbito familiar, Orfelina se casou em 1967 com Osvaldo Melo. Desta união nasceram cinco filhas: Analice (in memoriam), Mariluci, Licemar, Marlise e Marisol.

Entre os ensinamentos que deixou para as suas meninas estão:

a) “O conhecimento é o que nos transforma!”, por isso ela, depois de aposentada, voltou a estudar e fez outra faculdade, a de Teologia, no Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA) e sempre incentivou as filhas pela busca pelo conhecimento;

b) “Viajar abre horizontes, mas é preciso viajar apreciando a paisagem!”, foi assim que, na década de 1980 ela, com as suas filhas pequenas, viajou, de carro, pelas estradas de areia do estado do Mato Grosso do Sul. No caminho não perdeu a oportunidade de mostrar as Sete Quedas do Iguaçu, no Paraná, que, pouco tempo depois, daria lugar a represa da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Outro destino, de carro, com as filhas, foi uma viagem para o Uruguai, durante um carnaval, na década de 1990. Em ambas as ocasiões ela era a motorista;

c) “Não colha flores de uma praça para dar a ninguém, as flores, das praças, são para todos!” Essa era a maneira dela dizer para qualquer pessoa que, antes

de pensar no benefício de alguém, individualmente, é melhor pensar no todo;

d) “Ajudar as pessoas quando elas precisam”, já que, conforme as atitudes dela, que iam muito além do discurso, não era possível ser feliz se as outras pessoas, conhecidas ou não, também não estivessem bem;

e) “Tudo que merece ser feito, merece ser bem feito!”

Orfelina era assim: humilde, corajosa, solidária!!!! Envolvida com a comunidade, apaixonada por gente e por lugares, sempre com tempo para uma boa conversa, para um ombro amigo e para incentivar as pessoas a evoluírem e conquistarem os seus espaços. Uma mulher, realmente, à frente do seu tempo! Que gostava de usar uma frase de Cora Coralina, impressa, inclusive, na contracapa de um de seus livros: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou”.

Ela faleceu em 17 de setembro de 2005, depois de anos lutando com as complicações trazidas pela doença renal crônica e pelas cardiopatias. Era um final de sábado, durante uma Semana Farroupilha, véspera do Desfile da Mostra da Cultura Gaúcha, evento em que várias entidades tradicionalistas do município, desfilaram, no centro da cidade, para celebrar a cultura sul-riograndense.

Hoje, além dos livros e das lembranças da família e dos amigos, a Professora Orfelina Vieira Melo dá nome a uma rua de Passo Fundo, no bairro Valinhos.

Passo Fundo, aliás, que foi a sua cidade, a que ela nasceu e procurou contribuir. Uma das últimas contribuições foi a criação de um Museu de Bonecas Típicas, a partir de uma parceria com o Conselho Internacional de Festivais Folclóricos e Artes Tradicionais e aproveitando a realização dos Festivais Internacionais de Folclore e as habilidades de costureiras da sua irmã, Carmelinda de Mattos Vieira, e da sua prima, Gessy Vieira, que a ajudaram nessa empreitada. Hoje essas bonecas, com trajes típicos de diferentes países, podem ser visitadas, em uma exposição permanente, numa das salas do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider.

Quando faleceu Orfelina ainda organizava uma publicação sobre a História de Passo Fundo a partir dos seus monumentos, que ela pretendia lançar nas comemorações dos 150 anos do município, mas não deu tempo. Depois de uma atualização das informações e de uma adaptação do material para o



Posse na Academia

público infantil, com o qual ela gostava de trabalhar, a família pretende publicar esse material.

Na sequência um trecho da poesia

‘Projeto de Vida’ que Orfelina escreveu e publicou no livro O Idoso Cidadão resume um pouco do que motivou a vida dela.



“Ter uma sã utopia
De transformar o seu mundo
Fazendo pequenas coisas
Buscando algo fecundo
Da essência da pessoa
O ideal mais profundo”.

A maternidade foi sempre muito presente na vida da Orfelina e foi justamente esse o tema de uma de suas últimas poesias, produzida em 2005, e encontrada recentemente, por uma das suas filhas, ainda manuscrita.

Mãe querida

(Orfelina, 2005)

Deus mandou os seus anjos na Terra
Pra que os homens não vivam tão só
Foi assim que nasceram as mães
São pedaços do céu prá nós.
Minha mãe teceu lágrimas quentes
Fez um poncho cheio de amor para mim
Não há frio que me vença com ele
Nem inverno que não tenha fim.
Mamãe, mãe querida
Abençoe os filhos que te adoram
Mamãe, mãe querida
Que saudades de ti nessa hora.
Quando passo por caminhos obscuros
Teu carinho materno é farol
Se é de noite, da luz das estrelas
Se é de dia, um raio de sol.
Essa luz que ilumina minha alma
Com ternura no meu coração

Teu amor me protege do mundo
Com teu beijo e com tua oração.
Mamãezinha aqui está tua filha
Vim cantar para ti outra vez
E beijar teus cabelos brancos
Cicatrizes que o tempo te fez.



Na vida da Orfelina ela recebeu muitas homenagens, uma delas, póstuma, foi um poema da amiga Lizette Dedagle, em 2005, reproduzido abaixo:



Homenagem a Orfelina

(Lizette Dedagle, CREATI, 2005)

Durante a Semana Farroupilha
Quando, do gaúcho qualidades festejamos
Abrilantados com as cores do Rio Grande
Surge uma faixa preta
E o nosso convívio enlutando
Era uma gaúcha forte, lutadora, nos deixando.
Em sua caminhada, foi atividades multiplicando
E nesta passagem pátria, realizando
Façanhas de mulher “aguerrida e brava”,
Que engrandeceram sua figura
Quando dificuldades e limitações enfrentando
Se mostrou plena de “valor e constância”
No lar, um exemplo para suas cinco filhas,
Na Universidade, além de educadora, uma incentivadora.
Na Academia de Letras, uma engrandecedora
Valorizando méritos e fatos do passado
No Pró-Memória foi uma preservadora,
Criativa e estimuladora, nas atividades da 3ª Idade.
Nos meios gauchescos, tradicional colaboradora.
Pelo seu espírito religioso
Foi da fé católica uma detentora.
Fez jus à qualidade que Deus lhe deu,
E com elas trabalhou com amor, convicção.
Como mãe, amiga, educadora,
Religiosa, tradicionalista, estudiosa, artesã
E no brilhar de sua existência
Foi uma vencedora, uma campeã!

(Mariluci Melo Ferreira, Licemar Vieira Melo, Marlise Vieira Melo de Araújo e Marisol Vieira Melo são filhas de Orfelina Vieira Melo, Passo Fundo, RS.)

Bando e Bandinho de Letras: Arte & Rebeldia a Favor da Leitura

(FOTO: ARQUIVO E. WESCHENFELDER)



ELÁDIO WESCHENFELDER

Há 20 anos, um grupo de alunos do curso de Letras da UPF, motivados pelos desdobramentos positivos das ações do PROLER e das Jornadas de Literatura, funda um grupo artístico formado por contadores de histórias e dizedores de poemas para o fim específico de estimular o gosto continuado pela leitura literária entre os acadêmicos do IFCH.

Seus fundadores foram os acadêmicos Clodoaldo Silva, Douglas Peretto, Roberta Ciocari e Roberta Salinet. No mesmo ano, o grupo organizou uma antologia de contos e poemas denominada Beijo Definitivo. Argumentaram que suas ações eram uma forma de rebeldia contra as aulas tradicionais de Língua Portuguesa e Literatura.

Depois de selecionarem textos constituídos por poemas e contos, procuravam dar voz aos mesmos replicando-os com fidelidade nas salas de aula, nos corredores e nas escadarias do prédio, muitas vezes, “invadindo” salas de aula, emissoras de rádio e televisão, congressos, seminários para o fim único de contar histórias e dizer poemas com prazer e emoção.

No início, o Bando, como diziam alguns professores tradicionais, dada a coragem e a quebra de paradigmas tradicionais, foi rejeitado tanto pelos professores como pelos alunos do curso de Letras, sendo taxados de “bando de anarquistas do curso de Letras”.

Aos poucos, o Bando foi adquirindo a confiança, pois buscava apresentar, de forma informal, apresentar textos literários canônicos e vanguardistas a viva voz, com luz e escuridão, propiciando ao público ouvinte, prazer, significações, a tal ponto de pedirem novas sessões em quaisquer

ambientes: hospitais, sindicatos, escolas, feiras de livro e eventos culturais.

E assim foi durante 15 anos. Era necessário institucionalizá-lo como um grupo artístico universitário, de caráter extensionista, dedicado a promover apresentações artísticas para estimular o gosto pela leitura literária. Assim foi institucionalizado o Projeto Bando e Bandinho de Letras, segmentado em dois grupos: o Bando de Letras, constituído por acadêmicos do Ensino Médio Integrado, do curso de Letras e Medicina. O Bandinho de Letras é constituído por crianças de 08 a 12 anos. Pertencem à rede particular e pública de ensino de Passo Fundo. Reúnem-se, para estudo, seleção de textos e ensaios, no Mundo da Leitura nas quintas e sextas feiras, no horário das 18h30min às 19h20min.

Por ocasião do 20 anos do Bando de Letras, foram programadas sessões comemorativas com apresentações artísticas envolvendo os componentes fundadores do grupo e também com seus seguidores ao longo dos 20 anos de sua existência. O projeto de Extensão denominado Bando e Bandinho de Letras é coordenado pelo Prof. Eládio Weschenfelder, contando como o incentivo da Profa. da UPF Cristiane Barelli, do curso de Medicina, do Prof. Nei Pies, docente de Filosofia da rede estadual e municipal de ensino, e do Prof. Alexandre Vieira, Prof. de Educação Física da rede estadual de educação. Além deles, há a participação ativa de alunos bolsistas Paidex, pais e servidores da UPF. Sabem que um país se faz com homens, mulheres, crianças, livros, bibliotecas ativas, contadores de histórias e dizedores de poemas.

(Eládio Weschenfelder é professor aposentado, escritor e coordenador dos projetos Bando e Bandinho de Letras.)

Olá, leitor, olá leitora!

SUELI GEHLEN FROSI

Escrevo há muitos anos, mas, nos últimos, perdi a leveza, o frescor, o otimismo que me caracterizava. Tornei-me alguém em estado de alerta, em estado de questionamento.

Acredito que ninguém sai de uma pandemia como a que estamos mergulhados, sem experimentar sentimentos nunca antes suspeitados. O ressentimento dolorido de perder pessoas que, teoricamente, não estariam na hora de morrer é o que me afeta física e psicologicamente.

Acho natural procurarmos culpados pela dor excruciante que é a de perder amigos queridos, mas o que encontramos é uma estranha indiferença, já que o fatalismo religioso ensina a creditarmos a deuses as causas e efeitos do que acontece no mundo. Cansada disso, me recuso a conviver com quem se pensa sábio, por crer em absurdos fatalistas e fundamentalistas. Perco, portanto, uma fatia grande de quem frequento. Fui criada católica, vítima de um deus de olho em tudo o que fazia, mas não esperava que, subitamente, tudo se tornasse claro na minha cabeça, crian-

do de uma confusão infantil e procura de racionalidade.

Fui capturada pela filosofia aos cinquenta e seis anos, formal e cientificamente. Platão, Aristóteles, Santo Tomás e Santo Agostinho, mas, especialmente Sócrates, me fizeram perguntar e perguntar e perguntar, sem nunca encontrar respostas. Sei agora que, humanos, necessitamos do sagrado, a fim de aguentarmos a complexidade da vida. Somos seres complexos demais, para que a razão seja suficiente. O que eu suspeitava desde novinha, veio de roldão, de forma avassaladora. Refugiei-me no outro, aquele que conseguia sofrer da mesma forma que eu, mas que, apesar disso, conseguia ser feliz, já que compreendia o outro, como passível de dúvidas, assim como eu.

O que acabou por me fazer refletir com maior profundidade sobre minhas dúvidas existenciais, foi Michel Foucault. Ele explica questões fundamentais, historicamente, tendo como foco um lado da história inusitado. Os três volumes, dele, de A História da Sexualidade me fizeram mais lúcida com relação ao poder, à culpa, às razões por que o pecado é, até hoje, instrumento de dominação.

Sou grata por quem me escutou, por quem compreendeu, por quem compartilhou minha procura por verdades dolorosas. Tive um professor de filosofia que me ensinou, entre outras coisas, que a filosofia nasce do espanto. Estou permanentemente espantada, em alerta, a procura de consolo. Lamento tanto pela minha pátria, que ousou criar terraplanistas, que ousou legitimar sentimentos anti-humanidade, que acalenta sentimentos primários de ódio ao outro, que nega a ciência, que receita remédios só por que sim, sem levar em conta que os nossos velhos nos são caros, assim como os jovens. A pandemia desvelou quem é quem. A pandemia conseguiu nos dividir e isso é grave.

Temo estar acalentando sentimentos de intolerância, o que depõe contra mim. Mas, antes de tudo, creio amar. O amor gratuito, nascido da compaixão, deve mover quem pensa, de verdade. Por isso, aí vai o meu “fique bem”, o “vacine-se” e o meu “por que não amar ao outro, apesar de pensar diferente de mim?” Esse desafio cabe aos que pensam e aos que amam, sobretudo.

(Sueli Gehlen Frosi é escritora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Escola de Pais do Brasil.)



Tulipas holandesas no Canadá

ELMAR LUIZ FLOSS

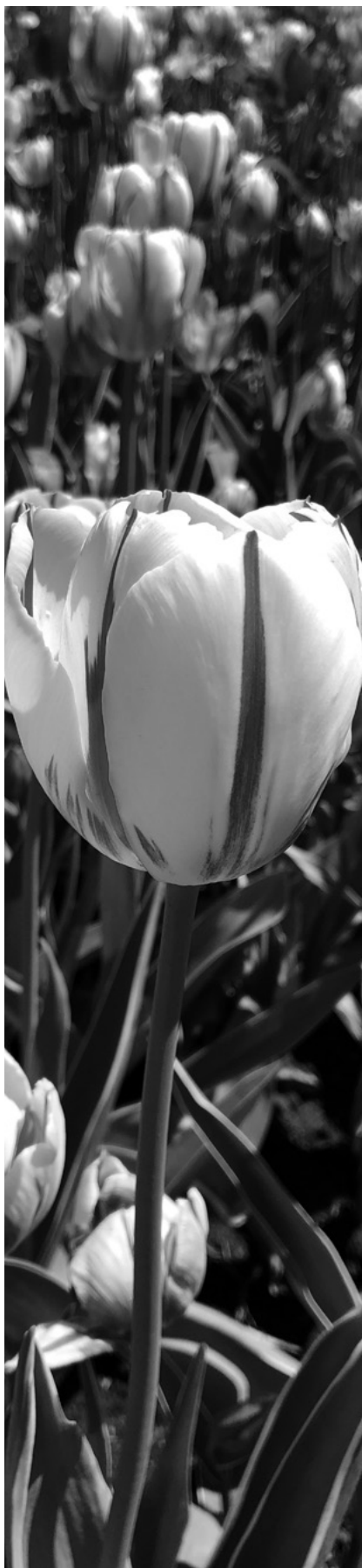
Certamente, uma das flores mais bonitas, são as tulipas, hoje disponíveis em nossas floriculturas.

Existe uma interessante e histórica relação das tulipas holandesas com Ottawa, a capital do Canadá. Durante a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã dos Países Baixos, o príncipe (o alemão e naturalizado holandês Bernhard de Lippe-Biesterfeld) e a princesa Juliana (Juliana Emma Louise Wilhelmina van Oranje-Nassau) decidiram deixar a Holanda com suas duas filhas (Beatriz Guilhermina e Ema Isabel) e rumar para o Reino Unido. Juliana permaneceu no Reino Unido por um mês antes de levar as crianças para Ottawa. O príncipe permaneceu no exílio, em Londres com a rainha Guilhermina e os membros do Governo holandês.

Algumas pessoas consideram uma atitude covarde o fato de o governo e de toda a Família Real terem abandonado o país e seu povo nas mãos dos invasores nazistas, provavelmente tendo por base a atitude da Família Real Britânica que permaneceu em Londres durante os bombardeios alemães. Todavia, a Grã-Bretanha foi invadida e é de se supor que, se a rainha Guilhermina e sua corte houvessem decidido permanecer na Holanda, teriam sido forçosamente aprisionados.

Quando do nascimento de sua terceira filha, Margriet (Margarida Francisca), o Parlamento do Canadá aprovou e o Primeiro-Ministro do Canadá decretou uma lei especial declarando os aposentos da princesa Juliana, no Ottawa Civic Hospital, como extraterritoriais. Se tal não tivesse sido feito e a princesa Margriet recebesse dupla cidadania, ela não poderia entrar para a linha sucessória ao trono holandês. Assim, a princesa pôde nascer holandesa, apesar de estar no Canadá.

Juliana foi a Rainha-mãe da Holanda de 1948 a 1980 e faleceu em 2004. Sua filha mais velha, Beatriz Guilhermina, é a atual rainha da Holanda. Como a Holanda é uma monarquia e o sistema de governo é parlamentarista, cabe a ela, como chefe de Estado, indicar ao



Parlamento o nome do novo primeiro-ministro. O Primeiro-Ministro holandês, Jan Peter Balkenende, apresentou a renúncia do gabinete de seu governo à rainha Beatriz devido a divergências internas sobre a prorrogação da missão holandesa no Afeganistão, solicitado pela Otan.

Os laços da princesa Juliana com o Canadá viram-se ainda mais reforçados quando milhares de soldados canadenses lutaram e morreram pela libertação dos Países Baixos do nazismo, entre 1944 e 1945. Em 2 de maio de 1945, ela voltou com a rainha Guilhermina para a parte reconquistada dos Países Baixos. Como prova de sua gratidão ao Canadá, ela enviou 100 mil bulbos de tulipa a Ottawa, e mais 20.500 no ano seguinte, com a recomendação de que parte deles deveria ser plantada no terreno do Ottawa Civic Hospital, onde havia dado à luz Margriet, e também em frente ao Parlamento. Ela prometeu fazer uma doação anual de tulipas a Ottawa pelo resto de sua vida, e anualmente (em maio) Ottawa organiza um Festival de Tulipas, em reconhecimento a essa dádiva.

As tulipas são originárias da Ásia Central. Foram levadas para os Países Baixos em 1560 pelo botânico Conrad von Gesner. O nome da flor foi inspirado na palavra turco-otomana (*tülbend*), posteriormente para *tulipe*, que originalmente significa turbante, considerando-se a forma da flor invertida. Outras referências defendem que as tulipas seriam originárias da China, de onde foram levadas para as montanhas do Cáucaso e para a Pérsia.

Chinesas ou turcas, o fato é que elas se transformaram numa paixão para os holandeses e essa paixão foi tanta que gerou até uma especulação financeira envolvendo os bulbos dessa planta, chegando a ser a quarta maior fonte de renda do país, no que ficou conhecido como a tulipomania. Até hoje, a Holanda é conhecida como o “jardim europeu”.

Felizmente, as lindas tulipas estão disponíveis em nossas floriculturas especialmente devido aos trabalhos de introdução e de cultivo, realizado na Cooperativa Holambra (Jaguariuna – São Paulo), formada por imigrantes holan-

deses, desde meados da década de 1990.

Um dos locais de Ottawa embelezados com o cultivo de tulipas das mais diferentes cores está às margens do canal Rideiau, que teve a oportunidade de conhecer em 1998. Um passeio imperdível para quem a visita durante a primavera do hemisfério norte. Esse canal foi construído pelos britânicos como defesa da capital após a Guerra de 1812, pois se temia outra invasão dos Estados Unidos da América. Hoje, o canal Rideiau é utilizado pelos habitantes de Ottawa para passeios náuticos. É um *hobby* ter seu barco e passear com a família durante os finais de semana, aproveitando-se os lagos existentes na região. No inverno, as águas do canal Rideiau congelam e, então, ele é transformado numa enorme pista de esqui. O recorde foi num final de semana em que mais de 400 mil pessoas esquiaram no canal Rideiau.

Vale a pena visitar Ottawa!

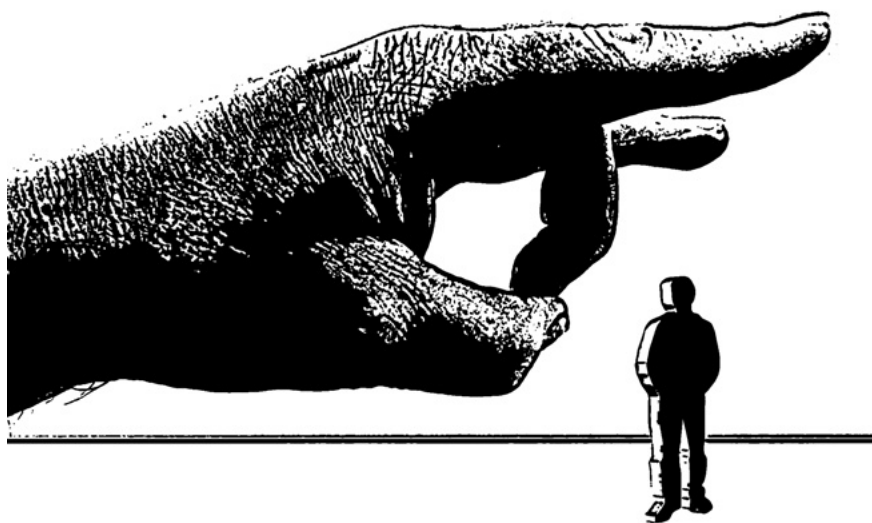
(Elmar Luiz Floss é engenheiro-agrônomo e licenciado em Ciências, doutor em Agronomia, professor Emérito de Passo Fundo, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, consultor em Agronegócios, professor aposentado da UPF, professor e diretor do Instituto Incia – www.incia.com.br)



Poesia

XICO GARCIA

A esperança paga imposto



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com. br. Fone (54) 991696942.)

No Brasil o pior imposto
Paga e sofre mais quem pensa,
É vencer os conchavos
Isso é uma dura sentença,
Depois vem a ignorância
Que não tem quem a convença,
Pois se julgam em liberdade
Porém vivem numa prensa...

Também surge a concorrência
Entre religião e crença,
E a lagoa da política
É imunda e imensa,
Pra encerrar a travessia
Tem outra de água densa,
É ser visto com bons olhos
Pelos “gigantes” da imprensa.

Quem passar por tudo isto
É o “bom” e se convença...
Mas quem sofre injustiça,
Vive com a alma tensa,
Onde só funciona esquema
Ser honesto não compensa,
E o perigo é a esperança
Se transformar em descrença,
Mas enquanto ela existir
É esperar que um dia vença...

Jubileu de Prata do Curso de Medicina Veterinária, UPF “um legado de Edison Nunes”

ELMAR LUIZ FLOSS

No dia 04 de outubro de 2021, foi realizada a comemoração dos 25 anos, Jubileu de Prata, de criação do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Passo Fundo. O evento contou com a presença da Reitora Bernadete Dalmolin, do Vice-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rogério Silva, do diretor da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Eraldo Zanella, da coordenadora do Curso de Medicina Veterinária Laura Beatriz Rodrigues, além de autoridades do poder executivo e legislativo de Passo Fundo, ex-professores, professores, funcionários e alunos. Na ocasião, foram homenageados os membros da elaboração do projeto de criação do curso e inaugurada a placa na entrada do auditório, que dá nome ao saudoso professor Edison Armando de Franco Nunes, grande idealizador do curso.

A sua criação iniciou com os estudos elaborados por uma comissão de professores da Faculdade de Agronomia, sob a coordenação do médico-veterinário e professor Edison Armando de Franco Nunes (“in memoriam”), em 1986. Com muita honra, fiz parte daquela comissão, além dos professores Lizete Augustin (*in memoriam*), Ana Lúcia Vêras, Elci Dickel, Marilda Rodighero, Augusto José Oliveira Novaes, Roque Bambi, Francisco Sidinei Guerra, Clara Gehm e Flauri Ademir Migliavaca, nomeado através da Portaria 096/86, assinada pelo Vice-Reitor Acadêmico Agostinho Both. Posteriormente, se juntaram a comissão os médicos veterinários Flávio Oedman e Sérgio Aladin Messina (“in memoriam”). A primeira reunião, ocorreu no dia 6 de novembro de 1986.

Na época, iniciava-se fortemente a produção animal como atividade eco-

(FOTO: ARQUIVO E. FLOSS)



Edison Nunes

nômica da maior importância para as propriedades da região, ao lado da já consagrada produção de grãos, como soja, trigo, milho, aveia, cavada, feijão e outras. Primeiramente, os sistemas integrados de produção de suínos e de aves e depois a produção leiteira. Na época, somente eram oferecidos cursos de medicina veterinária em Porto Alegre, Santa Maria, Canoas e Pelotas. Portanto, havia demanda crescente por médicos-veterinários e por serviços na área na região do Planalto sul-rio-grandense. Em pesquisas realizadas pela UPF, durante os vestibulares de 1981 a 1985, mostravam grande interesse pelo Curso de Medicina Veterinária, caso esse curso existisse.

Me afastei da Comissão durante os anos de 1988 a 1991, pois me transferei para Piracicaba, SP, para cursar o Doutorado na Esalq/USP. Me reintegrei novamente no ano de 1992.

Em 1989, o professor Edison Nunes coordenou um seminário para discussão das propostas de criação do curso de Medicina Veterinária, envolvendo não

só professores da Agronomia e profissionais médicos-veterinários da região, bem como o setor produtivo. Novas sugestões foram recebidas e incorporadas ao texto. Entretanto, por inúmeras razões, algumas incompreensíveis, a tramitação do projeto ocorria de forma muito lenta.

O projeto de criação do Curso foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em 24 de setembro, a partir do parecer do professor Geraldo Alfredo Hallwas (*in memoriam*). Em 26 de setembro de 1996, o Conselho Universitário da Universidade Passo Fundo aprovou a criação do curso, através da Resolução 05/96, assinada pelo Reitor Elydo Alcides Guareschi. Em janeiro de 1997, era realizado o primeiro vestibular, com grande procura, e as aulas iniciaram em março daquele ano. Dessa maneira a Faculdade de Agronomia, criada em 1961, que nesse ano de 2021 completou 60 anos de existência, passou a denominar-se Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária.

De forma pioneira, na UPF, antes do início das aulas, todos os professores indicados para as séries iniciais do curso, juntamente com funcionários e alguns convidados da comunidade, reuniram-se em um Seminário de Planejamento Estratégico durante três dias. Tive a honra de ser o moderador do referido planejamento, que foi balizador das atividades nesses vinte e cinco anos. Os objetivos a curto, médio e longo prazo, estabelecidos no planejamento foram sendo, paulatinamente, alcançados, destacando-se a Construção de um novo Centro de Anatomia, a construção do Hospital Veterinário e finalizando com a criação do curso mestrado, em 2012. Outros objetivos estabelecidos foram a contratação de docentes na área profissionalizante ser preferencialmente a de doutores e a implantação de projetos de



pesquisa e extensão, para se fortalecer um ensino qualificado. Atendia, assim, a característica comunitária da Universidade de Passo Fundo e a experiência exitosa da Faculdade de Agronomia, na integração do ensino, pesquisa e extensão.

A inauguração do Hospital Veterinário, com uma invejável estrutura para atender grandes e pequenos animais, foi um marco para a região. Mas, certamente, muitas outras atividades poderiam ser destacadas como resultado desses vinte e cinco anos de atividades do curso de Medicina Veterinária. Em todos os vestibulares desde 1996, são dois por ano, o número de candidatos foi grande. No período de 22 de dezembro de 1999 (formatura da primeira turma) a 2021, foram diplomados mais de 1400 médicos-veterinários, que hoje atuam nos mais diferentes setores, em vários Estados brasileiros.

Graças ao qualificado corpo docente, vários programas de pesquisa e extensão estão em andamento. Essa produção científica, continuada e qualificada, foi fundamental para a criação do curso de mestrado.

O Hospital Veterinário atende não só a uma grande região do norte do estado do Rio Grande do Sul, bem como aos animais vindos de estados vizinhos. Antes, muitos desses animais tinham que ser levados para hospitais de outras regiões. Também merecem destaque os Laboratórios, que atendem ao ensino e pesquisa, e também prestam relevantes serviços à Comunidade Regional. A formação de recursos humanos ensejou a instalação de muitas clínicas veterinárias, em Passo Fundo e região. Isso qualifica sobremaneira a produção animal na região, com produtividade, qualidade sanitária e, o mais importante, no aumento da rentabilidade da cadeia animal. Além dos cada vez mais procurados serviços *pet*.

Que os próximos 25 anos do Curso de Medicina Veterinária, sejam ainda mais exitosos!

(Elmar Luiz Floss é engenheiro-agrônomo e licenciado em Ciências, doutor em Agronomia, professor Emérito de Passo Fundo, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, consultor em Agronegócios, professor aposentado da UPF, professor e diretor do Instituto Incia – www.incia.com.br)

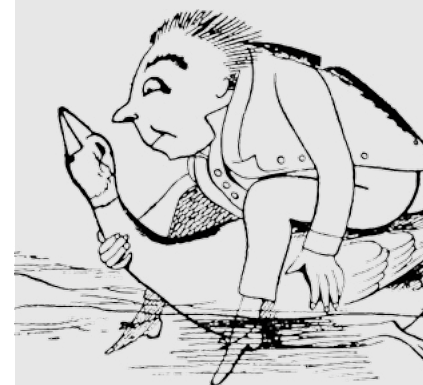
É o povo que paga o pato

Lá na rua onde eu moro
Tenho muita oposição,
Só por que eu faço poesias
E elas tem repercussão,
A mídia leva para o mundo
O conteúdo de minha opinião,
Pois anjo, pra mim é anjo...
E também ladrão é ladrão...

Não me venham com esse papo
Discutido em CPI,
Para que eu diga o que não quero
E também veja o que não vi,
Nisso tem o lado A
E também o lado B,
Um defende o não ver nada
O outro guerreia pra vê...

E nas ofensivas de retóricas
É briga de gato e rato,
Um diz que vai cobrar muito
E não vai deixar barato,
O outro ironiza dizendo
Ovelha não é para mato,
Bem no fim a conta disso
É o povo que paga o pato...

Como já falei de pato
Eu me lembrei da marreca,
E minha mente é uma fonte
Jorra mensagem e não seca,
Dentro da cabeça tenho inteligência
Por fora já estou careca,
De tanto ver imbecil
Pregando moral de cuéca...



(Francisco Mello Garcia – Xico Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942.)

Grosso metido a fino

Talvez a vida da gente
Segue a obra do destino,
Desde criança descobro
Muitas coisas pelo tino,
Ser adulto não impede
Que me mantenha menino,
Brinco sério com verdade
Assumo aquilo que assino,
Deus eu respeito com reza
A Pátria, bandeira e hino,
Sinto logo o que é sincero
Tenho pavor de cretino,
E sempre quero distância
De grosso metido a fino.

É no ensinar que se aprende
Se de graça é divino,
Pobre que pensa que é rico
Vive sempre no pepino,
Pra esse tipo de gente
De avalista não assino,
Também não badalo rico
Só puxo cordão de sino,
Falta de vergonha existe
Contra isto não vacino,
Violão e mulher com corda
Em minhas mãos eu defino,
Coisa frouxa quem não sabe
Que é furo maior que o pino.

Espaço pra mim eu faço
Chego sem mandar aviso,
Subo pelas minhas forças
E nas pessoas não piso,
Mas se pisarem em mim
Vão cair porque sou liso,
Não ando julgando os outros
Mas de mim fazem juízo,
Vivo sonhando com lucros
Já banquei muito prejuízo,
Cascavel e sogra braba
A diferença é no guizo,
Carinho, amor eu não vendo
E não compro se preciso,
Ser e fazer alguém feliz
Sempre é só isso que viso...

Sou um esteio de humildade
Sou nativo do interior,
Gosto de andar a vontade
Conforme o frio ou calor,
Depois que fiz faculdade
Pós-graduei pra ter mais cor,
Também parei por aí
Não me estufa ser Doutor,
Pois não vivo de vaidade
Usando isso pra me impor,
E é pela obra que sinto
A mensagem do pintor,
Pois meu país anda cheio
De crise, miséria e dor,
E a culpa de tudo isto
Qualquer um é sabedor,
Que ladrão sempre é ladrão
Seja ele lá quem for,
E a justiça quando falha
Ninguém dimensiona a dor
E a esperança é na cultura
Pra dar luz ao eleitor,
Num país que falta isto
O lixo entulha o corredor...



(Francisco Mello Garcia – Xico Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942.)

A humanidade com a flor na boca



GILBERTO R. CUNHA

Uma noite de verão. Passava um pouco de meia-noite. Um café noturno. Mesinhas e cadeiras. Nesse ambiente mal iluminado, dois homens. Um deles observa atentamente o outro. Na esquina, um vulto de mulher vestida de preto a espreitar. E, ao fundo, tilinta o som de um bandolim. Eis os elementos iniciais do conto *O homem da flor na boca* (*L'uomo del fiori in boca*), do dramaturgo italiano Luigi Pirandello (1867-1936).

A obra de Pirandello, escrita em 1923, ganhou visibilidade mundial pelas diversas encenações teatrais que recebeu. Os dois personagens da história são “O homem da flor na boca” e o “Pacífico freguês” que, ao perder, por detalhes, o último trem, enquanto esperava pelo primeiro da manhã, vivenciou uma inusitada experiência. Retrata a história de um homem que, após receber o diagnóstico de uma doença fatal, passa a prestar mais atenção nas pequenas coisas ao seu redor, falando tudo o que pensa e sente. Observa a vida com um olhar mais árido e crítico de si mesmo. A cena cume da história passa-se quando o primeiro homem conduz o freguês do café para junto de um candeeiro aceso e diz: “Olhe aqui, debaixo do bigode... Aqui, está vendo? Não vê que linda tuberculose violácea? Sabe como se chama? Tem um nome doce – Epitelioma! ... A morte, percebe? Passou por mim. Pós essa flor na boca e disse: Fica com ela, querido. Voltarei a passar por aqui dentro de oito ou dez meses! E agora me

diz se, com essa flor na boca, eu posso ficar em casa sossegado”.

A flor na boca, eis a metáfora de Pirandello para um diagnóstico de morte. Usou o câncer. Um epitelioma ou tumor maligno de pele que atinge as células epiteliais. Em 1923, soa razoável supor que fosse fatal. Hoje, talvez não. Mas, nessa época, poderia ter utilizado também a tuberculose. Ou, nos anos 1980/90, a AIDS. E em 2021? A Covid-19 seria a “flor na boca da humanidade”? Prestar-se-ia para uma reflexão pirandelliana?

A tuberculose, antes dos antibióticos (anos 1940), foi a “flor na boca” de muita gente. Foi a “flor na boca” de Álvares de Azevedo, que escreveu “Se eu morresse amanhã, viria ao menos / Fechar meus olhos minha triste irmã; / Minha mãe de saudades morreria / Se eu morresse amanhã!”. Na boca de Castro Alves, autor de “Oh! Bendito o que semeia / Livros à mão cheia / E manda o povo pensar! / O livro, caindo n’alma / É germe – que faz a palma, / É chuva – que faz o mar!”. E também na de Noel Rosa, que produziu versos antológicos como “Quem é você que não sabe o que diz? / Meu Deus do Céu, que palpite infeliz!”.

Idem para o câncer, que atingiu Pablo Neruda, câncer de próstata na versão oficial da morte, que escreveu coisas como “Puedo escribir los versos más tristes esta noche. / Escribir, por ejemplo: “La noche está estrellada, y tiritan, azules, los astros, a lo lejos”. Ou o câncer de fígado que matou Jorge Luis Borges (...los años que he vivido en Europa son ilusorios, / yo estaba siempre (y estaré)

en Buenos Aires). E o câncer de pele que vitimou Bob Marley (*I wanna love you and treat you right / I wanna love you every day and every night ...*).

E a “flor na boca” seguiu como a AIDS, nos anos 1980/90, que abateu Cazuza (*Meus heróis / Morreram de overdose / Meus inimigos / Estão no poder / Ideologia! / Eu quero uma pra viver...*), Renato Russo (*Quem um dia irá dizer que existe razão / Nas coisas feitas pelo coração? / E quem irá dizer que não existe razão?...*) e Freddie Mercury (*Love of my life, you’ve hurt me / You’ve broken my heart, and now you leave me...*).

Afinal, a Covid-19 seria a “flor na boca” dos tempos atuais? Da humanidade, admitindo-se que essa pandemia tenha paralisado o mundo e exigido novas posturas, se quisermos sobreviver a ela (enquanto se aguarda a vacinação em massa), talvez SIM! Individualmente, considerando-se que o número dos recuperados supera em muito o número dos que morrem pela doença, NÃO! Mas eu não ignoraria totalmente a metáfora de Pirandello, por supor que a Covid-19 pode passar por mim ou por você, colocar o vírus SARS-CoV-2 (a “flor na boca”) no meu ou no seu organismo, e dizer: “Fique com ela, querido. Se, nos próximos 14 dias, eu não der sinal de interesse por você, pode ficar sossegado!”.

Post scriptum: texto escrito por ocasião da pandemia da Covid-19, em abril de 2021.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)

JOÃO MANOEL NASCIMENTO

É is a cena: A mãe amorosa amamentando o filho pequeno, em sua cama, após um longo dia de cuidado e dedicação. Contempla-o e acaricia seu rosto frágil. O tempo passa, o cansaço vence, o sono vem. O seio que alimentava, então sufoca. Segundos angustiantes se arrastam como horas. Tão frágil criatura, em vão, move os bracinhos, porém não consegue se fazer percebido na agonia. De repente, um ruído. A mãe acorda, percebe a agonia do pequenino e o reanima. Roxinho que estava já, um fio de vida. Contudo, um fio como a teia.

O ruído que acordou a mãe foi do tombo da irmãzinha que caíra da cama ao lado enquanto dormia. Inexplicavelmente, visto que havia proteção lateral na sua cama. Coisas de Anjo da Guarda.

A mãe, mais calma, recuperada do susto, segura seu filho com ternura e amor. Tão imenso amor que, apesar do ocorrido, pôde vê-lo crescer com saúde e

força suficientes para enfrentar todas as vicissitudes da vida. Nem todas, claro. Força de expressão. Algumas. Tudo bem, poucas. Quem nunca?

A palavra é pouco usada. Entendida, menos ainda. *Vicissitude*. Imagine sua vida, do berço ao túmulo, em uma montanha russa. É isso. Altos e baixos, constante mudança. Normal.

No caso do menino desta narrativa, a montanha russa pode ser comparada ao “minhocão” do parquinho. Risco mínimo, satisfação garantida. Isso graças à divina bênção de ter nascido em uma família que pode prover-lhe o tão almejado, às vezes desprezado, necessário. O extraordinário necessário. Pais amorosos e sempre presentes, irmãos unidos como melhores amigos e a vó Joana.

Do pai e da mãe nada faltou. Amor, carinho, atenção, educação exemplo, oração, palmada, puxão de orelha, beliscão no braço, chazinho pra dor de barriga, algodão com cachaça pra dor de dente, arroz, feijão, pão com chimia e Chico Balanceado. Sem contar os passeios na praça, na lagoa, na praia, final de ano na casa do tio João e no cemitério.

Aprendeu, desde cedo, a grandeza do mérito. Não tinha coragem de pedir ao pai um dinheirinho





Obrigado

para ir ao cinema no domingo à tarde se não tivesse feito, em casa, as tarefas que lhe eram confiadas e que sabia serem importantes para contribuir com a harmonia familiar.

E música, muita música.

Então, três irmãs e um irmão. Sempre muito unidos, principalmente nas brigas. Unha e carne, literalmente. Mas só quando bem pequenos, pois amadureceram rápido e logo perceberam que conversar dói menos. As tarefas domésticas eram sempre bem distribuídas, mas nem sempre bem executadas. Vez ou outra, alguém podia não estar no local e hora combinados. Normal. Cuidavam uns dos outros, tanto na brincadeira quanto na enceradeira. Se bem que lustrar o assoalho podia ser bem divertido se executado em grupo. Tudo que faziam juntos era divertido, na verdade. Até pegar sarampo. O menino desta história também se divertia, apesar de ser meio

“lerdo”, coitado. Até hoje. Mas isso não tem nada a ver com o “sufoco” que passou quando bebê. E o narizinho torto foi de um chute que levou quando jogava de goleiro. Sempre de goleiro. Quem mandou ser “perna de pau”?!

A vó Joana, joia de sabedoria, do alto de seu “metro e meio”, espalhava pela casa muita alegria e muitos metros do melhor crochê, completando o equilíbrio do lar. E também do Fusca que estava sempre lotado. Afinal eram oito. No Fusca. Nem tente imaginar.

Do pai, nenhuma palavra dura, mas de respeito e justiça. E muita disposição para uma brincadeira.

Da mãe, infinita ternura e dedicação, saquinhos para jogar Cinco Marias e boas histórias.

Nada lhe faltou, absolutamente. Gratidão é tudo o que lhe cabe expressar, indubitavelmente.

Então ele diz: “Obrigado”.

(João Manoel Nascimento é formado em Letras e trabalha como bancário, Passo Fundo, RS.)



O artista na cena local

Viver a arte
Sem contraparte
É morrer na estrada
Em plena caminhada
É querer
“Subir a subida”
Sem se quer dar partida
É sublimar
O subliminar
Do que poderia ser
Viver a arte
Sem contraparte
Não é viver
Louvável é doar
Mas que seja sem dor
Só ar
Ar de artista
Arteiro
Ardoroso
Pulmão cheio
Viver a arte
Sem contraparte...
Sem chuva o rio seca
A vertente morre
A árvore não dá fruto
A roseira não dá flor
E até o amor
O sublime amor
Fenece.

Amigo velho de guerra

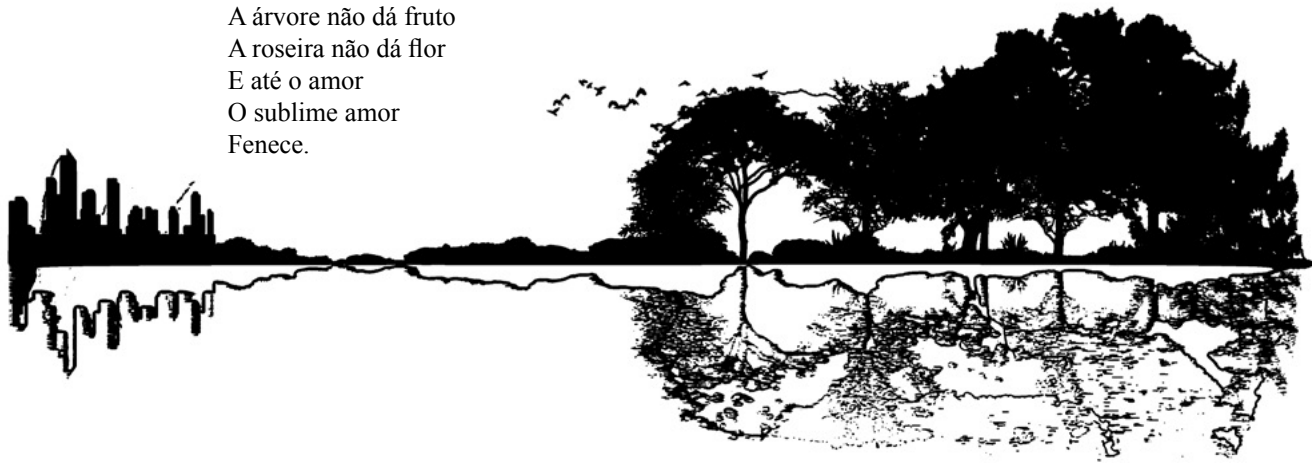
(Ao amigo e confrade Luiz Lopes)

Boenas, velho amigo
Da mão calejada
De segurar o malho
Do pé trincado
Pelo frio do orvalho
Nas manhãs de alambrador

Boenas, velho amigo
Das rodas de violão
Sob o fogo no galpão
Onde rola boa conversa
Mate amargo
Canha boa

Boenas, velho amigo
Que o tempo nos conserve
Nesta prosa boenacha
Mais de trinta anos
Que a gente se conhece
Engatamos mesma marcha

Boenas, velho amigo de caserna
Companheiro de estrada
Deus te cuide a caminhada
Na longa estrada da vida
E que os anos mais nos una
Nesta amizade querida.



Conversa com Caronte



_ Olá. Quem é você?
 _ Eu sou a morte.
 _ Veio sozinha!? E se eu não quiser ir?
 _ Eu chamo meu marido.
 _ Quem?
 _ O ceifador.
 _ Tá legal. Ficamos assim. Melhor uma piriguete do que um punk metido a besta com um gadanho na mão.
 ...
 _ Opa. O que é isso. Ei, você, quem és?
 _ Caronte.
 _ Ah, carona.
 _ Não. Uber do além. Sem paga não há corrida.
 _ Vamos para onde?
 _ Para onde você foi mandado.
 _ Que seria?
 _ Onde você merece ir.
 _ Caraca, e aonde é isso?

_ Não posso dizer.
 _ Bem, a julgar pelos teus andrajos, dá pra imaginar onde.
 _ Te enganas. Levo para os dois lados.
 _ Mas tua figura assusta, a água do rio é turva, você fede a morte e é lógico que eu não vou pagar pra ir sei lá aonde.
 _ Você tem que vir comigo.
 _ To sem grana.
 _ É só duas moedinhas. Vamos que eu tenho que fazer muuuuuitas viagens ainda.
 _ E se eu chegar lá e não gostar?
 _ Depois de entrar no barco não tem mais volta.
 _ Viu, você não me dá escolha! Seguinte. To sem grana, puto com aquela vadia do ceifador e não vou entrar nessa merda de canoa furada. To fora. Fui.
 _ E pretende ficar vagando até quando, seu bosta, pão duro? Quis saber Caronte.
 _ Não sei. Mas, parece que eu tenho a eternidade para decidir.

Professor Dr. Waldemar de Oliveira Chaves

ADELVINO PARIZZI

O Dr. Waldemar nasceu em Caxias do Sul em 1940, e aos dez anos de idade transferiu-se, com seus familiares, para Guaporé onde começou seus estudos e a sua vida profissional. Filho de Luiz de Oliveira Chaves e de Lucia Natalina Scalco filha de italianos colonizadores, e os irmãos; Alfredo, Jorge, Gustavo, e as irmãs Ivone e Ione, conviveu, principalmente com a influência da sua avó materna e a sua juventude, entre meninos descendentes italianos, trazendo consigo todos os costumes dos habitantes da época.

Vida simples, honrada, honesta e consciente de sua responsabilidade. Começou os estudos tarde, para os dias de hoje, aos 10 anos, esperando seu irmão Alfredo, também, ter idade para acompanhá-lo a escola e fazer-lhe companhia e as despesas ficar menor.

Para sustentá-los a sua mãe trabalhava como doméstica no colégio Marista, meio turno, no que abatia, também, 50% dos custos com a educação.

Conheci Waldemar quando fazíamos o curso de Odontologia, na década de 60, quando estudantes, fomos convidados a ser monitores de disciplina e convivemos como professores por mais de 40 anos.

Em 2010 assisti ao seu jubileamento, em que o Conselho Universitário, lhe prestou uma merecida homenagem de reconhecimento pelo tempo como professor na Universidade de Passo Fundo.

Foi nessa oportunidade que ouvindo o seu discurso de agradecimento, o relato de sua vida das idas e vindas e dificuldades para chegar aquele dia. Achei fantástico e me propus, pela minha admiração que O tenho em realizar uma entrevistas para que mais pessoas, saibam de que sua passagem por esses caminhos da vida não foram em vão.

Quando e como o senhor começou a trabalhar em prótese dentária?

Durante o período em que fiz o ginásio no colégio marista de Guaporé

período diurno e depois noturno, tive a oportunidade de aprender e fazer Prótese Dentária no Laboratório VEIT de Guaporé, do Sr. Luiz Rene Veit, dentista Prático Licenciado e de seu irmão Victor Ignácio Veit - Técnico em Prótese Dentária que me ensinou tudo sobre os diferentes tipos de próteses, no local trabalhei por três anos e meio.

Nota - Nessa época não havia protéticos em Passo Fundo e a maioria dos Dentistas da região mandava confeccionar as suas próteses em Guaporé no Laboratório VEIT.

Como o Senhor veio a trabalhar em Passo Fundo?

O meu pai trabalhava no setor de eletricidade urbana e foi transferido para Passo Fundo e nós viemos com ele. Nesta época fui convidado pelo Sr. Pedro Ceccon, Dentista Prático Licenciado, que tinha já um laboratório de Prótese Dentária em Passo Fundo o qual me convidou a trabalhar com ele. Onde trabalhei por dois anos e meio.

O seu próprio Laboratório ODONTOARTE?

Por aconselhamento do senhor Avelino Palma, Dentista Prático Licenciado, para instalar um Laboratório Prótese Dentária para atender os profissionais locais e da região realizando próteses totais, parciais e em ouro. Trabalhava em média 10 a 12 horas por dia. As fundições de estruturas p.p.r. eram feitas em Porto Alegre.

Um tempo depois fui convidado a comparecer na Secretaria da Saúde para registrar o Laboratório e quem me acompanhou nesse momento foi o Dr. Bruno Markus e ajudou passar as informações necessária do registro do LABORATORIO.

E a Faculdade de Odontologia para ser Cirurgião Dentista?

Fui até o consultório do Dr. Mario Ascânio Frediani levar uma prótese total para prova e após a cliente dispensando fui fazer uma fixação de dentes

na prótese o Dr. Mário ao meu lado observando, fez uma pergunta sobre a minha escolaridade e respondi que tinha concluído o ginásio.

Então ele me disse: “Então volte a estudar para fazer vestibular na Faculdade de Odontologia”.

Comentei o fato com meu companheiro de pensão Dr. Nilo Ganzer e que iria retornar aos estudos e fazer o curso de Contabilidade no Colégio Conceição que funcionava a noite.

Assim sendo os dias passaram e um dia o Dr. Nilo me comunicou que naquela noite haveria início das aulas, e as matrículas já estariam encerradas no dia anterior. Fiquei muito preocupado por ter esquecido e perdido a oportunidade de voltar aos estudos por não ter feito a matrícula.

Lembro que após a jantar o Nilo me informou que tinha feito a minha matrícula e que lhe devia Cr\$4.000,00 o que prontamente paguei e faceiros fomos para as aulas.

No curso de Contabilidade...

Durante o Curso de Contabilidade o Dr. Carlos Galves, na sua segunda aula, para dar sequencia resolveu perguntar a cada um dos alunos: “O que farão após a realização do Curso de Contabilidade?”. Altair Ughini disse que iria se preparar para fazer vestibular para o Curso de Medicina. Nilo Ganzer faria para o Direito e quando fui perguntado respondi que iria fazer Odontologia, foi quando notei que o Altair me olhou diversas vezes e no intervalo veio falar comigo para saber como estava me preparando e lhe disse que estudava com grupos com o Irmão Pascoal, e ele me respondeu que não era o suficiente. No dia seguinte ele me deu um livro e marcou uns problemas para decorar e me convidou participar de aulas de estudo aos sábados a tarde com professores particulares na Escola Protásio Alves. Foi o que fiz.

Vestibular

Em março de 1964 prestei Vestibular para Odontologia e comentei os proble-



Waldemar de Oliveira Chaves

mas que havia decorado a Nédio Weber de Erechim.

Ponto sorteado. Questões que os vestibulando tinham que copiar e responder. Eram seis questões valendo um ponto cada. A 7ª valendo quatro pontos e um dos problemas era o que Altair mandou decorar.

Conclusão do Curso de Odontologia...

Passei no vestibular - estudei - e me formei em 30 de dezembro de 1968. Ano da criação da Universidade de Passo Fundo, portanto a 1ª Turma de Formandos da Odontologia da novel Universidade de Passo Fundo.

Como Professor da Universidade de Passo Fundo?

No início de 1969 ao sair do Laboratório, encontrei-me com o Prof. Livio Arnaldo Miotto, nos cumprimentamos e ele perguntou do que eu achava de um emprego, ao que respondi de ser muito interessante.

Então ele me disse, tem uma reunião da Congregação na Faculdade, você vai até lá que eu vou te apresentar para ser professor. O que respondi que não havia me preparado para tanto. A resposta, está bem, eu te preparo.

Após o término da reunião, o Diretor solicitou aos presentes se havia mais algo a tratar. O Prof. Dr. Alvaro Vargas da Rocha indicou Armando Antonio, meu colega de turma, para estagiar e se preparar para lecionar a Disciplina de Prótese Móvel. Na sequência o Prof. Dr. Livio Arnaldo Miotto, me indicou para estagiar e me preparar a lecionar a Disciplina de Materiais Dentários.

O Professor Miotto indicou-me, também, para filiar-me no Grupo Brasileiro de Materiais Dentários para manter-me atualizado, assim foi feito e na Faculdade de Odontologia de Passo Fundo, trabalhei durante 40 anos.

(Adelvino Parizzi é Odontólogo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Cobra não tem sovaco

Não sou desses que até pagam
Pra que seu nome apareça,
Um cargo bem preenchido
É ideal por quem conheça...
Muitas vezes se decide
Pelo o filho da Condessa,
Caso assim ou desse tipo
Duvido quem não conheça...

Depois disso é só esperar
Pepino e dor de cabeça,
Há quem pra tudo é lembrado,
Mas não é por que mereça...
Pois pra dá... Pra quem já tem
Não falta quem ofereça...
Dormir com quem tem grana
Nem precisa que anoiteça...

Pra conquistar o que quero
Defendo, enfrento e ataco,
Não sou desses madeireiros
Que não conhecem cavaco...
Um tanto vive de esquema
E outros que correm no vácuo...
Já vi quem se tornou estrela
Pulando de saco... Em saco...

Não discuto o que não sei
Mas se sei armo o barraco...
Quem tem a cara do vidro
Nunca me chame de caco...
Pra fazer a bola entrar
Sei passar o giz no taco,
Pois minhoca não tem ombro
E cobra não tem sovaco...



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942.)

Diocese de Passo Fundo – 70 anos

WELCI NASCIMENTO

(FOTOS: ARQUIDIOCESE DE P. FUNDO)

Domingo, dia 6 de agosto de 2021, fomos rezar na igreja Nossa Senhora da Conceição, o templo mais antigo do norte do Rio Grande do Sul. Por mera coincidência, a Clair e eu celebrávamos 66 anos de vida matrimonial. No final da Santa Missa, na saída, recebemos um folheto lembrando os 70 anos da criação da Diocese de Passo Fundo. Chegando a casa, veio a lembrança e o desejo de escrever alguma coisa sobre o evento.

Foi, então, que eu, adentrando na história, verifiquei que foi pela Bula Papal de 22 de julho de 1951 que a Diocese foi instalada. Seu primeiro Bispo D. Cláudio Colling, pastoreou o rebanho por muitos anos. Naquele dia a histórica capela levantada pelo povo da então Vila de Passo Fundo, nos primeiros anos de século XIX é elevada à dignidade de Igreja Catedral, consagrada à Virgem Maria Aparecida.

No entanto, vale saber, que os debates para a criação da Diocese de Passo Fundo são anteriores ao ano de 1930, segundo relatos do Monsenhor Raimundo Damim, pessoa com quem conversei nos anos 1970, sendo ele Vigário-Geral. Dizia ele: “O Arcebispo D. João Becker, em companhia do Bispo de Santa Maria chegaram a Passo Fundo para concretizar a instalação de uma nova Diocese no Rio Grande do Sul”. Segundo Raimundo Damim, o prelado de Porto Alegre nomeou uma comissão Pró-Bispado de Passo Fundo constituída das seguintes pessoas: Nicolau de Araújo Ver-



gueiro, Annes Dias, Valter Scarpelini e Bitencort de Azambuja. Era bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, da qual pertencia Passo Fundo.

Em 1952 o prelado chegou aqui para instalar o Cabido Diocesano de Passo Fundo, representando a Santa Sé.

Convém frisar que a Igreja Nossa Senhora da Conceição, localizada nas imediações da Praça Tamandaré tem suas raízes na velha Capela Nossa Senhora da Conceição Aparecida, erguida numa coxilha no nascente povoado de Passo Fundo, lá pelos anos de 1823/24, dentro de uma área

maior doada pelo Capitão Manoel José das Neves, mais conhecido como Cabo Neves, considerado, segundo a tradição, o primeiro morador do povoado. Nessa Capela, foi celebrada a primeira Missa Solene, em comemoração à emancipação de Passo Fundo, ocorrida em 28 de janeiro de 1857.

Em 1892, véspera da Revolução Federalista, que ensanguentou todo o rio Grande do Sul, foi organizado um livro chamado de “Livro Pró Construção da Nova Igreja”, uma vez que o prédio da velha Capela ruíra pela ação do tempo. O novo templo seria

erguido em outro lugar, num terreno doado pelo cidadão Ramon Rico, nas imediações da antiga morada de Manoel José das Neves. Era Vigário o Padre João Ferreira Guedes.

A Praça Tamandaré era, na época, chamada de Praça da Igreja por ser instalada junto ao templo na Rua Uruguai. Esse local marcou uma época da história e no desenvolvimento da cidade, que levou esse título no dia 10 de abril de 1891.

Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do município de Passo Fundo, por declaração oficial das autoridades civil e religiosa, desde o dia 7 de agosto de 1857, data em que se comemora a emancipação política. O dia 8 de dezembro é feriado municipal



D. Cláudio Colling

para celebrar o dia da Imaculada Conceição a Virgem Maria mãe de Jesus Cristo.

Nos 70 anos da Diocese de Passo Fundo, hoje Arquidiocese,

pastorearam o rebanho católico os bispos D. Cláudio, D. Urbano, D. Ercílio, D. Liro, D. Altieri e, hoje, nos é grato D. Rodolfo.

A velha Capela, erguida nos princípios do século XIX, Nossa Senhora da Conceição Aparecida é, hoje, Arquidiocese, isto é uma Diocese grande, muito importante historicamente conduzida, hoje pelo Arcebispo D. Rodolfo Webber.

Depois de 70 anos, originalmente uma só paróquia, hoje são 53 espalhadas em 47 municípios na região do Planalto Médio Rio-grandense.

(Welci Nascimento é professor aposentado, historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O Banco do Brasil em Passo Fundo

ALBERTO A. REBONATTO

No dia 13 de maio de 1939, em plena vigência do Estado Novo, foi solenemente instalada em Passo Fundo a agência de número 92 do Banco do Brasil. O ato contou com a presença do Inspetor Geral do Banco, Dr. Edgar Maciel de Sá; do Prefeito Municipal, Dr. Arthur Ferreira Filho, representando o Interventor Federal no Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha; do Dr. Celso da Cunha Fiori, representando a Associação Comercial de Passo Fundo e autoridades civis, militares e eclesiásticas, além de vários convidados representativos da sociedade passo-fundense e regional.

Foi seu gerente instalador o Sr. Waldemar Angelo Amaral e contava com a seguinte equipe de funcionários: Deusedit Paiva Bueno, contador; Fábio Azevedo Coitinho, Caixa; Joaquim Pereira Musa, escriturário e Romeu Machado dos Santos, contínuo. A Agência estava localizada à Rua Moron, número 1565, em frente à Praça Marechal Floriano, onde atualmente situa-se o Edifício Kieling, em prédio de dois andares, alugado e especialmente adaptado para as funções. A reforma da instalação elétrica do prédio – segundo informa o pesquisador Lindolfo Kurtz, de saudosa memória – foi realizada pelo jovem Jacob Helbling, imigrante suíço que se estabeleceu em Passo Fundo e fundou a Casa Arno. Os móveis da gerência, em madeira de lei, foram fabricados em Ijuí, pela empresa de Matheus Braun. Quando da inauguração da Agência na esquina Bento-Brasil, ditos móveis foram doados à Universidade de Passo Fundo. Devidamente restaurados, ainda servem àquela Instituição: os sofás e as poltronas na sala da Reitoria e os demais móveis (estantes, armários, etc.) no prédio onde acontecia a Jornada Nacional de Literatura.

Posteriormente, o Banco foi transferido para as proximidades da Agência dos

(FOTOS: ARQUIVO A. REBONATTO)



Correios, na Rua Moron. No local mais tarde funcionaria um dos restaurantes mais badalados da cidade: o Maracanã, que costumava trazer artistas de renome nacional para animar suas jornadas, além de contar com música ao vivo executada pela dupla Mercedes e Maestro Jaques. Mais tarde, ainda na rua Moron, o Banco ocupou uma edificação ao lado da antiga Casa Jandir até 1969, quando se transferiu para a esquina das ruas Bento Gonçalves e avenida Brasil, em prédio próprio, inaugurado pelo Presidente do Banco, sr. Nestor Jost, onde permanece até os dias atuais. A mesma casa abriga, ainda, a Agência de número 2692, o Núcleo do Serviço Jurídico e a Superintendência Regional do Banco.

A jurisdição da nova agência chamava a atenção pela sua extensão territorial, pois abrangia o Norte do Rio Grande do Sul, a região das Missões e parcela expressiva do Sudoeste de Santa Catarina. Sua área de atuação compreendia o Planalto Médio gaúcho (então conhecido como Serra), onde se localizava a Agência; o centro norte do Estado que era atendido pela subagência de Cruz Alta; as Missões, pela subagência de Santo Ângelo, e, seguindo o rio Uruguai até o Passo do Socorro, pela subagência da Boa Vista do Erechim. O Sudoeste Catarinense era jurisdicionado pela subagência de Cruzeiro, atual Joaçaba, e se estendia até as proximidades de Blumenau. Como se observa, uma jurisdição enorme.

Além da localização, relativamente equidistante das subagências, vários fatores contribuíram para a escolha de Passo Fundo como sede da 92ª agência do Banco do Brasil em território nacional. Entre elas destacamos o crescimento econômico da região, impulsionado pelas indústrias madeireiras e ervateiras. Grandes madeireiras por aqui se estabeleceram. Segundo dados da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, em 1939 havia no município 170 serrarias registradas, de diferentes tamanhos, e, em Carazinho, 150; em 1932 a madeira representava 63% da produção bruta do município. Igualmente, diversas ervateiras produziam erva mate não apenas para o consumo local, mas para o de outras regiões do sul do País, e, até, para os vizinhos argentinos e uruguaios.

A agricultura também vinha apresentando visível incremento, particularmente na cultura do trigo, além de uma incipiente mecanização. Tão significativa era a evolução da cultura



Banco do Brasil
Será inaugurada hoje a
Agência em Passo Fun-
do, devendo o ato re-
vestir-se de solenidade
 Consoante notas que já divulgamos, deverá ser inaugurada hoje, às 15 horas, a agência do Banco do Brasil nesta cidade, superintendendo as praças de diversas localidades da região serrana e parte do vizinho estado de Santa Catarina.
 O ato será solene, devendo estar presente ao mesmo o Inspetor Geral dr. Edgar Maciel Sá, e dirigindo a inauguração o sr. Waldemar Amaral, antigo funcionário desse conceituado estabelecimento bancário.
 — O sr. Interventor Federal será representado no ato inaugural pelo sr. Prefeito Municipal.
 — Na mesma ocasião será procedida a inauguração de um retrato do sr. Getúlio Vargas, presidente da Republica.

de trigo que levou o Governo Federal a criar, em 9 de agosto de 1937, a Estação Experimental de Trigo de Passo Fundo, em Estação Luiz Englert, com a área de 1.700 hectares, que seria inaugurada em 1940, pelo Presidente Getúlio Vargas. Mais tarde, com a criação da Embrapa, foi denominada de Embrapa-Trigo e foi a primeira unidade a funcionar fora da sede que se localiza em Brasília. Por sua vez, o comércio foi crescendo paralelamente às outras atividades econômicas e fez de Passo Fundo um verdadeiro centro geoeconômico da região, ideal para o Banco do Brasil instalar a sua agência.

A ferrovia também influenciou na escolha do local. Passo Fundo estava ligado por estrada de ferro, via Santa Maria, à capital e a outras regiões do Estado. Também, três vezes por semana, partiam de Passo Fundo ou passavam por aqui, trens com destino à capital paulista, principal centro econômico do País e um dos escoadouros da nossa produção.

Com o crédito abundante, fácil e barato oferecido pelo Banco do Brasil a região se desenvolveu e se transformou numa das mais importantes do Estado.

(Alberto A. Rebonatto é funcionário aposentado do Banco do Brasil e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ironi Gozzi de Andrade: O segredo de Linha Segredo

GILBERTO R. CUNHA

Não é no clichê autoajuda do livro “O Segredo”, da escritora australiana Rhonda Byrne, que, apesar do sucesso de vendas alcançado limita-se a reprisar o “poder

do pensamento positivo”, você vai descobrir “o segredo de Linha Segredo”, mas na obra “Crônicas - A infância e a juventude de uma pessoa ambiciosa”.

Ironi Gozzi de Andrade, o professor de escol, durante o enclausuramento forçado pela pandemia da Covid-19, resolveu escrever a sua biografia no formato de crônicas. O resultado foi o livro, cujo título está referido no final do primeiro parágrafo dessa coluna, lançado, quase no apagar das luzes de 2021, pela Editora Viseu, de Maringá, PR.

São as reminiscências de um homem, prestes a se tornar septuagenário, sobre a infância e a juventude vivida em Linha Segredo, onde nasceu, no interior do então primeiro distrito

de Encantado, cuja sede era Figueira ou Alta Figueira, que, após a emancipação, em 1959, viria a se constituir no município de Arvorezinha. A vida no pacato local, para alguém nascido no seio de uma família de 12 irmãos, limitava-se ao trabalho, às lides com a terra, ao trato dos animais e a ajudar o pai carreteiro no transporte de mercadorias (exercendo a função de “brequeiro”, a quem cabia acionar os freios da carreta e evitar a disparada do veículo nas ladeiras íngremes das estradas da região), nas brincadeiras do interior e na prazerosa tarefa de estudar na escola da localidade, onde, por falta de opção, até os 13 anos de idade, cursaria duas vezes o primário. Faltavam recursos materiais (energia elétrica, acesso à saúde e a bens culturais) e sobrava fraternidade em Linha Segredo. Dos 13 os 17 anos de idade, o mirrado menino Ironi, apelidado de Pinguinho, somente trabalhou, apesar de nunca ter desistido do sonho de um dia voltar a estudar. A ânsia por cultura era tamanha que o que mais aprazia ao Pinguinho era quando o bodegueiro da Figueira enrolava as mercadorias, que fora encarregado pelo pai de buscar, em folhas de jornais, que as guardava com esmero, para ele e os irmãos terem alguma coisa para ler.

A vida na Linha Segredo, tal qual descrita pelas lembranças de Ironi Andrade, não destoa em nada do interior do Brasil, nos anos 1950 e 1960.

Não era uma



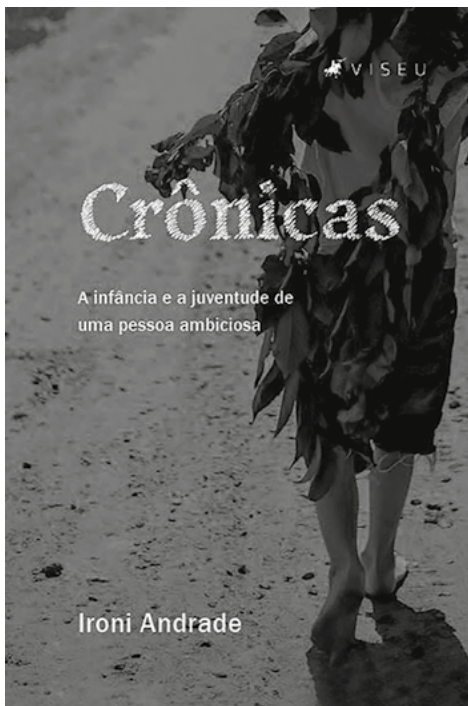
exceção, pois essa era a regra no meio rural.

Foi graças ao seu empenho em falar melhor (menos errado que a maioria do local, mas mesmo assim ainda muito mal) que, sob o estímulo do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arvorezinha, acabaria prestando exame para a Escola Normal Rural Estrela da Manhã, localizada no município de Estrela. Outra luta a ser travada: conseguir a aprovação da família. E, pior, lograr a aprovação no exame de admissão, onde 450 candidatos disputariam 45 vagas. Entre os 27 de Arvorezinha que foram realizar a prova, Ironi Andrade foi o único aprovado. Estudou, para tal, pelo livro “Programa de Admissão”, editado pela Companhia Editora Nacional, onde perfilam as lições de mestres como Aroldo de Azevedo, Domingos Paschoal Cegalla, Joaquim Silva e Osvaldo Sangiori.

A Escola Normal Rural Estrela da Manhã, fundada e mantida pela Arquidiocese de Porto Alegre, em 1956, visava à formação de professores e líderes comunitários para o meio rural. Internato masculino, onde primava a disciplina e os valores religiosos, além de esmerada formação na área pedagógica (contava com uma Escola Primária de Aplicação). Ironi Andrade encontrou muita dificuldade no início do curso, estando prestes a ser desligado por insuficiência de notas. Aproveitou a chance, pois a alternativa era “voltar ao Segredo para plantar batatas”. Leu o primeiro livro da vida, “Meu Pé de Laranja Lima”, de José Mauro de Vasconcelos, e corrigiu, pela repetição, a pronúncia errada dos vocábulos, adquirida no interior, e, quando chegou dezembro de 1968, teve a sua permanência no curso assegurada.

Ironi Andrade concluiu a formação do Ginásio Normal, habilitação como professor-técnico agrícola, em 1971, mesmo ano que a reforma do ensino, pela Lei 6592/71, não mais reconheceu o título de professor rural no ensino de 1º Grau.

Uma vez concluída a formação do Ginásio Normal, habilitação de professor-técnico agrícola, pela Escola Normal Rural Estrela da Manhã, em 1971, Ironi Andrade veio para Passo Fundo. A intenção era prestar vestibular para o curso de Agronomia da Universidade de Passo Fundo. Havia a promessa, que não se concretizaria, do Sindicato dos



Trabalhadores Rurais de Arvorezinha pagar o curso, em troca de trabalho depois de formado. Corria o ano de 1972 e os planos mudaram. Arrumar um emprego e cursar Letras? Direito? Ironi, na época, achava-se mais afeito às ciências exatas (matemática) do que às humanas. Mas, em 1973, dando azo a uma espécie de prestação de contas consigo mesmo, pela luta que travara contra o semianalfabetismo que quase o condenara à morte cultural, assumiria, contratado pelo magistério estadual, como professor de inglês e português, no município de André da Rocha (à época, distrito de Lagoa Vermelha). De lá vai para Sananduva e, finalmente, em meados de 1976, retorna para Passo Fundo. Desta feita para ficar.

De volta a Passo Fundo, Ironi Andrade, além do magistério estadual, inicia como professor de português em “cursinhos” pré-vestibulares (Michigan e Integral) e passa a dar aulas em escolas particulares. Inova no método de ensinar a Língua Portuguesa. Entende que há uma lógica na Língua Portuguesa, que não estava contemplada nas gramáticas tradicionais. Cria o seu próprio método. Retoma o curso de Direito na UPF, que, entre paradas e recomeços, concluiria na década de 1990.

O ano de 1989 é um marco na carreira do Professor Ironi Andrade. Em agosto daquele ano criou o Curso de Português, Redação e Oratória Prof. Ironi Andrade, atualmente denominado Sistema Educacional Ironi Andrade. Nas últimas

três décadas, por adotar um método exclusivo de ensino da Língua Portuguesa, que se fundamenta no uso do raciocínio, ao invés de decoreba de regras inúteis, a marca Ironi Andrade transcendeu os limites de Passo Fundo e chegou além das fronteiras nacionais. Atualmente, abarcando também projetos na área editorial e no campo da Educação à Distância (EaD).

O livro “Crônicas - A infância e a juventude de uma pessoa ambiciosa”, do Professor Ironi Andrade, escrito durante o “enclausuramento” da pandemia da Covid-19, é o primeiro de uma trilogia que o Mestre da Língua Portuguesa se propôs publicar. Talvez lhe seja o mais caro. Pela dedicatória, nas palavras dele, para Inesinha (o seu grande amor e inseparável parceira) e aos filhos Franciele e Rodrigo (a luz dos seus dias). E por remexer no passado.

Depreende-se. Na sequência, virá um volume sobre a vida profissional, com foco na criação e no uso do revolucionário método de ensino criado por ele. E, completando a tríade, um tomo que tratará da repercussão (positiva, ou nem tanto) da sua descoberta. Aguardemos, pois!

Mais além do professor de escol, há um Ironi Andrade extremamente humano, idealista, dedicado à família, abnegado por tudo que faz, envolvido com causas sociais (Casa de Apoio, Biblioteca do Chicão, etc.), que vibra a cada conquista dos ex-alunos, torcedor fanático do Grêmio e do Gaúcho e apreciador de churrasco com os amigos.

Nossas boas-vindas ao Professor Ironi Andrade aos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras. No dia 12 de fevereiro de 2022, ele e mais oito novos acadêmicos (Roque Gilberto Annes Tomasini, Luciana Marinho Albrecht, Cleuza Rejane Ochôa, Silvana Alba Scortegagna, Eládio Vilmar Weschenfelder, Aleixo da Rosa, Patricia Godoy Ritter de Bairos e Djiowan Vinicius Carvalho) tomarão posse no Sodalício das letras locais. É a nossa Academia de Letras se qualificando na defesa do idioma pátrio.

E quanto ao segredo de Linha Segredo? Ei-lo: PERSEVERANÇA!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)



Valdicirene

IVALDINO TASCA

O único trabalho que Valdicirene consegue ao deixar sua cidadezinha com o fim do casamento foi o de faxineira num edifício residencial da área central.

Decide sumir do mapa após o marido sentenciar: se convença de uma vez, teu destino é esquentar a barriga no fogão e esfriar a barriga no tanque de lavar roupa.

O marido, cara bem apessoado, conquistador incorrigível (que conseguia ser, também, grosseirão), a deixa pela viúva abonada (muito linda, deve-se reconhecer) que acenou com boa vida numa pequena e bucólica propriedade rural.

O zelador pressentiu, corretamente, em Valdicirene alguém de fibra que também poderia ajudá-lo a cuidar da esposa adoentada, presa numa cadeira de rodas; para ganhar dinheiro extra, topa ocupar improvisado quarto nos fundos do térreo junto com área de depósito de material de limpeza.

Movida pelo ódio da humilhação e da grana curta chegou à cidade grande disposta fazer qualquer coisa (sentada no último banco do ônibus que sacolejava na estrada de chão repetiu centenas de vezes: “qualquer coisa mesmo”) para

voltar “como mulher rica e para dar nos dedos desse vigarista que me trocou por punhado de moedas”.

Sempre sisuda e cheia de segredinhos, Valdicirene mourejou por quinze duros e longos anos sem faltar um dia sequer ao trabalho, sem ouvir qualquer admoestação de algum morador do prédio, sem nunca adoecer, sem nunca ir a um cinema, sem nunca comprar algo em shopping, sem nunca reclamar da vida...

Viveu quase enclausurada, suas saídas se resumiam à missa das seis aos domingos na Igreja Nossa Senhora da Conceição, ida banco a cada final do mês para depositar seu salário, uma que outra viagem rápida para visitar parentes na cidade de origem e uma aula semanal de inglês em curso localizado num bairro distante do prédio.

Definitivamente era moça atilada embora só com o segundo grau. Contenta com seu desempenho – no edifício e com a esposa – o zelador tinha certeza que Valdicirene escondia algum segredo mas jamais falou a respeito com ela, com a esposa ou algum morador.

Ele deduziu isso já nos primeiros meses ao constatar que ela lia tudo que recolhia pelo corredores e lixeiras: jornais, revistas, livros descartados no edifício só iam para o lixo após passar por seu crivo. Mais: ficara intrigado porque incontáveis textos sobre eco-

nomia, finanças, cotação do dólar, bolsa de valores geralmente estavam sublinhados com caneta vermelha; além de receber, uma revista semanal sobre finanças, mercado, empreendimentos, essas coisas...

Com o dinheiro economizado nos primeiros meses, eis que tinha alimentação e pouso ofertado pelo zelador em troca dos cuidados à sua esposa, fez curso e comprou computador, que é onde passava os momentos de folga. Todos os momentos de folga... Seguidamente o zelador a flagrava até altas horas fuçando nessa máquina “do diabo que nunca aprendi a manejar”, conforme disse à moça.

Após ler, como fazia diariamente, o jornal da cidade que reproduziu reportagem das cem mulheres mais ricas do Estado o zelador entendeu porque a moça sumira de repente. Conforme o jornal Valdicirene de Cascais Oliveira e Silva aparecia nessa lista das cem mulheres mais ricas do Rio Grande do Sul cujo local de morada era ignorado pois o gerente da agência bancária se recusara a revelar o endereço dela. Fizera fortuna aplicando na Bolsa de Valores diuturnamente e o gerente da agência bancária sempre a teve como cliente especial...

(Ivaldino Antonio Tasca é jornalista, editor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Check-Up 2020

GILBERTO R. CUNHA

Se, nos anos 1970, Raul Seixas, para poder dormir “quase” em paz, depois de tomar um Dienpax, um Valium 10 e outras pílulas mais, ainda implorava, às duas horas da manhã, para receber nos peitos um Tryptanol 25, a receita, hoje, seria outra: apenas um Ignorital.

O Ignorital, esse poderoso psicotrópico alienante, surgiria, por obra e graça dos roteiristas de *Os Simpsons*, no final da primeira década dos anos 2000. Virou cult o episódio no qual a genial Lisa faz uma apresentação na escola de como seria Springfield diante dos cenários de mudança do clima nos próximos 50 anos. Os professores, aterrorizados com o futuro apresentado por Lisa, sugerem aos pais (Homer e Marge) que ela precisa ser levada a um psiquiatra. Após examinar a garotinha, o médico a diagnostica com um distúrbio psicológico-ambiental e prescreve uma droga chamada Ignorital. O medicamento muda a percepção de Lisa sobre o mundo. Em vez de pessimismo, nela passar a grassar otimismo exacerbado. As nuvens viram ursinhos de pelúcia e na sua cabeça não para de ecoar a frase “Que mundo maravilhoso!” Homer e Marge não conseguem lidar com essa nova Lisa e a decisão, mais sensata, foi parar com a medicação.

Quando a realidade nos confronta, com ou sem prescrição de Ignorital, há quem prefira fechar os olhos, tapar os ouvidos e emudecer diante dos cenários que se delineiam e podem afetar a nossa zona de conforto. Mais cômodo e mais fácil: se não tenho opinião, também não tenho responsabilidade. Se algo não existe, não preciso me preocupar com ele. Então, nego! E assim, frise-se, ignorância e negacionismo, que não são a mesma coisa, vicejam nos solos férteis das redes sociais, para os mais variados assuntos, fazendo as cabeças e mentes de muita gente.

Ignorância, no sentido inato de falta de conhecimento, não é um mal maior. Mas ignorar com a conotação de não reconhecer, de negar o que é conhecido



(negacionismo), pode ser um desastre. As raízes dessa paixão humana pela ignorância, identificando coisas que, deliberadamente, optamos por não conhecer ou não reconhecer e as razões para isso, podem ser encontradas na psicanálise, como bem explorou Renata Salecl, socióloga e professora na Universidade de Londres, no livro *A passion for ignorance*, publicado em 2020 pela editora da Universidade de Princeton.

Lacan e Freud podem ajudar nessa compreensão. Jacques Lacan popularizou o termo “paixão pela ignorância”, possivelmente tomado “emprestado” do budismo, que pode ser usado para explicar porque evitamos lidar com conhecimentos traumáticos. E Sigmund Freud alertou que, quando alguém usar a forma negativa, se deve prestar atenção no que vem depois, pois a negação pode ser uma afirmação de algo reprimido. Ele percebeu isso quando um paciente estava descrevendo um sonho e subitamente teria dito: “a mulher no meu sonho não é minha mãe”. Bingo! Acabava de revelar algo que o preocupava, negando. E assim, avolumam-se casos envolvendo homofobia, racismo, sexismo, xenofobismo, etc.

A pandemia da Covid-19 é um bom exemplo para reflexão. Quando o vírus SARS-CoV-2 surgiu, em dezembro de

2019, na cidade de Wuhan, na China, as autoridades locais relutaram em admitir a gravidade. Até a Organização Mundial da Saúde vacilou. Autoridades de vários países do mundo idem. Muitos de nós, por distante, não nos víamos sob esse risco (o autor, inclusive). Havia, explicitamente, ignorância por falta de conhecimento para lidar e tratar com algo novo na área de saúde pública. Compreensível aquele comportamento global de primeira hora, ainda que previsível (mas não esperável), em tempos de circulação mundial de pessoas e produtos, que um vírus tão agressivo pudesse se alastrar globalmente.

Mas, passado um ano, com tudo que a Medicina conseguiu avançar (diagnósticos, formas de controlar a transmissão, tratamentos, vacinas, etc.), não se admite mais ignorância por falta de conhecimento. O resto é negacionismo. Meu Ignorital 50, pelo Amor de Deus! Enquanto releio *Alice no País das Maravilhas* e chupo a laranja mecânica. E a chuva promete não deixar vestígio...

Post scriptum: texto escrito por ocasião da pandemia da Covid-19, em dezembro de 2020.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)

(FOTO: ARQUIVO A.R.O.GONÇALVES DIAS)



Vilson e Rovena

Estrada a fora

(Vilson, esta é pra você, *in memoriam*)

I
Com uma picada foi sedado,
E pra você, tudo já era!
Nós na esperança e na fé,
Continuávamos na espera.

II
O meu consolo, querido,
É que você não sofreu.
De nós dois,
Hoje quem sofre sou eu!

III
Você subiu tranquilo,
Sem degrau,
Num sobressalto!
E nós aqui no aguardo,
Porém já estava no alto!

IV
Quando estou só
Ou perco o sono,
Ou mesmo estando em público,
Tudo lembra você!
Em tudo! todo o dia.
E quanto mais o tempo passar,
Maior será esta poesia.
Outro consolo que tenho
É que está em boa companhia.

V
Todas as vezes que eu perguntava:
-Tem café?
Logo ouvia você,
Que respondendo, dizia:
- Eu já vou “fazê”!
Confesso que
Pela manhã ou à tardinha,
É difícil tomar café
Ou chimarrão sozinha.

VI
A Sagrada Escritura afirma
Que voltaremos ao pó.
Enquanto isso
A sua lembrança confirma
Que “já não estou tão só”.

VII
À minha./sua./nossa missão,
Estou dando continuidade.
Você não sabia que ensinava,
Eu não sabia que aprendia,
Hoje aprendo com a saudade.

VIII
(Leitor/ouvinte, complete a estrofe):
Vilson, você sabe o meu lamento:
Enquanto eu sorrio por fora,
Eu choro,...

IX
Teve a sua chegada,
Fez sua história,
E teve a sua partida.
Agradeço a Deus e a você
Pelo legado que deixou,
Somando em minha vida.

X
Você foi antes,
Já está na eternidade.
Mas há algo que sabemos,
Aqui tudo é efêmero,
Um dia nos reencontraremos!

XI
Foram vinte e quatro anos,
E não vinte e quatro horas.
Valorizemos a convivência,
Quando se foi a essência.
E eu,...chorando estrada a fora!

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é professora aposentada e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Dom Cláudio Colling, um Sábio

DANIEL VIUNISKI

Lembro-me das notícias que circulavam em Passo Fundo, citando a chegada de Dom Cláudio Colling na cidade, como o primeiro Bispo da recém-criada Diocese. Era início da década de 1950, e, eu, ainda jovem, era estudante do Instituto Educacional.

Descendente de família judaica não tínhamos afinidade com a Igreja Católica. Mas, ao longo de minha vida acompanhei com atenção o profícuo trabalho de Dom Cláudio em diversas áreas, especialmente da educação e saúde. Criou a Faculdade de Filosofia, o Patronato de Menores, reorganizou a Fundação Lucas Araújo e a Assistência Social Leão XIII, além da criação da Rádio Planalto. Dom Cláudio trabalhou incessantemente na criação da Universidade, e, também para a autorização do funcionamento da Faculdade de Medicina. No âmbito da saúde, empenhou-se a levar o Hospital São Vicente de Paulo a um nível de excelência, com sua transformação em Hospital/Escola, para assim operacionalizar a Faculdade de Medicina.

Quando fui o responsável pelo Banco de Sangue Osvaldo Cruz, que atendia aos hospitais da cidade, tive maior proximidade com o Hospital São Vicente de Paulo, granjeando amigos entre os médicos, direção e funcionários do nosocômio, entre eles Dom Cláudio, o grande benemérito do hospital.

Passados alguns anos fui cursar a Faculdade de Direito na UPF. Minha ânsia pelo conhecimento nunca me fez parar de estudar, e, a advocacia e as leis, me fascinavam.

Concluí a faculdade em 1984, e aí contarei minha história com Dom Cláudio.

A turma de formandos resolveu que, poucos dias antes da formatura, iriam fazer um retiro espiritual de três dias, e o local escolhido foi a Casa de Retiros, criada por Dom Cláudio, diga-se de passagem, situada no Bosque Lucas Araújo. Para tanto, era necessária autorização da Igreja, na pessoa do Bispo. Evidentemente, declinei do convite, por razões

(FOTOS: ARQUIDIOCESE DE P. FUNDO)



óbvias. Minha religião é o judaísmo, ou seja, a religião Mosaica.

Assim, fui atender a outro compromisso, absolutamente relevante. A formatura, pela Faculdade de Medicina, de meus dois filhos, em São Paulo. Porém, na viagem, um acidente com meu automóvel quase resultou em tragédia, ainda em São Paulo. Estava com os filhos quando fomos atingidos por outro automóvel. Não houve consequência grave, apenas leves ferimentos e escoriações.

Retornando a Passo Fundo, fui surpreendido com um telefonema de Dom Cláudio, que pedia para eu também fazer parte do retiro, respeitando as minhas convicções religiosas. Não poderia

recusar o convite. Ao chegar à Casa de Retiro, fui para meu aposento, que chamavam de “cela”. Um pequeno e prosaico quarto com cama e um modesto roupeiro. Ainda estava ajeitando meus pertences quando recebi a visita de Dom Cláudio. Eu estava com visíveis escoriações no rosto, sinais do acidente. Dom Cláudio perguntou-me o que havia acontecido. Contei-lhe detalhadamente a ocorrência e finalizei dizendo: “Graças a Deus, não resultou nada de mais grave”. Dom Cláudio responde: “Daniel, agradeça a Deus pelo que aconteceu e não pelo que deixou de acontecer”. Sábias palavras que levo por toda minha vida.

Como se sabe Dom Cláudio Colling deixou nossa cidade ao assumir o cargo de Arcebispo Metropolitano. Quando adoeceu, pediu para retornar a Passo Fundo e foi residir no Hospital São Vicente de Paulo, num aposento especialmente criado para ele. Entretanto, esta passagem por Passo Fundo, foi efêmera. Pouco mais de uma semana, após sua chegada, deu-se sua partida. No dia 3 de setembro de 1992, Dom Cláudio Colling, um homem culto, um homem sábio, um homem de ação, um homem do bem, deixou este mundo. Seu lema: *Illum Oportet Crescere* ou É preciso que Ele cresça.

(Daniel Viuniski é advogado criminalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Casa de retiro

Milonga do solitário

Asas de plumas em riste
com sutilezas de lanças,
desenham vultos de adeus
se apagando na distância...
Na cova de um tempo morto
vou sugerir teus segredos,
já que meu sonho fugaz
deslizou por entre os dedos...

... desse medonho arrebol,
sem réstia de despedida,
restou meu mundo sem sol
campeando lumes pra vida...

Siga teu rumo chinoca...
Um caminho frio e vago
escancarou as porteiças
embora incerto e amargo...
- a quimera do teu mundo
ilude horizontes largos -
Então sigas...
rasteando o sonho fácil
ingênuo e se futuro
onde te esperam fracassos
em braços fracos e impuros...

Falaste em, viver a vida,
Juro que nunca entendi!
Pois jamais viverás tão bem
como viveu por aqui...
Na verdade aqui não tinhas
requintes do mundo louco,
mas tinhas os meus carinhos
minha alma e minha vida,
que por certo achaste pouco!

Eu fico aqui pelo rancho...
A bóia é a mesma, mas boena...
O catre é duro, mas puro...
Minha voz é rude, mas doce...
O Pago é ermo e silente
mas povoado de paz...
As luzes que tu procuras
por aqui são pirilampos,
além de estrelas e luas
clareando o ermo dos campos!

Resta a alma e a matéria
em rude consolação,
pois na ironia dos tombos
se aprende a beijar o chão...

- Foste pra mim simplesmente
a tentação deslumbrante
que busquei sem "cara -voltas"
por um caminho errante...
Dispersei outros anseios
realizado por te-la,
resumi meu universo
num microcosmo encantado
tendo você por estrela..

- Foste... o revoar de uma fada
que num conto romanesco
chegou pra pedir pousada...
Meu rancho virou castelo
os meus ressábios magia,
e o meu peito em ressonância
despertou em tropelia...!

- Foste... a Eva em meu paraíso,
serpente libidinosa
maculando o meu juízo...
a chama do teu pecado
ardeu doce em meu sonho,
mescla de céu e inferno,
misto de anjo e demônio...

Sim, ficarei aqui pelo rancho...
ruminando a solidão
estampada em meu olhar,
como buscando a miragem
que reflete a tua imagem
voltando à me visitar....

Porém chinoca...
Se um dia quiser voltar
venha ciente das mudanças
que poderás encontrar,
não acharás em tua espera
este rancho adornado
com florais de primavera,
baterás na porta fria
da minha alma tapera...

Como disse, estarei aqui...
O mesmo olhar vacilante
relembrando quem foi linda...
Mas, recusarei teus abraços
dizendo, não és bem vinda...

Terás que seguir pra sempre
teu rumo incerto e insano
margeado por ilusão...

Minha alma dirá que fique,
minha boca dirá, que não...!

- Foste... o cio da princesa moura
que enfeitiçou meu instinto
num rumo cego e atoa...
Este velho peão andejo
tendo alma pura e branca
se perdeu na salamanca
só pela cisma de um beijo..

(Luis Lopes de Souza é poeta, advogado
e membro da Academia Passo-Fundense
de Letras.)

A última lição de Unamuno



PAULO MONTEIRO

Miguel de Unamuno, um dos mais importantes filósofos espanhóis de todos os tempos, ministrou uma das grandes lições de civilidade que conheço. O fato foi registrado pelo historiador Hugh Thomas em livro que se tornou clássico (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.. A Guerra Civil Espanhola, segundo volume, 1964, páginas 48 a 50).

No dia 12 de outubro de 1936, realizou-se o Festival da Raça, na Universidade de Salamanca, da qual Unamuno era reitor. Diante das tradicionais “autoridades civis, militares e religiosas”, o general Millán Astray pronunciou um “discurso” contra catalães e bascos. Seguiu-se uma série de palavras de ordem fascistas, pois Millán Astray de identificava como fascista, em resposta aos diversos “¡Viva la Muerte!”, gritados pelo caudilho.

O autor de *Sentido trágico da vida* levantou-se lentamente e proferiu uma das mais belas lições de amor à civilização de todos os tempos. Ei-la, na descrição do historiador inglês e na tradução de James Amado e Hélio Pólvora: “Todos vós estais pendentes das minhas palavras. Todos me conheceis e sabeis que sou incapaz de me calar. Há momentos em que calar é mentir. Porque o silêncio pode ser tomado como aquiescência. Desejo comentar o discurso – se é possível em-

pregar esse termo – do General Millán Astray, que se encontra aqui presente entre nós. Passemos de lado a afronta pessoal contida na súbita explosão de vitupérios contra os bascos e catalães. Eu nasci em Bilbao. O bispo” – e aqui Unamuno indicou o trêmulo prelado sentado ao seu lado – “quer ele queira, quer não, é um catalão de Barcelona.” Fez uma pausa. Havia um silêncio cheio de medo. Na Espanha Nacionalista jamais se fizera um discurso como esse. Que diria a seguir o Reitor? “Acabei de ouvir”, continuou Unamuno, “um brado necrófilo e insensato: Viva a morte! E eu, que passei minha vida dando forma a paradoxos que despertam a irada incompreensão de outros, devo declarar-vos, como autoridade no assunto, que esse estranho paradoxo me é repulsivo. O General Millán Astray é um aleijado. Não emprestemos a essa afirmação nenhuma intenção depreciativa. Ele é um inválido de guerra. Também o era Cervantes. Infelizmente, há um número grande demais de aleijados na Espanha neste momento. E em breve haverá um número muito maior, se Deus não vier em nosso auxílio. Causa-me dó pensar que o General Millán Astray esteja formando a psicologia da massa. Um aleijado destituído da grandeza espiritual de Cervantes tende a procurar alívio causando mutilações em torno de si.” Neste ponto, Millán Astray não pode conter-se mais. “¡Abajo la inteligéncia!” gritou ele. “¡Viva la Muerte!” Houve um

clamor de aplauso por parte dos falangistas. Mas Unamuno continuou: “Este é o templo da inteligéncia. E eu sou o seu sacerdote mais alto. Sois vós que profanais este sagrado recinto. Ganhareis, porque possuíis mais do que a força bruta necessária. Mas não convenceis. Porque para convencer é necessário persuadir. E para persuadir é necessário possuir o que vos falta: Razão e Direito em vossa luta. Considero inútil exortar-vos a pensar na Espanha. Tenho dito”.

“Preso em sua casa”, o coração do velho mestre não resistiu. Parou de funcionar no último dia de 1936.

Sempre que releio a aula magistral do mestre catalão e examino a vida dos caudilhos fascistas chego à conclusão de que todo o fascista é “um aleijado destituído da grandeza espiritual de Cervantes”. Mais do que uma doutrina, para mim, fascismo é uma prática política. Millán Astray era um polimutilado. Hitler era roncolho. Júlio de Castilhos era gago. Além dos fisicamente mutilados (repito: “destituídos da grandeza espiritual de Cervantes”) há os mutilados morais. Via de regra, mentirosos. E estes são os piores. Deixo de falar sobre recente pesquisa científica em que se comprovou o baixo QI da maioria desse tipo de gente.

Nota: publicado originalmente no *Jornal Rotta*, edição de 1º a 20 de março de 2012.

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Frida, a feia, e Fredo, o bonito

IVALDINO TASCA

Frida era uma mulher bonita. Sua beleza fluía por ruas, praças e salões com elegância e sem ostentação. Ela possuía essa beleza dos simples, essa que caracteriza os lírios do campo.

Era também cheia de virtudes. Cen-trada. Absolutamente previsível. Impen-sável esperar dela um ato tresloucado.

Nela, a beleza tinha a estonteante conotação de obra de arte.

Nas moças da cidade, porém, deixava poças de raiva pois, mesmo sem querer, tornara-se demolidora de corações. O ódio delas fazia de Frida uma messalina.

Há quem diga existir no ser humano certa propensão para o belo, por isso jovens incautos caíam mais facilmente em seus encantos.

Frida, porém, considerava-se feia. Daí, talvez, todo seu recato e previsibilidade.

Sabe-se lá por quais desígnios do imponderável tinha convicção de que era mulher feia. Quando encasquetamos com algo é raro mudar.

Como pode algo assim? – questionavam moças que lutavam diuturnamente para encontrar e depois realçar em si mesmas aspectos do belo que Frida possuía à saciedade.

Ninguém conseguia demovê-la desse seu modo de se avaliar. Não havia isso de falsa modéstia, essa mulher não via nela a beleza que os outros admiravam.

Frida tem autoestima baixa, sustentavam suas amigas.

Eis algo complexo de entender e solucionar: autoestima baixa.

A essas alturas deixava até de ser saudável sugerir que mudasse o seu jeito de se encarar. Não mais a lembravam de recorrer ao espelho, com receio de que invertesse a lógica da rainha malvada: espelho, espelho meu existe mulher mais feia do que eu?

O melhor era esquecer tal assunto.

Em suas idas e vindas, certo dia Frida

deu de cara com Fredo.

Rolou certa química entre ambos. As más línguas diriam, mais tarde, que a bela e a fera, pelo que transparecia, acabariam casando.

Eles tornaram-se prisioneiros das indomáveis substâncias químicas denominadas feromônios. Disseminadas em seres da mesma espécie elas promovem reações incríveis e imprevisíveis sem que algo tenha forças para impedir; até a estética fica frágil...

Fredo era um homem feio. Era tido como muito feio.

Embora todo desengonçado achava-se bonito; achava-se tão bonito que não fazia questão de se vestir com esmero para não parecer boçal.

No dia em que se encontraram Frida achou Fredo feio, mas nada verbalizou. Às amigas sustentou se tratar de um homem sensível, inteligente, educado, atencioso.

Imaginações mais elaboradas – ou pérfidas? – o saudavam como sendo o Dr. Gachet do famoso quadro de Vincent Van Gogh. Na realidade, quando pequeno, sofrera como um cão sarnento por ser vítima de impiedoso “bullying” na escola.

Quem vê cara não vê coração, defendeu a irmã mais nova de Frida.

O fato da bonita Frida não ter revelado que o feio Fredo era homem rico e poderoso foi motivando maledicências em cima de maledicências.

O que mais traumatizou Fredo quando pequeno, foi o que escreveram em seu caderno: cocô de dragão. Cara de burro quando fuge era outro apelido que o azucrinava.

Para Frida suas qualidades superavam qualquer nuance estética.

Fredo, vai entender a mente humana, achou Frida feia e só verbalizou isso para a mãe. E gostou do que ouviu: ja-



mais diga isso para alguém, você passará por despeitado.

Fredo foi encontrando motivações para se encantar com Frida e fez questão de espalhar aos quatro ventos tratar-se de mulher com qualidades ainda maiores do que aquelas que ela nele encontrara.

- Quem vê cara não vê coração, disse ele, repetindo o que a irmã de Frida dissera. A frase cativou Frida definitivamente.

E o tempo foi passando...

Frida, a bonita que é feia e Fredo,



o feio que não é bonito marcam casamento.

No Bar Quinho, pertinho da Igreja, pequena multidão se aglomerou, no dia do casório. A pequena cidade amanheceu alvorotada pelo casamento entre a bela e a fera ganiu Alfredo depois da sexta caipirinha.

Será que o amor realmente é cego? Ou surdo ao tilintar das moedas? As dúvidas martelavam a mente de um Alfredo despeitado, perdidamente apaixonado por Frida, que mesmo sem ser convidado decidiu sentar-se no último banco da igreja e rezar para que sua amada desistisse, ali no altar, de cometer a loucura de casar por dinheiro.

E foi o que aconteceu.

Ao caminhar com o pai na direção do altar Frida enxerga Alfredo chorando. Vacila, mas segue. Quando o padre pronuncia as primeiras palavras da celebração ela, tresloucada, deixa o noivo no altar e foge espevitada.

As moças que espiavam de soslaio regurgitaram, sorrindo suas poças de inveja.

Fredo, bem depois, casou com a irmã de Frida, que era bonita e tinha certeza de que era muito bonita.

Hoje todos vivem felizes na cidade...

(Ivaldino Antonio Tasca é jornalista, editor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Como quando vai ao médico

IIVALDINO TASCA

Virou rebordosa. Foi tudo muito veloz, tipo relâmpago anunciando tempestade!

Carmela e Carmelo vão se divorciar?

Por quê? Como?

Não pode ser verdade.

Impossível!

É o fim do mundo.

Assim, de total espanto, foram as reações de amigos e parentes.

Tido como casal vinte há trinta anos, membros da Pastoral da Família, admirados, imitados, era difícil crer nisso.

Carmela, às amigas, não soube explicar o que ocorreu com o marido. Ele se fechou em copas, diz. Basta tocar no assunto que ela desanda em choro.

Carmelo não se abre com amigos. Basta tocar no assunto que seu humor azeda.

Os dois acabarão um casamento de gerou quatro filhos, seis netos, uma vida de harmonia de espargir

inveja ao redor, assim, sem mais nem menos?

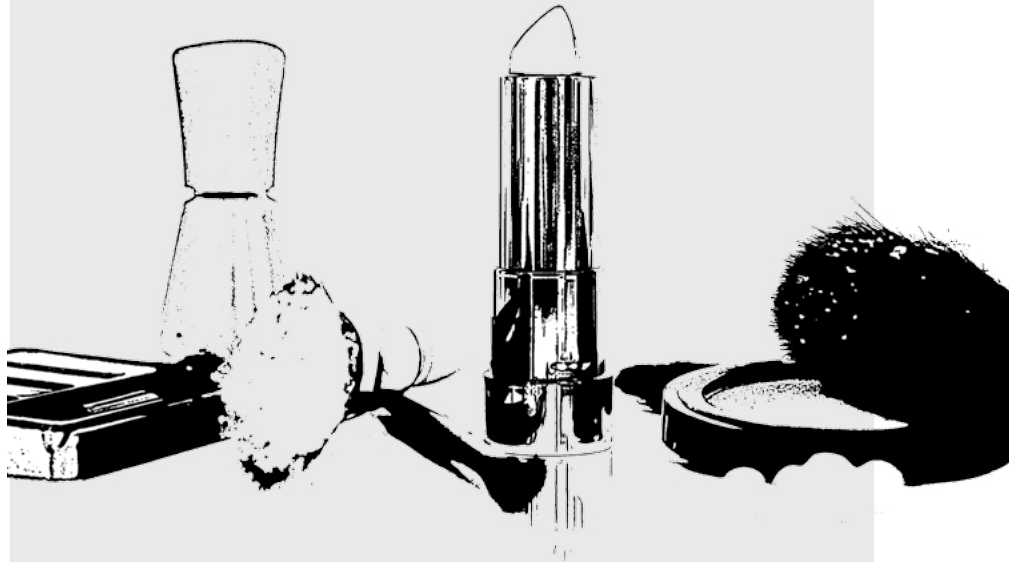
Isso tem feitiçaria no meio, ouviu Hirana que, por conta própria foi à consultante buscar algo que impedisse o divórcio da melhor amiga. Mas que tipo de feitiço teria sido aprontado? E por quem foi encomendado? E por qual motivação fora feito?

As coisas iam nesse rumo entre o casal e os amigos: comentários, tristeza, preocupações, busca de motivos, até que Jaime, após amanhecer de porre com Carmelo num final de pescaria desvenda tudo.

- Você não passa de grande babaca, Carmelo – disse Jaime abraçando o amigo, quase mijando nas calças logo de manhã cedo.

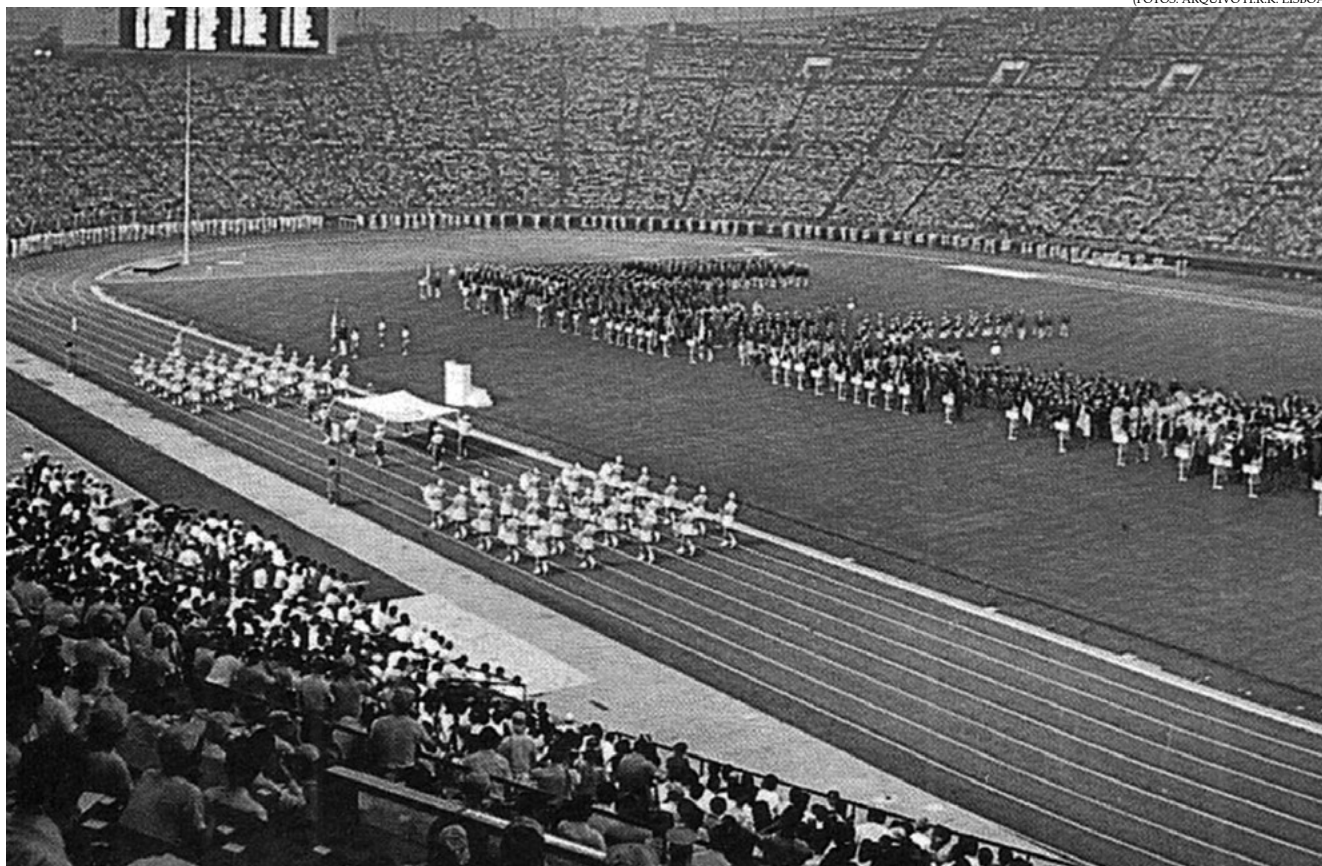
- Você tem razão, foi grande babaque, concorda Carmelo ao revelar que a crise fora total idiotice porque Carmela fora reticente ao responder uma pergunta que agora considera tola: “por que você nunca se arrumou para mim como se arruma quando vai consultar com seu ginecologista?”

(Ivaldino Antonio Tasca é jornalista, editor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Do Boqueirão para Tóquio: minha participação na Universíade do Japão

(FOTOS: ARQUIVO H.R.K. LISBÔA)



Hugo Lisboa na raia 5.

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Depois de iniciado no atletismo como corredor de velocidade pelos professores Airbal e Adirbal Corralo aqui de Passo Fundo continuei minha trajetória no Grêmio Futebol Porto-alegrense onde fui treinado também pelo húngaro, professor Alexandre Davids.

Corria o ano de 1967 e eu havia iniciado o curso de Medicina em Pelotas quando participei do Campeonato Brasileiro Universitário de Atletismo em Piracicaba tirando o segundo lugar nos 400 metros rasos. O resultado era bom e conseguimos o índice para participar dos Jogos Mundiais Universitários em Tóquio no Japão depois de um mês de treino no Esporte Clube Pinheiros em São Paulo.

Ir ao Japão naquela época era quase

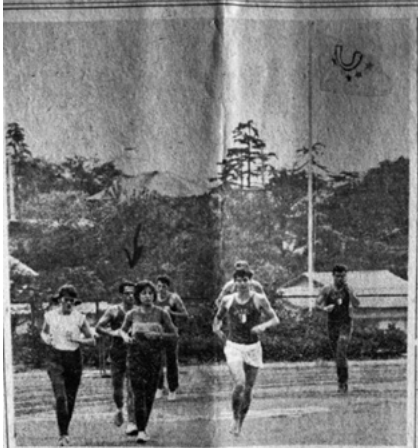


como ir para o espaço sideral, tipo esse que fez o Richard Branson da Virgin. A rota de ida, saiu de São Paulo, e incluiu escalas no Rio de Janeiro, Lima no Peru, Bogotá, Panamá, Cidade do México, Los Angeles, Honolulu no Havaí e

Tóquio. No último trecho sobrevoamos as Ilhas de Midway onde foi decidida a guerra do Pacífico na Segunda Guerra Mundial. A volta, saindo de Tóquio, incluiu Anchorage no Alaska, voo sobre do Polo Norte, Copenhague na Dinamarca, Frankfurt na Alemanha, Dakar no Senegal e finalmente Brasil. Quatro continentes.

Acostumado a treinar em estradas de chão batido, a chegada à Tóquio foi um choque. A Vila Olímpica, no bairro de Shibuya era tudo de bom. As pistas para treino de pavimento sintético. Tecnologia de ponta em todo o lado. Os alojamentos claros e funcionais e uma lâmpada pendente, pelo seu balançar eventual, permitia perceber os mini terremotos que ocorriam quase que todos os dias na capital japonesa.

O povo era extremamente simpático e paparicavam os atletas. Fiquei vaidoso ao ser sempre assediado por eles para



Athletes Training Hard

In preparation for the competitions in the 1967 World University Games (Universiade) that begin on Sunday, student athletes from 34 countries are training hard. Shown are runners from various nations working out on the Oda Field track in the events that start on Wednesday.

dar autógrafos. Imagine.

Cada dia tinha uma surpresa da cultura nipônica. Descobri, com estranheza, que o prato nacional era peixe cru, coisa que nunca tinha me passado pela cabeça.

No dia da competição no Estádio Nacional um portentoso um placar anunciava meu nome, país e a pista onde iria correr. Essas informações eram testemunhadas por milhares de pessoas nas arquibancadas.

No calor abafado de Tóquio corri os 400 m em 48,9 segundos o que me rendeu o quinto lugar numa eliminatória. Poderia ter feito melhor, mas para um atleta saído do Boqueirão em Passo Fundo, me dei por satisfeito.

Agradeço ao estímulo que sempre tive de amigos, como o Professor Ubirajara Oro, o falecido repórter Meireles Duarte para citar dois. Sou muito grato a cidade de Passo Fundo que sempre me apoiou e me homenageou através da Câmara de Vereadores.

Na volta, em Frankfurt, encontramos no aeroporto, a atriz Elke Sommer que era de uma beleza estonteante no frescor da sua juventude. Consegui um autógrafo grafado na aba de um chapéu e que guardei ao lado da medalha de participação na Universiade de Tóquio.

Fiquei famoso por um tempo, mas minha notoriedade esvaneceu assim como ocorreu com a assinatura da Sommer, porém, confesso, que valeu muito a pena.

(Hugo R. K. Lisboa é MD, PhD, endocrinologista, professor de Medicina da IMED e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Oitenta anos de glória

Mergulhado no passado,
Garantidor do presente,
Homenageando vultos ausentes.
Alicerces imortais,
Intelectos morais.
Orgulho de nossa gente!

Oito décadas de sementeira,
Engenheiros de esperanças,
Fazendo dessas andanças,
No palácio da Avenida Brasil,
Em letras compondo o jardim,
Na cultura de nossas crenças!

Nos primórdios Pinheiro Machado,
Um grupo de intelectual,
Escreveu no mural,
Grafando a liberdade.
Emoldurando nossa cidade,
No mais lindo memorial!

Aqui se faz poesia,
O melhor da literatura,
Nascente de uma cultura,
Com o Paulo Monteiro na história,
Osvandré - cientista da memória,
Continuadores dessa sementeira!

Assim na prosa e no verso,
Fusão do espírito e a mente,
Germinou essa semente,
Arrebatando gerações,
Alegrando os corações,
Na emoção que a gente sente.

Oitenta anos de vida,
Comemora o Sodalício,
E que não seja só por isso,
Mas a própria irmandade,
Forjada na amizade,
Foi quem construiu esse edifício.

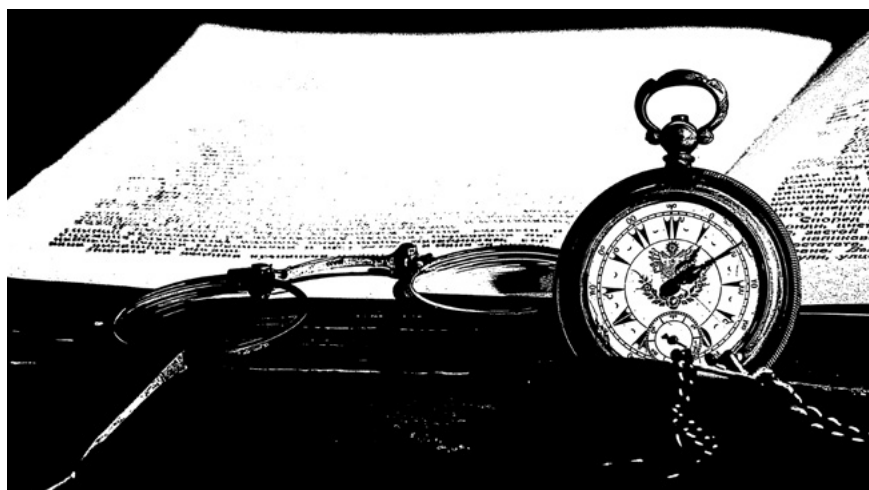
Cada tijolo sentado por um integrante,
Hoje presidida por Odilon Garcez,
E que comanda por sua vez,
Substituindo a Dilse, nossa mestra,
Com o seu talento empresta,
Uma aura de amor e altivez.

De passado e presente,
Confraria octogenária,
Chegará à centenária,
Orgulho de todos os tempos,
Faço de você o meu templo,
Desta gloria um relicário.

Verso de paz e de luz,
Nesta noite irmanados,
Um grupo qualificado,
Na verve do meu canto,
Ofereço sem espanto,
O Boqueirão - iluminado!

Já vou me despedindo,
Na melodia sonora,
Agora vou-me embora,
Meu respeito a toda a gente,
Ofereço este repente,
A confraria - nossa história!

(Jabs Paim Bandeira é advogado criminalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Crônicas do Velho Fórum

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Quando comecei a advogar o Fórum funcionava num velho sobrado da Avenida General Neto, praticamente no mesmo lugar onde está hoje, que pertencera ao extinto Banco Pelotense. Já o conhecia muito bem, pois desde a infância fazia recados para meu pai, dono de cartório, levando e trazendo livros e papéis para despacho e assinatura dos juizes.

Posso dizer que ao longo de toda a vida fui um gens de justice, gente ou homem de justiça, invariavelmente ligado ao Fórum: comecei mesmo como “rato de cartório”, depois passando a escrevente, solicitador, advogado, advogado de ofício, procurador do Estado, e por fim oficial de registro. O ambiente forense é por excelência o meu ambiente. As atividades e funções que exerci sempre tiveram a ver com fóruns, cartórios e tribunais. Assim aconteceu em Passo Fundo, Porto Alegre, noutras comarcas, dentro e fora do Estado, e até nos tribunais de Brasília, também recintos forenses.

Por isso, minhas recordações são

repletas de experiências forenses: além das minhas atuações, fatos que assisti e de que participei nos recintos dos fóruns e tribunais que frequentei. As primeiras e mais marcantes foram as que vi, vivi ou ouvi no velho fórum de Passo Fundo. Especialmente nos primeiros anos de profissão, entre 1963 e 1980.

Embora o ambiente forense e dos cartórios locais se pudesse dizer tranquilo e seguro, não pode ser esquecido que um cartório de Passo Fundo e o próprio Fórum foram entre as décadas de 1950-1960, cenários de conflitos sangrentos, envolvendo um oficial de registro, advogados, partes e até um juiz de direito, de que resultaram vítimas fatais. Mas não é sobre isso que vou escrever, até porque não cheguei a presenciá-los.

Irei me limitar, sem me exceder em detalhes, a contar alguns episódios que assisti, de que participei ou de que soube por ouvir dizer.

O primeiro foi quando estava a defender um comerciante que havia sido induzido a apropriar-se de uma carga de madeira que estava a retirar do depósito de uma importante indústria local. O dono da madeireira, cheio de prosápia, desconfiado dos furtos que estavam

acontecendo em seu depósito e de que o responsável seria um concorrente menor, casualmente o meu cliente e vizinho de bairro, fez preparar um flagrante para surpreendê-lo no ato de furtar. Para tanto deu ordens a seu capataz para atrair o concorrente ao depósito, facilitando-lhe a subtração da mercadoria. O meu cliente, induzido ao “crime”, — que efetivamente não seria crime — foi preso em flagrante numa madrugada no ato de carregar a mercadoria para um caminhão de sua propriedade. Tudo tinha a aparência de um furto mas tecnicamente não se tratava disso.

A prisão foi referendada pelo juiz, um excelente juiz, justo e de muito bom coração, e o habeas corpus que impetrei no tribunal para soltar o cliente não teve êxito. Quando a mim, precisava dar um jeito de soltar o réu. Era cardíaco, obeso e não havia semana em que não me desse um susto, principalmente à noite ou em fins de semana, fazendo-me deslocar para o presídio quando tinha suas crises. Eu era solicitado — e não podia me esquivar, pois o advogado criminal se torna uma espécie de babá dos seus clientes presos — a acompanhar médicos e enfermeiros, transportá-lo para



hospitais e ambulatórios, e a ouvir suas queixas. O advogado criminal passa por esses perrengues.

Só havia uma solução: uma audiência pessoal da esposa do acusado com o juiz. Consegui que o magistrado a recebesse sem a minha presença. A ela só recomendei que contasse o que estava acontecendo com sua família, o desespero e as privações que seus filhos estavam padecendo devido à ausência do pai. Foi o jeito encontrado para sensibilizar o juiz, que não hesitou em relaxar o flagrante, deixando meu cliente responder o processo em liberdade.

Alguns meses depois ele seria absolvido, já pelo Dr. João Loureiro Ferreira, que substituíra o primeiro juiz. A própria “vítima”, ou seja, o dono da empresa, respondendo a perguntas que formulei na audiência, envaidecido por aquilo que considerava uma grande esperteza de sua parte, (era muito considerado, rico e até bacharel em direito) admitiu que preparara o flagrante, praticamente “convidando” o acusado para praticar o “furto” a que fora induzido. A solução não podia ser outra senão a absolvição.



Alguns anos antes, — esta é outra história — quando eu era apenas solicitador, o diretor do Fórum, magistrado rigoroso e exigente, que primava por sua postura e integridade exemplar, havia expedido uma portaria determinando que os advogados, para ingressar no prédio, teriam que deixar suas armas na recepção, entregando-as a um oficial de justiça, que as devolveria na saída. Parece que alguém teria maldosamente insinuado ao magistrado que um determinado advogado pretendia assassiná-lo. Nada foi confirmado a respeito.

Naquela época era habitual o porte de armas de fogo. Os advogados não eram exceção. Praticamente todos usavam revólveres e pistolas na cintura. O revólver ou a faca, ou mesmo os dois, faziam parte da indumentária e do modo de ser da nossa gente. Eu mesmo, ao receber a carteira definitiva de advogado, a primeira coisa que fiz foi adquirir um Taurus-32 na Comercial Grazziotin.

Por isso o desarmamento determinado alarmou e revoltou os advogados da cidade. Havia alguns que eram oficiais da reserva das forças armadas e muito ciosos de suas prerrogativas quanto ao porte de armas. A reação foi uma greve dos advogados, que obrigou o próprio

corregedor-geral da Justiça a vir a Passo Fundo para compor a situação. Depois de tempestuosas reuniões, diante das circunstâncias, a questão foi habilmente arbitrada pelo corregedor: o diretor do Fórum concordou em revogar a ‘portaria do desarmamento’, como ficou conhecida. Não houve, assim, nem vencidos nem vencedores. E a paz, uma paz armada, é bem verdade, voltou a reinar em Berlim, ou melhor, no fórum de Passo Fundo.



Sucedeu que, fins de 1970, na véspera do Natal ou Ano Novo, um advogado muito estimado, gente boa, que também era considerado o melhor atirador da cidade, cismou de fazer cumprir um mandado de despejo ou reintegração de posse de uma chácara nos arredores da cidade onde vivia uma senhora já idosa, pertencente a tradicional família local.

Chegando no pátio do Fórum, em frente ao cartório do escrivão Peri, encontrei o dito advogado a insistir com o oficial de justiça Hermes Cruz para, naquela mesma manhã, ir cumprir o mandado, que implicaria em retirar a idosa de sua residência, ainda que com uso de força. Achei aquilo um despropósito e resolvi interferir, concitando o colega — com quem mantinha excelentes relações — a desistir do seu intento, totalmente impróprio e inadequado, principalmente por ser época festiva e véspera de importante feriado.

Sempre ouvira dos mais antigos — o que adotei como regra de conduta profissional, — o conselho de que o advogado, para não se expor a reações violentas e até perigosas, deve se abster de participar ou intervir pessoalmente nas diligências dos oficiais de justiça. Isso foi ponderado ao colega, que estava pressionado por seu cliente, que rondava nas imediações. O infortunado bacharel, contudo, não quis escutar os meus rogos. Praticamente obrigou o oficial de justiça a encaminhar-se para o na sua companhia para o local da diligência: uma chácara na Vila Donária, arredores da cidade. Não preciso dizer que não voltou da temerária empreitada. Ou melhor, voltou sim, mas morto, atingido por vários balázios. Ao chegar no local foi recebido por um filho da idosa que iria ser desalojada, com quem discutiu e enfrentou num duelo de vida e morte. Os dois contendores mais o cliente do advogado resultaram gravemente feridos.

O advogado não resistiu e faleceu no local ou a caminho do hospital.

O autor do fato, processado por homicídio depois seria absolvido pelo tribunal do júri. O caso teve grande repercussão, pois era inusitado e envolvia pessoas conhecidas e estimadas na cidade. Estive presente para assistir à sessão do júri que teve lugar na Câmara velha, ao lado da antiga prefeitura. Lá, como era meu hábito, cumprimentei a todos: o juiz, os advogados de defesa, o promotor e o assistente da acusação, meu colega de banca.

Disso resultou um mal-entendido que demorou décadas para se desfazer, além do eterno rancor do acusado para comigo. Porque antes do júri eu havia cumprimentado o promotor e o assistente da acusação, pôs na cabeça que eu estava trabalhando contra ele. Não era nada disso. Por consideração à família do réu, com quem meu pai e meu avô materno sempre haviam mantido relações próximas, inclusive de vizinhança, na verdade havia me recusado a representar a família da vítima para acusa-lo no júri.

Passaram-se anos até poder desfazer o mal-entendido. Certa feita fui interpellado por ele no recinto do cartório onde atuo quando, de modo um tanto desabrido, em frente ao público, disse que eu era seu inimigo. Dei-lhe resposta no mesmo tom, afirmando categoricamente que era o contrário: que me recusara a acusa-lo no júri por me considerar amigo de sua família, a quem familiares meus deviam favores significativos. No mesmo momento se acabou a inimizade, que era unilateral, só dele com relação a mim. Já idoso, morreu no fatídico ano de 2020, agora em paz comigo e consigo mesmo.



Outro episódio para recordar aconteceu num encontro de advogados para comemorar o 11 de agosto, Dia do Advogado. Nessa data, naquela época, anos 1970, a Ordem dos Advogados costumava organizar grandes festejos, que culminavam com um jantar, geralmente no Turis Hotel, o principal da cidade.

Eram tempos de tensões e divergências apaixonadas em Passo Fundo. Ainda perdurava a controvérsia a respeito do controle da antiga SPU e das faculdades por ela mantidas, alvo de intervenção federal em 1964. Essas divergências se refletiam em muitos setores e aspectos

da vida comunitária, inclusive na imprensa, nos partidos políticos e na classe dos advogados. Não era fácil viver em Passo Fundo naquele tempo. Passaram-se anos, uma geração no mínimo, até que a comunidade se pacificasse.

Para organizar o banquete daquele ano foi combinado entre os dirigentes da OAB que ele seria restrito exclusivamente aos advogados. Para evitar constrangimentos ninguém mais seria convidado. Nenhuma autoridade e ninguém fora da classe dos advogados. Nem mesmo os juízes, promotores e delegados de polícia.

Porém o presidente da subseção, em momento infeliz, resolveu descumprir o combinado: por sua conta e risco fez dois convites, a um político local e a um importante jornalista que o apoiava. Quando os advogados começaram a chegar, dando-se conta da presença dos elementos estranhos houve surpresa e revolta por parte da maioria.

Antes de os comensais ocuparem as suas mesas, já presentes aqueles que

não deviam ter sido convidados, os mais exaltados foram reclamar com o presidente. Este reagiu também com palavras ofensivas, havendo troca de insultos e ameaças de agressão de parte a parte. O ambiente ficou pesado, sem clima para continuar a comemoração.

Foi aí que praticamente todos (ou uma maioria) os presentes se retiraram do local, abandonando o banquete, que nem tinha começado. O presidente ficou sozinho com seus convidados, que não tinham culpa pelo acontecido. Talvez alguns tenham permanecido. Os que não ficaram formaram um grande grupo e foram jantar na churrascaria mais próxima, onde passariam a noite em falatórios e comentários sobre o desagradável acontecimento.

Era assim que as coisas se passavam em Passo Fundo naqueles já remotos anos 1970, cinquenta anos atrás: Ânimos exaltados, radicalismo, incompreensões de parte a parte. Certos, errados, despropositados, injustos? Não sei. Só que agora não é muito diferente.



Essas são algumas histórias que dá para contar. Tenho guardadas muitas outras. De muitos personagens: advogados, magistrados, partes, promotores, escrivães, meirinhos, gente do Fórum em geral. Engraçadas e hilárias umas, outras tristes, muitas lamentáveis. A bem da ética de advogado, que ainda procuro observar, prefiro manter sigilo sobre a maioria delas. A vida forense é o cenário perfeito para toda espécie de dramas — e de comédias também. Existem coisas entre o céu e a terra que é melhor não revolver demais. Os personagens, quase todos, já partiram desta para a melhor. Que possam eles e suas histórias descansar para sempre na paz dos cemitérios.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é jurista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Cianureto ou uísque? O que matou Leopoldo Lugones?

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Há alguns anos atrás, compareci a uma reunião de escritores em Maldonado, Uruguai, onde foi dada uma conferência sobre Leopoldo Lugones, escritor e poeta argentino. Eu sabia pouco ou nada sobre sua vida e ouvi atentamente a descrição de sua obra por uma escritora argentina de 84 anos, cujo nome me escapa, que com uma lucidez e concatenação de idéias impressionantes, me introduziu ao personagem.

Lugones nasceu na província de Córdoba e por não gostar do ensino formal matou uma galinha e espalhou o sangue em seu quarto. Com uma pretensa tosse induziu seus pais a retirarem do colégio para tratar sua tuberculose inexistente. Foi criativo desde novo.

Foi poeta, ensaísta, romancista, dramaturgo, historiador, professor, tradutor, biógrafo, filólogo, teólogo, diplomata, político e jornalista argentino.

Jorge Luis Borges tinha uma relação de amor e ódio com Lugones. Considerava ele um mestre, mas escreveu: “Era um homem desagradável, de diálogo impossível”. É dito que, em sua vida, sempre teve sobre si duplas opiniões e isso sintetizou sua existência.

De qualquer forma, teve um reconhecimento unânime e o mesmo Borges o comparou com James Joyce.

Sua personalidade complexa fez que fosse um apoiador da esquerda no começo da vida para depois se tornar um direitista feroz apoiando inclusive o fascismo. Comentei com um Argentino que soube que o Lugones era “meio fascista”. Ele falou; meio se olhares tapando um olho porque com os dois é um fascista inteiro.

Sua obra principal são 13 contos do livro “As Forças Estranhas”. Nas suas páginas se encontram escritos muito considerados da literatura hispânica que mesclam mistério com realismo-mágico. Para muitos, escrever bem é, escrever como Lugones.



A expressão “forças estranhas” sintetiza bem essa ficção recheada de temas pouco comuns. Possivelmente por sua, já referida formação eclética, na qual se acrescenta conhecimentos de física, química, biologia, matemática. Era também fascinado pelo mítico e pelo oculto.

Como resultado disso tudo o realismo fantástico nos contos pouco têm a ver com o cotidiano do escritor. Em O Milagre de São Wilfrid se passa na Jerusalém do século XI. No conto “Os Cavalos de Abdera” ele descreve que os equinos, movidos por paixões adquiridas aos seres humanos, passam a atacar as pessoas. Na “A Estátua de Sal” conta que um monge cristão descobre na Palestina que, a mulher de Lot, transformada em

estátua de sal, continua viva. Quebra a crosta a libera e pergunta o que foi que ela viu quando, desobedecendo às ordens do Senhor, se voltou para observar Sodoma. Em A Força Ômega temos uma ficção científica, envolvendo a “potência mecânica do som”, enquanto em Yzur um macaco é submetido a uma experiência que consiste em ensinar símios a falar. Ensaio de uma Cosmogonia em Dez Lições é exatamente o que o título sugere: um ensaio mal disfarçado em ficção, no qual temas como “A Vida da Matéria” são examinados em estilo pomposo.

Lugones antecipou o descompasso entre a aspiração civilizacional e os fracassos da nação argentina. Quase todas as histórias de As Forças Estranhas terminam mal. Escreveu-se que isso fazia lembrar o poema de Manuel Bandeira em que um doente de tuberculose pergunta ao médico se há alguma esperança. Resposta: a única coisa a fazer é tocar um tango argentino. É o que faz Lugones em sua esplêndida literatura.

Muito deprimido, no início de 1938, no balneário de El Tigre, perto de Buenos Aires, Lugones cometeu suicídio ingerindo cianureto com uísque. Alguns, irreverentes, dizem que foi o mau uísque argentino e não o cianureto que o matou.

(Hugo R. K. Lisbôa é MD, PhD, endocrinologista, professor de Medicina da IMED e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Nos tempos em que eu escrevia

Nos tempos em que eu escrevia...

O meu verso soletrava
no provérbio da palavra
a mera sabedoria...
e um trocadilho escasso
vinha arisco e “despácio”
numa prosaica poesia...

Meu verso vinha discreto
sem repontar dicionários
campeando um itinerário
nos acasos do dialeto.

... prelúdios de orações
projetavam ilusões
na vastidão do cenário,
num sinuoso rosário
de palanques e moirões...

Tinha o toско de um papiro
resumindo o primitivo,
dando razão a um delírio
precipitado e esquivo
que, por engano ou falácia
me arrisquei por audácia
de ter chamado de, livro...

- Nos tempos em que eu escrevia...

Meus versos cruzavam raros
por entre réstias e sombras
de um povoado imaginário...
os lampiões esmaecidos
escondiam os gemidos
entre o mutismo e o medo,
se apagando nos segredos
dos romances proibidos....

- Hoje não escrevo mais!!

Pra não cair nos anais
de um saudosismo terrunho,
a regra formal da arte
classificou por descarte
velharias que rascunho...!
... meu versejar barbaresco
num linguajar sem aprumo
perdeu atalhos e rumos
nas entre linhas do texto...

- Nos tempos em que eu escrevia,

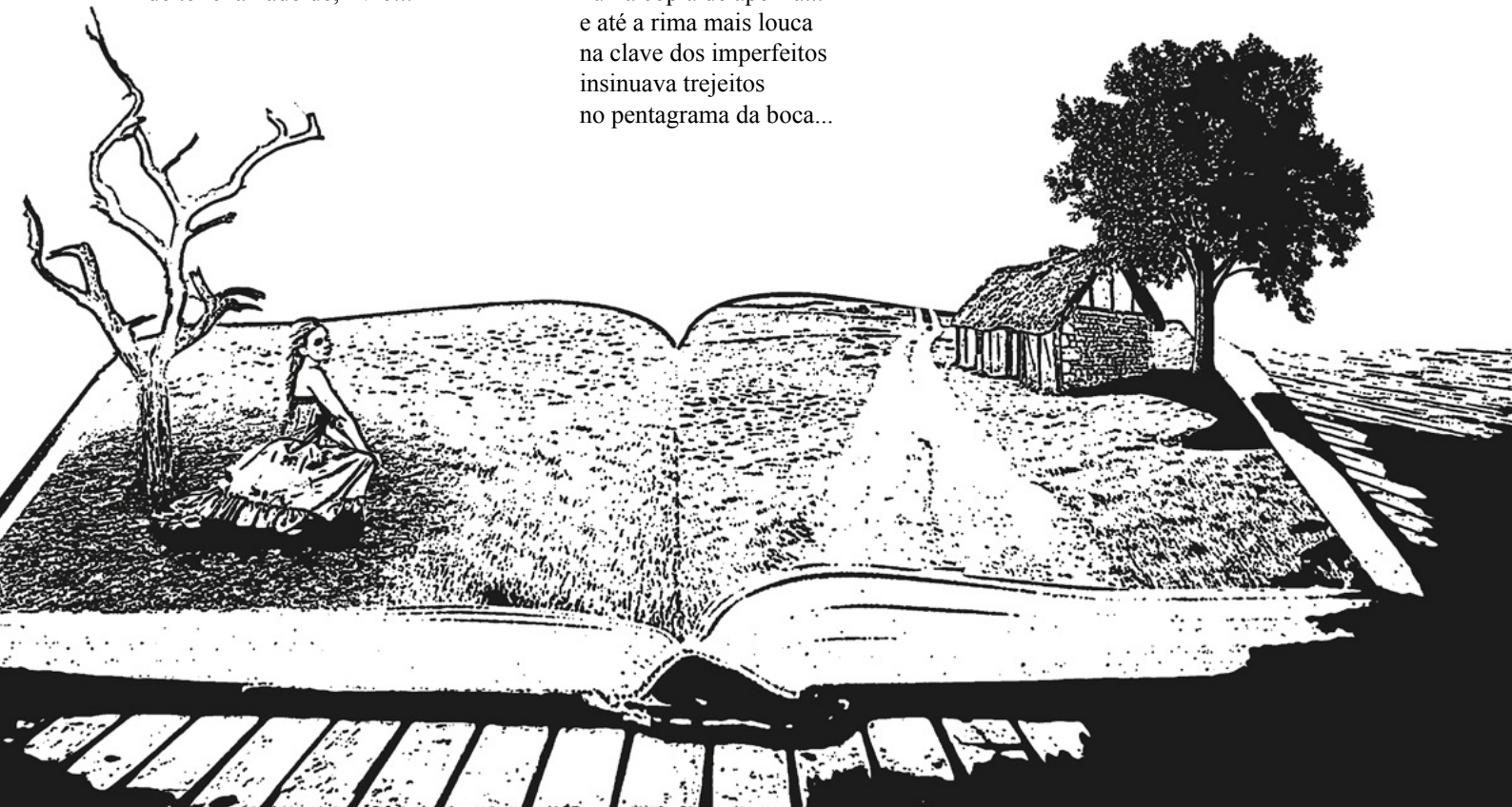
um verso de pé quebrado
despertava mil ressábios
numa copla de aporfia...
e até a rima mais louca
na clave dos imperfeitos
insinuava trejeitos
no pentagrama da boca...

... e a pauta igualava idiomas
mesclando a língua e o tom,
na escala da “botonera”
que ignorava a “frontera”
perseguido um “guitarron”...!
... os retrechos vinham “anchos”
unindo pátrias “hermanas”...
e as redondilhas “ajenas”
rebuscavam cantilenas
em bailantas orelhanas...!

- Hoje não escrevo mais!!

Faltou graxa no tutano...
decadente e meio insano
perdido na ressonância,
fui abreviando a distancia
na intolerância dos anos...

... talvez quando eu já for lenda
algun poliglota entenda
minha linguagem ranzinza,
e sobre na velha escrita
a fagulha que crepita
por entre brasas e cinzas...



... ditames miraculosos
ratificam minuciosos
teoremas do meu chão.
... o romanesco passado
se quedou inusitado
num atavismo pagão...!

- Nos tempos em que eu escrevia...
minhas breves garatujas
redesenhavam as bruxas
na arenga dos macabros,
nos rabiscos caricatos
a perfeição dos retratos
dos meus deuses e meus diabos...!

... nas vozes ultrapassadas
blasfemando idolatrias,
meus versos resignados
perdoavam fantasias.
... nos revezes da querência
o andejo mais velhusco
se defendia de susto
dos demônios da consciência...!

- Hoje não escrevo mais...
Meu adagio propalado
refugou o improviso
das lamurias do passado!
... restou um lume sinistro
desbotado e sem registro
reprisando um pirilampo
que, por “vago” sentinela
acende tocos de vela
num cemitério de campo...

... quis tanto cantar o novo
no esboço de um verso rude...
mas confesso sem retovo
tentei... tentei... e não pude...!

Verdade...
Hoje não escrevo mais...
Parei!!
Por cismas juramentais
me exilei da inspiração,
me submeto ao castigo
pois... quem só canta o tem antigo
se perde na evolução....

Prelúdio a um pecado

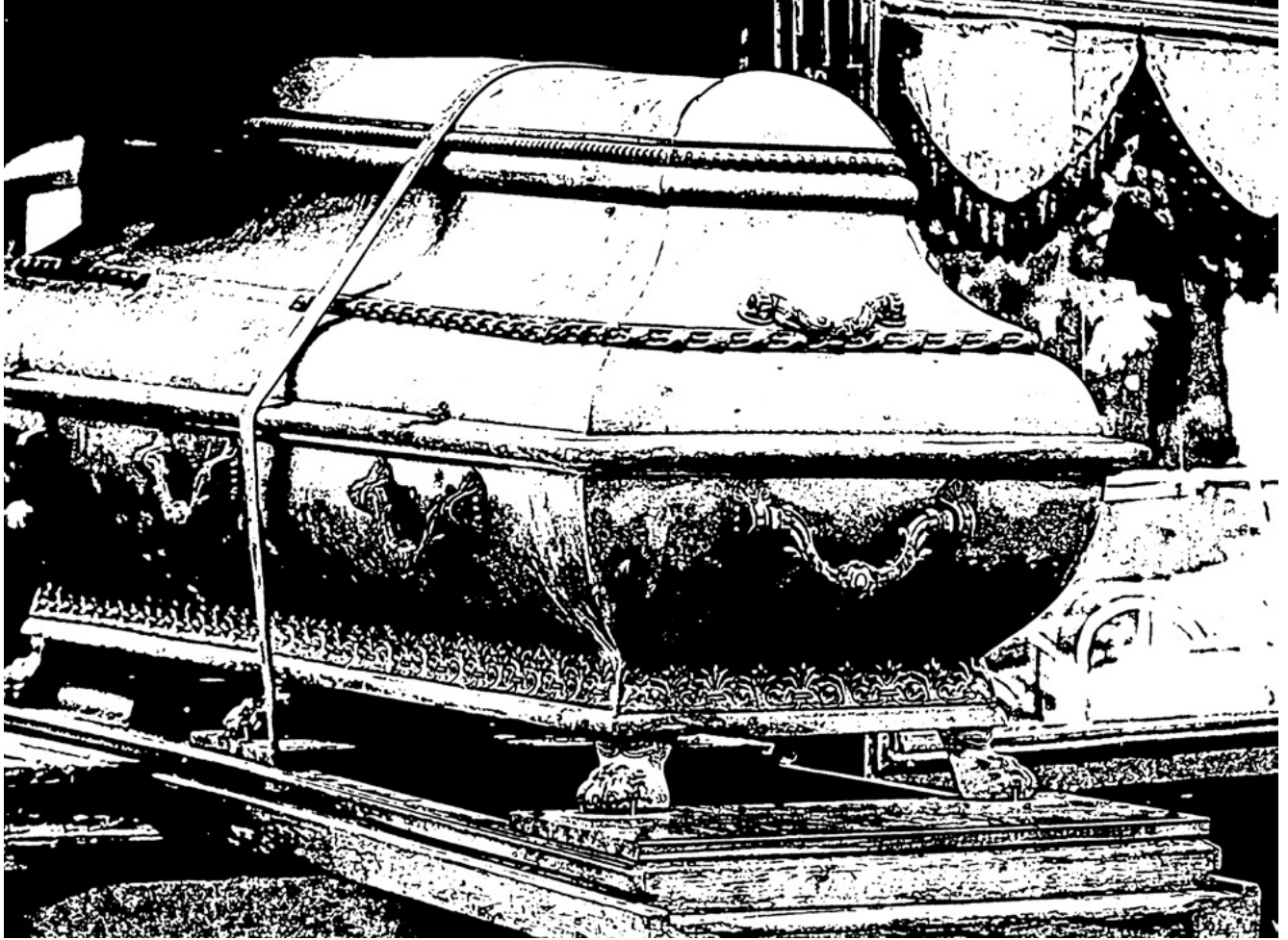
Beberei a lava em chama
nesse vulcão que derrama
tua convulsa ansiedade.
... deusa do fogo escondido
despida da castidade.

A mercê de tua tara
divina, ousada e rara
adoçarei meus anseios,
com o cálido suor
que deslizar em teu seio.

Aguçarei meu olfato
em teu aroma de fêmea,
nua, única e ardente.
A mais sagrada blasfêmia
no cio secreto do amante.

Só me queimando em teu fogo
serás real em meu sonho,
misto de céu e inferno,
mescla de anjo e demônio.

A terei, inevitável!
Com a gula insaciável
da mais repasta ilusão.
Pra nós dois falta um pecado
e pra Deus sobra um perdão!



O convite

WILSON RODYCZ

Quando chegou a Lisboa, conheceu o silvense Emanuel, fanático por Borges. Taças de vinho a mais e ele provava por $a + b$ a veracidade da carta de Gunnar Erfjord, que elucidava completamente o mistério de Tlön – *do Orbis Tertius*. A ver...

Ali estava para acompanhar o Curso do professor Hespânia. Era verão e, certo dia, juntamente com Emanuel e dois ou três companheiros, foram ao centro de tauromaquia de Campo Pequeno. É a arena oficial da cidade.

Quando da primeira entrevista pessoal com o professor, no seu gabinete na Universidade Nova, dias depois, ele lhe mostrou uma preciosidade que havia adquirido num *book shop* de Panaji: um exemplar do Livro V das *Ordenações do Reino*. Edição da Editora Patriarcal, com data de 1717. Não que fosse difícil consultar esse conjunto de leis reinóis nas bibliotecas, até pela *internet*, mas por que sempre é uma experiência meio

mística manusear um livro antigo. Não se poderia pretender que estivesse intacto: livro é criatura frágil, sofre a ação do tempo e de mãos inábeis. Estava em mau estado, mas, ainda assim, valioso. Na página de rosto, ostentava marcas do antigo tribunal da *Relação* de Goa, do tempo que Portugal estendia sua dominação até o Oriente, e continha a assinatura do seu antigo proprietário, um certo Manoel de Bragança, que exibia o título de juiz *letrado* da Junta Criminal da Capitania de São Pedro. Na sua ficha, no Tombo, constava que ele havia sido preso por ter se negado a jurar a Constituição que as Cortes do Porto estavam a elaborar. Pois se até Dom Joãozinho jurou-a, sem hesitar, seja lá o que os revolucionários fossem escrever? Também constava que a *devassa* concluiu que não houve crime de *lesa-majestade*. Ele não ficou muito tempo no limbo, foi parar nas Índias Orientais. Ou talvez apenas o seu livro tenha viajado. Não se sabe.

É certo que eles manuseavam uma obra rara, mas o que mais impressionou o estudante foi um documento que esta-

va esquecido no seu bojo, uma mensagem dos tempos do Primeiro Imperador!

Com efeito, perdido entre as suas páginas amareladas dormitava um “Convite”. Um convite para... um enterro! Tinha bordas de cor preta e letras de imprensa esguias e um tanto desalinhadas. Tinha sido editado às pressas, como sói acontecer numa ocasião dessas. Estava endereçado ao cura da localidade e versava sobre o sepultamento de alguém que morrera em circunstâncias deveras singulares:

“Reverendíssimo Senhor Padre Coadjutor:

“Como Deus foi sempre servido que eu mandasse matar...”

Com os diabos, Deus fora servido que o missivista mandasse matar alguém! Um apertão da vista e uma releitura pra ver se era isso mesmo. Era! Datado do ano de 1828, uma época em que, como se vê, alguém não se pejava de confessar que havia cometido um crime e ainda convidava para o enterro. Os senhores

podiam matar os escravos, *jus vitae et necis*, sabe-se, mas o crime era ainda mais aterrador:

“... que eu mandasse matar meu filho Francisco...”

Então era isso: o invitante mandara matar o próprio filho e julgava-se a mão de Deus para ter feito isso. Quem teria sido esse justiceiro? Constava no subscrito que fora enviado por um tal Pedro Teixeira. Um senhor de engenho em Ponta Canas; natural da terra, descendente de gentes do reino, sexagenário; escravaria de mais de mil peças, prole numerosa, adepto do estilo tradicional, não era de mandar filhos pra Coimbra.

E que teria feito esse filho para merecer esse horrível fim? Francisco era o primogênito, vivia com o *pater familiae*, como todos os demais irmãos e irmãs e também os cunhados. delito que cometera era imperdoável: engraçara-se pela mucama preferida do pai! E afronta à honra paterna não ensejava perdão, nem pena leve. O velho suspeitou da traição;

mandou acoitar; chamou o segundo filho e o intimou que montasse com um troço de negros e trouxesse o traidor. Morto! O desgraçado escondeu-se como pôde, mas foi localizado e manietado. Negou a consumação do ato, culpou a *cabinda* de enfeitiçá-lo com as suas artes, apelou para a piedade paterna, prometeu garrar o mundo... Mas, nada. O velho foi categórico: “Quero-o morto!” E assim se deu. Um tiro de pistola na frente.

“... matar meu filho Francisco, rogou-lhe o favor de chegar até esta sua casa, para assistir o enterro.”

O padre coadjutor, o alcaide, os parentes e vizinhos assistiram à *sentinela*, circunspectos. As rezadeiras cantaram as *incelências*: “...*Os carregador já chegou / Esta alma já vai s'embora, / Sete incelências da Virgem - Senhora dai boa hora...*”. A religião tinha lugar naquela casa.

O ministro Araripe viu o relato do cura. A mãe, a viúva e as três crianças órfãs estavam inconsoláveis pela perda

e pela vergonha. Só Pedro Teixeira não chorava. Silencioso, o rosto vincado de rugas, a expressão de tigre acossado, passeava de uma ponta a outra do avarrandado. Não tivera escolha: fora um insulto aos seus direitos. Meses após, o *ordinário* fez o sumário da culpa, mas tudo eram silêncios. Quem se atreveria a dizer qualquer coisa contra o potentado? O religioso recusou a paga pela encomendação ante a lembrança de que o tigre podia entender que Deus era também servido que o mandasse matar...

– E o tal *Orbis Tertius*, Emanuel?

– A princípio, acreditou-se que Tlön era um mero caos, agora se sabe que é um cosmos...

– Seus os argumentos não admitem réplica...

– Ah! Viram que nas touradas de Campo Pequeno as corridas são sem morte? Desde os tempos de D. Maria II, são assim em Lisboa. Sinal de avanço civilizacional!

(Wilson Rodycz é desembargador aposentado do TJRS, Gramado, RS.)

Sem volta

Hoje eu precisava
passar por um certo caminho
há muito esquecido
onde eu passeava livre
com sapatos coloridos
com cabelos soltos
sem filhos
sem maridos
sem medos
sem angústias
sem amigos
sem planos
sem fantasias
só eu e meus sapatos
e minha alegria
e minha esperança
mas no final do caminho
um desvio
uma ponte
placas de aviso
ilusões
mas no final da ponte
um rio
promessas
onde lavei meus pés

mergulhei o corpo
molhei os cabelos
e voluntariamente
me afoguei um pouco
ao sair das caudalosas águas
deixei por lá os sapatos
e minha liberdade
e minha coragem
e minha alegria
e de tudo
o pior
minha memória
talvez por isso
nunca mais eu pude
nunca mais eu soube
como voltar
nem como chegar
nem ao menos
dizer com certeza
que um dia
de fato
existiu aquele lugar.

(Luciana Marinho Albrecht é escritora, poeta e produtora cultural, Passo Fundo, RS.)

O adeus ao Velho Poeta

As musas, chegam silentes...
No adeus vago e remoto
brilham auras derradeiras
de santas de um só devoto...

Sim! Foi esse velho poeta,
que viu por imaculados
seus olhares e sorrisos,
que hoje estão eternizados
no esquecimento dos livros....

... nos reprimidos lamentos
não demonstram suas magoas
nem sequer ressentimentos...
... num desfile quase alado
mais parecendo uma réstia,
cada uma faz as honras
pra idolatria que resta...

Param mórbidas no esquife...
e olham urgindo segredos
com bizarras orações
entre saudades e medos...

Os dedos tocam de leve
como num algo sagrado,
sentindo talvez remorsos
entre o perdão e o pecado...

No rosto, nem uma lágrima,
musas não sabem chorar
todas elas são reclusas
na perfeição do olhar.
... resta o silêncio gelado
do velho e ousado poeta,
que repousa, qual uma estatua
com mil palavras secretas...

Mas e agora??
Quem cantará de alma pura
indescritíveis belezas
que cada musa esbanja
por regra da natureza...

Quem passará madrugadas
soletrando garatujas
pra descrever sem permissão
uma por uma das musas...?

E quem vai chorar por elas
mesmo em secreta ilusão?
Pois poeta é pecador
e não sabe pedir perdão....

Quem vai vagar pelos campos
Com soluços e lamurias
chamando as musas ausentes
no cio das noites de luas...?

... faltará alguém a esmo
cômico e caricato,
proferindo em palavras
os mais perfeitos retratos...

Faltará um poeta ímpio
que indiferente ao pecado
cantava sonetos pobres
cumprindo o eterno fado....

Faltará um maltrapilho
pelas ruas do povoado,
com temas tidos por tolos
muitas vezes repudiados...

E por certo era feliz
alimentando loucuras
venerando suas musas
no silêncio das molduras...

... um prosaico relegado
pelos versos que cantou,
maculou a perfeição
das musas que venerou.

Restam, soluços imprevistos
num murmurejo sacral,
e o velho poeta teso
como num ponto final...
Sapatos hirtos pra o céu
mãos postas como é preciso,
e a cada musa presente
no rosto um breve sorriso...

Mas e agora??
Quem vai ser o anjo demônio
fazendo versos em preces
escrevendo quase nada
do muito que elas merecem...?

... Quem sabe vieram cobrar
no adeus ao velho poeta
as poesias rascunhadas
que ficaram incompletas...!

... não surgirá outro louco
com palavras inocentes
rabiscando silhuetas
com provérbios diferentes...
... não haverá um solíto
que no auge da partida
já não pode mais cantar
suas musas proibidas...

... elas mereciam mais
e não faltou inspiração...
faltou a grandeza plena
pra tão sublime missão.
... o poeta é transcendente
mas se apaga na história,
e as musas são os anjos
que eternizam, sua memória!

(Luis Lopes de Souza é poeta, advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Na pandemia nasceu o livro Culpado ou Inocente

DANIEL VIUNISKI

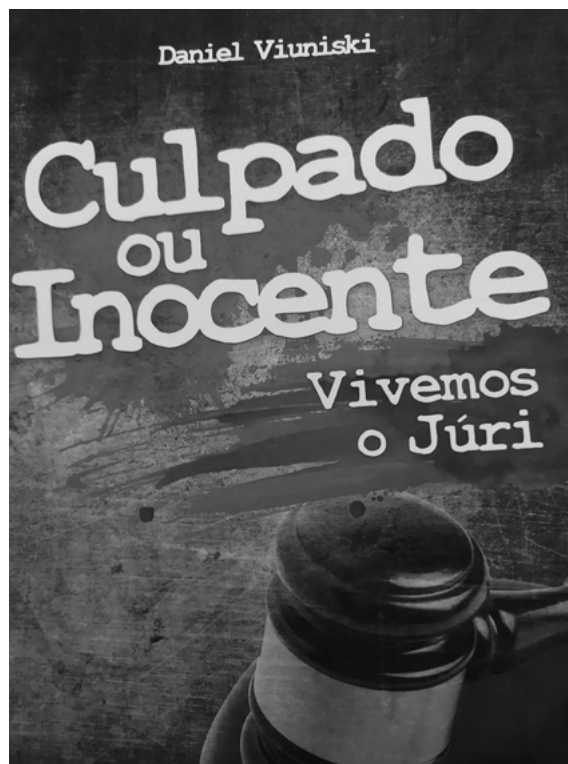
Ela veio repentinamente e assustou demais. Estávamos todos em plena atividade, imiscuídos em nossos afazeres do cotidiano, apenas ouvindo algumas coisas em noticiários, porém, imaginando que não chegaria a nosso convívio. Mas, chegou. Da noite para o dia a vida transformou-se. Todos assustados com a entrada de um vírus chamado Covid-19, vindo de uma cidade chinesa. O comércio cerrou suas portas, as indústrias pararam, escolas e universidades metamorfosearam o ensino, que passou a ser remoto, apenas usando a web, as repartições públicas pararam de funcionar e as pessoas albergaram-se em suas residências. O vírus desconhecido não tinha antídoto. Aqueles que se contaminavam lotavam os hospitais. Os mais fortes reagiam. Os mais fracos e mais velhos, sucumbiam.

Os dias foram se passando e nós entendendo, um pouco melhor, o que era o Covid-19 e como neutraliza-lo. Assim, como os demais, fiquei um bom período em minha casa. O telefone e as redes sociais eram meus companheiros inseparáveis, sempre atrás de informação sobre a saúde de meus familiares, que residem fora de Passo Fundo.

Não é preciso afirmar que nosso escritório de advocacia fechou temporariamente, uma vez que o Fórum suspendeu todas suas atividades.

Passado algum tempo fui até o escritório. Precisava sentir sua energia, precisava revitalizar minhas forças de advogado de quase quatro décadas. Nunca havia passado muito tempo sem estar trabalhando, pesquisando jurisprudências, peticionando, dialogando com meus colegas de banca sobre defesas de constituídos. Essa labuta do dia a dia estava me fazendo muita falta.

Estava sozinho no escritório e algo, que não sei explicar, puxou-me para uma peça, o arquivo. Abri a porta e lá estavam milhares de papéis e documentos. Cópias de mais de 400 processos que foram levados ao Tribunal do Júri. Peguei um e depois outro e outro e fui lembrando dos casos, das vitórias consagradoras e de algumas decepções.



Veio um estalo em minha mente. Claro, transformarei esse trabalho de muitos anos em um livro. Passei então a separar aqueles mais relevantes, os casos mais rumorosos, as vitórias mais dramáticas, as derrotas mais doloridas. Isso mesmo! Meu envolvimento com o Tribunal do Júri dará um bom livro, pensei. E, ademais, ocupar-me-ei nesse nefasto período da pandemia.

Levei alguns poucos dias para separar os casos que queria narrar. Após, telefonei ao amigo de algumas décadas e confrade, Marco Damian. Ele, habituado no trato com livros. Pedi-lhe para organizar e elaborar algumas pesquisas que

faltavam e ajudar-me a produzir o livro. O título CUPADO OU INOCENTE – VIVEMOS O JÚRI, foi concebido por ambos. Os textos foram sendo um a um, arquitetados de forma a narrar os fatos numa linguagem mais simples, sem as palavras rebuscadas e técnicas do Direito. Mesmo que advogados e estudantes da advocacia estejam intrinsecamente ligados à matéria do livro, outros leitores também o farão. Leigos ao Direito, historiadores ou apenas curiosos leitores.

Em princípio pensei em escrever 50 textos, mas não poderia, em nenhuma hipótese, deixar de fora outros seis feitos, de especial relevância. Foram 56 narrativas para o livro.

Procurei a Gráfica e Editora Berthier e o magnífico diagramador Patrick, que foi o autor da impactante capa do livro. A edição ficou de muito bom gosto e agrado.

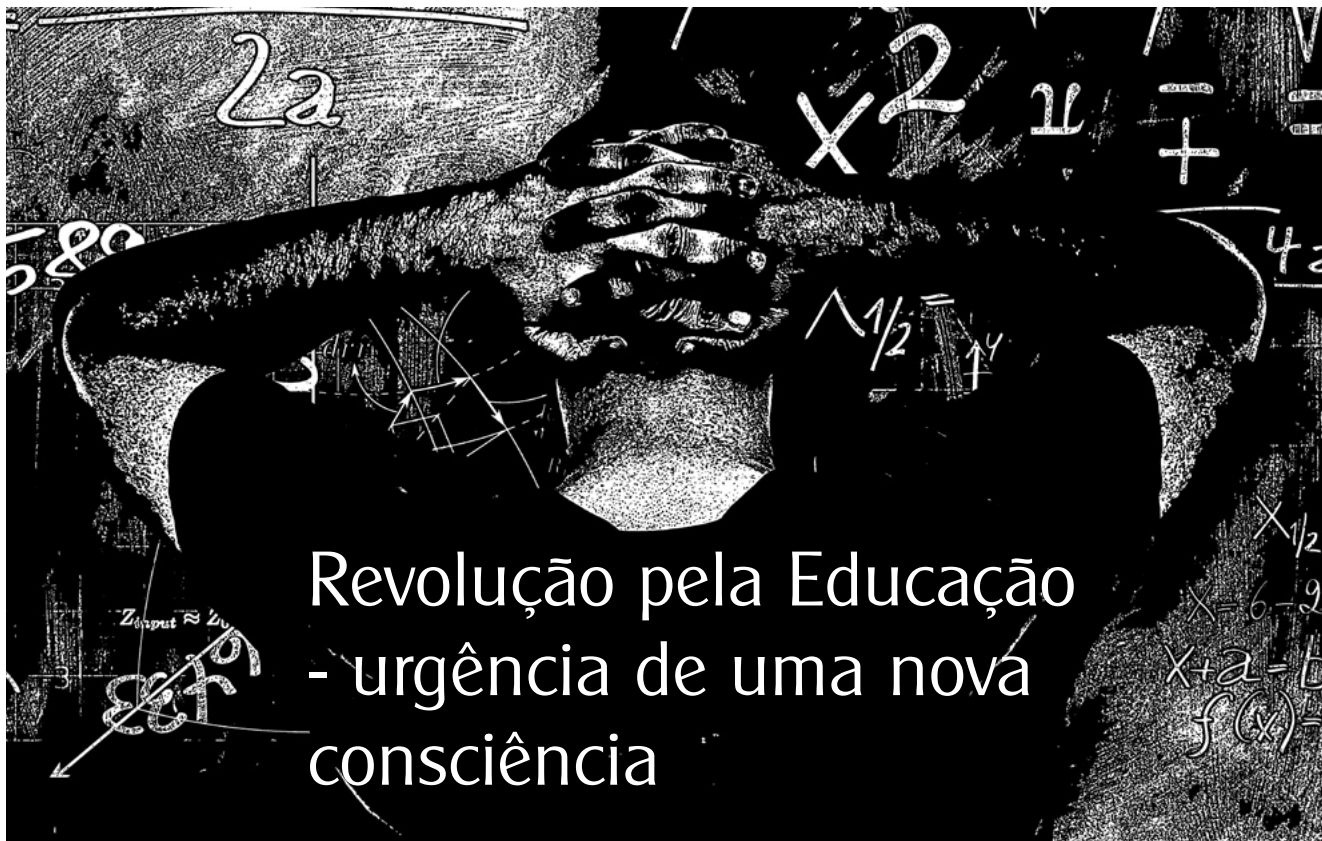
Nos últimos dias do mês de agosto foi-me entregue a primeira edição da obra. No final do mês de setembro estava praticamente esgotada. Partiu-se para a segunda edição, em razão dos inúmeros pedidos de todo o País.

O livro CULPADO OU INOCENTE – VIVEMOS O JÚRI foi comercializado para Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Rio de

Janeiro, Maceió, Fortaleza, Brasília, Florianópolis, Balneário Camboriú, e, em muitas cidades do interior gaúcho. Um sucesso absoluto em vendas e que caiu no gosto do leitor.

Apenas para registro. A pandemia, felizmente, não me acometeu. Ao contrário. Ela me fez parar e pensar em escrever meu livro. Hoje a satisfação que sinto em receber amigos, ex-alunos, colegas advogados, clientes, em meu escritório para comprar o livro, é inigualável.

(Daniel Viuniski é advogado criminalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Revolução pela Educação - urgência de uma nova consciência

MARILISE BROCKSTEDT LECH

A história da humanidade mostra o quanto as revoluções são necessárias para que hajam saltos no desenvolvimento humano. Passados os períodos da pré-história, o período clássico da Grécia e Roma antigas, a Idade Média, a Renascença - revolução das artes, a revoluções da ciência, da indústria e da tecnologia, faz-se urgente que a revolução da consciência humana se intensifique, caso contrário, tudo que se criou até aqui, pode voltar-se contra nós. As tecnologias podem nos ensinar, mas não são capazes de nos educar. Tornam-nos sujeitos mais informados mas não sujeitos mais humanos, no sentido de sentir-se integrado a uma comunidade humana que se solidariza com “seus outros”.

A chave para que o processo de humanização pela educação aconteça está nas pessoas e nas trocas que acontecem entre elas. Estas trocas acontecem por meio de um “fio invisível” que se forma na medida que existe uma boa comunicação, respeito e aceitação das diferenças, alegria pelo encontro e confiança no vir a ser de si e do/no outro.

Para sermos humanos, não basta nascermos com a mesma fisiologia do

homo sapiens. Precisamos nos desenvolver na maneira de viver em uma comunidade humana. Assim, a educação é o processo de transformação que acontece a partir da convivência, que nos leva a nos reconhecermos, também, no outro. É esta “ecologia” que forma, em nós, a capacidade de justiça, empatia e amor. Para Maturana (2014) é o amor que cria os “fios invisíveis”, pelos quais “desliza” a educação humana entre as pessoas.

Em tempos de alto desenvolvimento tecnológico, de conhecimentos prontos e de fácil acesso, as instituições de ensino de todos os níveis, buscam se reinventar. O momento de transição que vivemos requer o estabelecimento de novos paradigmas que tenham base em concepções mais integrativas, interdisciplinares e complexas - tecidas em rede, em contrapartida ao pensamento fragmentado e até mesmo descontextualizado que caracterizou o último século. Nesse sentido, não cabe mais a transmissão de conteúdos com ênfase na memorização sendo apresentados a estudantes enfileirados, debruçados sobre suas classes. O desafio é que os professores façam tudo aquilo que as máquinas não conseguem fazer, tal como dar sentido ao conhecimento, gerar emoção, ser exemplo de profissional comprometido, criar engajamento, etc...

ou seja a pessoa que ele é, conta tanto quanto os conhecimentos que ele tem.

Além de ser um provocador e de instigar a curiosidade e a capacidade crítica dos estudantes, a fim de que eles sejam ativos nestes processos de mudança, o professor precisa estar consciente do quanto influencia seus alunos a serem boas pessoas e bons profissionais. Assim, o processo educacional não ocorre apenas no nível do saber, mas como defende Delors (1999), ocorre também com base nos pilares do fazer, conviver e ser.

A era digital chegou para facilitar a comunicação e ampliar a difusão de informações. Contudo, isso não significa que vai favorecer o desenvolvimento humano. O que temos em mãos só ganha sentido quando sabemos utilizar na direção do bem e do bem-estar das pessoas, conduzindo-as, como diz Cortella (2014) a um “Eu maior”, que ultrapassa o individualismo e enxerga o mundo ao redor como uma extensão de si mesmo, a partir da empatia e da sinergia que deve harmonizar as relações entre as pessoas, as coisas e o mundo.

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, doutora em Educação e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Dona Dominga



JABS PAIM BANDEIRA

O meu primeiro encontro com Dona Dominga foi no Solar do Glória. Havia evento do Núcleo de Criadores de Cavalo Crioulo Ronald Bertagnoli, entrega de prêmios para os melhores da raça. Quando cheguei, fui convidado por Manoel Falcão para sentar a sua mesa, onde já se encontravam o Quaresma, o Jocê e mais alguns criadores. Manoel me disse: Jabs você que é apreciador de vinho venha experimentar este néctar que importei do Chile. Uma garrafa de vinho Carménère Dona Dominga. Efetivamente já havia tomado muitos vinhos da Vinícola Casa Silva, todos de excelente qualidade. Falamos que o tipo de uva Carménère só é cultivada no Chile, em nenhum outro país. O Dona Dominga muito bom desde o boque, ao excelente paladar. Confessei que não havia ainda degustado daquele vinho, mas conhecia sua história, insistiram para que eu contasse. Lembro-me de certa ocasião, na Cantina Don Amaro, na Rua Bento Gonçalves, fui convidado para uma degustação dos vinhos Casa Silva. Na ocasião passaram um filme, desde a plantação das vinhas, a colheita das uvas de melhor qualidade, sendo que os grãos menos expressivos eram atirados a terra, servindo como adubo de luxo. Foram contadas, na oportunidade, muitas histórias de como nasceram os nomes dos

vinhos. O seu Silva, já falecido, tinha uma pequena adega, onde armazenava o primeiro vinho que fabricou, num porão de uma casa velha, em grandes pipas de carvalho. Acontece que a vizinhança vinha furtar o vinho do seu Silva, deixando muito pouco para comercializar. O Silva arrumou uns fantoches, com aspas, iluminados a noite por velas, deixando o aspecto do porão, mal ou bem assombrado. O pessoal que era vizinho do alheio começou a chamar o porão e aquela tapera de casa do Diabo. Então nasceu o Casillero del Diablo, vinho mundialmente conhecido e apreciado, o início da vinícola Casa Silva, artigo de exportação. Com relação ao nome Dona Dominga, a história é a seguinte, pelo que me contaram, cabe esclarecer, o que vale mesmo, num conto é a versão que lhe é dada pelo historiador: Na década de 40, ou 50 do século passado, nossa cidade tinha a maior e melhor zona do meretrício do interior do Estado, com dois cabarés internacionais, com mulheres típicas argentinas e também uruguaias, champanhe francesa, etc. (época do contrabando pneus, onde P. Fundo era a capital, o dinheiro corria fácil para uma parcela da elite do pneu). A Dominga, que depois, passaram a chamar de Dona Dominga, proprietária de uma casa de mulheres, na Rua 15 de Novembro, a qual era muito linda, cabelos negros, olhos verdes, alta, esbelta, cujo olhar iluminava até as noites mais escuras, esta era a lenda. O nosso herói, o Seu Silva,

apaixonou-se por Dominga, fazendo-lhe todo o tipo de proposta para leva - lá para o Chile, mas Dominga resistiu, ficando Silva, quase um mês embernando e encantado com os dotes da mulher, que era de fazer qualquer homem, por medíocre que fosse o maior garanhão da terra. Silva homem de muitos negócios, a contragosto teve que regressar para sua terra. Lá chegando, criou uma nova marca de vinho para a Casa Silva, denominando de Dona Dominga. Silva faleceu há mais de 20 anos, sempre com Dominga no pensamento. Quando o padre foi lhe administrar a extrema-unção pediu um cálice de Dona Dominga e, morreu feliz. Soube mais tarde que o tal de Silva, é um tio avô do Marco Silva, até a pouco tempo presidente da Acisa. E que foi contemplado no testamento do Silva, com uma pequena fortuna. O Marco, não obstante ser advogado, mas professa aquela máxima de que “burro do cliente que contrata advogado em causa própria”, outorgou procuração ao Dr. Osmar Teixeira para trazer sua fortuna para o Brasil. Cheguei atrasado nesta tarefa, mas está em boas mãos! O professor Mário Neves lamentou não ser escolhido. O Juarez Azevedo, observou, comentando com o professor Dárcio Vieira Marques: “há se eu fosse ainda advogado”!

Nota: texto originalmente publicado em O NACIONAL, 06/01/2015.

(Jabs Paim Bandeira é advogado criminalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Antônio Chimango

PAULO MONTEIRO

Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares, abrem o Prólogo que escreveram para *Poesía Gauchesca*, a coletânea de poetas gauchescos canônicos, por eles organizada, com dois parágrafos luminares sobre o gênero que representa as “tradições mais autênticas da Pampa”. Ei-los: “Nas literaturas da América, o gênero gauchesco constitui um fenômeno singular. Aqueles que intentaram uma explicação limitaram-se a assinalar o protagonista desta poesia. Estudaram o gaúcho. Questionaram sua vida e seus costumes. Tudo isso útil e necessário, sem dúvida, não esgota o problema. A vida pastoril tem sido típica de muitas regiões da América, desde Montana ao Chile. Essas regiões, contudo, não produziram um gênero análogo ao gauchesco. Que circunstâncias determinaram, nas repúblicas do Prata, a origem dessa poesia?”

“É notório que os “gauchescos” – assim os denomina Ricardo Rojas – não foram gaúchos; foram homens da cidade, identificados com os trabalhos rurais ou pelo acidente das guerras, com a vida do gaúcho. Foi necessária, pois, para o surgimento da literatura gauchesca,

a conjunção de dois estilos de vida: o urbano e o pastoril. Não menos necessária foi a homogeneidade da população surgida nessas províncias. Os assalariados das cidades – o vendedor de água, o carroceiro, o ambulante, o açougueiro – não diferiam essencialmente do gaúcho. Tampouco haviam notáveis diferenças linguísticas. O sotaque e o vocabulário do gaúcho eram facilmente entendidos pelo homem urbano. Este encontrava no campo um espetáculo que era bastante curioso para ser lembrado e bastante próximo para ser íntimo. O campo, com suas grandes distâncias, com seus selvagens rebanhos, com seus elementares perigos, com seu sabor homérico, seria na memória uma experiência de liberdade e plenitude.”

Resumindo o pensamento de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares: em nenhuma parte das Américas, onde a criação de gado foi a atividade econômica predominante, surgiu uma poesia regional como a gauchesca. Isto só foi possível porque houve um intercuro cultural entre homens da cidade e do campo. Os primeiros assumiram a linguagem e o sentimento dos últimos.

Até aí tudo bem. Quando estudamos a biografia dos clássicos gauchescos Batolomé Hidalgo (1788-1822), Hilá-

rio Ascasubi (1807-1875), Estanislao del Campo (1843-1880), Antonio d. Lussich (1848-1928), José Hernández (1834-1886) e Ventura R. Lynch (1851-1883), notamos algumas características comuns: todos foram homens urbanos, jornalistas, militares e políticos militantes. Apenas Ventura Lynch, não teve militância política. E mais: suas poesias inserem-se num subgênero conhecido como poesia social. Todos eles colocaram seu estro a serviço de uma causa e de um partido político. Até mesmo a, do portenho Ventura Lynch não foge a esta última característica.

Todos os clássicos da gauchesca, uns mais e outros menos, fizeram obra panfletária, e muitos deles verdadeiramente satírica. Certas passagens muito próximas da chamada poesia pornográfica.

Transcrevo alguns versos de Aniceto el Galo, de Hilário Ascasubi, recolhidos ao acaso.

!a la gran... pu...nta saltó!
pero allí... pu... cha y truco!
ni el p...ito se les oyó...
donte pu...chas va a parar
c...jar a esos saltiadores

Bartolomé Hidalgo, também não fica para trás em sugerir palavras impúblicas:

Antonio Chimango

Poemeto
Campestre

POR

Amaro Juvenal



1915

Porto Alegre

!la p... que eran traviesos!
!En p...!, el pingo ligero
la p... los maturrangos!

Aliás, esse la p acabou transformando-se na conhecidíssima interjeição A la pucha!...

No Rio Grande do Sul a gauchesca produziu um grande poema, Antônio Chimango, publicado em 1915, por Ramiro Fortes de Barcellos (1851-1916), sob o pseudônimo de Amaro Juvenal. O Autor reúne todas as características pessoais dos clássicos gauchescos pla-

tinios: homem urbano, culto (formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), político militante (chegou a senador da República pelo Partido Republicano Rio-Grandense), militar (coronel pica-pau, durante a Revolução Federalista) e jornalista (colaborador de A Federação, jornal do castilhismo).

A exemplo dos seus antecessores platinos, Ramiro Barcellos, nascido em Cachoeira do Sul, conhecia perfeitamente a vida do campo, seja como homem de uma pequena cidade do interior; seja como político, em suas constantes

campanhas eleitorais – perdoe-se o trocadilho – pela Campanha.

Dissentindo da burocracia do Partido Republicano Rio-Grandense, rebela-se contra a indicação de Hermes da Fonseca para uma vaga de senador pelo Rio Grande do Sul, em 1915. Espezinhado por Antônio Augusto Borges de Medeiros, que comandava o PRR com mão de ferro, concorre ao Senado à revelia do partido oficial. É derrotado, revidando com uma série de artigos publicados do Correio do Povo e, a seguir, escrevendo Antônio Chimango, biografia em versos do ditador republicano.

O poema adquiriu ampla repercussão. Conta-se que Honório Lemes, cognominado “Leão do Caverá”, sabia passagens inteiras do poema de cor. A censura foi severa. A Brigada Militar invadia casas à procura da obra subversiva. Os possuidores do livro ou declamadores do poema eram “desinfetados” à espada pelos homens de Borges de Medeiros. Apesar disso, a obra era reeditada e circulava clandestinamente.

Após a edição príncipe, de 1915, a segunda edição saiu em 1923, para a qual foram aproveitadas correções e anotações feitas por Ramiro Barcellos, impressa clandestinamente nas oficinas da Última Hora, em Porto Alegre. A terceira edição, de 1925, também saiu em Porto Alegre, impressa em gráfica ainda não identificada; a quarta, também clandestina, foi feita no jornal Correio da Serra, de Santa Maria. A quinta edição, já saiu no Rio de Janeiro, em 1932, através de Schmidt Editor, do Rio de Janeiro, sob o título de Antônio Chimango e sua Continuação. Essa Continuação é a História de D. Chimango, publicada inicialmente no Rio de Janeiro, em 1927, por Homero Prates, sob o pseudônimo de Juvenal Jr.

A estrutura do poema é simples. Abre com a OFERTA, uma dedicatória AO RIO GRANDE, assinada por AMARO JUVENAL:

Velho gaúcho – Insaciável
De fazer aos mandões guerra,
Nestas páginas encerra
Por um pendor invencível –
Seu amor – Incorrigível
Às tradições desta terra.

A epígrafe repete palavras de Borges de Medeiros em carta ao senador Pinheiro Machado, em que Ramiro Barcellos é definido como “sempre insaciável e incorrigível”.



Borges de Medeiros

O poema é formado por outras 213 estrofes, totalizando 1275 versos, distribuídos em cinco rondas, verdadeiros cantos. Comparando-se aos clássicos da gauchesca é curto. Santos Vega, de Hilário Ascasubi, tem 13.180 versos e Martin Fierro, de José Hernández 7.200 versos.

Augusto Meyer foi um dos grandes responsáveis pela divulgação e a popularização dos estudos sobre Antônio Chimango, juntamente com Walter Spalding, ao promover a 6ª edição do poema no número 6 da revista *Província de São Pedro*, em setembro de 1946. Essa edição começa à página 135 da revista, com o ensaio *ÉPOCA, MERECIMENTO E*

INFLUÊNCIA DE “ANTÔNIO CHIMANGO”, de Walter Spalding, continua com o *PREFÁCIO*, de Augusto Meyer, à página 140, seguindo-se o poema, das páginas 145 a 160.

A partir dessa publicação na *Província de São Pedro*, inicia-se o reconhecimento nacional de Antônio Chimango, reconhecimento que se firma, a partir da 8ª edição, em 1952, na coleção *Província*, da Editora Globo. Esta edição contém *Prefácio* de Augusto Meyer, *Notas* de Augusto Meyer e Oscar Bastian Pinto, e um *Posfácio* de Alfredo Simich.

Ramiro Barcellos não é um poeta popular. A exemplo dos clássicos da gauchesca, é um poeta culto. E tão

culto que rompe com a tradição épica de invocar proteção no mundo das divindades. Camões, em *Os Lusíadas*, busca o patrocínio das ninfas do Tejo. José Hernández, no *Martin Fierro*, pede aos santos do céu que ajudem o seu pensamento.

Tio Lautério, mulato que não toca viola, mas um “bandônio”, socorre-se da “botija”, agarrando-se à proteção de “um trago de cachaça”,

Para contar a vida
Saco da mala o bandônio,
A vida de um tal Antônio
Chimango – por sobrenome,
Magro como lobisome,
Mesquinho como o demônio.

Não conta a vida de nenhum leão, de nenhuma raposa, de nenhuma águia, mas de um simples chimango, um carrapateiro, um comedor de pintos e pequenos pássaros.

Já nasceu fraco, mas “cheio de manha e lombrigas”, forma poética de contestar o “insaciável e incorrigível” com que lhe brindara Borges de Medeiros.

Não é nenhum santo, nenhuma ninfa, que irá vaticinar o futuro do “perereca”. O destino do “fanadinho” será traçado por uma cigana, em seis estrofes que definem o perfil psicológico do ditador positivista:

“Vira-bosta é preguiçoso,
Mas velhaco passarinho:
Pra não fazer o seu ninho
Se apossa do ninho alheiro;
Este há de, segundo creio,
Seguir o mesmo caminho.
Cobra é bicho traiçoeiro,
Guaraxaim disfarçado,
Quando se sente pegado,
Deita e se finge de morto;
Matreiro é o novilho torto,
Que se esconde no banhado.
A erva de passarinho
É praga mui conhecida
E tão mal-agraçada
Às arves em que se nutre,
Que, mais feroz que um abutre,
Mata as que le dão a vida.
O pescador se aproveita
Da minhoca, bicho à toa,
Também muita gente boa
Se serve da mão canhota,
De um couro se faz pelota,
Quando não se tem canoa.
Ninguém se fie, portanto,
Neste tambeiro mansinho;
E o digo porque adivinho



Ramiro Fortes de Barcellos

E percebo muito bem
Na linha torta que tem
Perto do dedo minguinho.
Este, pois que aqui se vê
C'um jeitinho de reposa
Parece um Mané de Souza,
Mas, isto é só na aparência;
Inda há de ter excelência,
Inda há de ser grande cousa.”

O retrato de Antônio Augusto Borges de Medeiros, traçado nas estrofes aqui transcritas, é o retrato de todos os oportunistas, aproveitadores e autoritários. Subservientes até alcançarem seus desígnios antecipadamente traçados, autoritários em qualquer posto que atinjam.

Embora alguns historiadores áulicos, dos muitos que “escreveram” a história do Rio Grande do Sul, vivendo das sinecuras do governo do Estado, entoassem loas ao saber jurídico e sociológico do “Dr. Borges”, Ramiro Barcellos, assim resume as dificuldades de aprendizagem do ditador:

Levou tempos o Chimango,
Rúim como a carne da pá,
E chegar ao a-m-ão.
Não era por vadiação,
A cabeça é que era má.
Pra sair do b-a-bá

Ramiro Barcellos elogia o patriarca da República no Rio Grande do Sul, Júlio Prates de Castilhos. Destaca-lhe a cultura, o cuidado com o Estado, a ordem, o labor dos gaúchos. E continua, sublinhando o oportunismo do aproveitador Borges de Medeiros, cuidando porco no chiqueiro, puxando água num petiço, socando quirera pros pintos, realizando outras tarefas menores, mas, acima de tudo, fofoqueando e alcaguetando.

Aos poucos foi o Chimango
Se prepassando a carancho,
Ia fazendo o seu gancho
E arranjando o seu farnel
À sombra do coronel,
Caladinho e sem desmancho.

Castilhos era aquilo que se pode chamar de “oportunista genial”, tanto que, para suceder-lhe escolher o “o mais fraco” de todos os seus companheiros, “para evitar contendas e que briguem por engodos”.

Desse jeito é que Borges de Medeiros chegou ao governo do Estado, e à ditadura. Consolidou-se no poder após a morte de Júlio de Castilhos, levando o Estado ao caos. Descreve esse estado de coisas em estrofes como estas:

Com a tal religião nova
Tudo é possível fazer;
Basta o Chimango querer
E não há mais embaraço;
Quem resmunga vai pra o laço,
pois a regra é obedecer.

.....
O desmando vê-se em tudo,
Não é só na criação;
Parece, por maldição
Que deu-lhe o tangolomango,
Pois, até quer o Chimango
Que não se plante feijão.

.....
Ninguém dizer sabe ao certo
Quando isto há de ter fim;
Que a continuar tudo ansim,
Como agora tem andado,
Mande esparramar o gado,
E faça arrancar o capim.

O fim foi a Revolução de 23, iniciada aqui em Passo Fundo, tramada num velho casarão da Rua Moron. O tratado de Pedras Altas, abriu espaço para que Borges de Medeiros deixasse o poder. Sucedeu-lhe Getúlio Vargas. Veio a Revolução de 30. Borges de Medeiros uniu-se aos seus antigos perseguidos libertadores e maragatos, em apoio à Revolução Constitucionalista. Amargou a prisão. Morreu idoso.

Alguns historiadores intentaram escrever a biografia de Antônio Augusto Borges de Medeiros. Ninguém conseguiu superar Antônio Chimango, a obra prima da gauchesca em língua portuguesa, digna de figurar ao lado de Santos Vega, Aniceto el Gallo, Fausto, Los Tres Gauchos Orientales, El Matrero Luciano Santos e Martin Fierro, os clássicos da gauchesca platina.

Bibliografia Básica:

- Borges, Jorge Luis Y Adolfo Bioy Casares. Poesía Gauchesca: Edición, prólogo, notas y glosario de. Volumes I e II. Primeira edición, Primeira reimpressão. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- Camões, Luís de. Os Lusíadas: Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- Camões, Luís de. Os Lusíadas: Edição Comentada. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- Hernández, José. Martin Fierro: Edición Anotada por Ramon Villaso. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, S.R.L., 1953.
- Hernández, José. Martin Fierro: Edición de Luis Sáins de Medrano. Buenos Aires: Red Editorial Iberoamericana S.A., 1980.
- Juvenal, Amaro. Antônio Chimango. 6.ª Edição. Província de São Pedro, nº 6, Porto Alegre, setembro de 1946.
- Juvenal, Amaro. Antônio Chimango: Edição Crítica. 3.ª Edição Refundida, 1.ª impressão. Porto Alegre: Editora Globo, 1961.
- Juvenal, Amaro. Antônio Chimango. 22.ª Edição. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1982.

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A célula tem alma?



ROQUE GILBERTO ANNES TOMASINI

O que é alma? O que é vida? A alma pode existir independentemente de estar ligada a uma referência material, como um corpo ou outra forma de vida existente neste Planeta Terra?

Existe alma nos seres vivos? Se existir, existe somente nos denominados seres “humanos” ou em todo ser vivo, animal ou vegetal?

Perguntas difíceis de serem respondidas. Terreno para imensas e inesgotáveis especulações.

Especular nesta área pode parecer perda de tempo. Será? Será que não faz parte de um processo de tentar entender, ou no mínimo, de abordar áreas do conhecimento humano consideradas com pouquíssimo ou sem nenhum respaldo científico. Pode ser.

Quando há certo consenso de que não aproveitamos sequer 10% da capacidade do nosso cérebro, pode-se imaginar o que não descobriremos quando avançarmos nos 90% inexplorados?

Em passado não muito recente, a humanidade ainda comentava sobre os mistérios que havia além da linha do horizonte nos mares. Onde começava e onde terminava o mar? A Terra? Monstros marinhos, elefantes sustentando os mares, A fértil imaginação humana especulando sobre o desconhecido. Hoje

o mundo está despido, mostrando sua face às redes de satélites e colocando na mão de crianças aparelhos de GPS, dando a localização geográfica em qualquer lugar do mundo, com precisão de 14 m. Terminaram algumas fantasias. Não satisfeito o homem, ou melhor, sua mente, busca outras áreas misteriosas, como se nosso cérebro fosse viciado numa droga poderosíssima, denominada “conhecimento”. Droga que se retroalimenta e se autotransforma exigindo doses mais potentes e mais complexas de conhecimento.

Quando os escritores de ciência ficção descrevem o funcionamento de robôs com cérebros positronicos, podemos imaginar a evolução que terá ocorrido no conhecimento humano a ponto de projetar cérebros artificiais capazes de substituir complexas funções do cérebro humano.

Não acho que possa haver uma definição para a alma.

O que é conhecimento? Definições devem existir as centenas. O certo é que o conhecimento é um processo que nasceu com o homem e deve durar enquanto o ser humano habitar este planeta ou os que serão colonizados. Será?

Será mesmo que nasceu com os ancestrais do ser humano? Será que não nasceu junto com a primeira célula de vida neste planeta? Afinal não foi da transformação de uma célula que evoluiu a vida na Terra?

Se existe alma, a alma era pré-existente a primeira célula ou nasceu com ela, no momento do primeiro sopro de vida?

Se a célula evoluiu acumulando conhecimento, será que o conhecimento e a alma não são uma só fonte de energia?

Se a alma é imortal e a busca pelo conhecimento também o é, não será esta uma prova de que se alma e conhecimento são uma só energia, ou pelo menos subsistem juntas?

Enquanto houver uma só célula, de qualquer espécie de vida no Planeta Terra, por certo estará em desenvolvimento o processo do conhecimento e continuará o mistério da existência da alma.

Afinal, a célula tem ou não tem alma? Bom tema para uma longa noite de inverno, com troca de ideias em frente a uma lareira, com boa música clássica ao fundo e com uma (só?) boa garrafa de vinho tinto encorpado, com uma boa “alma”. Vinho tem “alma”? Se não se chegar a nenhuma conclusão, não tem importância. Valeu o papo, o vinho, a noite, os amigos e a vida (com ou sem alma). Esgotados os argumentos científicos e não científicos o negócio é dormir e deixar a “alma” do vinho tentar encontrar a nossa “alma”. Bom sono.

(Roque Gilberto Annes Tomasini é engenheiro-agrônomo, pesquisador e professor aposentado, Passo Fundo, RS.)

Um vencedor na advocacia e na vida

Impetuoso, dinâmico, objetivo e vocacionado para o exercício da liderança, assim Irineu Gehlen é definido por quem o conheceu nos bancos escolares da Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo (UPF). Conheça a trajetória pessoal, profissional e o que pensa o homem que chegou aos 80 anos e, mesmo podendo ser considerado um vencedor na advocacia e na vida, mantém-se um entusiasta das boas causas.



(FOTOS: ARQUIVO I. GEHLEN)

GILBERTO CUNHA & PAULO MONTEIRO

Irineu Gehlen é, na essência da palavra, um vencedor. Atuando na área do Direito do Trabalho, especialmente, construiu um respeitável escritório de advocacia, cujas teses, que defendeu, forjaram discípulos e entraram para os anais da jurisprudência brasileira. Na vida, construiu uma família modelar, com quatro filhos e sete netos. Na vida comunitária, teve destacada atuação política, sendo alçado ao posto de veador emérito. Na área cultural, presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras por 10 mandatos. No esporte, sempre foi praticante e empreendedor no hipismo (construiu um Centro Hí-

pico). Além de ter abraçado as causas da Cruz Vermelha Internacional e da Escola Superior de Guerra. A fidalguia e a busca da conciliação são valores muito prezados por Irineu Gehlen.

Nessa entrevista para ÁGUA DA FONTE, conheça Irineu Gehlen, o homem, sua história e seus valores. Em tempos de pandemia da Covid 19, como recomenda o protocolo de distanciamento social, essa entrevista foi realizada na forma de perguntas e respostas escritas por e-mail.

APLeTRAS- Quem é Irineu Gehlen segundo Irineu Gehlen?

Irineu Gehlen – Sou um ser gerado naturalmente por uma mulher e um homem que me legaram valores e prin-

cípios traduzidos em caráter, lealdade, honra e dignidade. Muitas cicatrizes de batalhas do passado deram-me forças para me libertar e me tornar homem com minha luz própria. Nascemos um mármore bruto e a vida nos lapida. Aprendi a caminhar com minhas próprias pernas, e os princípios éticos levarei comigo ao túmulo e na esperança de tê-los transmitidos aos meus descendentes.

APLeTRAS- Como foi a sua infância. E o que a sua infância influenciou na sua maturidade?

Irineu Gehlen – Minha infância foi pobre materialmente e vivida no interior junto à natureza rude, o que influenciou na minha maturidade e sedimentou

o alicerce da minha formação física, psicológica e mental, imprimindo sentimentos de coragem, de luta, de trabalho, de vitórias e derrotas e principalmente de superação.

APLetras-Você vive fora de Passo Fundo. O que o motivou a deixar Passo Fundo e viver em Santa Catarina?

Irineu Gehlen – Vim para o litoral catarinense para acompanhar os filhos e também buscar qualidade de vida. Aqui, ao lado do mar, aprendi a grandeza da humildade. Vendo o mar todos os dias senti a razão da sua majestade. Percebi que ele é o símbolo da humildade. Por quê? – Sim, porque ele soube se colocar abaixo dos rios e assim se tornou grandioso. Inegável a lição de vida. Observei, também, que o rio depois de percorrer distâncias infinitas e passar por obstáculos imensos, chega ao mar, entristece e proclama seu fim. Ledo engano, ao despejar suas águas ao mar torna-se um gigante e vira mar. Assim somos nós, desde o nascimento até a morte. Se tivermos uma vida fecunda e voltada ao bem comum, nos tornaremos um majestoso mar.

APLetras - Você foi aluno de seminário capucho. O que ficou na sua formação desse período escolar?

Irineu Gehlen – Sim, fui aluno interno no Seminário dos Capuchinos em Vila Flores e Veranópolis. Lá, auri disciplina, religiosidade, respeito e amor à família, à Pátria e a Deus. Aprendi a enfrentar dificuldades e a entender a vida com altivez e destemor.

APLetras - Em longas décadas como advogado, quais foram os profissionais da advocacia mais marcantes que conheceu em Passo Fundo? E entre professores na Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo, quem você destacaria como Mestres autênticos que mereciam ser seguidos?

Irineu Gehlen – Os profissionais marcantes da advocacia de Passo Fundo, para mim, são: Celso da Cunha Fiori, Carlos Galves, Dárcio Vieira Marques, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Mário Neves, Jabs Paim Bandeira, Nelson Silva e muitos outros.

Mestres da Universidade de Passo Fundo a serem seguidos: Alcione Niderauer Corrêa, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Carlos Galves, Juarez Diel, Dárcio Vieira Marques e Nelson Silva.

APLetras - Você sempre teve intensa participação em atividades comunitárias variadas em Passo Fundo. Fale-nos sobre isso.

Irineu Gehlen – Sim, vivi intensamente minha profissão, mas, sempre estive à testa do esporte amador, fundei entidades beneficentes, prestando assistência jurídica e auxiliando de todas as formas, porquanto sempre entendi ser obrigação contribuir com a sociedade e ser solidário. O espírito coletivo prevalece sobre o individual. Defensor da liberdade de expressão, fundei a tribuna livre, “Boca Maldita”, local onde qualquer pessoa pode se expressar livremente.

“Fui autorizado, em assembleia, a demolir o prédio da Academia para construção de nova edificação. Iniciada a derrubada, a cidade veio abaixo. Fui execrado pela imprensa, pelos defensores do patrimônio histórico e quase linchado...”

Como Vice Presidente Nacional da Cruz Vermelha Brasileira, tive a honra de participar, No Palácio Imperial da Espanha, com a Rainha Sofia, juntamente com minha filha Eunice, de uma homenagem à CVB, por relevantes serviços à causa da humanidade.

APLetras - E sobre a sua intensa militância político-partidária, que destaca? Ainda cerra fileiras políticas em defesa de partidos, candidatos, políticos no exercício de mandato? Algum em particular frustrou as suas expectativas?

Irineu Gehlen – Fui vereador em Passo Fundo de 1982 a 1988, contribuindo ativamente na repaginação da cidade.

Estive naquela época ao lado do grande Prefeito Fernando Machado Carrion, bem como, do inesquecível Prefeito e Médico Dr. Firmino Duro, com quem fizemos a retirada dos trilhos da viação férrea de dentro da cidade de Passo Fundo, iniciativa árdua, contestada e repelida pela antiga viação férrea, mas, de forma corajosa o Prefeito Firmino e nós na assistência jurídica, concluímos a homérica e difícil limpeza da cidade. Participei, ativamente, das duas administrações municipais – Firmino Duro e Fernando Machado Carrion – prefeitos que fizeram a base estrutural que permitiu Passo Fundo chegar aonde chegou.

APLetras - Em seus muitos anos como advogado militante, Você acompanhou profundas mudanças nos mais diversos aspectos do Direito no Brasil. Como vê essas mudanças? Vieram para melhor? Como vê o papel dos tribunais superiores no Brasil atual? Algum reparo?

Irineu Gehlen – O Direito até trinta anos atrás, era o fundamento da convivência social. Tanto os juízes quanto os advogados trabalhavam respaldados unicamente na lei. Este comportamento profissional dava absoluta segurança jurídica ao cidadão. Todos, indistintamente, rico, pobre, negro e branco tinham o dever de cumprir a lei. De trinta anos para cá, começou a florir no Brasil o chamado Direito Alternativo, através do qual, juízes com visão socialista e comunista começaram a decidir e também a postular segundo o entendimento próprio, mesmo que contrário à Lei. Esta ideologia jurídica trouxe para nós, como um todo, a insegurança jurídica. Hoje, sem dúvidas, não se tem mais um parâmetro para garantir ao cliente o resultado da sua demanda. Cada um decide ao seu bel prazer, o que é um descalabro no campo do direito, ao meu sentir.

APLetras – Quando e como foi o seu ingresso na Academia Passo-Fundense de Letras?

Irineu Gehlen – Em 1988 fui convidado pelo Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Cel. Otacílio Escobar e o Sr. Paulo Ceratti para ingressar na agremiação. Honrosamente, tomei posse no dia 07 de agosto de 1988 e a partir de então, com a alma fornida de entusiasmo e ideal, passei a atuar nessa entidade cultural de forma intensa. Tive momentos de glória e momentos de muitas dificuldades. Fui Presidente



Irineu Gehlen, Ana Maria Bueno e netos

do Sodalício por oito vezes.

Trabalhávamos no interior do prédio histórico da Academia, em situação precária, pois, as paredes e o teto estavam ruindo. Não encontrei outra alternativa, senão reunir em Assembleia os associados. À unanimidade dos membros fui autorizado a demolir o prédio para construção de nova edificação. Iniciada a derrubada, a cidade veio abaixo. Fui execrado pela imprensa, pelos defensores do patrimônio histórico e quase linchado. Entretanto, sabíamos dessa reação, pois, nosso objetivo era exatamente este. Assim, em poucas horas o prédio foi tombado pela municipalidade e com isto a responsabilidade da reconstrução e da reforma e da preservação histórica passou ao município de Passo Fundo. Agora, festivamente a Academia executa todas as suas atividades na sede nova, graças aos Acadêmicos e a Diretoria da época, cuja presidência era nossa.

APLeTRAS – Qual era o papel da Academia Passo-Fundense de Letras na vida cultural e social da cidade quando você ingressou no sodalício das letras locais?

Irineu Gehlen – A APL, à época, sem dúvidas, tinha uma atividade muito grande junto à comunidade cultural e

mesmo internamente. As reuniões e encontros eram permanentes e os acadêmicos interagiam na difusão da cultura de forma idealística. Jamais se viu qualquer movimento político partidário no sodalício, fazíamos solenidades com

“Nossa Academia não é simplesmente um monte de tijolos, nem um monte de areia, é, muito mais do que isso, *sinae dubio*, uma Instituição de valor e identidade nacional...”

a presença do mundo cultural e com o auditório do Fórum sempre repleto.

APLeTRAS – Qual o papel que é reservado a Academia Passo-Fundense de Letras na atualidade? Mudou algo em relação ao passado?

Irineu Gehlen – Sim, o mundo sofreu transformações em todos os segmentos da sociedade. Essas mudanças se fizeram presentes também no Sodalício. A informática, a política e agora a Pandemia (covid-19), deram outro formato à Entidade. Não tenho medo de afirmar que a Academia, à época, tinha mais substância cultural e seus membros não se afastavam das regras estatutárias vigentes. Por outro lado, agora, na era do presidente Gilberto Cunha, a Academia se modernizou e está engajada culturalmente, com esta importante revista, por exemplo, que mostra a dedicação e o desprendimento das últimas Diretorias.

O Estado Contemporâneo, sem escoimar as funções essenciais do Estado Moderno, atende a novas necessidades e a valores perseguidos pelo povo em crescimento, num momento em que estamos saindo de uma economia fechada e assaltada para nos tornarmos parte de uma economia globalizada. Essa evolução histórica clamou, como imperativo de sobrevivência, pela modernização das ações e das decisões dentro da racionalidade. Não há mais espaço para o improviso e para os interesses individuais ou pessoais. O Estado, hoje, rege-se por um conjunto de princípios respeitando os aspectos subjetivos da

iniciativa e força da criatividade, na incessante busca do bem comum. Aqui não estamos falando em dogma, nem de doutrinação, nem de ideologia, mas sobre a sustentação da razão, do equilíbrio, da honestidade, na dinâmica, na objetividade, na firmeza e na racionalidade. Dentro desta ótica é reservado o papel da Academia Passo-Fundense de Letras, na atualidade.

APLetras - A Academia de Letras viveu tempos difíceis, longe da sua sede, teve o seu acervo disperso, etc. Você atribui responsabilidade aos acadêmicos do passado que deixaram chegar a esse estado crítico? Houve culpados? Por que isso aconteceu? Por que a casa literalmente caiu?

Irineu Gehlen – Antes da nova e atual sede, os acadêmicos se reuniam no antigo e fragilizado prédio. Aquela situação de insegurança, o risco de ruírem as paredes, participação coletiva de espaço e o descaso do poder público e privado permitiram a dilapidação e desaparecimento de parte do acervo bibliográfico e histórico da academia. Talvez estes motivos e fatores, aliados a alguns descuidos diretivos, tenham sido as razões dos prejuízos literários. Difícil encontrar culpados.

APLetras – Que significava e o que significa hoje ser membro da Academia Passo-Fundense de Letras? Especialmente pra você qual é esse significado?

Irineu Gehlen – Ser membro da Academia Passo-Fundense de Letras é, indubitavelmente, uma honra e um privilégio incontestes. Poucos chegam e conseguem integrar esta Casa de Cultura. Assim, para mim, considero uma oportunidade das mais significativas e nobres da minha vida. Agradeço a oportunidade de ter sido admitido ao Sodalício por aqueles inesquecíveis acadêmicos. Colaborar e participar da difusão da cultura e do conhecimento é uma das missões mais importantes do ser humano. A educação merece atenção especial da sociedade e do poder público. Só através dela um país, uma nação, uma pátria, são dignificados. Povo culto, nação desenvolvida.

APLetras – Algo mais que queira acrescentar e não foi perguntado? Sinta-se livre.

Irineu Gehlen – Registro, ainda, que dentro deste templo da cultura, nasceram



a Universidade de Passo Fundo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Biblioteca Pública, o Instituto Histórico de Passo Fundo e muitos outros segmentos. Estas paredes, janelas e a porta – a mais alta do Rio Grande do Sul – são testemunhas vivas de grande parte da história de nossa cidade e do nosso estado. A sede da Academia Passo-Fundense de Letras move nossos pensamentos e glorifica

nossa história, nela se discutiram momentos significativos da vida política e cultural rio-grandense. Na Academia se guarda a memória da nossa terra. Aqui, ecoam os discursos, os poemas e as histórias narradas. Nossa Academia não é simplesmente um monte de tijolos, nem um monte de areia, é, muito mais do que isso, *sinae dubio*, uma Instituição de valor e identidade nacional. ■

Mãe - A eterna personagem

De todas as tarefas do mundo, ser MÃE é a mais importante, pois dedica ao filho seu trabalho gratuito por toda a vida.

MÃE é uma pequena palavra, porém composta de vários adjetivos, entre os quais está compartilhar da alegria e da tristeza que envolvem o seu descendente.

Na novela da vida, ELA caminha em estrada paralela com ele. Sem saber se no futuro poderá estar junto dele, porém hoje, ela cumpre seu real e infinito papel.

É a eterna novela, onde ELA é a principal personagem, não recebendo salários, e as vezes nem reconhecimento, porém

não se nega a qualquer atividade no decorrer dos diversos capítulos. Cujo tema é: O único amor que desconhece declínio.

Parabéns MAMÃES, pela perseverança na tarefa que exercem, as quais são divina, e que por natureza aceitam.

O dia das MÃES, não é o segundo domingo de maio, apenas, porém são os trezentos e sessenta e cinco dias de cada ano. Mas por ser um dia especial, dedico à todas as MÃES, minha sincera homenagem, pois coube a mim escrever, por ser filha da personagem.



Você encaminhou minha vida

Para agradecer minha vida,
PAI, hoje aqui estou!
Pois se sigo um caminho,
Foi você que me guiou.

Foi você quem me guiou
Desde o primeiro momento,
Endereçando-me a um mundo
Com segurança e talento.

Nestas palavras que escrevo
É o que posso afirmar,
Pois desde que cheguei,
Sempre está a me orientar.

Me traz clareza e confiança
Quando meu caminho é embargado,
Dizendo-me que no mundo
O homem é pra ser enganado.

E com esta afirmativa
Encaminha-me novamente.
Se um dos passos foi nulo
O outro será diferente.

A calma que você possui
É um dom que Deus lhe dá.
Encaminhando sete vidas
E, assegurando-as sempre está.

Por eu ter vida encaminhada,
Simples linhas lhe agradecem.
São versos à sua vida
Que sua filha oferece.

A você que planta e a você que transporta

Quem cultiva nossa terra?
Quem Deus o fez de dono?
Quem ampararia a cidade?
Sem você nosso colono?

Quem transportaria os produtos?
Frutos de quem te alista.
Seriam sedentários,
Sem teu papel, motorista.

Persistir é semear,
Transportar é persistir.
Vos parabenizamos,
Nos ensinaste a assim agir.
Pois da vossa tarefa
Depende a nossa de consumir!



Nota – poemas originalmente publicados pela autora no seu 1º livro: O Espelho da Poesia (1982).

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é professora aposentada e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Uma quarta-feira da primavera de 1944

(FOTO: TIAGO LERMEN)



Affonso Romano de Sant'Anna (E), Alberto Mangel e Beatriz Sarlo em Passo Fundo, 2011

GILBERTO R. CUNHA

Foram 10 anos de busca por um livro. Desde a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, realizada em agosto de 2011, que, após conversa que tive com a escritora argentina Beatriz Sarlo, procurava por um pequeno livro indicado por ela. A conversa que tive com Sarlo foi, inicialmente, sobre o livro *Borges, un escritor en las orillas*, que reuniu as quatro conferências proferidas por Sarlo na Universidade de Cambridge, em 1992, na Cátedra Simón Bolívar. Originalmente, essa obra fora publicada em Londres, em 1993, sob o título *Jorge*

Luis Borges: a writer on the edge.

Mas, o assunto principal da conversa com Betriz Sarlo foi, evidentemente, Jorge Luis Borges. Ela contou coisas que a maioria das biografias do escritor argentino ou tratou com superficialidade ou nem tocou. Por exemplo, como alguém que sequer concluíra o equivalente ao ensino médio poderia ter assumido uma cadeira de Literatura Inglesa e Norte-Americana na Universidade de Buenos Aires? Imagine sob o ponto de vista do Direito positivo que impera no Brasil. Impossível! Mas, em regimes de exceção, no rastro da Revolução Libertadora, o golpe de Estado que havia derrubado Perón, nada é impossível. E assim, na sanha de eliminar os pro-

fessores anteriormente indicados pelo peronismo, Borges, apoiador incondicional do governo Aramburu, foi alçado ao cargo de professor universitário sem maiores obstáculos. O inconveniente seria corrigido por um doutorado honorífico que recebeu da Universidade de Cuyo, em Mendonza, o primeiro de muitos. No seu *Ensaio autobiográfico*, Borges faz um relato algo benevolente e um pouco irônico dessa nomeação: “Outros candidatos tinham enviado minuciosos relatórios de suas traduções, artigos, conferências e demais realizações. Limitei-me à seguinte declaração: Sem me dar conta, venho me preparando para esse cargo durante toda a minha vida. Essa simples proposta surtiu efei-

A LOS AMIGOS BORGEANOS
ALBERTO CASARES
Y FERNANDO SORRENTINO

Para Mariah con mucho cariño, recuerdo de su
paso teatral por mi librería. B. Aires, 13-I-15

Primera edición (doscientos ejemplares numerados): 24
de agosto de 1989.

REPRODUCIDO EN

Suplemento Cultural de *La Prensa*, Buenos Aires, 20 de agosto de
1989.

Condados de Niebla, números 11 y 12, Huelva, 1991.

El País Cultural, Montevideo, 21 de agosto de 1992.

The New Yorker, New York, 12 de abril de 1993. ("Jorge Luis
Borges: A Day in the Life", traducción de Donald A. Yates.)

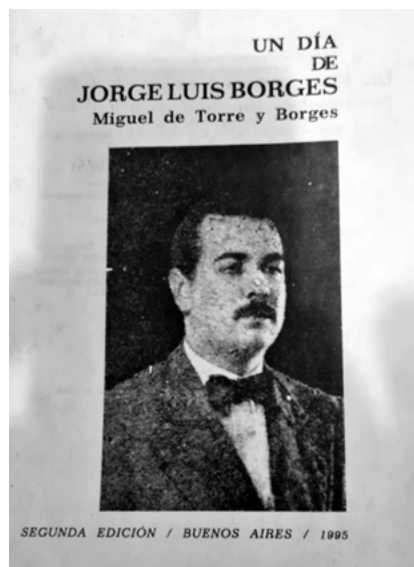
Jorge Luis Borges, *Destino e obra de Camões*, seguido de "Um dia
de Jorge Luis Borges", Edições do Tâmega, Amarante, sep-
tiembre de 1993. (Traducción de Miguel Viqueira.)

Segunda edición, revisada y ampliada: 1 de marzo de 1995.

© Miguel de Torre y Borges.
Las Heras 2279,
1127 Buenos Aires,
República Argentina.

to. Contrataram-me". É óbvio que teve uma mão invisível nessa contratação, ainda que as credenciais de Borges, em termos de conhecimento literário, para esse cargo, fossem indiscutíveis.

O livro que Beatriz Sarlo havia me indicado, e eu só conseguiria em 2021, foi *Un día de Jorge Luis Borges*, escrito pelo sobrinho de Borges, Miguel de Torre y Borges. A obra, originalmente editada em 24 de agosto de 1989, cuja primeira edição foi de 200 exemplares numerados, ganhou reproduções, até por não ser um texto extenso, nos suplementos culturais de *La Prensa* (1989), *Condados de Niebla* (1991), *El País Cultural* (1992), *The New Yorker* (1993, traduzido para o inglês como *Jorge Luis Borges: A day in the life*) e foi incluído no livro, publicado em Portugal, *Destino e obra de Camões, seguido de Um dia de Jorge Luis Borges*, em 1993. A segunda edição, revista e ampliada, seria publicada em 1º de março de 1995, com tiragem de mil exemplares. E foi dessa segunda edição que eu consegui um exemplar, que sequer fora lido, pois as páginas ainda não haviam sido separadas. Nesse exemplar, há uma dedicatória do livreiro



Alberto Casares: "Para Mariah con mucho cariño, recuerdo de su paso teatral por mi librería. B. Aires, 13-I-15". Foi nessa livraria que Borges, em 27 de novembro de 1985, viveu seu último compromisso público em Buenos Aires: uma exposição das primeiras edições das suas obras. Passou aquela tarde na livraria de Alberto Casares, autografando obras na companhia de amigos e, depois

de muito tempo, teve a oportunidade de reencontrar-se e despedir-se de Adolfo Bioy Casares. No dia seguinte, acompanhado de Maria Kodama, partiria para a Itália, para cumprir agenda de trabalho e, de lá, rumaria para a Suíça, onde morreria, no dia 14 de junho de 1986, e onde estão sepultados os seus restos mortais.

Miguel de Torre y Borges relata um dia qualquer da vida do escritor, tendo escolhido uma quarta-feira da primavera de 1944. Descreve os hábitos do escritor, desde a hora de acordar, o ambiente do quarto e do apartamento (usa como referencial o endereço do sexto piso da Calle Maipú 994, embora Borges e Dona Leonor tenham passado a viver nesse local somente a partir de 1947. Entre 1943 e 1946, o endereço deles era Calle Quintana 263), o café com leite no quarto, a dificuldade para vestir a roupa e acertar o nó da gravata, a saída para a rua carregando um exemplar de *La Nación* embaixo do braço, o qual, discretamente, abandona em um banco da Praça San Martín. Vai a uma barbearia, passa na livraria inglesa Mitchell, compra um livro que julga com potencial de traduzir e publicar na Coleção Sétimo Círculo. Volta para casa, lê, toma notas do livro, consulta a *Encyclopaedia Britannica*, a famosa 11ª edição, almoça, ruma de bonde, o número 7, para mais uma jornada de trabalho na Biblioteca Municipal Miguel Cané. Vai lendo no trajeto, que faz desde 1937, para exercer o cargo de terceiro auxiliar de biblioteca. São 50 empregados na minúscula biblioteca. Sobra tempo e falta trabalho para todos. Borges faz a sua parte e gasta o resto do tempo lendo e escrevendo. Os assuntos puxados pelos colegas não lhe atraem: futebol, turfe e mulheres. No final do expediente toma uma *ginebra* num bar das proximidades e recebe visitas de amigas, que despertam a curiosidade dos colegas. Volta com uma delas, vão ao cinema, conversam, jantam num restaurante da Estação Retiro e, antes da meia-noite, está em casa. Conversa com a mãe sobre o dia e a literatura, vai para o quarto, lê um pouco, apaga a luz e, apesar de agnóstico, murmura oração que aprendeu com a avó inglesa: "Our Father, which art in heaven, Hallowed be thy Name. Thy kingdom come. Thy will be done, in earth as it is in heaven...".

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)

A oratória parlamentar de Paulo Brossard no Senado

PAULO MONTEIRO

As divisões da Oratória, a arte de falar em público, são várias. Uma das mais importantes, desde que o homem se organizou em sociedade, é a oratória parlamentar.

O Brasil tem sido pródigo em grandes oradores parlamentares e o Rio Grande do Sul, em particular, tem fornecido magníficos exemplos desses maneja-dores da palavra. No século passado destacar-se-ia a figura de Gaspar Silveira Martins, o Titã do Império, homem de raros recursos oratórios, uma cultura cosmopolita e um profundo amor à que-rência. Mais tarde o Rio Grande do Sul forneceria excelentes oradores ao nosso Parlamento Nacional, entre os quais avultam Assis Brasil, de cultura vasta e recursos mnemônicos invejáveis, Pedro Moacyr, Lindolfo Collor, João Neves da Fontoura, o São João Batista da Revo-lução de 30 e Rui Ramos.

Se percorrermos os discursos de nos-sos maiores oradores parlamentares cer-tamente encontraremos características que os distinguem de seus congêneres doutros pontos do País. Com certeza, veremos que os oradores mineiros manejam a palavra com paciência dos montanhese e os gaúchos a empunham como se fora uma lança e fazem de suas orações verdadeiras cargas de cavalaria. Por isso, é que nos momentos de crise por que passou nossa Pátria os oradores sul-rio-grandenses se destacaram no Parlamento.

Nos últimos tempos, salientou-se a figura de Paulo Brossard de Souza Pinto, fronteiro e mestre do Direito Constitucional, cujos pronunciamentos no Senado Federal, representaram, verdadeiras cargas de cavalaria contra o estado autoritário imposto ao País a partir de 1º de abril de 1964. Paulo Brossard, que como deputado estadual e secretário de Estado, apoiara o movi-mento que derrubou o governo demo-crático de João Goulart, pela seriedade e pelo desprendimento com que apoiara



o novo estado de coisas, em seu início, tinha autoridade para desferir os ataques que desferiu contra o autoritarismo. E nenhum dos seus adversários dos últimos tempos tinham estrutura para contrapor-se à força dos argumentos do parlamentar rio-grandense.

Seus discursos parlamentares desper-tavam a atenção do Congresso Nacional e da Imprensa e poucos senadores ou-savam enfrentá-lo destacando-se como defensor do autoritarismo, o depois presidente da República, José Sarney, e o ex-ministro Jarbas Passarinho que, não poucas vezes, foram lançados ao ridículo pelos golpes do senador gaúcho.

Professor de Direito Constitucio-nal, Paulo Brossard de Souza Pinto disse-cou os fundamentos jurídicos do estado autoritário, reduzindo-os ao pó da mediocridade. Seus discursos, cui-dadosamente arquitetados, mesmo ao

abordar problemas econômicos, versam principalmente sobre a grande base do pensamento liberal, a liberdade do cidadão é o fundamento da sociedade.

Assim, destacam-se as críticas do tribuno gaúcho à legislação autoritária, à impunidade dos donos do poder, à concentração dos poderes, à corrupção e à censura.

Os liberais, ao que parece, carregam o mesmo e triste destino: serem liberais na oposição e conservadores no governo. Bernardo Pereira de Vasconcellos, na primeira metade do século XIX, é um belo exemplo disso. Liberal quando na oposição, tornou-se conservador empe-dernido quando chegou ao poder.

Paulo Brossard de Souza Pinto, en-quanto parlamentar que se opunha ao estado autoritário destacou-se por um liberalismo extremado.

O Balé Proibido, famoso discurso

de 29 de março de 1976, é um libelo violento contra a censura. O motivo pode ser resumido em poucas palavras: o governo brasileiro, do general Ernesto Geisel, proibiu que a televisão mostrasse uma apresentação do Ballet Bolshoi (soviético), que seria retransmitida para 112 países. Indignado com a censura, Brossard exclama, do alto do Parlamento Nacional: “Quando medidas dessa natureza são tomadas, positivamente, as coisas não andam bem”.

Interessante é que o brilhante orador, que atacava a censura, depois foi ministro da Justiça de um governo que proibiu o filme *Je Vous Salue, Marie*, para agradar à hierarquia da Igreja Católica: interessante, ainda, é que o tribuno que combatia o uso indiscriminado de decretos-leis acabou ministro da Justiça de um governo que alterou toda a política econômica, através de um decreto-lei.

Hegel, há mais de um século e meio, já chamava a atenção para o fato de que muitas pessoas, inclusive dadas como esclarecidas, costumam atribuir um valor muito grande ao “pensamento” dos oradores o que, entendia o grande filósofo alemão, não está certo.

A biografia dos grandes oradores, de Cícero, o defensor ferrenho dos privilégios dos poderosos de seu tempo, a Rui Barbosa, que disse verdadeiros absurdos do socialismo para agradar seus patrões, comprovam as afirmações do reconhecido pensador alemão.

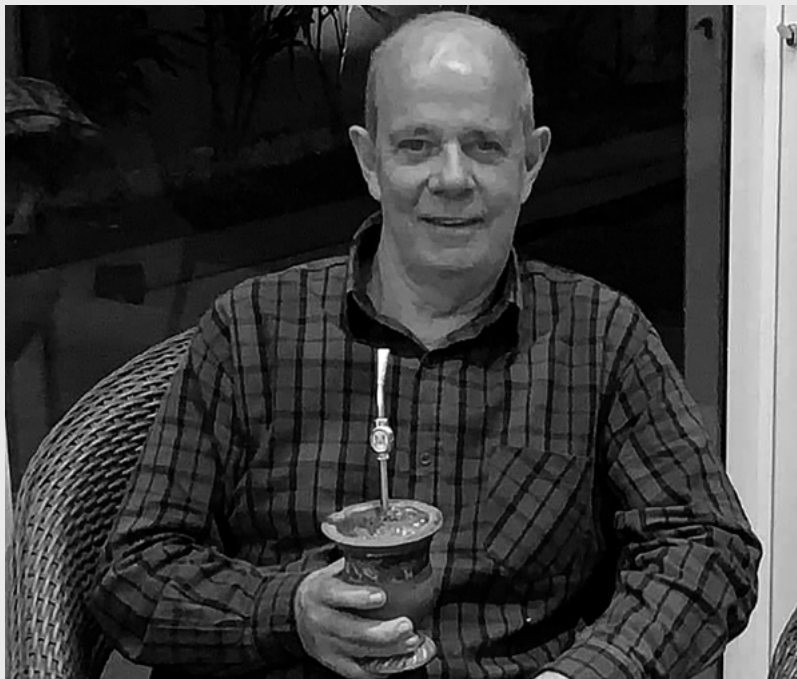
Os oradores, artistas que são, preocupam-se mais com a forma, com a beleza, com a plasticidade de suas construções do que com a essência, o conteúdo, o rigor das mesmas. Com isso, fica bastante claro que os belos discursos, enquanto obras de arte, são destituídos de valor científico.

Os oradores parlamentares valem pela beleza de suas orações e os administradores pela prática de suas gestões.

Os discursos de Paulo Brossard de Souza Pinto, reunidos num grosso volume de 496 páginas, intitulado *NO SENADO*, publicado em Brasília, no ano de 1985, sem editora, é um livro que merece ser lido com toda a atenção. Ali encontramos um liberal de corpo inteiro. E o liberalismo dos parlamentares até poderia ser bom se eles não o transformassem no conservadorismo, ao chegarem ao poder.

(Paulo Domingos da Silva Monteiro é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Para o amigo Airton Borowski



AGOSTINHO BOTH

J á me canso de perder amigos. A velhice tem disso: vai nos deixando solitários. A gente até vai se acostumando a sentir a própria morte. Nestes tempos difíceis de solidão, em razão de doenças somadas, nos acostumamos a não compartilhar dores e alegrias. Ficamos somando os falecidos quase todos estranhos para nós. Mas, de repente, se vai quem amamos. Se vai quem dividíamos a alegria, as surpresas, o Brasil e nossas famílias. Mas quando assim, sem aviso prévio, se vai um amigo de referência aí ficamos como quem vai atravessar um rio sobre um tronco fino e não sabe onde se segurar para não cair.

Mas não há como não continuar, apesar de vermos perigos, vamos, mesmo com insegurança tendo como exemplo quem atravessou o rio da vida dando exemplo de como atravessá-lo. Ficamos mais solitários com nosso cotidiano mais vazio, mas como você, Airton, deu o exemplo,

não dá para ficar sem fé, sem a ternura aprendida de tuas lições. Te peço, então, Airton, o que aprendi da oração de Bergman com o menino do filme *a Fonte das Donzela*:

Que você possa falar
Com Deus e que Ele te ouça.
Reze por nós, que fomos deixados
nestes tempos difíceis.

Peça a Deus que nos liberte
De nossa ansiedade e de nosso
cansaço,

De nossas apreensões e medos
Para que Ele dê sentido e significado
a nossas vidas.

Você, que suportou a angústia com
tanta esperança,

É capaz de nos defender diante
dos perigos.

Que tua amizade e solidariedade
sempre demonstrada

Sirva de convencimento perante
Deus

Para sermos melhores e estarmos
protegidos.

(Agostinho Both é professor aposentado, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Muito além do centenário do Instituto Educacional

EDUARDO PITTHAN

Passo Fundo iluminou-se de azul em março de 2020. Prédios, templos, clubes e museus revestiram-se com o azul Iense, em uma homenagem aos cem anos do Instituto Educacional Metodista de Passo Fundo. A cor reverenciou a trajetória de uma das instituições mais tradicionais do município, referência educacional e identitária que transpôs as fronteiras do município, do estado e da nação.

A comemoração foi registrada com a devida relevância, expressa pela Semana Iense, oficializada pelo Poder Executivo e que mobilizou diferentes instituições na realização de exposições, mostras, sessões solenes, cerimônias religiosas, lançamentos, além de momentos de confraternização e conagração de diferentes gerações de Ienses. Durante a Semana Iense, as atividades alcançaram o objetivo reforçar os laços entre aqueles que compartilham o sentimento o IE como segundo lar.

Na celebração que homenageou os pilares Ienses, valores humanísticos de respeito, ética e liberdade, foram rememorados personagens e os múltiplos significados dessa Instituição que influenciou na formação individual e social, a partir do lema eterno da instituição ‘mens sana in corpore sano’ (uma mente sã em um corpo são).

Atualmente Passo Fundo é um município reconhecido como polo regional, estadual e conhecido nacionalmente pela alta qualidade do ensino e das iniciativas culturais que promove. O IE é um marco seminal nesta trajetória, com seu passado de conquistas no campo do ensino.

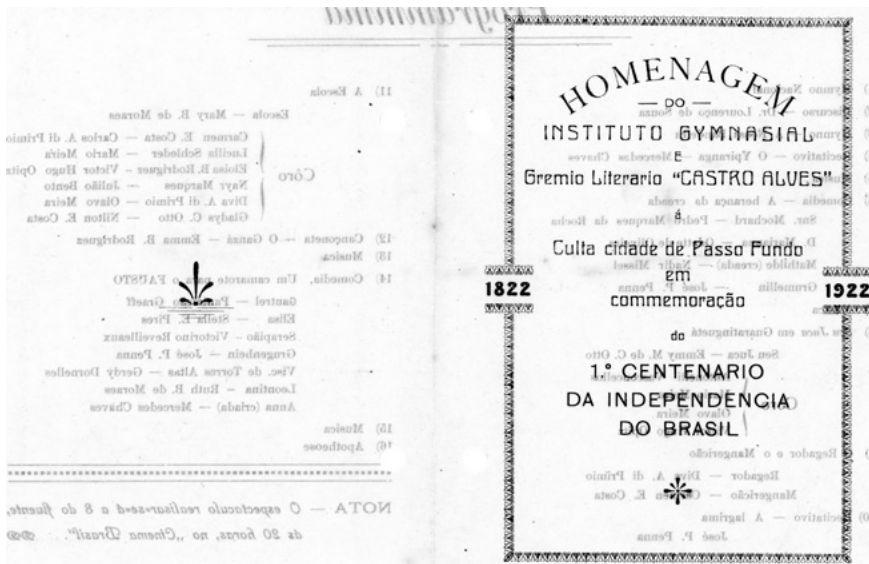
O IE iniciou suas atividades em 15 de março de 1920, com o nome de Instituto Gymnasial de Passo Fundo. O Reverendo Jeronimo W. Daniel se antecipou e iniciou as atividades escolares em um improvisado chalé de madeira, junto ao pequeno templo central, na Rua Bento Gonçalves. No ano anterior, em



(FOTOS: ARQUIVO E. PITTHAN)

1919, a Intendência Municipal ofereceu à Igreja Metodista a Praça Boa Vista, localizada no então distante Boqueirão, para a construção de uma escola. Em seu primeiro ano de funcionamento, a escola contava com 121 alunos (63 meninos e 58 meninas), e quebrava dois paradigmas: sistema misto e orientação metodista em cidade de pronunciada influência da Igreja Católica.

Mary Deckard, catedrática na Southern Methodist University (SMU), no Texas, EUA, soube das dificuldades financeiras para construir a escola e liderou uma campanha para obtenção de fundos. A resposta foi imediata. O majestoso edifício Texas com 11 salas de aula, biblioteca, grêmio literário, salão nobre, secretaria e administração, e o internato para 50 meninos, com salas



de estudo e refeitório, localizado na esquina das ruas Paissandu e Coronel Miranda, foram inaugurados no início do ano letivo de 1923, graças ao trabalho do Reverendo Daniel Lander Betts e do professor Germano Petersen. Estava instalado o Instituto Gymnasial, que tornar-se-ia uma tradição de ensino, esporte e cultura, que atraía alunos de toda a região.

Construído na Avenida Brasil, em um dos acessos de Passo Fundo, o Texas Hall se apresenta imponente e majestoso, com seu frontão de inspiração grego clássica e colunas jônicas com volutas que enriquecem a arquitetura passo-fundense e gaúcha.

Milhares de alunos passaram pelas portas da instituição, com profundo impacto na sua formação profissional e da cidadania. O IE contou com professores eméritos que doaram suas vidas na formação de gerações de estudantes, mestres inesquecíveis que foram homenageados na solenidade dos cem anos no quadro Tradição e Herança Iense.

Os cem anos do IE foram eternizados em um livro-álbum comemorativo – “Instituto Educacional: 100 anos de história”, cujo intuito é preservar e reverenciar a contribuição do IE para o desenvolvimento pessoal de um sem número de jovens e a influência da escola nos campos social, político, econômico e educacional de Passo Fundo e região. A obra apresenta depoimentos, registros iconográficos, memórias e uma densa e intensa pesquisa histórica, lembrando eventos como o Festival da Primavera, as Olimpíadas Metodistas, as Assembleias, as Feiras de Ciências e os tradicionais festejos do Dia das Mães, além de agremiações como os escoteiros, as bandas, os clubes literários e o grêmio estudantil.

Nesse sentido, destaca-se o Grêmio Literário Castro Alves, entidade cívico-literária que reunia professores e alunos, fundada em 14 de março de 1922. Em suas sessões semanais, os participantes aprendiam a declamar, falar em público, debater, cantar e tocar. A leitura

era defendida como um instrumento de aperfeiçoamento do raciocínio. Para mais, o Grêmio promovia sessões com a presença de conferencistas, com o intuito de fomentar debates culturais. Esses eventos realizados pelo grupo discutiam temas específicos ou celebravam datas comemorativas.

A primeira presidente do Grêmio foi Odette de Oliveira, que juntamente com outros professores, funcionários e ex-alunos, esteve presente na sessão de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Segundo consta, a decisão de criar o Grêmio Passo-Fundense de Letras aconteceu numa reunião preliminar, realizada em 31 de março de 1938. Os participantes foram: Sante Uberto Barbieri (ex-aluno e professor do IE), Arthur Ferreira Filho, Gabriel Pereira da Costa Bastos, Tristão Feijó Ferreira (professor do IE), Aurélio Amaral (professor do IE), Odette de Oliveira Barbieri (professora do IE), Celso da Cunha Fiori, Pedro Silveira Avancini, Herculano Araújo Annes, Nicolau Araújo Vergueiro, Armando de Souza Kanters (Inspetor de Ensino do IE), Túlio Fontoura, João José Boeira Guedes, Francisco Antonino Xavier e Oliveira (ex-professor do IE), Verdi De Césaró, Daniel Dipp. Antônio Athos Branco da Rosa (professor do IE), Heitor Pinto da Silveira, Sabino Santos (professor do IE), Gomercindo dos Reis, Onildo Gomide, Pindaro Annes (professor do IE), Waldemar Camilo Ruas (ex-aluno do IE), Lucila Schleder (ex-aluna de IE) e Oscar Kneipp (professor e funcionário do IE).

Notável a relação do educandário com o Grêmio de Letras, mesmo entre aqueles que não foram alunos ou professores do IE, como é caso de Celso Fiori, que foi Gremista Honorário do Grêmio Castro Alves, personalidade destacada na trajetória da APL.

O legado cultural do IE vai além de suas edificações, que integram o rol do patrimônio histórico de Passo Fundo, a visão, a iniciativa e as ações de diversos Ienses impactaram o cenário cultural brasileiro, a partir das produções artísticas, literárias e intelectuais, que, para além de expressarem a sensibilidade dos indivíduos, oportunizam o desenvolvimento social e projetam para o futuro seus valores.

(Eduardo Pitthan é docente da Universidade Federal da Fronteira Sul, ex-aluno Iense e membro correspondente do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Ter um hobby é cuidar da saúde

Dedicar tempo a atividades que oferecem a sensação de bem-estar ajuda a manter a saúde em dia e prevenir doenças

CAROLINE LIMA

Em meio a uma rotina agitada e cheia de compromissos é comum sentir a presença de cansaço, estresse e ansiedade. Diante disso, cultivar bons hábitos torna-se importante para ter uma vida saudável e feliz. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), ter saúde não significa somente ausência de doenças, mas, também um estado satisfatório de bem-estar físico, mental e social. Uma forma de manter a saúde em dia é encontrando tempo para se dedicar a atividades que tragam essa sensação de bem-estar.

Para a professora dos cursos de Psicologia e Educação Física da Universidade de Passo Fundo (UPF), Dra. Marilise Brockstedt Lech, é normal haver problemas comuns no dia a dia, porém é preciso desenvolver forças para lidar de frente com eles a fim de evitar doenças.

“Para se ter prazer por estarmos vivos precisamos ter bons vínculos, seja com pessoas, com lugares ou com atividades que nos entusiasmam e nos colocam em movimento”, afirma. “A forma de ocupação do nosso tempo, diz muito sobre quem somos e como estamos nos sentindo, nos diferentes momentos da vida”, destaca.

Boas práticas de autocuidado

Cuidar de si, complementa a professora, requer repensar o estilo de vida, ocupando o tempo e a mente com atividades prazerosas, com criatividade, esperança, resiliência, otimismo e autoconhecimento. “Uma boa conversa, a leitura de um livro, uma caminhada junto à natureza, o cultivo de plantas, flores e de uma horta doméstica, bem como cozinhar, pesquisar, estudar, escrever, fazer algum esporte, artesanato, música, coleções ou projetos sociais podem trazer pequenos prazeres que, somados, dão mais sentido à nossa vida, sejam estas praticadas como trabalho ou ocupação do tempo livre”, ressalta.



(FOTOS: ARQUIVO C. LIMA)

Claudia encontrou na corrida uma forma de exercitar o corpo e fortalecer a saúde mental

Os hobbies como aliados da saúde

“A corrida hoje não significa rendimento, competição e pódio... significa uma dose de felicidade diária”.

É assim que Claudia de Oliveira Schmitt, supervisora da Central de Informações da UPF, descreve o exercício que começou a praticar há seis anos. “Escolhi a corrida porque tenho pouco tempo disponível na rotina. Essa atividade pode ser praticada a qualquer hora, em praticamente qualquer lugar, sozinha ou em grupo”, conta. Além de exercitar o corpo, para Cláudia, a corrida representa um momento de fortalecer a saúde mental.

A acadêmica do oitavo nível de Medicina da UPF, Júlia Lumi encontrou na arteterapia uma forma de liberar as energias acumuladas. Ela conta que desde pequena gosta de fazer pintura em telas e foi a partir de um momento

de estresse que sentiu a necessidade de retomar a atividade. Quando iniciou a pandemia, durante o período em que as atividades estavam fechadas e não haviam aulas remotas, a atividade foi ainda mais executada.

“A princípio eu não via ligação nenhuma da pintura com a medicina, mas comecei a estudar sobre o assunto e ao entrar na Liga Acadêmica em Saúde, Espiritualidade, Práticas Integrativas e Complementares (Lasepics) descobri que ela é uma terapia e me ajuda em situações de estresse que vivencio na faculdade ou quando atendo algum paciente mais fragilizado, pois consigo canalizar na arte, então é uma prática que ajuda cuidar da minha saúde”, destaca.

Desde criança, o professor do curso de Física da UPF, Dr. Alisson Giacomelli, tem contato forte com a música, especialmente, com o rock. “Vivi uma época em que bandas de heavy metal



Júlia produz mandalas nos momentos de lazer



O professor Alisson concilia as tarefas da profissão com a paixão pela música

faziam muito sucesso, então eu tinha o sonho de subir em um palco e tocar que nem as bandas que eu escutava”, afirma. O sonho se tornou realidade. Agora, ele concilia as atividades da banda com a profissão.

“Ter uma banda exige tempo, mas por outro lado é algo que alivia o estresse do dia a dia e acaba sendo um hobby importante. A música como um todo ajuda a se desconectar um pouco e também é importante para o desenvolvimento de várias questões afetivas, de coordenação motora, de atenção. No meu caso, como toco metal na bateria, se torna um exercício físico também, já que exige bastante esforço”, comenta.

Conforme a professora Marilise, al-

cançar a sensação de bem-estar requer um olhar mais atento ao nosso redor. “O fato de melhorarmos nossa postura, inspirarmos profundamente e deixarmos nossa mente aberta e receptiva pode nos ajudar a encontrar o que podemos fazer para criar engajamento com a vida”, pontua ela, destacando.

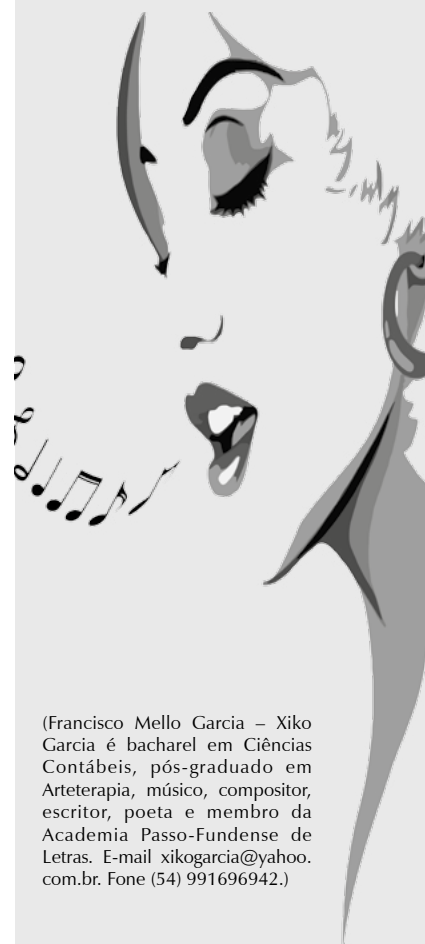
“Em tempos em que as mídias impõem padrões de felicidade, temos que entender que não se é feliz o tempo todo e que, a seu modo, suas condições e seu tempo próprio, cada um pode construir seus momentos de bem-estar”, garante.

(Caroline Lima é jornalista da Assessoria de Imprensa da UPF.)

Teoria e prática

Não sei música por teoria
Nem português por gramática,
Informo e sou informado
Sem estudar informática,
Mas pra tudo existe jeito
Que muitos chamam de tática,
Tem coisa que é bom que mexa
Outra que fique estática,
Ser feia já é uma barra
Pior é feia e antipática...

Também calculo o que vejo
Sem usar a matemática,
Pois sei bem que a euforia
Já pagou por ser enfática,
É duro sorrir de tristeza
E viver alegria apática,
A mentira vira verdade
Numa mente dogmática,
Conversa e lei tem valor
Se tiver a ver com prática...



(Francisco Mello Garcia – Xico Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942.)

A vida plena de Carlos Madalosso

OSVANDRÉ LECH

(FOTO: ARQUIVO O. LECH)

A biografia é a maior conquista do Prof. Madalosso. Na América do Norte ele seria denominado de “self-made man” e na Europa de “Renaissance Man”, pois a grandiosidade das suas iniciativas e ações impactou a vida de muitos. Algumas delas estão descritas neste livro com a simplicidade que sempre o caracterizou.

O dia 10 de dezembro de 1974 marcaria a minha vida profissional para sempre. O aluno do primeiro ano da Faculdade de Medicina da UPF vagava pelo centro cirúrgico do Hospital São Vicente de Paulo em busca de aprendizado. A equipe de enfermagem de uma das salas preparava o próximo caso – uma apendicectomia de urgência a ser feita pelo diretor da Faculdade, Prof. Carlos Madalosso. Entre inibido, temeroso e curioso, aproximei-me do professor que já iniciara a antisepsia (lavar as mãos por 5min) e lhe perguntei se poderia observar o procedimento. Ele foi amável, receptivo e me permitiu auxiliá-lo; foi além disso, explicou com a paciência de um alfabetizador o passo-a-passo. Aquela foi a primeira vez que eu participava de uma cirurgia e me encantei com o novo mundo ali descortinado.

A atitude do Prof. Madalosso naquela manhã se constitui numa das “Esquinas da minha Vida”, pois alterou o seu rumo para sempre. Naquele momento decidi que seria um cirurgião. A gratidão por aquela oportunidade foi imensa e imediata. E cresce desde então. Imagino quantas dezenas, centenas de vezes o mesmo gesto se repetiu ao longo da sua jornada profissional, influenciando positivamente os jovens ao seu redor.

Como médico, o Prof. Madalosso tratou, aconselhou, amparou, consolou milhares de pacientes de diversas gerações desde dezembro de 1964, quando instalou consultório na sua cidade natal. A missão Hipocrática a ele conferida – exercer a medicina com honra e dignidade – foi cumprida com notável distinção.

Como líder da classe médica, exerceu com zelo diversos cargos – professor, vice-diretor e diretor da Faculdade de Medicina, diretor médico do Hospital



Carlos Madalosso, idealizador da Academia Passo-Fundense de Medicina, a primeira no país fora das capitais.

Municipal, Secretário Municipal da Saúde, presidente da AMRIGS - Seccional Passo Fundo, fundador e presidente da Associação Médica do Planalto – AMEPLAN, membro do Conselho de Representante da AMRIGS, Delegado e Diretor do SIMERS, vice-presidente da Região Sul do Colégio Brasileiro de Cirurgia e presidente da Sociedade de Colo Proctologia do Rio Grande do Sul. Seus diversos livros publicados demonstram de forma indelével o seu desejo de manter o perfil de educador e acadêmico para a atual e próximas gerações de cidadãos.

Como líder comunitário, o Prof. Madalosso demonstrou a sua pro-atividade em diversos setores em Passo Fundo: Conselho de Desenvolvimento, Associação de Dirigentes e Empresários Cristãos (ACDE), Academia de Letras, dentre outros. As generosas doações pessoais foram decisivas para que o Instituto Histórico tivesse sede própria e o abrigo de idosos Nossa Senhora da Luz mantivesse a sua ação social.

O pioneirismo do Prof. Madalosso pode ser constatado em diversas ações

que se refletem em benefício da comunidade em que vive. Ele foi um dos fundadores da Universidade de Passo Fundo, do Complexo da Roselândia e da Academia Passo-Fundense de Medicina, a primeira fora de uma capital brasileira.

Baseado no exemplo cristão, a vida familiar sempre foi um importante pilar da sua vida. Com sua companheira de toda a vida, Celina Scussel Madalosso, constituiu uma linda família através dos filhos Carlos Augusto e Cláudia (*in memoriam*), que lhe presentearam os netos Ricardo Madalosso Zanin (*in memoriam*), Eduardo Madalosso Zanin, Bruno Guareschi Madalosso e Bianca Guareschi Madalosso.

Acompanho a impressionante, produtiva e insular biografia do Prof. Madalosso desde o longínquo 1974 e aprendo muito com ele, uma pessoa especial que faz diferença na vida de muitos.

Nota: Prefácio do livro autobiográfico de Carlos Madalosso, escrito em julho de 2020.

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

A maior porta de todas

PATRICIA GODOY RITTER DE BAIROS

Parada em frente à imensa porta ela sorri e relembra coisas que parecia ter esquecido. As duas folhas de madeira que aguardam a sua passagem, selam conquistas traçadas por alguém que um dia sonhou em ser imortal.

Na década de noventa as suas manhãs quase sempre eram iguais. A rotina iniciava com um acordar meio preguiçoso, correria para usar o banheiro e não se atrasar, café da manhã em família e uma caminhada de mais ou menos vinte minutos até à escola. No caminho, divagava em seus pensamentos.

Ela não conhecia muito do mundo, mas queria ser alguém. Entre tantos planos, o que lhe parecia mais possível de acontecer era ir morar na capital, estudar, abrir um negócio, ser uma empresária de sucesso e possibilitar às pessoas um emprego, ou algo de bom que fizesse sentido na vida.

Foram tantos dias pensando a mesma coisa. Suas amigas lhe ajudavam nestes devaneios planejando como seria sua casa, os passeios e o que fazer com o dinheiro que ganharia.

Durante os três anos no Ensino Médio a biblioteca foi um refúgio, aquele lugar de porta cinza era a chave para o conhecimento. Lá, a estudante esparramava livros de várias matérias sobre a mesa. Às vezes, não contente pelo soar do sinal avisando a hora de ir, ela saía abraçada em alguns exemplares e continuava suas leituras e pesquisas em casa.

Assim, vivendo a realidade e mergulhando na literatura, ela estudava e pensava o quão interessante seria poder visitar mundos fantásticos ou conversar com os personagens das obras escritas em outras épocas. Um dos seus desejos era ter conhecido os autores das obras que leu, para palpitar e poder contestar o final de algumas histórias.

Os livros sempre a encantaram. Quando leu Alice no País das Maravilhas, ficou intrigada com as portas e a necessidade da personagem em se adaptar para alcançar a chave e abrir o novo caminho. Em *As Crônicas de Nárnia*, encantou-se com as portas do armário que levavam a



um mundo mágico. Sempre teve em sua mente que a estrada de tijolos amarelos, em *O Mágico de Oz*, foi uma espécie de porta para que Dorothy alcançasse o seu objetivo.

Anos depois, as fechaduras das portas que tentou abrir não pertenciam ao molho de chaves que possuía. Ela queria achar a passagem certa, mas não encontrava. Então, mudou de estrada, pegou outro caminho.

Ela voltou às raízes, encontrou quem ficava dentro da sala de porta cinza, quem por muitas vezes lhe alcançou os livros entre 1993 e 1995, e foi aconselhada. Uma nova rota foi traçada.

Se existissem fechaduras encantadas ou trincos falantes, quem sabe a porta cinza, aquela que por tantas vezes passou, poderia ter soprado nos seus ouvidos que as letras eram a trilha a seguir. Se as obras nas quais mergulhou tivessem um mapa de seu destino, como os dos tesouros dos piratas, a moça teria economizado tanta sola de sapato, tantos não, tanto caos.

Não foi fácil largar os planejamentos e se dar conta de que esteve equivocada

por anos, e que, o que verdadeiramente queria estava mais perto do que imaginava. Ela recomeçou, ajustou os ponteiros.

A inquietude do conhecimento muitas vezes a atormentou, mas, ao ler Paulo Freire, descobriu que “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. Procurou e encontrou mais respostas em Piaget, Vygotsky e em outros estudiosos e suas teorias. Depois disso, seu coração se acalmou.

Nesta troca de cenário ela parecia ter saído da torre de Enrolados e pisado na grama verde. O céu ficou mais azul, ela viu um arco-íris se formar e foi atrás do ouro que tanto sonhou.

Seu lugar não era a metrópole, mas sim a Capital Nacional da Literatura. Em realidade, ela não estava tão errada.

Agora, seus olhos admiram a imensa porta aberta em sua frente. Todos a aguardam. É hora de entrar, é hora de viver.

(Patricia Godoy Ritter de Bairos é professora e escritora de literatura infantil, infantojuvenil e crônicas. Possui graduação em Letras e em Pedagogia. Passo Fundo, RS.)

Projeto Museu a Céu Aberto



FERNANDO B. SEVERO DE MIRANDA

Com o Projeto Museu a Céu Aberto, o Instituto Histórico de Passo Fundo e o Arquivo Histórico Regional pretendem contribuir com a pesquisa histórica, a produção de conhecimento e a divulgação a respeito do nosso tão caro Cemitério Vera Cruz. Mas talvez o mais importante, e certamente o mais difícil, seja implementar a pretensão de iniciar uma mudança no modo de olhar e vivenciar como muitos percebem e se relacionam com esse local de memória.

Num primeiro momento é evidente que a cultura que se formou em torno da ideia do Cemitério Vera Cruz, e de cemitérios em geral, foi a de ser um local de tristeza, dor, luto. Acreditamos que há uma outra maneira de percepção daquele local, mais cultural, histórica e até turística, na medida em que sua diversidade fornece elementos para isso.

Criado para ser um cemitério laico, formou-se basicamente a partir de dois cemitérios, um católico e um protestante, e talvez ainda outros menores, que haviam sido criados ainda no século

XIX, quando descendentes de europeus, remanescentes das antigas bandeiras, afrodescendentes e caboclos começaram a constituir o que viria a ser a cidade de Passo Fundo.

O Cemitério Vera Cruz passou então a aceitar a todos, sem distinção de religião, etnia ou posição social. Desse acolhimento resultou a diversidade que percebemos hoje e que é a fonte de sua riqueza cultural, formando hoje um dos maiores patrimônios materiais e imateriais que a cidade possui.

Numa primeira aproximação, e no sentido de superar a dificuldade apontada acima, percebe-se a semelhança entre um cemitério e uma cidade, entre a cidade dos vivos e a cidade dos mortos. Ambos são percorridos por avenidas, ruas, esquinas, que no limite delineiam numa, os bairros, na outra, seu equivalente.

No caso do Cemitério Vera Cruz, a área mais antiga, para onde foram transladados os restos mortais dos outros cemitérios, estão hoje os personagens históricos mais conhecidos. Nas partes mais limítrofes das áreas “urbanas”, temos as paredes com as gavetas, que refletem os bairros dos, teoricamente,

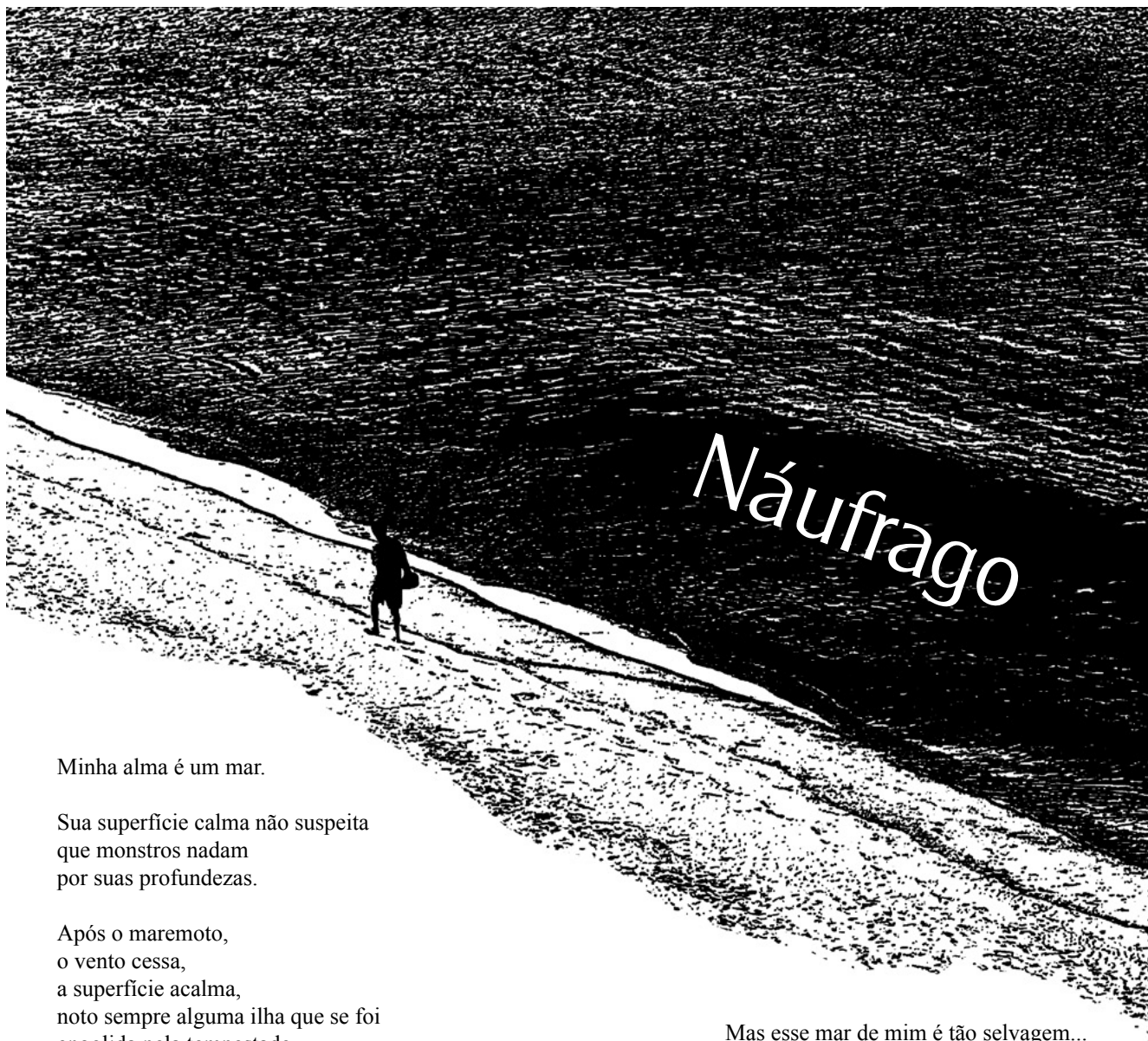
menos favorecidos, lembrando que sempre há exceções.

Para quem tem apreço pelas Artes, especialmente a estatuária, o Cemitério Vera Cruz é um Museu a Céu Aberto. Algumas estatuárias são de uma beleza rara. Além disto, informando-se sobre o significado de algumas alegorias pode-se compreender muito melhor as relações entre uma vida e a outra, almejada, acreditada ou não.

Assim, pela proposta do Projeto Museu a Céu Aberto, roteiros históricos, políticos, étnicos, de religiões, epitáfios, de genealogia, e de modernidade, como o Memorial Vera Cruz, podem ser seguidos, ou simplesmente descobertos, por quem se dispor a perceber o local como de tal riqueza e abrangência histórica/cultural.

Junte-se ao Projeto Museu a Céu Aberto, muna-se de um Guia de Visitação e participe, e aprecie um dos maiores patrimônios histórico/cultural/artístico da cidade!

(Fernando B. Severo de Miranda é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



Náufrago

Minha alma é um mar.

Sua superfície calma não suspeita
que monstros nadam
por suas profundezas.

Após o maremoto,
o vento cessa,
a superfície acalma,
noto sempre alguma ilha que se foi
engolida pela tempestade.

Sou náufrago em minhas próprias águas!

Nado então até encontrar uma nova ilhota,
na qual eu possa dar alento ao corpo,
na qual eu possa erguer uma morada.

Como ficam distantes umas das outras essas ilhas de descanso...

E mesmo calmo o mar tem tanto peso.

Os pulsos me doem, me doem...
Os corações me doem, me doem... — o meu e os dos outros.

Quantos limites tem o horizonte?

O mar se agita.

Vem outra vaga
E me leva para longe.

É a isto que os homens chamam DESTINO?

Mas esse mar de mim é tão selvagem...

Meu eu quase sempre se afoga
em meio a tantas tempestades.

Pudesse ter um barco, jangada,
boia que fosse.

Mas não...

É a nado que busco
o fantástico ponto
onde céus e mares
se encontram.

Meus pulsos,
meus pulmões,
tão frágeis,
ainda aguentam

— mas até quando?

(Aleixo da Rosa é professor e escritor.
Passo Fundo, RS.)

Gaúcho Doador. Doe Sangue, Mostre Teu Valor

CRISTIANE S. RODRIGUES DE ARAÚJO

Venho agradecer a Academia Passo-Fundense de Letras pelo convite para participar da nova edição da revista Água da Fonte. No dia 29 de setembro de 2021 fui testemunha do quanto esta revista tem o seu valor cultural e literário para o nosso município de Passo Fundo e região. Nesta data foi entregue a revista Água da Fonte, edição de junho de 2021 aos vencedores do concurso de poesias, Gaúcho Doador. Doe Sangue, Mostre Teu Valor realizado em 2020, aos seus familiares e demais presentes no evento. Não tenho como deixar de documentar a expressão de orgulho e felicidade dos participantes por terem perpetuado sua cultura gauchesca nesta obra em prol de um tema tão nobre e que por ações culturais podemos sensibilizar a comunidade a fazer suas doações nas diferentes fases da vida.

Em 2020 realizamos uma campanha sobre doação de sangue denominado “Gaúcho Doador” idealizado em parcerias pelo Hospital São Vicente de Paulo com a participação do Serviço de Hemoterapia e Serviço de Comunicação e Marketing, Projeto de Doação de Sangue, pertencente a Extensão vinculado ao programa ComSaúde da Universidade de Passo Fundo (UPF), Academia Passo-Fundense de Letras e a Sétima Região Tradicionalista.

A ideia inicial foi sensibilizar os futuros doadores de sangue da Sétima Região Tradicionalista através da educação e cultura regional, neste período da pandemia. Ainda, desenvolver atividades de cidadania da comunidade de Passo Fundo e da região por meio de ações educativas em um ambiente virtual com disseminação das informações via redes sociais, a exemplo de Live sobre doação



(FOTOS: L. ANDREOLI)



de sangue para este público específico.

A partir dessa proposta, lançamos um desafio por meio de um concurso de poesias sobre o tema doação na linguagem gauchesca: “Gaúcho Doador. Doe Sangue, Mostre Teu Valor”, em diferentes categorias, categorizadas por idade desde crianças a idosos, coordenada pela Academia Passo-Fundense de Letras.

Esperamos que os leitores tenham apreciado esta coletânea de poesias direcionadas a doação de sangue. A todos os participantes, nossa gratidão por dedicarem uma parte de suas vidas a favor de um tema tão importante que é a doação de sangue. Aos trabalhos vencedores, parabéns novamente a todos pelas excelentes obras!!! Com a experiência que tivemos neste ano, apesar do contexto da pandemia, conseguimos plantar

nossa semente. Como perspectiva para o futuro, esperamos ter oportunidades de compartilhar e vivenciar este trabalho nas escolas e outros centros tradicionalista de Passo Fundo e região.

Com certeza no município de Passo Fundo e região a cultura e a valorização da doação de sangue vem tomando outra direção através do sinergismo de diferentes instituições.

A cerimônia de premiação dos vencedores já aconteceu, mas agora podemos dizer que de fato as nossas poesias estão eternizadas através da revista Água da Fonte.

(Cristiane S. Rodrigues de Araújo é médica, especialista em hematologia e hemoterapia, mestre e doutoranda em Envelhecimento Humano, professora da Faculdade de Medicina da UPF, gestora e responsável técnica do Serviço de Hemoterapia do HSPV)

Parceria com o Hemocentro do Hospital São Vicente de Paulo

DILSE PICCIN CORTEZE

Este ano de 2021, é o terceiro ano que participamos do projeto do HSVP – Hospital São Vicente de Paulo, que teve início em 2018, quando o Hemocentro sentindo a necessidade de mais doadores de sangue e pensou numa campanha efetiva junto a população, de conscientização, da necessidade de doar este componente valioso para manter a vida de muitas pessoas hospitalizadas, componente este impossível de ser fabricado.

Chamaram-nos a compor o grupo do projeto Doadores do Amanhã, formado pelo Hemocentro, UPF com os alunos de Medicina, COMsaude alunos do jornalismo e Secretaria Municipal de Educação.

Iniciamos os trabalhos pelas escolas municipais de educação infantil, onde desenvolvemos um trabalho com professores, alunos e famílias. Recolhemos trabalhos das crianças, fotografias, relatórios das professoras e juntamos tudo em um livro e publicamos. Promovemos o lançamento do mesmo durante a Feira do Livro com a presença de algumas escolas, junto com o livro do Projeto Identificando Talentos.

Durante nosso trabalho no ano de 2018, os alunos de medicina elaboraram um livreto em quadrinhos para fornecer informações aos doadores sobre a doação de sangue. Também, em conjunto, elaboramos um game contendo instruções em forma de jogos. Este foi inscrito em concurso Nacional de trabalhos sobre o tema e fomos muito bem classificados.

No segundo ano, 2019, já sabíamos o caminho a ser percorrido, e muito satisfeitas com o trabalho do primeiro ano retornamos para as escolas, desta vez para trabalhar com todo Ensino Fundamental. Já tínhamos trabalhos de divulgação elaborados então tudo foi mais fácil e a resposta dos alunos foi muito melhor. Trabalhamos também com o CREATI. Promovemos vários encontros com debates sobre o tema.



Dra. Cristiane Rodrigues S. Rodrigues de Araújo

Neste ano foi publicado o segundo livro, muito mais consistente que o primeiro e também lançado na Feira do livro.

Estes dois livros, são distribuídos nas escolas para que sirvam de modelos para que outras professoras possam trabalhar o tema e também distribuído para médicos no Congresso Nacional em que a Dra. Cristiane Rodrigues, chefe da Hemoterapia participa em São Paulo, todo ano. Movidos por estas iniciativas a Câmara de Vereadores criou o dia Municipal do Doador, 25 de maio. A lei municipal de janeiro de 2019 institui o Programa DOADORES DO AMANHÃ, a ser implementado nas instituições de ensino no âmbito do município de Passo Fundo.

Os objetivos desta lei são de conscientizar os estudantes sobre a importância da doação voluntária de sangue e de medula óssea. Cabendo às escolas e à comunidade, promover cursos, seminários, palestras e campanhas para os alunos, seus familiares e a comunidade em torno das Escolas; organizar ações de conscientização e incentivo à doação, em conjunto com os demais órgãos do Poder Executivo, realizando parcerias com instituições públicas da esfera Estadual, Federal e entidades da sociedade civil, visando a orientação e a conscientização acerca da relevância da doação de sangue e de medula óssea.

Essa Lei institui o mês de junho de cada ano, como de conscientização sobre a doação de sangue, de medula óssea e demais órgãos.

No ano de 2020, o terceiro ano de trabalho com este Projeto. Como não

tivemos escolas abertas para trabalharmos com alunos, por conta da pandemia, decidimos trabalhar com os CTGs. Entramos em contato com a coordenadora da 7ª Região Tradicionalista, que é composta por 42 municípios e criamos o Projeto “Gaúcho doador e concurso de poesia”. Chamamos o nosso acadêmico tradicionalista Luís Lopes de Souza para nos auxiliar e iniciamos os trabalhos. Foram várias reuniões, a maioria online, e com a equipe cada vez mais empolgada. Fomos traçando as linhas a serem percorridas. Criamos um regulamento, gravamos lives, e lançamos o Projeto no mês de setembro, usando amplamente as redes sociais, com prazo previsto para finalizar em novembro de 2020 e assim comemorar o dia Nacional do doador em 25/11.

Assim aconteceu, e foi um sucesso, com classificação e premiações para os participantes, em seção solene, com promessa de publicação de suas produções.

Promessa cumprida, todas as poesias dos participantes do Projeto 2020 foram publicadas na Revista Água da fonte da Academia Passo-Fundense de Letras e entregue um exemplar da revista a cada autor presente, numa cerimônia solene com a presença de autoridades.

Queremos continuar no próximo ano de 2022 com este projeto vencedor sempre estimulando a população da importância na doação de sangue e com isso salvar vidas.

(Dilse Piccin Corteze é professora da Rede Municipal de Ensino, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Cultivando talentos

DILSE PICCIN CORTEZE

O ano letivo de 2020 iniciava muito sombrio e cheio de dúvidas com as notícias que chegavam pela imprensa até a nossa Passo Fundo. Será tempestade ou alarme falso? Devemos nos precaver ou é coisa passageira? A nuvem negra pairava no horizonte nos mostrando que algo maior estava por acontecer. Não queríamos parar com nossas atividades, nosso desejo era continuar com nossos encontros, na APL, com muitos bate papo, leituras e escritas.

Passou a primeira quinzena do mês de março chegava o dia de nos reunir na APL e também a terrível tempesta-

de que se anunciava desde o início do ano, era a pandemia do Coronavírus e a quarentena estava decretada. Todos devem ficar em casa para se proteger do vírus altamente contagiante e com isso salvar suas vidas. E estas restrições se estenderam por 2021 afora.

Muitas mortes aconteceram em nossa cidade e no mundo, fato que comprovava sempre mais que devíamos nos proteger e resguardar ficando em casa para não ter contato com o mortal vírus SARS-CoV2 que assolava o mundo.

Por isso estivemos parados com nossos encontros na Academia Passo-Fundense de Letras, em torno dos objetivos do Projeto Identificando Talentos. Sentimos muitas saudades de tudo o

que fazíamos nos momentos vivenciados nos anos anteriores com escritores, poetas todos amigos que estimulavam a turma a ler sempre mais e escrever seus textos com mais perfeição.

Procuramos nos encontrar online, com um pequeno grupo, conforme foi possível e os alunos conseguiram escrever, produzindo crônicas, minicontos e poemas, com isso, aproveitando o tempo de confinamento.

Escolhi alguns para publicar aqui.

(Dilse Piccin Corteze é professora, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo e coordenadora do Projeto Identificando Talentos.)

Mãe



FLÁVIO D. B. MONTEMEZZO

E Deus, ao olhar para nós,
Teve a ideia de mandar anjos a nos guiar,
Tais anjos que não possuem asas,
Mas nos ensinam a voar, a ser livres
Esses anjos que cuidam e nos direcionam,
Que mesmo como nós, conseguem fazer o possível
e o impossível

Esses anjos chamados de mãe, que Deus colocou
um a abençoar cada filho

Que mesmo não estando mais aqui, sua áurea segue
a pairar sobre seus filhos a cuidar deles.

Coronavírus

MICHAEL ALCIDES MARTINS DE QUADROS

Quais os ensinamentos que o Coronavírus irá nos deixar?

Inicialmente este vírus nos mostrou o quanto necessário é valorizar, cuidar, amar, das pessoas que estão próximas de nós, pois nesses tempos de isolamento, é que sentimos o quanto importantes são.

Este vírus também nos mostrou o quanto vulneráveis somos, além de nos unir em um só povo, uma só raça, a humana. Nesses últimos tempos, deixamos de lado as nossas diferenças, para juntos vencermos o inimigo invisível.

Nos últimos meses o planeta respirou, com as grandes cidades paradas, com a diminuição de gases poluentes, e com a parada da invasão de florestas e faunas. O mundo reiniciou, a camada de Ozônio está se refazendo, animais estão mais seguros, quem sabe agora aprendemos que devemos cuidar da nossa casa, e vejamos o quanto mal estávamos fazendo.

Quem diria que em 2020, pleno século XXI, veríamos o mundo parar, a Times Square vazia, a Torre Eiffel sem seus casais apaixonados, a muralha da China sem ninguém para admirar seu esplendor, nossos símbolos, nossas ruas, vazias. Estamos tendo a chance de avaliar nossas vidas, rever valores e conceitos, pois daqui para frente o mundo será outro.

O Coronavírus nos mostrou o quanto necessário é investir na saúde, pois a mesma se encontra em um estado de calamidade extrema, além da importância das nossas universidades e da



educação, pois a maioria das pesquisas estão sendo feitas nas mesmas.

Portanto podemos entender que o principal ensinamento que podemos tirar desses tempos tenebrosos é do quanto importante é valorizar o ser humano, a natureza, e acima de tudo a vida.

Tempo

FLÁVIO D. B. MONTEMEZZO

O tempo passando	O estar, o ser
As lembranças ficam	É o presente
As marcas somem	O tempo nos ilude
O futuro nos espera	Pensando no passado
	Planejando o futuro
	Mas perdendo o presente

Quarentena

INGRIDY NICOLI DOS SANTOS

Este tempo em casa está sendo difícil para todos nós, porém, temos de nos conformar e aceitar, pois, nossa segurança e saúde depende de ficarmos em casa.

Não podemos ficar parados e devemos aproveitar este tempo como podemos brincar, ler, escrever e se proteger um pouco mais.

Nossa cidade não tem muitos casos do vírus, mas temos que ter o máximo de cuidado, não sair, ter contato físico como: abraço, beijo, aperto de mão etc. e cuidar de nossa higiene é muito importante.

O Corona vírus ou Covid 19 já é um vírus de morte escalar e temos que nos proteger, não é brincadeira, o vírus mata a maioria das pessoas que pegam o vírus.

Então, temos que ficar em casa, não precisamos ficarmos “parados”, podemos sim ter uma nova rotina só que com mais cuidados do que o normal e ficar em casa protegido já ajuda muito.

Pelos agentes de saúde, caminhoneiros (que nos estão proporcionando muitas coisas excepcionais), garis (que estão deixando nossa cidade um pouco mais limpa e agradável), as pessoas que precisam trabalhar e ainda estão trabalhando. Fique em casa!!!



Menino dos olhos castanhos

ANAYLLUJI CRISTINE SOUZA MELO



Ele quer morrer?
Ou só não quer viver,
Desse jeito?

Seu mundo é cinzento?
Então eu vou
Dar o meu jeito
De lhe fazer feliz
Como ele sempre quis Ser

Em minha estadia
Em sua vida
Prometo
Ser o seu vento
Que leva alegria
Todos os dias

Ser seu abrigo
Em dias chuvosos
Cheios de tristeza
Que logo serão beleza
Ao qual ele verá
Através da vida
E das cores
Que eu farei ele enxergar

Ele verá
Que não está sozinho
Que é meu amigo
E que sempre
Será bem vindo

Elton Ubirajara Ventura, o exemplar médico comunitário



(FOTO: ARQUIVO O. LECH)

OSVANDRÉ LECH

Elton Ubirajara Ventura, “Dr. Elton”, nasceu em Porto Alegre em 04 de abril de 1930 e dividiu a infância entre a capital e as cidades de Passo Fundo e Marcelino Ramos. Pres- tou vestibular para medicina em Curitiba, onde obteve o terceiro lugar, e em Porto Alegre, onde obteve o primeiro lugar. Durante o curso de medicina era conhecido e festejado pelos colegas e professores pela sua inteligência, habilidade manual, memória invejável e obstinação pelos estudos. Tal comportamento lhe proporcionou aprovação em todas as cadeiras da faculdade com distinção. Graduou-se na UFRGS em 1956. No ano de 1957 realizou aperfeiçoamento em cirurgia geral, e em seguida iniciou suas atividades profissionais na cidade de Saudades, SC, onde permaneceu até 1963, dedicando-se como médico clínico geral, cirurgião e obstetra. Foi também vereador do recém-emancipado município.

Em Saudades casou-se com Alvina Catarina em 1958 e da união nasceram os filhos Eduardo (médico oftalmologista), Carla (psicóloga e professora), Júlio César (odontólogo) e Edilene (bióloga). Em busca de uma melhor estrutura de ensino para seus filhos, transferiu-se para Passo Fundo em 1964, dedicando-se ao consultório, e ao atendimento no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e na Cooperativa Tríticola (COOPASSO). Concentrou o seu trabalho no Hospital Municipal, onde realizou mais de 3.000 cirurgias e exerceu o cargo de diretor clínico.

Torcedor fanático do Internacional e do Sport Club Gaúcho, onde foi o médico do clube por 10 anos a partir de 1966, sem cobrar nada; pelo contrário, contribuiu com medicamentos e até com dinheiro para a manutenção do clube nos momentos mais difíceis.

Em 1976 especializou-se em Medicina do Trabalho, obtendo outro brilhante resultado como primeiro colocado. Nesta mesma época, ingressou no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, do qual

participava ativamente. No seu currículo consta a participação em mais de 100 eventos médicos.

O Dr. Elton trabalhou intensamente nas áreas de clínica médica, obstétrica e cirúrgica até 1995. Após este período optou por exercer atividades apenas como clínico geral até - espantosamente - os 88 anos de idade. Neste período, atendia com entusiasmo alguns postos de saúde da região, como São Roque, São Valentin, Santo Antônio do Capinzal e Bela Vista.

Segundo o genro Alcides Tarasconi, no Panegírico proferido na Academia Passo-Fundense de Medicina: “o Dr. Elton, membro-fundador desta Academia, foi o primeiro dos muitos médicos da família Ventura, aos quais inspirou com sua dedicação aos estudos e à profissão. Foi habilidoso com as mãos, com as palavras e com os versos de suas músicas preferidas. Tinha um grande amor, a razão do seu viver, a sua prioridade diária, a sua querida Alvina. Possuía incontáveis amigos e nenhum inimigo. O meu sogro foi um exemplo de homem, profissional, pai, esposo e companheiro”.

Em 2015, a Câmara de Vereadores homenageou o Dr. Elton com um Diploma de Honra ao Mérito, em reconhecimento as suas contribuições à saúde do município de Passo Fundo. Na oportunidade, o vereador Rui Lorenzato, declarou no Grande Expediente: “chega a ser difícil conseguir as palavras certas para traduzir a homenagem que você merece, Dr. Elton. As suas vitórias e conquistas são contadas pelos sorrisos nos rostos daqueles que recuperam o prazer da vida. Continue sendo exemplo de luta e coragem, digno de ser seguido”.

Elton Ventura faleceu de causas naturais em 04 de junho de 2021 em Passo Fundo.

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Jovem e tolo

ALEIXO DA ROSA

Eu tinha 20 anos e havia escrito 4 livros. Todos de poemas.

Ruins.

Mas eu não sabia disso.

Dono de uma energia e de uma estupidéz que apenas a juventude é capaz de fornecer, eu desejava publicar minhas poesias.

Queria ser escritor e morava em uma cidade bem pequena.

Eu não sabia, na verdade, como agir.

Eu sabia, porém, que precisava fazer alguma coisa, nem que fosse algo mínimo.

Assim, certa manhã, fui até a Prefeitura, pedir se havia algum recurso para a publicação dos meus livros.

Por ser jovem e tolo, acreditava que

alguém iria querer ler meus poemas.

Por ser jovem e tolo, acreditava que alguém iria me ajudar a publicar meus livros.

Fui informado, então, de que havia, de fato, o projeto de uma antologia poética em andamento, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas (IHGGV).

E com recurso público.

Hoje percebo o quanto aquele “encontro” foi inusitado.

Menino raquítico que eu era, introvertido, não sei o que me deu na cabeça para, em uma manhã qualquer, levantar da cama com a convicção de que conseguiria publicar meus poemas.

Pela primeira vez tive textos publicados.

Mais: consegui um emprego em um jornal — na redação! Mas isso fica para a próxima história...

Com essa experiência, aprendi uma lição importante.

Se você tem um sonho, não se preocupe com o sucesso. Se concentre em viver esse sonho.

Conforme puder.

O sucesso não depende de nós. Viver, sim.

Se você tem um teto sob o qual se abrigar, alguma roupa e um pouco de comida, já pode começar a viver seu sonho.

De forma mínima, primeiro. Um dia, talvez, ao máximo.

Cedo ou tarde, você morrerá. No fim das contas, nada lhe pertence. Tudo lhe foi apenas emprestado.

Logo, jamais terá algo a perder.

Avante...

(Aleixo da Rosa é professor e escritor. Passo Fundo, RS.)



Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos: o encontro entre a autobiografia, a biografia e a história

MAURO GAGLIETTI

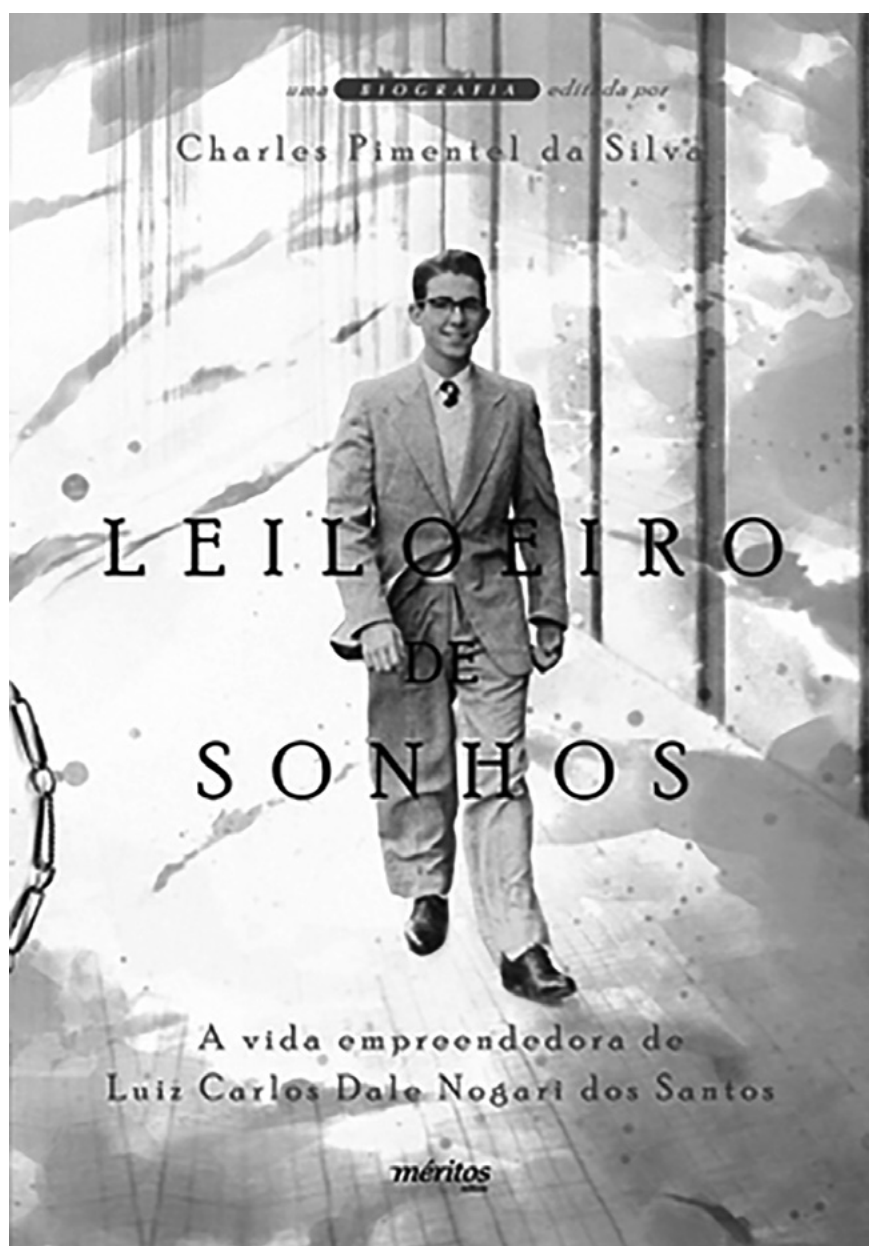
Clustres Autoridades já nominadas pelo Cerimonial, uma saudação linda de viver ao Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos, coautor da obra que está sendo lançada (e aos respectivos familiares do Luiz), ao Charles Pimentel da Silva (coautor e editor do livro pela Méritos Editora), ao Emiliano Ruschel pela brilhante iniciativa de produzir uma filmbiografia acerca da trajetória do Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos. Hoje no aqui e no agora, o nosso cineasta Emiliano Ruschel desempenha o papel de “mestre de cerimônia” (Emiliano Ruschel Diretor e Ator do Maverick: Caçada no Brasil, filme de ação dirigido e estrelado por ele. Atualmente o filme encontra-se em mais de 15 plataformas incluindo Amazon Prime, levando o Brasil e, em particular, Passo Fundo para mais de 200 países).

Senhoras e Senhores:

Hoje é uma noite memorável, a ser celebrada com pessoas especiais por intermédio da boa palavra, da música refinada, do reencontro que tem saudade do futuro e do fraterno abraço. A alegria e a emoção contagiam o ambiente e este que lhes fala.

Agradeço cordialmente a cada um de vocês, pessoas convidadas, (e também às pessoas que estão trabalhando), a presença nesta Sessão Solene de lançamento da obra “Leiloeiro de Sonhos: A vida empreendedora de Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos”.

Agradeço de igual modo à gentileza dos apoiadores desta Sessão Solene de lançamento do livro, em especial às Farmácias São João e a produtora Ruschel Stúdios, bem como, a Academia



Passo-Fundense de Letras, a Academia Passo-Fundense de Medicina, o Instituto Histórico de Passo Fundo, a Méritos Editora, a Livraria Outras Páginas, a Colunista Social Giselda Vieira e a Ac-

tus Eventos nas pessoas da Ana Paula Bilibio e da Mayara Pavin Damiani.

Nasce um livro, cria-se um escritor e (re)nascem leitoras e leitores que se espalham por todos os cantos e frestas.

Toda vez que um livro é lançado ocorre a apresentação ao público de forma pública de uma boa nova. Sem a presença de vocês aqui - neste espaço de tempo - não faria o menor sentido lançar o livro. Assim, o melhor presente que se pode dar a alguém é estar presente no presente. Se isso já era valioso antes da pandemia, imagine o alcance que o encontro e a convivência adquiriram na atualidade.

Cada um de nós que se encontra aqui é a viva valorização com merecido destaque às principais características do incansável Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos, um ser humano de princípios, um homem de ação, um ser humano que há oito décadas vêm quebrando paradigmas. Portanto, um homem de raro valor que podemos apresentar para os nossos amigos, colegas e familiares por meio do livro que contempla a sua história de vida. Seu talento é ímpar e o desdobramento deste seu mérito é o amplo reconhecimento do seu trabalho enquanto leiloeiro no Brasil e junto aos demais países do Mercosul. A nossa presença aqui nesta noite é também um aplauso constante que iniciou, ainda, em 1966, por ocasião da realização da 1ª Efrica (Exposição-Feira da Indústria, Comércio e Agricultura) em Passo Fundo (RS), cujo idealizador Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos não mediu criatividade e ousadia para movimentar a cidade e fazer acontecer.

A obra em tela é híbrida na medida em que revela as façanhas empreendedoras de Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos. No livro, mistura-se história, memória e literatura. Portanto, o livro pode ser encontrado na fronteira entre a autobiografia e a biografia histórica, entre a micro-história e a macro-história, entre a memória, a narrativa, a realidade e a ficção. O mérito é da méritos! Parabéns ao editor!

Percebe-se, lendo o livro, convivendo com o Luiz e seus familiares, que quanto mais profundamente penetramos no mundo microscópico, tanto mais nos demos conta que o cientista moderno ocidental, à semelhança do místico oriental, enxerga o mundo como um conjunto de interações e componentes inseparáveis em movimento contínuo e que o ser humano é parte integrante de um sistema. Que para cada um de nós, a vida é um romance. Eu e todos vocês vivemos presos a uma invisível teia, da qual somos também um dos mestres desta obra. Se, com nosso ter-

ceiro ouvido, com nosso terceiro olho, aprendermos a distinguir, a compreender, a entender, a ver as repetições e coincidências, a existência de cada um de nós se tornará mais clara, mais sensível àquilo que somos, àquilo que deveríamos ser. Será que não podemos escapar desses fios invisíveis, dessas “triangulações”, dessas repetições, dessas reproduções? Somos afinal, de certa forma, menos livres do que acreditamos. Entretanto, podemos reconquistar nossa liberdade e sair da repetição, ao compreender o que acontece, ao distinguir esses fios no seu contexto e na sua complexidade. Podemos enfim viver “nossa” vida e não a de nossos pais ou avós, nem a de um irmão falecido, por exemplo, que vamos substituindo, consciente ou inconscientemente.

O livro que temos em nossas mãos é uma obra para amigos, colegas e familiares lerem sem irritação e sem tédio por meio de um texto leve que “dá a ver” que faz imaginar, que incita, que empurra para fora da curva, todo aquele que se deixar encantar, embalar. Este texto que faz com que se possa reencontrar o tempo perdido, que chama à cena os fantasmas da história, que conversa com os mortos. Que permite a magia de entrar na vida de outras pessoas e que oportuniza aos caçadores de almas a capacidade de encantar os leitores graças ao escrito.

No início era o verbo e o verbo, a narrativa. A biografia, uma das primeiras formas de história, retém cada vez mais a atenção das leitoras e dos leitores. A biografia seria, então, uma espécie de história que tem por objeto a vida de uma única pessoa. Aqui tenta-se capturar a unidade total pelo singular, centrar suas análises sobre os indivíduos, suas paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas. O indivíduo e suas ações situam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional, com o clima e a geografia. O foco naquilo que os condiciona a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo. Portanto, esta história é vista de um ponto, o de baixo, da planície, das pessoas que tecem o amanhã com seu trabalho, esperança e sonho.

Assim, creio que a biografia do Luiz Carlos é o encontro dele com a história do Brasil e do mundo. Portanto, faz parte desta microhistória o indivíduo singular, único em sua grandeza de infinitas possibilidades. Este ser humano

único e particular, é a parte que carrega o todo, o cosmos.

No caso, a constelação familiar e a epigenética, por sua vez, comprovam que o passado dos ancestrais do Luiz Carlos Dale Nogare dos Santos, por exemplo, vive nele na medida em que a experiência parental encontra-se marcada nas células. O mesmo é verdadeiro para a Sheila, a Liege e para o Jorge, filhos do Luiz. Quanto mais conhecemos os filhos mais encontramos a presença dos pais e avós. No caso, o que aconteceu antes de nossa chegada no mundo, influencia nossa vida. Essa é uma ideia que, embora clara, se confunde dentro de nossas crenças. Em alguma medida, nós acreditamos na liberdade incondicional da nossa vida, pensamos que somos independentes e donos do nosso próprio destino. Mas será mesmo? Será que não existe uma verdade oculta que altera o nosso caminho individual e do sistema a que pertencemos?

Como humanos, não estamos isolados de outras partes do nosso sistema. Fazemos parte da história, do planeta, do continente, da nação e claro, da nossa família. Lendo o livro e observando os familiares do Luiz Carlos, formamos a percepção segundo a qual o sistema permanece como uma grande fonte de conhecimento da história familiar e age sobre todos que pertencem àquele determinado sistema. O que se denomina de o Campo Morfogenético, e, contém todas as informações acumuladas ao longo da história. Essas informações são utilizáveis por meio do espaço sem nenhuma perda de intensidade depois de terem sido criadas. Como uma consciência sistêmica, que possui suas diretrizes que devem ser respeitadas. São campos não-físicos que se manifestam em sistemas que possuem alguma organização inerente, desde sistemas simples que se observa em animais, insetos e plantas até chegar até nós, seres humanos.

De onde vem o sobrenome Dalle Nogare? Os dados inseridos sugerem em Vêneto. São presentes 108 antepassados com o sobrenome Dalle Nogare, Dalle Nogare é um apelido de família da onomástica da língua italiana, presente no norte da Itália. O sobrenome já é encontrado em meados do século XI, em Veneza, com Orseolo Dalle Nogare, patricio veneziano e secretário da República de Veneza.

Membros desta família ocuparam altos cargos na administração da República de Veneza:

Ottavio Dalle Nogare 1412 - 1498, secretário do doge (magistrado), embaixador de Veneza na Espanha e responsável pelo exílio de Michelangelo na Giudecca (Michelangelo: 1475-1564) foi um pintor, escultor e arquiteto italiano, considerado um dos maiores representantes do Renascimento Italiano. “Pietà”, “O Juízo Final”, “Moisés”, “Davi” e “A Abóbada da Capela Sistina” são algumas das obras que eternizaram o artista;

Guido Dalle Nogare, vice-doge, doge provisório, e, posteriormente, auto-proclamado Príncipe de Ragusa ;

Marco Dalle Nogare 1243 - 1315, secretário do doge e embaixador de Veneza junto à Santa Sé;

Giacomo Agnello Dalle Nogare 1866 - 1895, conde do Reino da Itália, industrial italiano, vice-prefeito vice-sindaco da cidade comuna de Veneza e um dos proprietários do ‘Moinho Stucky’.

Agnello Dalle Nogare 1218 - 1300, secretário do tesouro e conselheiro do doge de Veneza;

Os Dalle Nogare também se destacaram no governo das cidades de Ragusa, Livorno e Vicenza.

No Brasil é comum nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul devido à maciça imigração italiana. São membros destacados desta família no Brasil:

Guiomar Antonietta Dalle Nogare Craveiro;

Camila Scolecchi Dalle Nogare 1952, pianista e atriz teatral gaúcha;

Francisco de Mello Dalle Nogare 1961, político de Campinas.

Mansueto Dalle Nogare, avô do Luiz, nasceu em 18 de fevereiro de 1874 em Schio (Itália), filho de Francesco Dalle Nogare e Ângela de Rochi.

Casou em 26 de março de 1896, portanto, aos 22 anos de idade, com Santa Maria Ruaro, havia 23 anos de idade, filha de Sante Ruaro e Catherine Pizzolato. Ambos com profissão de tecelão.

Chegaram ao Brasil no dia 11 de junho de 1896. Do Rio de Janeiro dirigiram-se, em seguida, para a cidade de Rio Grande (RS). O motivo para tal, ao que tudo indica, é que lá já residiam os primos que também vieram da Itália anos antes.

O avô Mansueto trabalhou na Fábrica REINGHANTZ, Companhia União Fabril, e, posteriormente, ao se aposentar trabalhou como jardineiro.

Tiveram 6 filhos:

- Velida nasceu em 1898, casou com Antonio Rossentini e tiveram 2 filhos

(Ainda e Fausto);

- Ricardo nasceu em 1902, casou com Almerinda e tiveram 2 filhas (Angelina e Orondina);

- Roberto nasceu (talvez em 1903) e casou com Maria Bittencourt e tiveram 3 filhos (Wanderley, Arley e Aristeu). Roberto casou-se novamente com Ricardina e teve mais 1 filho (Roberto);

- Sílvio nasceu em 1905, casou com Palmira e tiveram 4 filhos (Manoel, Sílvio, Leda e Vanda). Sílvio, por sua vez, casou-se novamente e teve mais no mínimo 4 filhos, não encontramos os nomes);

- Ampélia Angela nasceu em 04 de janeiro de 1909, casou com Gino Celoni e teve 1 filha (Percília);

- Angelina Maria nasceu em 08 de setembro de 1914, casando-se com Carlos Bastos Santos, e, contou, com 4 filhos (Luiz Carlos, Jesuino, Maria Conceição e Sérgio (faleceu ainda bebê);

- Santa Maria faleceu em 1960;

- Mansueto faleceu no dia 19 de julho de 1962;

- Fomos informados que em São Paulo vivem atualmente um expressivo grupo de integrantes da Família Dalle Nogare (pelo visto são todos descendentes de um primo que veio da Itália para o Brasil);

- Outro irmão – ao que tudo indica – foi para Buenos Aires para cantar em uma companhia de Ópera.

Registra-se, ao mesmo tempo, que em Schio, ainda hoje se encontram registros, tanto na internet quanto na lista telefônica, de dezenas de Dalle Nogare, Ruaro e Pizzolato.

Por fim, percebe-se que a atividade pública e privada dos Dale Nogari foram sempre muito envolventes e intensas. Seja na atividade política, nas artes e na cultura ou na atividade empresarial. Pelo visto, é justamente essa a principal herança que o Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos compartilhou com seus filhos e com as atividades que toda a família se envolveu ao longo dos anos.

Talvez o que poderia explicar o ser em constante movimento que faz o Luiz Carlos ser o Luiz com saúde, é a sua atenção às três leis naturais da vida que regem os relacionamentos humanos. Retomando, somos todos regidos por estas verdades, mesmo se não tivermos conhecimento da sua ação sobre nós.

Respeitar as leis naturais oferece um caminho para uma vida mais leve e em conformidade com a herança dos nossos ancestrais. Desrespeitá-las, conscientemente

ou não, traz manifestações que serão percebidas como dificuldade ou peso pelo membro de um sistema. Estas leis naturais são a ordens do amor, o pertencimento e o equilíbrio.

E só para lembrar e destacar, o Leiloeiro dos Sonhos, tem um filho que também seguiu a profissão do Pai e, pasmem, uma das filhas desenvolver igual capacidade empreendedora que notamos no Luiz.

Hoje nos reunimos para celebrar a vida e a obra do Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos. Ao que tudo indica, em 2022 ou 2023 estaremos em uma sala de cinema no lançamento do filme que está sendo produzido pelo Emiliano Ruschel que irá – logo mais – apresentar o projeto para todos nós! Sintam-se, desde já, convidados(as) para estarem conosco.

Discurso proferido por ocasião do lançamento do livro “Leiloeiro dos Sonhos: A vida empreendedora de Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos” no dia 08 de novembro de 2021. A coautoria envolveu o trabalho em sintonia fina entre Luiz Carlos Dale Nogari dos Santos e o editor Charles Pimentel da Silva [Méritos Editora]. Na cerimônia de abertura do referido evento, Agostinho Both representou a Academia Passo-Fundense de Letras, Sabine Braga Chedid falou em nome da Academia Passo-Fundense de Medicina e Ivanio Susin, por sua vez, representou o Instituto Histórico de Passo Fundo. O evento contou, ainda, com a atuação do cineasta Emiliano Ruschel desempenhando o papel de “mestre de cerimônia” (Emiliano Ruschel Diretor e Ator do Maverick: Caçada no Brasil, filme de ação dirigido e estrelado pelo gaúcho Emiliano Ruschel. Atualmente o filme encontra-se em mais de 15 plataformas incluindo Amazon Prime, levando o Brasil e, em particular, Passo Fundo para mais de 200 países).

NOTA:

1 -Todas as informações sobre a família Dalle Nogare (Dale Nogari) foram obtidas por meio de fontes orais. Na maioria das situações sem comprovação sobretudo no que se refere ao exílio voluntário de Michelangelo no arquipélago de Giudecca.

(Mauro José Gaglietti é o titular da Cadeira 31 da Academia Passo-Fundense de Letras. Professor com Doutorado em História (PUCRS); Mestrado em Ciência Política (UFRGS); Especialização em História do Brasil (UFSM) e Graduação em História (UFSM).)

Reflexão sobre o sono

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Dormir é um tema recorrente na história da Humanidade. A forma de como vemos o sono nos dias de hoje tem sofrido mudanças através dos tempos, sendo que as maiores mudanças ocorreram nos últimos 50 anos. Para exemplificar em 1970 havia três clínicas destinadas ao estudo do sono nos Estados Unidos, enquanto hoje existem mais de 2500 delas. Nos dias de hoje a ciência mostrou que o sono tem grande importância na nossa saúde física, nas funções cognitivas, no desempenho atlético e produtividade, mas nem sempre foi assim. Houve período em que o sono foi muito valorizado como nos antigos gregos e outras em que o sono era ridicularizado como aconteceu no início da era industrial.

Na pré-história o sono era segmentado, pois as pessoas necessitavam acordar para reativar o fogo que era o grande protetor contra as feras e os animais venenosos. No início da civilização o sono continuou sendo segmentado pois as casas mais construídas, faziam barulhos, deixava o vento entra nas frestas, ratazanas circulavam na casa fazendo barulho, animais domésticos, eram mantidos dentro das casas bem como as crianças que assustadas corriam para a cama dos pais. O sono era segmentado, fato que perdurou até a era industrial.

Com o surgimento da escrita permitiu-nos acompanhar a evolução do pensamento sobre o sono e os sonhos. No Egito, na Grécia e na Índia havia templos do sono, onde as pessoas passavam a noite, dormiam sob o efeito de ervas hipnóticas e ao acordar relatavam seus sonhos que, analisados, pelos médicos ou sacerdotes mostravam à pessoa sua situação de saúde, seu futuro e a conduta que haveriam de seguir.

Na Bíblia há muitos relatos de sono e sonho, No Genesis há a história de José, filho de Jacó e Raquel, que fora vendido ao Egito como escravo. Inteligente, interpretava os sonhos de seus companheiros até o dia em que o Faraó mandou-lhe chamar para interpretar o seu sonho. Encantado com ele o Faraó nomeou-o como seu preposto.

Na Grécia havia o deus do sono, Hypnos (Somnus dos romanos). Como os gregos interpretavam o sono como um estado entre a vida e a morte, o deus da morte Tanatus era irmão gêmeo do Hypnos. O filósofo grego Hereáclito (V a.c.) dizia que: “Os despertos têm um mundo comum mas os adormecidos se voltam para o seu próprio mundo”.

Aristóteles em seu tratado sobre o Sono e a Insônia dizia que o objetivo principal do sono era a conservação do cérebro. Maomé recomendava os árabes a fazerem uma pequena sesta. Descartes, no século XVII, dizia que a substância do cérebro estando em repouso tem tempo para ser reparada.

O sono pré-industrial era diferente do atual. Ele era, tal como o sono dos mamíferos e que ainda ocorre nos idosos, segmentado. Na Odisseia, Homero relata que havia dois sons. Entre um e outro a pessoa se acordava. Este acordar era diferente do estar acordado durante o dia. Neste período podia analisar seus sonhos, refletir sobre a vida e mesmo escrever e inventar novidades.

Este costume se estendeu até o início da era industrial. Durante a noite entre os dois sons a pessoa acordava e podia ler, escrever, orar e mesmo praticar o sexo que era aconselhado por médicos franceses dizendo que o sexo da madrugada era mais fértil do que o praticado durante o dia. Outro aspecto do sono pré-moderno era o sono comunal, onde diversas pessoas dormiam no mesmo local determinando uma segurança para todos.

O reflexo do sono é desencadeado com o escurecer quando o nosso corpo começa a produzir melatonina que é o hormônio do sono. Pela madrugada produzimos cortosina que é o hormônio do despertar. Em 1667 Luiz XIV, o rei Sol, determinou que Paris tivesse iluminação pública. Sendo a primeira cidade a ser iluminada foi seguida por outras cidades no mundo inteiro. A noite não era mais escura, mas iluminada criando uma redução da produção da melatonina.

Com a introdução da indústria no mundo moderno as condições de trabalho mudaram. Os empresários, ávidos por resultados começaram a exigir um acréscimo de horas aos empregados

a fim de evitar novas contratações. Jornadas de 9, 10 e até 12 horas eram exigidas, o que determinavam aos trabalhadores grande cansaço, afastamento de seu laser, da convivência familiar, do frequentar os templos, de esportes e outras. As mulheres sofriam mais pois além da atividade na fábrica tinham seus afazeres domésticos. Louis Brandeis da Suprema Corte afirmou: Dormir é tão importante do ponto de vista de saúde, que talvez não haja outra atividade que deva ser conscienciosamente exercida.

Com esta realidade iniciou-se nos Estados Unidos um movimento em favor das mulheres e também movimentos sindicais exigindo uma mudança. O lema era: “8 horas para trabalhar, 8 horas para dormir e 8 horas para fazermos o que queremos.”

A fome do progresso era tal que não foram atendidas estas reivindicações exceto alguns empresários como os CEOS da Ford que determinaram jornada semanal de 40 horas.

Mas esta ideia da Ford não era compartilhada por todos a ponto que líderes como Benjamin Franklin afirmar: levanta-te preguiçoso e não desperdices a vida, pois na sepultura terás o tempo suficiente para dormir. Outro famoso, Thomas Edison, inventor da lâmpada alardeava que dormia apenas 4 horas, o que lhe rendeu a doença do diabetes. Edison dizia que não necessitava dormir e que o homem do futuro não dormirá. Todas estas situações criaram nos americanos a ideia que dormir pouco era um sinal de machismo e de sucesso.

A redução do sono e o aumento da jornada de trabalho logo começou aparecer. Acidentes em máquinas ou em locomotivas quando os condutores estavam muitas horas trabalhando. Num dos acidentes o maquinista estava há 15 horas sem dormir. Não é diferente de nossas estradas, quando muitos acidentes rodoviários são causados porque o motorista querendo aproveitar o tempo fica muitas horas sem dormir tentando compensar com bebidas estimulantes como energéticos, café e outras.

Embora os primeiros estudos do sono foram feitos no século XIX, foi no século XX que seu desenvolvimento foi maior. Em 1903 foi produzido o pri-



meio hipnótico que foi o Barbitol com o passar dos anos outros medicamentos foram criados. Em 1975 foi criada a Academia Americana da Medicina do Sono, passo importante para o desenvolvimento de estudos sobre o mesmo. Com estes estudos sobre o sono sabe-se que dormir o suficiente promove o desenvolvimento físico, cognitivo e atlético do ser humano. Estudos feitos na Universidade de Oxford mostraram que pessoas que não bem dormem durante 5 anos tem uma redução do volume cerebral.

Embora os estudos sobre o sono mostrassem a sua importância, na prática o mundo se comportava diferente. No ocidente as empresas e os empresários dão prêmios para o colaborador que se dedica mais tempo ao seu trabalho. No Japão havia o entendimento que a jornada semanal deveria ser de 78 horas e 38 horas era o tempo de dormir. Aos poucos a ciência foi vencendo. Hoje em quase todo o mundo a jornada de trabalho é limitada sendo que cada vez mais empresas, principalmente as de tecnologia, criam ao lado de seus escritórios quartos de dormir. Elas entendem que se o funcionário estiver com sono ele rende menos. Mais vantajoso é que ele durma alguns minutos sossegado e volte com maior disposição para o trabalho.

Os estudos demonstraram que dormir envolve uma gama de funções complexas ligadas à memória, à capacidade

de aprender, ao desenvolvimento e à limpeza do cérebro, ao apetite, à imunidade e ao envelhecimento. Estudos realizados no Reino Unido mostraram que a falta de sono determina a mudança de 7 dezenas de genes entre eles os da inflamação que são ativados. Outros estudos mostraram também que o sono é dividido em 4 etapas.

A primeira etapa ocupa alguns minutos logo depois de conciliar o sono. Nossas funções vitais são preservadas e se formos acordados nesta etapa temos consciência de tudo ao nosso redor. Na segunda etapa nossa pressão e nossa temperatura descem, temos um sono mais profundo e dificuldade de acordar. Na terceira etapa, do sono profundo, baixam nossas atividades vitais e nós nos desligamos do mundo. Se formos acordados nesta etapa não sabemos nem onde estamos e nem de quem somos. Nesta etapa surge o sonambulismo e o conversar durante à noite. Tanto um como outro ocorrem em 17% das crianças e 4% dos adultos.

Após estas três etapas que duram de 2 a 4 horas surge a quarta etapa que é chamada de REM (rapid eyes movements). Caracteriza-se por movimentos rápidos dos olhos e de agitação. É a fase em que o corpo começa a produzir cortosina que é o hormônio do acordar. A pessoa acordada nesta etapa lembra-se dos sonhos que estava tendo. Nesta fase acreditam os cientistas que o cérebro

analisa o que se passou nas últimas 24 horas, armazena o útil e despreza o desnecessário. Seria a fase de nosso crescimento intelectual e emocional.

Muito mais poderia ser escrito sobre o sono e sobre a sua importância. Concluímos o presente artigo com algumas observações e alguns conselhos:

Faça exercícios regulares: Corra, caminhe, faça natação, frequente academias e tantas outras.

Procure dormir de 6 a 8 horas diárias.

Quando for dormir, apague todos os aparelhos que produzem sons ou luzes como a televisão, o rádio, o despertador e celular e outros.

Antes de dormir evite de ingerir após as 16 horas café, chás, bebidas energéticas. Limite a quantidade de álcool. Evite tomar medicamentos receitados por balconistas de farmácias.

Se acordar à noite não fique nervoso pois o sono segmentado é uma lembrança atávica de nossos antepassados. Acordado reveja seus sonhos, seus planos e reze. Se assim mesmo não dormir, levante-se e leia em ambiente silencioso. Retorne à cama quando tiver novamente o sono.

Se perder continuamente o sono pelo período de 30 dias consulte o seu médico. Se ele não resolver procure uma clínica de sono.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Frágeis, muito frágeis

AGOSTINHO BOTH

Lia Gorki, quando, por um de seus contos, Caim e Artion, me dei conta da fragilidade em que sempre estamos metidos. Alguns, porém, se tornam onipotentes. Isso é revelado nesse conto. Caim, um pobre judeu, coisa rara na Rússia, comerciava pequenos objetos, rabanetes e cebolas ou fazendo alguns negócios com bêbados: comprava-lhes camisas, bonés e botas por um frasco de vodca. Isso quando não era assaltado e derrubado por um soco retirando-lhe os copeques de seu trabalho.

Na mesma rua vivia um jovem, Artion, cheio de poderes. Batia em todo mundo. Um grupo, porém, pagou muitos rublos a um conhecido lutador para que os vingassem. Artion deu-lhe uma surra deixando o grande lutador aos pedaços. Outra luta se deu, mas agora o valentão ficou pior que um bife batido. Jogaram-no debaixo de uma ponte

para que lá apodrecesse.

Caim, o desprezado de todos viu aquele homem debaixo da ponte e o socorreu até deixá-lo recuperado, forte como um carvalho de muitos anos. Desde então Caim sentiu-se poderoso. Artion disse a todos: de agora em diante Caim é meu protegido. Ai de quem abrir a boca para ofendê-lo ou encostar-lhe a mão para machucá-lo.

Caim então se achou protegido e podia andar pela rua que quisesse. Podia vender suas bujigangas e voltar para casa com alguns copeques que ninguém lhe roubaria ou o chamaria de homem infeliz.

Passaram-se alguns tempos e tudo se cumpriu conforme diz Gorki: O que não existe no coração não existe mesmo. Então o protetor foi se instruindo em sua ira. Não deixaria de se vingar a quem o feriu e o ter levado quase morto para debaixo da

ponte. Foi ter com Caim e disse-lhe: não serei mais seu protetor e nunca mais se acerque das ruas por onde ando. Você me faz mal, Caim. A tua bondade inibe a minha vingança. Siga sem minha proteção que eu irei me vingar.

Caim voltou para casa a ver seus filhos cheios de fome.

Noutro dia Caim foi vender suas bujigangas em novas ruas tendo medo de encontrar o Artion

Tempos difíceis são aqueles quando não se tem mais proteção. Por isso as pessoas casam, vão até Deus ou a lugares desconhecidos buscando recursos para ter um pouco de proteção. Assim os filhos poderão ter orgulho da luta dos pais e não ter medo dos artions cheios de ódio. Ainda assim é hoje: não carece de visitar as páginas de Gorki.

(Agostinho Both é professor aposentado, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Jesualdo e Emília



AGOSTINHO BOTH

A professora Helena ouviu de Jesualdo o que já não se fazia muito segredo.

– Estou sem jeito, professora, estou tentando de Emília. Não sei como dizer o que sinto.

– Primeiro, Jesualdo, não é tentação: depois dos setenta é graça de Deus! Não faça onda, que o tempo não senta pra esperar. Convida ela pro filme que tá passando... tá cheio de carinhos. Depois diga: te amo! Pronto e punto! Depois só Deus sabe...

Depois da aula foi Emília quem falou pra Helena...

– Olha, prô, tô que tô pro lado do Jesualdo.

– Então tá esperando fazer o vestido de noiva, os proclames, o apoio do papai e o que dizem os filhos?

– Tá bem, prô, também não precisa empurrá pra cima dele.

– Só uma coisa! Comece a fazer as lições. Te emprestei o gravador pra você

ver tua fala! As palavras bonitas também mexem com as coisas!

– Tá, bem, pode deixá! Se é pra isso, prometo não vou esquecê nenhum s e nenhum r.

Como a um ritual religioso, Jesualdo seguiu os procedimentos. Do resultado não careceria nenhum comentário. Mas pela exuberância valem algumas palavras.

De tanta ventura emiliana, não se sabe se foram as lições que melhoram a ternura ou se os desejos melhoraram as lições. Falava escolhendo e escandindo palavras, a ponto de causar grande impressão em Helena.

– Santo Deus, Emília, o que deu em ti?

– Sei não, professora, acho que fui eu quem deu. Leio Pessoa e Drummond e em tudo se me põe uma coisa que se mostra quase perfeita. Estou alucinada, minha cabeça feita de estrelas e desde manhã tenho jornadas. Tudo, professora, está um campo verde, o vale verdeja, e na coxilha cresce uma pastagem exuberante.

A Jesualdo, o solitário, retornaram

palpitações. O cardiologista afirmou-lhe não haver patologia.

Felícia, ainda que tivesse duvidado dos ardores da tia, acreditou que uma revolução se fizera. Tirou a limpo o milagre de Jesualdo. Foi só Emília abrir a boca, risos e outras sonoridades rebentavam no ar.

– Sabe, tia, que achava exagero o que dizia, mas, vendo você falar, acredito no que ouço.

– Podes crer, tu que és jovem, aprenda de uma vez por toda a vida que nada se perde, tudo se transforma, às vezes pra melhor. É o meu inarredável testemunho.

– Por favor, tia, não exagere tanto no português.

– Que posso fazer se minha língua anda desse jeito!

Faltou ar pra todas as sonoridades das duas.

(Agostinho Both é professor aposentado, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O que o doutor Aventino Alfredo Agostini representa para o Brasil?

MAURO GAGLIETTI

(FOTOS: ARQUIVO M. J. GAGLIETTI)

Esse texto começa a desvelar o autor do método “Saber fazer: os direitos da primeira infância”. Nesses termos, estamos nos referindo ao nome do Dr. Aventino Alfredo Agostini¹. O referido método já foi sistematizado, transformando-se em um livro² que foi editado antes da Pandemia. Assinala-se, assim, que a propriedade intelectual do método Saber Fazer: Direitos da Primeira Infância³ é de responsabilidade científica e jurídica do Dr. Aventino Alfredo Agostini.

Sua pesquisa abarca seu amplo conhecimento enquanto médico, anatomopatologista e citopatologista⁴. Assegura-se, ao mesmo tempo, que o laboratório humano que serviu de parâmetro à base de demonstrações de evidências – voltado à observação da efetividade dos Direitos da Primeira Infância - foi, entre 1998 e 2018, a Escola de Educação Infantil Saber Fazer, situada na rua João Catapan, 1345, na cidade de Passo Fundo, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, sob a direção das professoras Alessandra da Rosa e Arléia Bellini, proprietárias da escola até agosto de 2019.

Crianças deveriam ficar longe de salas fechadas, prédios sem ventilação, pátios com calçadas. Elas, assim, poderiam passar as horas e os dias sempre em contato com a luz solar, água, plantas, animais e com a terra. Dessa maneira, estamos de acordo com as referidas professoras ao considerarem que nossas crianças, carregam em suas células elementos de massa e energia do mundo físico. Sabem que todas as formas de vida do Planeta necessitam, direta ou indiretamente, dos efeitos do Sol para as crianças viverem saudáveis e felizes. No caso dos humanos, além da manutenção da temperatura ambiente, a incidência dos raios solares permite processos químicos importantes, como a produção de vitamina D, responsável pela fixação do cálcio em nosso corpo.



Dr. Aventino Alfredo Agostini

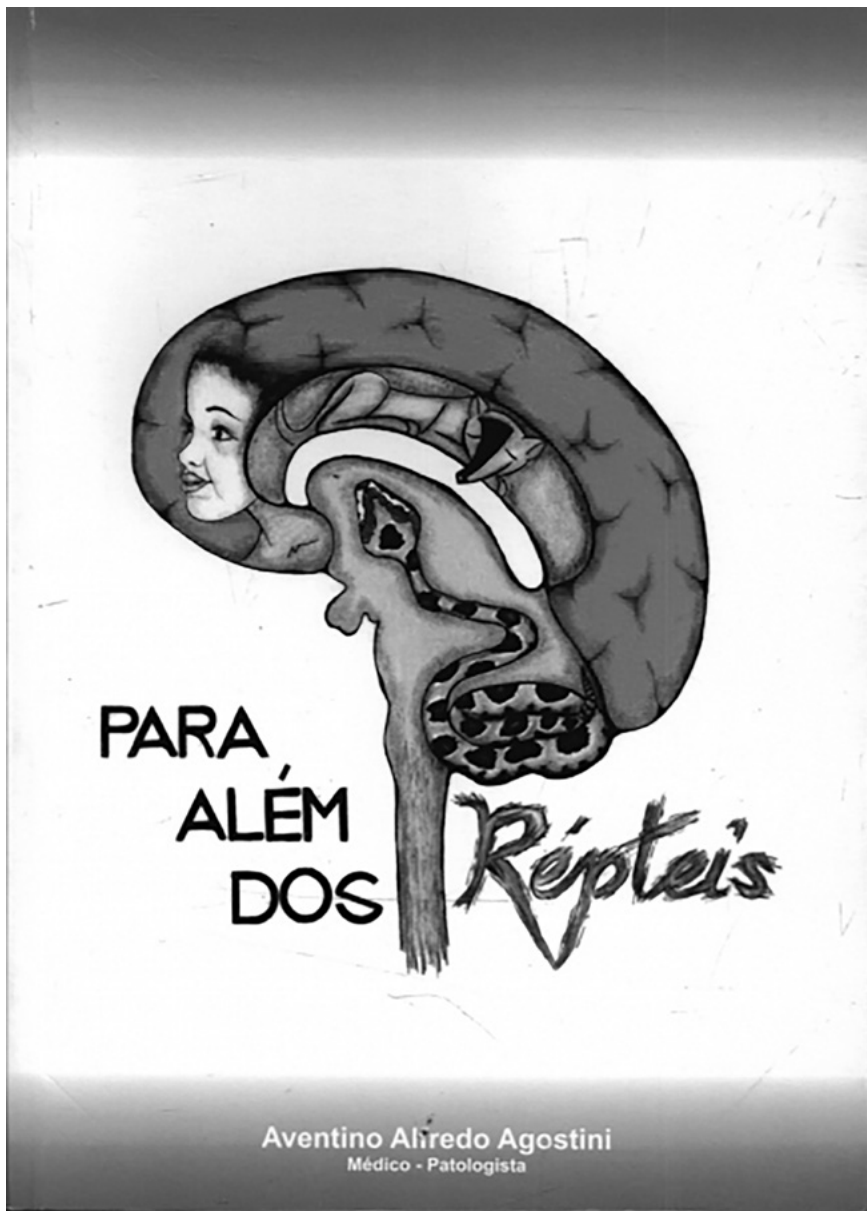
A luz solar é fundamental, ainda, para que as plantas possam realizar a fotossíntese, processo por meio do qual os vegetais transformam gás carbônico em glicose (que é absorvida por eles) e em oxigênio (liberado para a atmosfera). Desse modo, a glicose produzida nos vegetais transmitirá energia a toda a cadeia alimentar que vem adiante, nas várias espécies de animais que se alimentarão das plantas, nos animais que, por sua vez, se alimentarão de outros animais, etc.

Novamente, as nossas professoras da Escola de Educação Infantil Saber Fazer sabem que os seres humanos acabam sendo beneficiados pela luz solar, já que também os seres humanos se alimentam dessas plantas e/ou animais ao transferir deles a nossa energia. O calor do Sol (que resulta de partes da luz que não são visíveis aos nossos olhos) tem, também, a função de acelerar a quebra das moléculas de proteínas e, em alguns casos, regula diretamente a temperatura corporal de animais como peixes, anfí-

bios e répteis. Assegura-se, ao mesmo tempo, que a parte visível da luz solar tem a função de regular o ritmo biológico e todas as atividades humanas, como a liberação de hormônios durante as atividades diárias, no sono e proporciona a capacidade natural de visão.

Por essa razão, professoras da Escola de Educação Infantil Saber Fazer solicitaram a ajuda ao Sol, pedindo emprestada a luz para colaborar com a construção do método Saber Fazer para concretizar, logo no início da vida, os Direitos da Primeira Infância. A referida escola foi fundada em 1998, mais precisamente, o método em tela foi desenvolvido entre 2004 e 2018, contando, ainda, com a contribuição do médico Pedro Ari Verissimo da Fonseca (já falecido), integrante das Academias de Medicina e de Letras em Passo Fundo, RS, que se notabilizou, entre outras contribuições, por demonstrar a importância da amamentação do leite materno no desenvolvimento da criança.

Devido a esta trajetória intelectual que



contou com amplas bases científicas, o Dr. Aventino concebeu a Primeira Infância como a fase de maior abertura e absorção para se aprender coisas novas. Sua maior preocupação é que todo adulto precisaria entender como o cérebro da criança aprende e armazena informações. Essa aprendizagem se dá por intermédio das brincadeiras entre as próprias crianças e com o uso dos cinco sentidos. Brincar é o verbo dirigido ao desenvolvimento integral das crianças. Dessa maneira, as brincadeiras sensoriais possibilitam que as crianças conheçam o mundo ao seu redor a partir de novas texturas, cores, cheiros, sabores e saberes. Percebe-se, ainda, que essas atividades sensoriais ajudam no desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social dos pequenos. Desde o nascimento até os seis anos de idade, as crianças têm uma grande capacidade de absorver e reter novas informações

que se transformam em habilidades sociais e emocionais. São muitas as informações que chegam pelo tato, olfato, visão, audição, gustação, movimentos e posições do corpo. E todos esses sentidos começam a se desenvolver desde a vida uterina. Mas é na Primeira Infância que eles se mostram essenciais para definir a vida adulta.

Salienta-se, ao mesmo tempo, que já está comprovado que desenvolver atividades sensoriais nos primeiros anos de vida aceleram a aprendizagem e estimulam a criatividade das crianças. São cinco os sistemas sensoriais que devem ser observados e trabalhados na primeira infância: tátil (toque), auditivo (identificar sons), oral/gustativo (experimentar sabores), olfativo (identificar cheiros) e visual (habilidades da visão). Cada criança tem alguns sentidos sensoriais mais desenvolvidos que outros. No entanto, cabe aos adultos oferecerem a

possibilidade, sobretudo acesso a uma Escola cujo método seja o Saber Fazer: os Direitos da Primeira Infância, que faz muito bem o uso de ferramentas para que as crianças possam ter ao direito de acessar às várias dimensões do desenvolvimento dos sentidos sensoriais. Movimentos, texturas, aromas e sabores são informações que podem ser muito bem integradas ao ouvir e ver, para enriquecer ainda mais a capacidade de aprendizagem do cérebro. E apesar de os fatores genéticos entrarem na equação enquanto tendências intrínsecas, as experiências (fatores extrínsecos) também ditam os rumos de melhor ou pior aproveitamento na aprendizagem.

Sendo assim, tanto os estímulos quanto sua falta irão impactar inclusive na estrutura do cérebro a longo prazo. O que vale tanto para o lado positivo quanto para o lado negativo, já que esse é um cérebro ainda vulnerável. Especialmente no que diz respeito às condições emocionais, alguns eventos que ocorrem durante os primeiros anos, podem até serem esquecidos com o passar do tempo, mas impactam profundamente na maneira de viver e assimilar a realidade no futuro. Há estudos comprovando que o amor materno, por exemplo, pode ter amplos benefícios. Mães mais afetuosas e que oferecem apoio emocional, ajudam no desenvolvimento do hipocampo, importante área cerebral, que cresce duas vezes mais rápido em crianças que recebem mais carinho e amor do que aquelas que são tratadas com distanciamento. Mas ainda considerando a essência do papel familiar, não podemos esquecer que devido aos compromissos do mundo moderno, as famílias não estão o tempo todo com seus filhos pequenos. Diante disso, a Educação Infantil por intermédio do método Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância pode propiciar a ampliação das experiências de convivência com diferentes crianças no ambiente escolar.

Tal método está sendo construído há 50 anos pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini (médico patologista) a partir do estudo de 21 anos de experiência da Escola Saber Fazer e dos estudos acerca da combinação de princípios transdisciplinares que se encontram relacionados à Etologia, à Teoria do Apego (Bowlby) e à concepção do Cérebro Triunfo em evolução (Paul McLean). Nesse caso, este texto conta com o refinado propósito de poder – de algum modo - contribuir para que tenhamos crianças mais ama-

das e muito bem cuidadas – com muito afeto – por suas famílias, por escolas que possam contar com profissionais à altura desta imensa e crucial responsabilidade.

Com esse objetivo, nasce este texto para valorizar quem cuida da criança, no âmbito familiar, escolar e comunitário, com suas múltiplas dimensões (corporal, intelectual, psicológica, afetiva, espiritual)⁵. Dito isso, nascem estas linhas para demonstrar a relevância de toda a fortuna crítica do Dr. Aventino Alfredo Agostini para a ciência e para a sociedade. O destaque maior, dada a relevância do tema, fica por conta da sua obra escrita e revisada pelo autor em 2017 e publicada no ano seguinte. Trata-se do livro “Direitos da Primeira Infância (ex-educação infantil)” de sua autoria e editado pelo Projeto Passo Fundo⁶. À época, o autor da referida obra assinalou que o objetivo maior do texto era alertar para um modo de possibilitar que a raça humana sobreviva no Planeta. No caso, o caminho apontado pelo médico patologista é a efetivação na prática dos Direitos da Primeira Infância para neutralizar a violência entre os seres humanos.

O Dr. Aventino, ao formular o valor da Primeira Infância, estabelece, pelo visto, uma ponte com Edgar Morin⁷ acerca da necessidade de se fazer uma revolução no sistema educacional brasileiro. O primeiro passo seria revolucionar a formação dos educadores – “educar os educadores”. Os professores precisariam sair de suas disciplinas para incorporar as descobertas de outros campos de conhecimento. E essa revolução ainda não aconteceu. O professor deveria prestar mais atenção em sua missão social, tanto a opinião pública quanto o cidadão, as autoridades precisariam ter a consciência dessa missão, reconhecendo e respeitando o ofício de professor(a)⁸.

Contando com sabedoria, paciência e flexibilidade, qualquer mãe, pai ou professora pode criar as bases da qualidade de vida, saúde e felicidade para as crianças. Assim, um dos propósitos

deste texto é, sobretudo, incentivar as famílias e as professoras da Primeira Infância para que aprendam a transmitir a força interior e a sabedoria necessárias para lidar com os altos e baixos da vida que repercutem nas crianças.

O que se pode descrever, em breves palavras, o que o Dr. Aventino Alfredo Agostini representa para o Brasil?

É um cientista que conta com vasto conhecimento transdisciplinar e holístico, por ter superado, há quatro décadas, o paradigma cartesiano. Reside, desde 1974, em uma linda chácara no Bairro



Santa Marta, em Passo Fundo, RS; foi, também, um dos idealizadores, em Brasília, DF, do Instituto de Patologia da UnB e, em Passo Fundo, fundou o Instituto de Patologia e, posteriormente, a Escola de Educação Infantil Saber Fazer.

Pode-se afirmar, desse modo, que o Doutor Aventino congrega inúmeras qualidades de médico humanista e de cientista muito dedicado cuja atuação teve um ótimo alcance na direção do campo da biologia. Aventino Alfredo Agostini nasceu em Nova Bréscia, RS, Brasil. Formou-se, em 1962, em Medicina na Universidade Federal de Santa

Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, e, em 1966, realizou residência médica na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro. Coursou, entre 1969 e 1976, Pós-Graduação em Citologia e Patologia junto à Associação Médica Brasileira no Rio de Janeiro. Professor colaborador nas Faculdades de Medicina na UFSM (Santa Maria, RS), na Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ) e, entre 1968 e 1973, tornou-se Chefe da Divisão de Patologia, Chefe de Internato em Patologia e Chefe de Residência em Anatomia Patológica na Universidade de Brasília (UnB). Atuou, como médico colaborador, em 1963 e 1968, em Santa Maria (RS), junto ao Hospital de Caridade Doutor Astrogildo de Azevedo. Dedicou-se, como Assistente Médico Domiciliar e de Urgência, entre 1962 e 1992, como profissional integrante dos quadros da Delegacia Regional de Saúde do Rio Grande do Sul. Além disso, tornou-se titular da disciplina de Patologia da Universidade de Passo Fundo (UPF), RS, entre 1977 e 2007. Suas descobertas científicas foram publicadas no Brasil e em outros países, tendo seu nome inscrito em dois dos mais expressivos e conceituados manuais de Medicina (Dinâmica das Doenças Infectocontagiosas e Método Diagnóstico nas Doenças Infecciosas e Parasitárias, em português e espanhol, encontrando-se em sua terceira edição). Nesses manuais, o capítulo Angiostrongilose

abdominal foi escrito com a colaboração do Dr. Aventino. Participou como conferencista sobre o capítulo em tela em congressos Internacionais de Parasitologia (Guayaquil, Havana e Tóquio). Soma-se, a tais conquistas científicas, a descrição dos primeiros casos de Angiostrongilose.

Enfim, trata-se de um ser humano ímpar, que, há cinco décadas, vem construindo um novo paradigma voltado a crianças e de como educar na Primeira Infância. Preocupado com os seres humanos cujas doenças decorrem – como é o caso da hipertensão arterial, atrofia

renal e úlceras de estômago – da forma como as cidades se estruturaram para fazer o mercado funcionar.

Parte de sua tese – verdadeiro legado para a humanidade – defende que: 1) a interação bebê/criança e o ambiente (mãe/pai) é o fator mais forte para o desenvolvimento de uma personalidade saudável; 2) na ausência dos pais, as crianças precisam ser cuidadas por profissionais preparados no âmbito da educação infantil, a fim de propiciar o convívio amoroso e o contato com a natureza; 3) interações positivas, carregadas de afeto positivo, facilitam o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, e as negativas terão efeito oposto; 4) essa interação começa desde o momento da concepção, ou seja, ainda no momento uterino; 5) o contato das crianças com os animais, com a terra, com o sol, com ar puro e plantas é fundamental para o desenvolvimento da humanidade da natureza humana.

Salienta-se ainda que, como se não bastasse à época, trabalhar por oito horas diárias realizando autópsias, ao retornar à sua casa, no horário reservado ao descanso, o Dr. Aventino, ao contrário, continuava estudando para buscar a explicação do funcionamento da vida e, sobretudo, o que mais o intrigava: o óbito infantil e a necessidade de políticas públicas que pudessem diminuir essas mortes. Pela ingerência do poder político em tempos da Ditadura, recusou-se a assinar a autópsia de uma criança que apareceu morta em uma piscina em Brasília. Em virtude disso, o Distrito Federal ficou para trás, cedendo lugar a Passo Fundo como local para o Dr. Aventino reconstruir sua vida profissional.

Assim, foi criado por ele, em 1975, o Instituto de Patologia de Passo Fundo, para servir aos hospitais e clínicas da cidade e região norte do Rio Grande do Sul, abrangendo mais de um milhão de habitantes. Posteriormente, entre 1981 e 2007, Dr. Aventino tornou-se Professor titular da disciplina de Patologia da Universidade de Passo Fundo (UPF), nos cursos de Medicina, Biologia e En-

fermagem. Destaca-se, ainda, que suas descobertas científicas foram publicadas em renomados periódicos no Brasil e em outros países, tendo inscrito seu nome em alguns manuais internacionais de Medicina por intermédio da publicação dos trabalhos: “Dinâmica das doenças infecto contagiosas” e “Método diagnóstico nas doenças infecciosas e parasitárias”.

Soma-se, ainda, ao legado desse cientista – que já se encontra inscrito nos anais internacionais de medicina e nos institutos de patologia por ele criados – a



Escola de Educação Infantil Saber Fazer (em Passo Fundo no bairro Menino Deus), que foi fundada em 1989. Nela, verifica-se a missão viva de facilitar que a humanidade da natureza humana possa se manifestar no comportamento desde a infância. Volta-se, a Escola, para a aquisição de habilidades de convivência com o mundo físico, biológico e social.

Esse empreendimento, no âmbito da educação na Primeira Infância, tornou-se possível em virtude da efetivação de práticas pedagógicas fundamentadas no método baseado nos princípios da Etologia, da Teoria do Apego de Bowlby e do Cérebro Triuno na formulação de Paul MacLean.

Sente-se que os olhos de Aventino, enquanto olhos de um cientista, consideram o campo microscópico a tela do comportamento social. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar grandes os nossos pequenos! Em outros termos, as crianças têm o direito à Primeira Infância assim como os animais têm direito a serem animais, viverem desse modo, em contato com a natureza. Lembra o Dr. Aventino que toda privação de liberdade, mesmo que tenha fins educativos, contraria esses direitos dos animais e das crianças.

Diante do exposto, desejamos a você, leitor(a), um ótimo aproveitamento deste texto e que, na medida do possível, auxilie-nos na efetivação – na prática – do método Saber Fazer: Os Direitos da Primeira Infância idealizado pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini cujas bases se encontram em sua fortuna crítica.

NOTAS:

1 - Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projeto passo fundo.com.br>>.

2 - Gaglietti, Mauro. Por que as crianças não vêm com manual? [recurso eletrônico] : método Saber fazer : os direitos da primeira infância concebidos pelo Dr. Aventino Alfredo Agostini / Mauro Gaglietti, Alessandra da Rosa Sikora, Arlécia Bellini. – Passo Fundo (RS): Projeto Passo Fundo, 2019.

3 - Vertambém a lei da Primeira Infância: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm>.

4 - Constam do seu currículo 06 Artigos Científicos de grande repercussão nacional e internacional; 04 capítulos de livro e é autor de 09 livros. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/247988675169296> [consulta realizada em 04 de janeiro de 2019 – Examinando-se os dados percebe-se que o currículo havia dois anos que não estava atualizado].

5- Nas primeiras décadas do século XX, houve essa abordagem a partir das pesquisas orientadas pelo médico Carl Gustav Jung. Ver: JUNG, C. G. O desenvolvimento da personalidade. Tradução Frei Valdemar do Amaral. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

6 - AGOSTINI, Aventino Alfredo. Direitos da Primeira Infância (ex-educação infantil). Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018

7 - MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011. MORIN, Edgar. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

8 - CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

(Mauro José Gaglietti é o titular da Cadeira 31 da Academia Passo-Fundense de Letras. Professor com Doutorado em História (PUCRS); Mestrado em Ciência Política (UFRGS); Especialização em História do Brasil (UFSM) e Graduação em História (UFSM).)

A tortura

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
E essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Como pobre e aposentado
Essa pedreira eu perfuro,
E todas as dores que sinto
Com o que ganho não curo,
Vem imposto sobre imposto
No que como e escrituro,
Pra pagar os que legislam
O fiscal e o dedo duro,
E mais um bando de figuras
Que o emprego é obscuro,
Isso é o que mais se encontra
Tem verde, podre e maduro.

Ladrão tem de todo tipo
Branco, amarelo e escuro,
Meu carro já foi levado
Não me pagam o seguro,
Socorri-me da justiça
Hoje sei o que eu depuro,
Leis que até me garantiam
Bem no fim todas têm furo,
Enchi o pátio de cachorros
Cerquei a casa de muro,
Fui multado e processado
Porque o silêncio eu rasuro.

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
E essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Por ser parte dessa massa
Vejo, sofro e me amarguro,
Entre quem aceita isto
Sem querer eu me misturo,
O bom senso virou mau
Como bom eu não censuro,
O respeito é um moribundo
Ou... Defunto prematuro,
Fofoqueiro e gente falsa
Que se rasguem, não costuro.

Minha mulher é ciumenta
Explico, me ajoelho e juro,
O que jurei no casamento
Vive me pondo em apuro,
E esse próprio juramento
Bem no fundo não é puro,
Ela acha que é traição
E ameaça nosso futuro,
Que eu ando pulando cerca
E por isto não a procuro,
Não compreende que é a idade
E como eu era não perduro,
Pois até no leite botam soda
O próprio mel é obscuro,
Traição é um risco de todos
Mesmo crendo estar seguro.

Sem querer já sou um velho
Só nisso que não me apuro,
Por ver tudo andando assim
Já nem eu mesmo me aturo,
Como a vida tem um peso
Que pra sempre não seguro,
Antes que me de um infarto
Eu imploro, peço e juro.

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
Essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia
é bacharel em Ciências Contábeis,
pós-graduado em Arteterapia, músico,
compositor, escritor, poeta e membro
da Academia Passo-Fundense de Letras.
E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone
(54) 991696942.)





As cadeiras

A soleira da porta, a poltrona, um toco no campo, a cadeira, o banquinho, o chão, possivelmente nos suportam melhor que um coração humano quando a angústia está em demasia.

Muito já se falou das casas e de seus lugares, mas as pobres cadeiras, de fato, é que mais são solidárias com o mundo humano. Todo nosso peso se deposita sobre elas. Nem ao menos nos damos conta de sua generosidade. Aí estão a madeira, as palhas, os panos, o couro, o feltro e tudo mais que se compõe para nos dar um pouco de descanso e, na sala ou à mesa, faz reunir nossos risos, angústias e nossas tristezas. Apenas sentem que acima delas brotam palavras e suspiros. O seu silêncio é admirável, pois o montante da realidade humana é vasto, o que poderia fazer falar até as pedras. Mas

não, a cadeira fica solidária, quieta e servicial. É bom que nos compadeçamos delas. Entretanto, podem ser retratadas, generosamente, pelos artistas, sem ter de passar pela inconstante forma humana de ser. De toda a maneira que se lhes olhar, fica a lição de podermos ter um pouco mais de generosidade, pois aí estamos frente a frente, sem ter de suportar o peso de nossos traseiros. Falemos, pois, do alto delas... que assim cumprem sua natureza, e nós, a nossa. Mas cadê a crônica. Que sirvam pra isso umas cadeiras velhas que foi do meu cunhado. Agora sofrem tempestades debaixo de um telhado aberto. Já não mais vivem de longas conversas. Minha sobrinha as valoriza quando, vendo os adultos distraídos, toma conta delas para subir no telhado. Elas, quietas, se submetem.

Envelhecendo

O meu envelhecimento é semelhante ao vinho e ao pão. Verdes eram os cachos e verde o trigo. De olho neles o moleiro, o agricultor, o vinhateiro, o cantineiro, os famintos, os degustadores, os bêbados e os de bom gosto. Todos de olho no desempenho da vinha e do trigo. Cresceram as uvas, amadureceram e dourou o trigo e, na brisa, mostrou-se em ondas. Isto, sim, é que eram uvas, amadurecidas na base de muito sol. Isso sim é que era trigo, verde no frio e, postos os cachos, não faltou o sol e as chuvas regulares. Tudo em ordem, conforme a necessidade do progresso. Contavam todos com a fartura e o dinheiro para sustentação dos filhos e de sobrantes reais para um pouco de ostentação. Afinal quem não quer mostrar um pouco mais do que se é. E para tanto, uns cobres, é coisa quase essencial.

Sou como o trigo doirado e as uvas viníferas, cor de rubi, pois que não adianta ser qualquer uva que rende

pouco e até a piazada gulosa põe a mão sem agradecer.

Agora já estou velho, fiquei farinha e fiquei vinho. Eis-me aqui, mas como são tantos os vinhos e tantas as farinhas, não posso perder o valor. Mas que me importa o meu valor, se assim posso durar ainda mais despreocupadamente. Enquanto tudo passa, também passarei. Estou à espera das bocas do infinito, que a solidariedade manda: ninguém fica pra semente.

Imaginei-me, então, como o cálice de vinho sagrado no qual Deus vem morar e de um pedaço de pão, onde Deus vem habitar com sua infinitude. É isso mesmo que me agrada, ter o gosto do infinito enquanto não houver a devoração. E tomara que nenhum deus esteja preocupado com o meu vinho e com minha farinha. Mas, em última análise, aceito esta situação de estar na terra meio devagar. Deixem agora, que eu sinta o meu próprio sabor. Afinal passei trabalho até virar pão e me tornar vinho.



(Agostinho Both é professor aposentado, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A etiologia da violência



ALBINO JULIO SCIESLESKI

Podemos tratar a questão da violência de diferentes formas.

A violência sempre existiu, mas a motivação aparentemente muda. Digo aparentemente porque pode significar uma defesa do ego, ou simplesmente um desejo, uma motivação. Podemos considerar também a etiologia da violência que levou o indivíduo a cometer crimes. Aliás, até onde sabemos a etiologia é pouco e mal pesquisada.

Teorias nos ajudam a compreender, como: a história da violência, as questões sociais envolvidas, a formação do ego, os aspectos psiquiátricos e tantos outros caminhos que podemos estudar e sobre os quais muito já se falou.

Houve época que a maior violência era por disputa de terras, outras pela riqueza hoje, podemos dizer, que pela disputa de territórios da droga. Quanto maior são as disputas, maior é a violência e, como em todas as épocas,

inocentes acabam por serem envolvidos. Não podemos deixar também de nos referir à desestruturação da personalidade que por razões sociais, educacionais, familiares e por doenças, acabam por ser induzidos a comportamentos mais agressivos. Esse item merece um artigo à parte, pois quando a justiça falha (e como falha!) acaba por criar um clima de autodefesa.

Queremos ir na direção contrária, nos perguntando: Como estamos lidando com a violência nos hospitais psiquiátricos, na porta das delegacias, dentro dos presídios, na abordagem policial?

Temos uma legislação, sobre a qual não é o momento de recorrer, mas que garante a integridade física e moral de toda e qualquer pessoa, mesmo das recolhidas em presídios. Sabemos também que se trata de uma falácia.

A inquietude que nos assola é a de pensar como resolver o problema da violência que está entre nós e da violência que habita os presídios.

A lei prevê que haja assistência ju-

rídica, material, educacional, médica, psicológica, psiquiátrica, religiosa e assistência social em todos os presídios. Prevê também trabalho remunerado. Garante ainda: alimentação, vestuário e instalações higiênicas além dos salários dados às famílias dos detentos.

Como esta legislação está sendo cumprida nas celas lotadas sem higiene e com o mínimo de condições para garantir a assistência da qual falamos. Ver os presos agarrados às grades da cela, com suas roupas penduradas nas mesmas, os drones chegando com drogas e celulares, a gritaria, o comportamento sexual promíscuo nos leva a pensar o que fizemos com a legislação.

Cada caso deveria ser analisado por esta equipe para buscar os motivos que levaram a pessoa a cometer um crime. Como fazer isto, mais ainda, do que adiantaria se depois “jogarmos” o criminoso numa cela que não lhe garante nenhuma integridade.

Prevenir, recuperar e curar deveriam ser os grandes objetivos contra a vio-



lência seja dentro ou fora dos presídios.

Uma nova proposta surge junto aos parlamentares. Um dos pontos se refere ao julgamento em tantas instâncias que, como disse um parlamentar, quando termina o julgamento o criminoso pode já estar morto. Por outro lado, tais instâncias não parecem servir a todos, pobres que não têm quem os represente, são presos já em primeira instância.

Nossa legislação está sendo rasurada e incompetente para garantir os direitos de todos.

Começo por perguntar: Não seriam os presídios que deveriam mudar? Não seriam as abordagens nas delegacias que deveriam mudar? Não seria o Supremo Tribunal que deveria rever suas condutas? Aliás, é onde se encontram as maiores controvérsias de nossa história.

Numa primeira instância, todos, ou quase todos, quando se possuem provas, são condenados.

Mas o que leva a julgamentos proporcionais entre um estuprador e um ladrão que pegou para se alimentar.

Saber se a origem do crime foi a fome, o distúrbio psiquiátrico, o etilismo, a condição social, o uso de drogas, os problemas mentais ou sociais seriam questões fundamentais em quase todas as situações, salvaguardando os crimes hediondos.

Onde colocar tantos que infringiram a lei sem considerar a diferença entre os crimes e as questões que envolvem o equilíbrio humano. Se me desse ser ouvido iria sugerir que os parlamentares que recebem fortunas pelas sessões propostas, nem sempre eficazes, recomendaria o uso desta fortuna a construção de mais e melhores presídios, ainda, sugeriria a construção dos mesmos em locais onde se tenta promover o desenvolvimento e, os presidiários, pudessem com seu trabalho, contribuir para tal desenvolvimento. Afinal eles já são assalariados, nada melhor que trabalharem por este salário e nada melhor do que o trabalho para a recuperação. Como diz Gonzaguinha “o homem sem trabalho morre, se mata”. Dessa forma os atendimentos, todos previstos em lei, seriam possíveis de acontecer.

O que estão mesmo propondo na Pec? Onde isso levará? Quanto está custando aos cofres públicos?

Um pouco de história para elucidar meus pensamentos. Quando realizei residência psiquiátrica no Hospital das Clínicas em São Paulo, nos idos de 1976, foi feita uma pesquisa entre os presos do Carandiru. Confirmou-se que 2% deles eram doentes mentais, sem nenhuma condição de responder por seus atos e pior ainda sem tratamento algum. Hoje cremos que esse número seja bem maior.

Em uma conferência feita para professores, médicos e outros profissionais, falamos sobre esta realidade acentuando que, se a pesquisa pudesse aprofundar, iríamos, sem dúvida encontrar mais de 6% doentes, uns recuperáveis, outros não, mas que mereciam avaliação e tratamento condizente. Alguns lamentaram não acreditar nos dados e contrapondo que eu estava defendendo “bandidos”.

Todos sabemos que ao entrar no presídio nas condições atuais, o comprometimento com o crime se torna ainda maior. Trata-se de uma condição de sobrevivência. Em outras palavras, ou mudamos os presídios ou aumentamos a violência.

Há bem pouco tempo ouvi de uma senhora cuja filha se casou com um traficante, com o consentimento dela.

Perguntei por que fizera isso e obtive a seguinte resposta: Ela se casou um dia antes dele ser preso, assim ela terá a garantia de salário e se engravidar nas visitas íntimas, seus filhos terão direitos assegurados. Uma mãe entrega a filha para um bandido porque considera que garantir um salário seja muito bom. Que tempos! Que visão distorcida! E não percebemos que somos nós a criar este tipo de mentalidade cooperando com o crime e a violência.

Enfim, o que estamos propondo não são estatísticas, não temos mais tempo para perder com elas, mas uma mudança estrutural que vai desde a construção de novos presídios, a avaliação da saúde mental, psíquica e ambiental que induziram ao crime e um verdadeiro programa de recuperação.

Nos últimos meses sentimos um aumento considerável de crimes, de todos os modos, muitos dentro do seio familiar, o que é mais preocupante, inadmissível. Também inadmissível é o comportamento de policiais aliados ao crime, da justiça ser desigual e lenta e do Supremo comportar-se fora da lei.

Hoje o caos está presente em todos os lugares. Nossa expectativa é por mudanças. Não somente as que estão sendo propostas pela PEC. Que diferença faz o número de instâncias a serem percorridas, se elas não servem a todos e se não mudam de fato o caos existente.

Voltamos a dizer: educação, saúde, integridade e justiça deve ser a busca de todos nós, seja dentro dos presídios, na porta das delegacias e na abordagem policial. Caso tornar possível o estudo etiológico da violência? Onde está presente a saúde pública?

Sabemos que sujeitos nascidos fórceps, parto pélvico, anoxias apresentarão no futuro dificuldades, podendo mesmo tornarem-se violentos. Um estudo sobre a genética da criminalidade se faz necessário para que a justiça possa dar melhor encaminhamento e consequentemente focar-se na recuperação. Uma boa anamnese deveria acompanhar todos os casos para que o crime não seja o que está visível, mas sim a pessoa que o cometeu. Todo entendimento levará com certeza as melhores definições.

Temos que pensar.

(Albino Julio Sciesleski é médico psiquiatra, ex-presidente e fundador da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego - Abramet).

Linguagem Neutra

IRONI ANDRADE

Ponho-me a imaginar o enorme espanto de um estrangeiro, mesmo pós-doutor em alguma área de conhecimento, num país de poucas luzes culturais como o Brasil, sendo saudado, no início de algum evento: “Queridos amigos, sejam bem-vindes”!

Qualquer mudança num idioma é tarefa institucional, demorada, árdua e extremamente trabalhosa. Ela não ocorre, portanto, ao sabor de gostos pessoais ou de tendências ideológicas.

No caso específico da Língua Portuguesa, sobretudo no que tange aos preceitos gramaticais envolvidos no idioma, uma proposta de mudança precisa partir de Brasil (Academia Brasileira de Letras) ou de Portugal (Academia de Ciências de Lisboa), pois há um Tratado Internacional prevendo que apenas esses dois países têm poder de iniciativa nesse sentido. Depois de demonstrado tal interesse, ele passa por discussão de convencimento dos nove países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Uma vez fechado um acordo (denominação que transporta justamente à ideia de discussão, debate, comunhão

de vontades), esses dois países assinam-no e os demais, até então testemunhas presenciais, mas meros expectadores, ratificam-no, ou não, de acordo com suas conveniências.

A fim de clarear melhor o assunto, vejamos como se deram as últimas alterações na Língua Portuguesa, propostas com a intenção de proceder a uma “unificação” do idioma lusitano. Em 1986 reuniram-se, no Rio de Janeiro, os, então, sete países da CPLP. Daí, até o fechamento do Acordo básico, foram quatro anos de acirrados debates. Em Lisboa, no ano de 1990, ele foi finalmente assinado pelos países lusófonos. Uma vez atendidos a todos os interesses, o Poder Executivo brasileiro encaminhou-o, na forma de Projeto de Decreto Legislativo, ao Congresso Nacional. Lá, foram mais cinco anos de discussões. Em 1995, depois de votação simbólica por líderes de bancadas, na Câmara e no Senado, transformou-se em lei. Faltava, porém, a promulgação a fim de autorizar-lhe a vigência. Isso só ocorreu em 2008, prevendo que entraria em vigor em 1º de janeiro 2009. O itinerário completo, da primeira reunião à entrada em vigor, consumiu, portanto, cerca de 23 anos.

Mas isso, todavia, não é tudo. Muitos outros fatos ilustraram todo esse processo. No artigo 3º do Acordo havia a previsão de sua entrada em vigor no dia 1º de janeiro de 1994. Para tanto,

constava lá, todos os países-membros da CPLP deveriam tê-lo ratificado, e apenas três deles (Portugal, Brasil e Cabo Verde) haviam procedido a essa ratificação. Sua entrada em vigor, então, ficara inviabilizada.

Provando que não é somente no Brasil que se dão “jeitinhos”, em 17 de julho de 1998, com a presença, é claro, de nosso país, assinou-se um “Protocolo Modificativo ao Acordo”, suprimindo do texto original a data para a sua entrada em vigor, mas mantendo a exigência de que todos os signatários ratificassem-no. Isso, por lógico, não resolveu o problema, haja vista que havia apenas três ratificações.

Diante desse impasse, e em face de interesses político-econômicos escondidos por detrás da iniciativa, em julho de 2004, os chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa reuniram-se em São Tomé e Príncipe e aprovaram um “Segundo Protocolo Modificativo”, permitindo a adesão de Timor-Leste à CPLP e estabelecendo que, em lugar da ratificação de todos os países lusófonos, fosse suficiente que apenas três deles ratificassem o Acordo para sua entrada em vigor.

O Brasil ratificou o Segundo Protocolo em outubro de 2004; Cabo Verde, em abril de 2005, e São Tomé e Príncipe, em novembro de 2006. Na prática, pois, as novas normas já poderiam entrar em

vigor nesses três países. Considerou-se, entretanto, recomendável não avançar no processo sem que Portugal também oficializasse sua ratificação. Depois de marchas e contramarchas, o Parlamento português decidiu-se também por ratificar o Segundo Protocolo.

Ante a adesão de Portugal, os chefes de Estado dos países integrantes da CPLP, reunidos em Lisboa para a Declaração sobre a Língua Portuguesa, no dia 25 de julho de 2008, comemoraram a futura entrada em vigor do Acordo Ortográfico e solicitaram aos países que ainda não haviam procedido à ratificação que o fizessem. Solicitaram, ainda, que aqueles cujo ato de ratificação já havia ocorrido estabelecessem, no mais curto espaço de tempo possível, uma data comum para implementar a sua utilização nos documentos e nas publicações oficiais.

Faço todo esse relato para mostrar quão complexa é, de fato, qualquer mudança em nosso idioma e alertar que não será uma simples ideologia, defendida por um grupinho das ditas “minorias”, que, ao arripio da legislação pátria e de tratados internacionais, introduzirá mudanças tão significativas na Língua Portuguesa, como o é a (absurda!) linguagem neutra. Essa descabida pretensão, para que se saiba, alteraria inúmeros conteúdos gramaticais, pois, ao se tocar em substantivos (aluno = alune; amigo = amigue; empresário = empresárie), seus determinantes (artigo, pronome e numeral) e seu modificador (adjetivo) também seriam afetados, alterando ortografia e concordância de gênero de nosso querido Português.

Entendo, aliás, que, se houver de fato intenção séria de colaborar para com um melhor relacionamento entre toda a população de nosso país, que se estude um pouco e se tome consciência do que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) diz: são 11 milhões de brasileiros que não sabem ler nem escrever. Ensiná-los a saírem dessa escuridão cultural seria, certamente, muito mais interessante do que uma iniciativa desse calibre e, por todas as razões, ideologicamente desastrosa. Aliás, a meta do Plano Nacional de Educação é erradicar o analfabetismo até 2024. Engajem-se nisso e, aí sim, merecerão meus aplausos.

(Ironi Gozzi de Andrade é professor de Língua Portuguesa do Sistema Educacional Ironi Andrade.)

Alberto Torrico Villarroel, pioneiro da Reumatologia em Passo Fundo

(FOTO: ARQUIVO O. LECH)



OSVANDRÉ LECH

Integrando um grupo de intercâmbio cultural para cursar Medicina no Brasil, Alberto Villarroel optou por Porto Alegre, onde se formou na UFRGS em 1965. Retornou à Bolívia pelos trâmites legais e, então, decidiu morar no Brasil. Após naturalizar-se brasileiro, iniciou sua vida profissional como clínico geral em 1966 em Nonoai, RS, onde atendia índios caingangues e a comunidade local. Retornou a POA para a residência médica em reumatologia e fisioterapia em 1970 e 1971.

Fixou endereço profissional na Policlínica Passo Fundo em 1972, sendo o pioneiro da especialidade na região. Foi protagonista do momento histórico de transformação da medicina na cidade, que nesta época evoluiu de generalista para especialista.

Como professor titular da FMUPF de 1983 a 1995, inspirou dezenas de alunos, com destaque para Luiz Carlos Manzato (reumato) e Wilson Henrich (fisiatra), com quem manteve longa parceria.

Alberto Villarroel, o “Villa”, como era conhecido, dedicou-se ao consultório particular de reumatologia, ao Serviço de Fisiatria e Fisioterapia do HSVP e à docência na FMUPF. Presidiu a Sociedade de Reumatologia do RGS de 1989 a 1991. Além disso, dedicou-se ao associativismo médico, prestando relevantes serviços na UNIMED, AMRIGS e no CREMERS por diversos mandatos. Por todos os locais onde transitou, granjeou o respeito dos colegas e da comunidade a quem serviu.

Nascido em Potossi, Bolívia, em 1940, Villarroel faleceu em Passo Fundo, vítima de Covid-19, em 11 de setembro de 2021 aos 81 anos, no HSVP, deixando os filhos Rodrigo, Fábio, Rafael, Gustavo, Matheus e Isidora e netos.

Tive o prazer de ser seu aluno na Faculdade de Medicina da UPF e confrade na Academia Passo-Fundense de Medicina. Memórias boas de uma boa pessoa!

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Realidade do Transporte no Brasil



**ALBINO JULIO SCIESLESKI &
MARISA POTIENS ZILIO**

Afirmamos, sem dúvida alguma, que do transporte depende grande parte da economia do país e conseqüentemente seu desenvolvimento.

São 5 modalidades: rodoviário, ferroviário, aquaviário, aéreo e dutoviário.

Há um desequilíbrio no uso destes modos que acabam por atrapalhar o escoamento da produção e deslocamento das pessoas, significando grandes perdas para a economia. Temos que considerar, ainda, que a logística é mal elaborada.

O transporte rodoviário ocupa 61%

dos transportes no Brasil, porém dos 1,7 milhões de km de estradas, mais de 1,3 milhões de km não são pavimentadas ou estão mal conservadas. Isso significa que 80,3% não são pavimentadas adequadamente. Reafirmamos que as pavimentadas são mal conservadas, mal sinalizadas e mal fiscalizadas.

Empresários calcularam que a falta de pavimentação e de logística, causam uma perda de mais de 25% na competitividade e nos lucros que poderiam ser de 2,5 bilhões por ano. Além disso, confirma-se o número de acidentes e mortes, mutilados com custos hospitalares e dias de serviços perdidos, levam a perda bilhões de dólares.

A malha ferroviária no Brasil ainda é a mesma do Império. Possui 27.782 km e só um terço é produtivo. Outros

são subutilizados. A eficiência deste transporte só acontecerá com 52 mil km de ferrovias interligadas a portos, rodovias e hidrovias. Comparando, um comboio transportando 10.000 toneladas, transporta o equivalente a 278 caminhões com 36 toneladas cada um. Comparativamente a outros países podemos verificar a grande discrepância dos meios de transportes, a saber: na Rússia 81% do transporte é ferroviário, no Canadá 46%, na Austrália, 43%, nos EEUU 43%, na China 37% e no Brasil 27%.

De todos os meios de transporte, o hidroviário é o que possui menor custo.

Estamos efetivamente muito atrasados e pouco são os investimentos feitos pela nação. Há uma cegueira administrativa. Lembramos que alguns estados, como São Paulo, se destacam na construção

dos transportes ferroviários.

Outra questão são os acidentes. Comparamos dados de 2006 há 2016 que estavam disponíveis¹:

- No transporte rodoviário são consideradas 183 mortes por dia e aproximadamente 67.890 por ano.

- No transporte ferroviário – os acidentes com mortes – 8.741 por ano.

- No transporte hidroviário – 182 mortes, em três anos, maior número na Amazônia (dados obtidos em 2016).

O investimento da Abramet (Associação Brasileira de Medicina do Tráfego) deve se dirigir aos governos federais, estaduais e municipais para que o Brasil avance na qualidade e nos meios de transporte.

Sabemos que nos últimos anos, pela fiscalização mais efetiva, houve uma diminuição nos acidentes rodoviários, com isso menos acidentes, menos mortes, menos sequelados, menos hospitalizados, menos dias de serviços perdidos. Como compreender a falta de investimento nos transportes ferroviários e aquaviários, que não só diminuiriam os acidentes como trariam grandes benefícios a nação. Não é pauta desse artigo, mas sabemos dos bilhões que retornariam ao país se houvesse esse investimento.

Ferrovias são mais caras na construção, mas bem mais baratas na manutenção e nos benefícios.

Em tempo temos que lembrar o aumento de ciclistas e motociclistas transitando por nossas cidades. Não temos o registro de número de mortes causadas pela não organização do tráfego em função do uso destes meios de transportes. Em São Paulo há um corredor entre os carros, para o deslocamento das motos, que permitem maior cuidado por parte dos motoristas, mas ainda é muito pouco, frente às exigências deste meio de transporte. É preciso pensar com mais cuidado nesse meio de transporte.

A Abramet tem que fazer a diferença. As mortes no trânsito diminuíram, mas as leis ainda são brandas.

Perguntamos:

A melhoria do trânsito em todas as suas formas poderão ser nossa nova meta ?

Nota:

¹- dados obtidos em informativos do Detran, da Abramet e de outras publicações em 2016.

(Albino Julio Sciesleski é médico, ex-presidente e fundador da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego - Abramet.)

(Marisa Potiens Zilio é psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O envelhecer de nossos pais



PITI OCHOA UGHINI

A sala estava inundada com o sol que entrava pelas janelas fechadas de uma tarde quente no litoral. Foi quando olhei para minha mãe que caminhava curvada a passos lentos em minha direção. Confesso nunca ter reparado que o tempo havia passado para ela, pois ainda a via como uma fortaleza. Percebi o envelhecer de minha mãe e entristeci, vi sua fragilidade e fiquei pensando nos velhos tempos quando a via com a força vital que lhe era tão peculiar. Naquela hora, naquele lugar, desabei numa poltrona e fiquei a observá-la.

Percebi somente naquele instante de lucidez extrema, que minha mãe havia envelhecido. Com seus oitenta e cinco anos, não era mais aquela mulher que, aos trinta anos, sob meu olhar atento de criança, vestia cuidadosamente a meia, calçava seus sapatos e bolsa que combinavam. Também não era mais aquela mulher que, a cada nascimento de um novo neto, acompanhava cada filha nos primeiros cuidados com o bebê.

Hoje, essa mesma mulher é carente de cuidados e afetos. Os que antes ela os fazia, a seu modo, muito bem. Sinto que a idade pesa para ela. Não há mais tanta força física, mas há ainda o escutar atento a uma boa conversa, a novos e velhos conselhos.

Minha mãe continua aqui conosco, o que é muito bom. Mas agora muito mais amada, respeitada e cuidada. Assim veio outra manhã, e outra noite. Assim vieram outros dias bem mais aconchegantes no amor de uma filha para com sua mãe.

Com amor, um relato de vida para minha mãe.

(Piti Ochoa Ughini é professora de Língua Portuguesa e Redação, Passo Fundo, RS.)

Pois todo mundo já sabe que ela é a coisa mais certa

Se todos que aqui passassem
Só praticassem o bem,
Amor garanto que jorraria
E sem faltar para ninguém,
O pobre seria um pobre
Mas um pobre que convém,
E o rico seria um rico
Sem se orgulhar do que tem,
Os miseráveis entre estes
Viveriam felizes também,
Isto seria a pura obra de Deus
Ao contrário não sei de quem.

Por isto às vezes questiono
Se o homem é fraco ou é forte,
Ou vive só se enganando
E tentando dormir com a sorte,
Estuda inventos e coisas
Que nem ele tem suporte,
Já devastou a terra em tudo
Quer no Sul também no Norte,
Usa a guerra por conquista
Com armas sempre mais forte,
Depois de toda essa obra
Para sempre casa com a morte.

Será que Deus vai deixar
Que tudo siga desse jeito?
Onde a força é que decide
Quem vai ter maior respeito,
O medo já se instalou
Dentro de cada sujeito,
Poucos examinam a causa
Mesmo sabendo o efeito,
Quem tem dinheiro não faz
Mas manda que seja feito,
Quantos autores de crime
Não passam nem por suspeito.

Homens têm de vários tipos
Na inteligência e no porte,
Alguns que não fazem nada
Vivem de braço com a sorte,
Outro que inventa mil coisas
Não faz por não ter suporte

A terra já foi devastada
Do Polo Sul até o Norte,
A conquista vem pela guerra
Com arma sempre mais forte,
Quem vence vira soberano
Um dia perde pra morte...

Essa coisa da ganância
Não foi uma boa descoberta,
Antes que acabem meus dias
Deixo isto como um alerta,
Tem gente que é coisa ruim
Acredita que é muito esperta,
Arromba e rouba o que vale
Depois coloca em oferta,
Pois quem acostuma nisso
Esquece que o cerco aperta,
E a morte é um tipo de frio
Quando vem não traz coberta,
Entra em barraco e fortaleza
Sempre encontra porta aberta,
No geral não manda aviso
Nem convite e não alerta.
Pois todo mundo já sabe
Que ela é a coisa mais certa.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 991696942.)



Genealogia Dias Gonçalves

ODILON GARCEZ AYRES

Nós descendentes dos nossos avoengos guerreiros somos parte da história do Rio Grande do Sul!

Se a história nos esqueceu...nós não esquecemos a nossa história!

Soube agora em 2018, através do contra parente, escritor Moisés Silveira Menezes, presidente da Casa do Poeta São-Pedrense e membro da Academia de Letras de Santa Maria, em seu livro, São Pedro do Sul – Perfis Biográficos – editora Palotti – edição 2017, às páginas 74 à 77, que meu trisavô Pacífico Dias de Menezes, vendeu, em 1858, 14 hectares de terras de sua propriedade para Crescêncio José Pereira, para a fundação do povoado de Rincão de São Pedro do Sul

Na visita que fez a nossa Academia Passo-Fundense de Letras, ofertei-lhe dois livros, de minha autoria, Caboclo Serrano e Cavalo de Guerra Açoriano, e este, desvendou mais um pedaço da história familiar, no qual transcrevi o esbulho da sesmaria, efetuada por Labiano de Castro Jobin, não na propriedade de Pacífico Dias de Menezes, como eu ouvira contar, mas na sesmaria de Antônio Dias Gonçalves.

Este, filho de Simão Dias Gonçalves, oriundo da Ilha Terceira dos Açores, era pai de Joaquim Dias Gonçalves e de José Dias Gonçalves.

Três guerreiros hipotéticos no meu romance histórico, que na vida real existiram de fato e de direito.

Sem o saber, talvez o destino ou o sangue que corre em nossas veias, falou mais alto, e transformei Antônio Dias Gonçalves, no principal personagem do livro Cavalo de Guerra Açoriano um soldado dragão do império de Dom José primeiro, aquartelado no forte de Rio Pardo, e que participaram da Revolução Farroupilha, das lutas com os 7 povos, na Guerra Cisplatina, na batalha de Monte Caseros, na Independência e Guerra do Paraguai, esquecendo-me do principal feito dos meus ancestrais, José, Joaquim e Antônio Dias Gonçalves, cuja história rio-grandense registra o seguinte.



No livro – Pioneiros - Rincão de São Pedro – ainda no prelo vai constar que: em recompensa aos valiosos serviços após a reconquista do território das missões para Portugal, Manoel dos Santos Pedroso, recebeu de presente a estância de São Pedro, na parte meridional do atual município de São Pedro do Sul, mais precisamente situada hoje na localidade de Xiniquá.

Manoel dos Santos Pedroso, famosos como José Francisco Borges do Canto, nunca residiu na referida estância, e em 1815 à vendeu a Manoel Antônio Teixeira de Cerqueira César.

Entre 1806 e 1808, dentro do processo de ocupação do território, logo após a reconquista das missões para o Portugal, o rincão de São Pedro, outrora posto da estância jesuítica de São Miguel, é distribuído em sesmarias a: Joachin Dias Gonçalves, Manoel Martins, Manoel Antônio de Cerqueira César, José Das Gonçalves, Silvestre Pereira de Escobar, Antônio Dias Gonçalves, Antônio Ferreira Canabarro, capitão Ricardo Antônio de Melo e Albuquerque e outros.

Em 1858 o casal Crescêncio José Pereira e Zelinda Maria de Souza, chegou ao rincão de São Pedro, procedente de Rio Pardo, indo residir no Passo da Taquara, onde adquiriu, por compra de Pacífico Dias de Menezes, uma légua de sesmaria de terras por 600 mil réis.

Crescêncio e sua esposa Zelinda em 11 de setembro de 1865, doaram 14 hectares dos campos que obtiveram por compra de Pacífico Dias de Menezes, que os herdara de sua mãe Merenciaana Menezes, para fundar a freguesia de São Pedro.

Os doadores tinham o direito de dar posse aos novos moradores que vinham para povoar o local doado, hoje São Pedro do Sul

Dito isto, a minha árvore genealógica, Garcez e Ayres, está registrada no meu livro, digo e-book, “Cerrito do Ouro à Coxilha” nos capítulos 101 à 111, disponível no Projeto Passo Fundo Apoio à Cultura e na internet, mas para que entendais meu relato, declino aqui a minha árvore materna, ou seja:

Florionilla Pereira Garcez, casada com José Antão Ayres, filha de Pacífico Dias Garcez, casado com Benevenuta Pereira Ramos, filho de Cipriano Dias Garcez, casado com Maria Rita da Silveira, filho de Pacífico Dias de Menezes, casado com Benta Garcez de Moraes, filho de Joachim Dias Gonçalves, casado com Merenciaana Menezes, filho de Antônio Dias Gonçalves, casado com Maria Nascimento de Jesus Dias Gonçalves, filho de Simão Dias Gonçalves, casado com Maria do Rosário Dias Gonçalves

das ilhas Terceira e Fayal dos Açores.

Ainda fazem parte desse caldo genealógico, os Machado Bittencourt, Silveira, Araújo, Neves, Ramos, Gavião, Rodrigues de Bem, Soares Menezes, Albernaz e Belém.

Vim aqui nesta Segunda Mateada e Sarau Literário da Academia Passo-Fundense de Letras, para rememorar os feitos históricos dos gaúchos nesta data especial em que comemoramos a Semana Farroupilha, vim aqui contar história. nada mais: nós somos descendentes dos nossos avoengos guerreiros, que tomaram do Reino Espanhol, os 7 Povos das Missões, para o Reino de Portugal. Se a história nos esqueceu...nós não nos esquecemos de nossa história.

Muito obrigado!

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo Fundense de Letras e da Academia de Letras do Brasil.)

O envelhecimento e os laços de amizade

SILVANA ALBA SCORTEGAGNA

(FOTO: ARQUIVO S. A. SCORTEGNA)

As relações amorosas entre as pessoas desempenham papel vital no desenvolvimento humano e na manutenção do senso de bem-estar ao longo da vida, razão por que este texto focaliza o valor dos laços de amizade na velhice.

A internalização de representações de pessoas significativas torna possível a percepção de que vivemos nas mentes dos outros e eles nas nossas mentes, o que nos auxilia a apreciar e a suportar momentos de solidão. Mas somente isso não é suficiente para garantir nossa sobrevivência. Precisamos do contato próximo com as pessoas desde o nosso início de vida até o nosso próprio fim. Essa necessidade é mais difícil de ser compartilhada a medida em que envelhecemos e nas etapas mais tardias de vida.

Pais, irmãos, companheiros, parceiros amorosos morrem e a medida em que as pessoas idosas vivenciam tais perdas, podem precisar reunir mais esforços para vencer as dificuldades de formar ou manter novos vínculos amorosos, especialmente quando se atinge horizontes mais longevos, quando o vigor para investir em novos relacionamentos enfraquece e o tempo de vida e as oportunidades se encurtam.

Infelizmente, também perdemos amigos e com eles se vão as fontes e os nutrientes emocionais que alimentam a vida, a perda de um amigo para uma pessoa idosa pode acompanhar sentimentos dolorosos equivalentes a perda de um irmão, pois ao se configurar como uma amizade duradoura, esteve presente em toda vida. Com os amigos as pessoas idosas podem ter mais liberdade para compartilhar os aspectos mais valiosos da velhice como, por exemplo, as alegrias da avosidade, das conquistas dos filhos, das novas descobertas no convívio amoroso; os



mais simples, mas também importantes, como as trocas de recomendações de livros, filmes, viagens; e as questões mais angustiantes da velhice, como a emergência de enfermidades graves e incapacitantes, de temas relacionados a finitude e, ainda, ter menos chance de se envergonhar das suas dificuldades com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, por exemplo.

Adicionalmente, o compartilhamento das vivências comuns às pessoas mais

velhas e as dificuldades que possam surgir por conta dos declínios cognitivos ou de outra ordem, podem ser mais bem contornadas. Diante das dificuldades auditivas, o pedido para que algo seja repetido pode vir desacompanhado do desconforto que às vezes sobressai diante de outras pessoas; não conseguir lembrar o nome de uma pessoa ilustre ou algum detalhe relevante pode ser prontamente resolvido com o auxílio dos demais pares.

É por meio destas conexões, de aceitação e afirmação, que a intimidade brota, que o conhecimento de si e do outro ganham novos contornos fazendo com que o relacionamento com os amigos contribua significativamente para o nosso desenvolvimento. Mesmo os momentos de discordância, que por vezes podem trazer algum desconforto e estranhamento, podem levar a novos aprendizados e aumentar o senso de autonomia. É por estes e outros motivos que tais conexões são fontes e reservas de estímulos para a reformulação de conceitos e ideias, para restaurar ou fomentar a autoestima, além de proporcionar oportunidades de identificação, de autoconsciência, de autorreflexão e nos trazer feedbacks.

Não apenas os laços de amizade ajudam a manter nosso equilíbrio psíquico, estão relacionados a níveis mais baixos de sofrimento psicológico, de depressão, ansiedade, sentimentos de solidão e níveis mais altos de afetos prazerosos como alegria, mas também auxiliam a promover nosso bem-estar físico. A crença de que um amigo está por perto pode reduzir, por exemplo, a responsividade ao estresse. Entretanto, muitos fatores podem impedir a capacidade de formar e manter amizades, dificuldades em se assegurar de uma própria identidade ou de um sentido consistente de si, podem despertar sentimentos temerosos de desenvolver vínculos mais profundos com outra pessoa.

Problemas em superar situações de crises individuais ou coletivas, que envolvem perdas, separação e conflitos, podem impossibilitar tolerar faltas ou mesmo diferenças entre nós e os outros, e requerem uma escuta profissional qualificada. É claro que não é suficiente ajudar pessoas desenvolver capacidade de ser e ter amigos, é também necessário haver oportunidades para que possam encontrar amigos.

Esta necessidade pode ser satisfeita e é atingida, até certo ponto, na convivência com comunidades que desenvolvem atividades de cuidados para a preservação da vida, em centros de convivência, recreação e programas de aprendizado, em projetos de pesquisa-ação que ofertam serviços voluntários de assistência coletiva a saúde mental e condições gerais de saúde, sendo bem-vinda a manutenção e a propagação desses recursos.

(Silvana Alba Scortegagna é psicóloga e professora da Universidade de Passo Fundo.)

Daniel Viuniski dignifica Passo Fundo

(FOTO: ARQUIVO O. LECH)



Daniel Viuniski doa livros raros para o Acervo de Osvandré Lech em 2018.

OSVANDRÉ LECH

Filho de Moysés e Rachel, comerciantes da Avenida Brasil, Daniel Viuniski é um ícone da comunidade judaica e um dos mais ativos líderes da nossa comunidade. Literalmente ele viu a cidade crescer e tomou parte ativa na sua construção.

Estudou no Notre Dame e no IE, foi adolescente na provinciana Passo Fundo dos anos 50. Gradou-se na Faculdade de Farmácia (UFSM) em 1960 e na Faculdade de Direito (UPF) em 1988.

Trabalhou como bioquímico e farmacêutico e fundou o primeiro banco de sangue da cidade em parceria com o Dr. Paulo Azambuja. Gênio da química, lecionou em colégios, cursinhos pré-vestibulares, nos cursos de Medicina, Odontologia e Agronomia da UPF. Educou milhares de alunos com carinho e doação. Educador nato que se orgulha disso!

Na vida comunitária, impressiona a presença de Daniel Viuniski em múltiplos setores - presidiu o Sport Club Gaúcho, o PMDB, dirigiu o Hospital Municipal Dr. César Santos, membro da Academia PF de Letras desde 1975, na cadeira Arthur Ferreira Filho. Participou da Maçonaria, da fundação da APAE, do Patronato de Menores e da UPF. Desen-

volveu o setor imobiliário com a imobiliária “O Balcão”. Recebeu a laurea de Cidadão Passo-Fundense em 2006. Sócio fundador e primeiro presidente do Rotary Club Passo Fundo Norte, Daniel escreveu uma linda história de serviços à comunidade pelo Rotary Club, onde foi Governador do Distrito 4700 em 2011 e representa com frequência o presidente mundial da entidade em diversos cantos do país.

Pelo senso de justiça e resgate da cidadania, especializou-se em Direito Penal e atuou intensamente no Tribunal do Júri. Este livro ilustra com sucesso a sua saga nesta área. Como educador nato, ele “dá uma aula” com seus casos mais instigantes!

Daniel plantou e agora colhe. Colhe o reconhecimento dos seus milhares de alunos, clientes e amigos. Pessoas que foram tocadas pela sua impressionante vida comunitária.

Tenho orgulho de ser seu aluno, seu colega de cursinho, seu confrade e acima de tudo, seu amigo. Obrigado, Prof. Daniel Viuniski!

Nota: Prefácio do Livro de Daniel Viuniski “ Culpado ou Inocente – Vivemos o Júri”

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

A culpa a atingiu antes da convocação pelo ato. Perscrutou os arredores. Ao seu lado, no ponto de ônibus, pessoas como ela. Exaustas. Também saindo do trabalho, também querendo retornar para suas casas e suas famílias. E nenhuma estava enlouquecendo. Estavam contidas e disciplinadas, como se era esperado.

No que diferia delas? De onde vinha a necessidade repentina pela rebeldia? Não queria retornar para casa. Não queria beijar os filhos; nem mesmo conversar com o marido. Sabia o que tudo isso implicava. Estava consumida pela realidade.

Gostaria de se lançar ao mundo. E curtir a queda.

Acordou naquela manhã sentindo-se uma clandestina em seu próprio lar. O impulso não era tão forte, mas precisou de certo esforço para ajeitar as crianças e ir trabalhar. Executou suas atribuições desligando-se do mundo. Ignorou os desejos. Estava acostumada a se conter.

Agora, porém, aquilo que contivera retornava com mais força. As pulsões uniam-se e imploravam para que ela abandonasse suas responsabilidades e partisse. Era culpa do anoitecer úmido, ou do atraso do transporte coletivo? Era culpa daquele ponto de ônibus? Culpa das pessoas resignadas ao seu redor? Era culpa daquela maldita vida que levava!

Amava os filhos, amava o marido. Quisera muito ter uma casa para chamar de sua. Possuía um emprego, recebia seu salário em dia. Porém, não era mais suficiente. Não se sentia viva. Não lhe sobrava tempo, não lhe sobrava dinheiro. Não lhe sobrava nem mesmo amor para dedicar a si mesma.

Na verdade, faltava.

Embora fizesse tudo que estava ao seu alcance, embora abrisse mão de si mesma, a sensação de insuficiência sempre persistia. Não dava conta de todas as obrigações que lhe eram impostas. Sentia-se incapaz e fraca em todos os âmbitos de sua vida. Não representava um bom papel de mãe, ou de esposa, ou de funcionária. Não era nem mesmo uma boa mulher, que dirá uma boa pessoa.

Havia carências que dava tudo de si para suprir e ainda assim falhava.

Faltava-lhe tempo para cumprir suas obrigações. Não era capaz de trabalhar fora, perder longas horas no deslo-



camento até o serviço e depois ainda chegar em casa, organizar e limpar o lar, auxiliar as crianças com os deveres da escola, dar-lhes banho, preparar as refeições e ainda reservar tempo para dedicar ao marido. O que sobrava para que pudesse dormir? E qual tempo restava para dedicar a si mesma? As tarefas nunca acabavam. Quando aproximava-se da finalização e acreditava que enfim poderia descansar, descobria que o ciclo recomeçava.

A inflação elevada, resultado de uma crise econômica, política e social que o país vivia, lhe trouxe também problemas financeiros. Seu salário e o do marido não eram mais suficientes para arcar com todas as despesas. A energia elétrica estava cada vez mais cara, assim como a gasolina, o gás que usava para cozinhar e até a própria comida.

Mesmo sabendo que precisavam economizar, permitia que cada um dos três filhos se demorasse no banho e assistisse

Clandestina



TV o dia todo. Depois ela compensava. Já que não havia aumento dos salários, alguém precisava contrabalançar a diferença. Ela.

Estava cansada de todas essas renúncias. Exaurida por continuamente lutar contra quem era; quem almejava ser.

Estava enlouquecendo, queria viver de maneira diferente, ter tempo, dinheiro e preocupações para dedicar a si mesma. Ansiava por descumprir tudo que exigiam dela; não arcar com as imposições

alheias, fazer só o que lhe apetecesse.

Observando mais uma vez os arredores, decidiu. Não gostaria de ser mais uma. Não queria a inércia. Muito menos a culpa. A passividade não lhe pertenceria mais. Sucumbiria aos seus desejos mais profundos: tornar-se-ia uma clandestina.

Abandonou o ponto de ônibus.

Saiu pela garoa e sentiu as gotículas frias de água tocar sua pele. Não usou o guarda-chuva que sempre carregava na bolsa. Andou a esmo sentindo o toque do mundo sobre sua superfície. Soltou o cabelo e permitiu que balançasse no ritmo do vento. Atravessou a rua sem se importar com o fluxo de veículos. Escutou as buzinas que seguiram ao seu ato, a adrenalina por quase ser atropelada fluindo por seu corpo. Sentiu-se viva e gargalhou, buscando os olhares dos que ainda não prestavam atenção a ela.

Em uma esquina qualquer, rodopiou a bolsa no ar e lançou-a em uma árvore. Gargalhou mais uma vez ao se livrar do objeto que representava sua prisão. Não havia nada ali que pudesse sentir falta. Apenas símbolos de sua vida regressa, objetos que recordavam quem era.

Se pudesse teria feito o mesmo com suas vestes, o último resquício da sua antiga personalidade. Mas manteve a calça jeans e a camiseta preta. O casaco puído ficou pelas calçadas do centro da cidade.

Dançou pela chuva e saltou dentro das poças d'água sem se importar com os sapatos. Escutou uma música tocar e moveu o corpo no ritmo, os acordes ressoando dentro de si. Permitiu que a melodia lhe tocasse profundamente, que as lágrimas vertessem em seus olhos e escorressem por sua face. Gritou, cantou, chorou e sorriu, sem importar com nada no mundo além de si mesma.

Com a força descoberta dentro de si, era imbatível. Os cabelos rebeldes ao vento, como sinal da sua insubordinação, chamavam a atenção de quem passava por ela. Exercia um magnetismo sobre os homens. Algo que nunca antes fez. Ainda continuava com a mesma aparência: o rosto enrugado e a pele flácida que evidenciava sua idade. Os cabelos opacos e volumosos, os seios fartos caindo sobre os quilos acumulados na barriga também revelavam a negligência consigo, os anos passados a esmo.

Porém, naquele momento entendia sua força, descobria sua própria magia e permitia que o apreço por si ressurgisse.

Curtiu a noite. Foi para bares e bebeu com desconhecidos. Recebeu propostas indecentes e as aceitou. Usou seu corpo como muito ambicionou fazer. Sentiu e deu prazer. Gritou ao deixar seu lado selvagem fluir.

Roubou dinheiro. Comprou novas roupas e passou a exhibir seus atributos. Ousou no batom vermelho e não tentou mais domar os cabelos. Deu-se ao luxo de comprar uma calcinha fio dental. Abusou no decote. Saiu com uma minissaia, exibindo os furinhos das coxas que lhe davam orgulho.

Pintou os cabelos de azul, fez uma tatuagem nas costas e recomeçou a vida em outro lugar. Experimentou drogas e as suas viagens irreais. Conheceu a magia de um outro mundo e não tentou conter a euforia que a dominou. Navegou pelas ondas de suas alucinações, curtiu as sensações novas de seu corpo.

Buscou formas de ganhar dinheiro e aproveitar ainda mais a vida. Quis casar-se de novo, com um marido de posses e assassiná-lo com veneno; pensou em assaltar uma joalheria, talvez um banco. Planejou a própria fuga da prisão caso fosse capturada. Quis ser rica e ainda mais desejada. Livre para conhecer o mundo e tudo que ele tinha a lhe oferecer.

Sentiu a ausência dos filhos, mas percebeu o quanto estava liberta. Não havia obrigações. Não havia escassez. Não precisava se conter ou se desligar. Era somente sua. E satisfazia seus próprios desejos.

Um clarão chamou sua atenção e lhe trouxe de volta. O farol de um veículo. Um ônibus que se aproximava de onde estava. Mais por hábito do que por vontade própria, leu o letreiro.

Era o seu ônibus. A linha que aguardava e que lhe levaria para casa.

Deixou seus devaneios de lado. Puxou o capuz do casaco para cobrir a cabeça e os cabelos presos em um coque; apertou a bolsa contra si e abriu o guarda-chuva, enquanto aproximava-se e subia no veículo, olhar baixo, contida e resignada como deveria ser.

Precisava chegar em casa e cumprir suas obrigações. Não havia espaço para delírios. A fera estava novamente enjaulada dentro de si.

(Stéfani Pinheiro Paludo é arquiteta e escritora, Passo Fundo, RS.)

Ansiedade

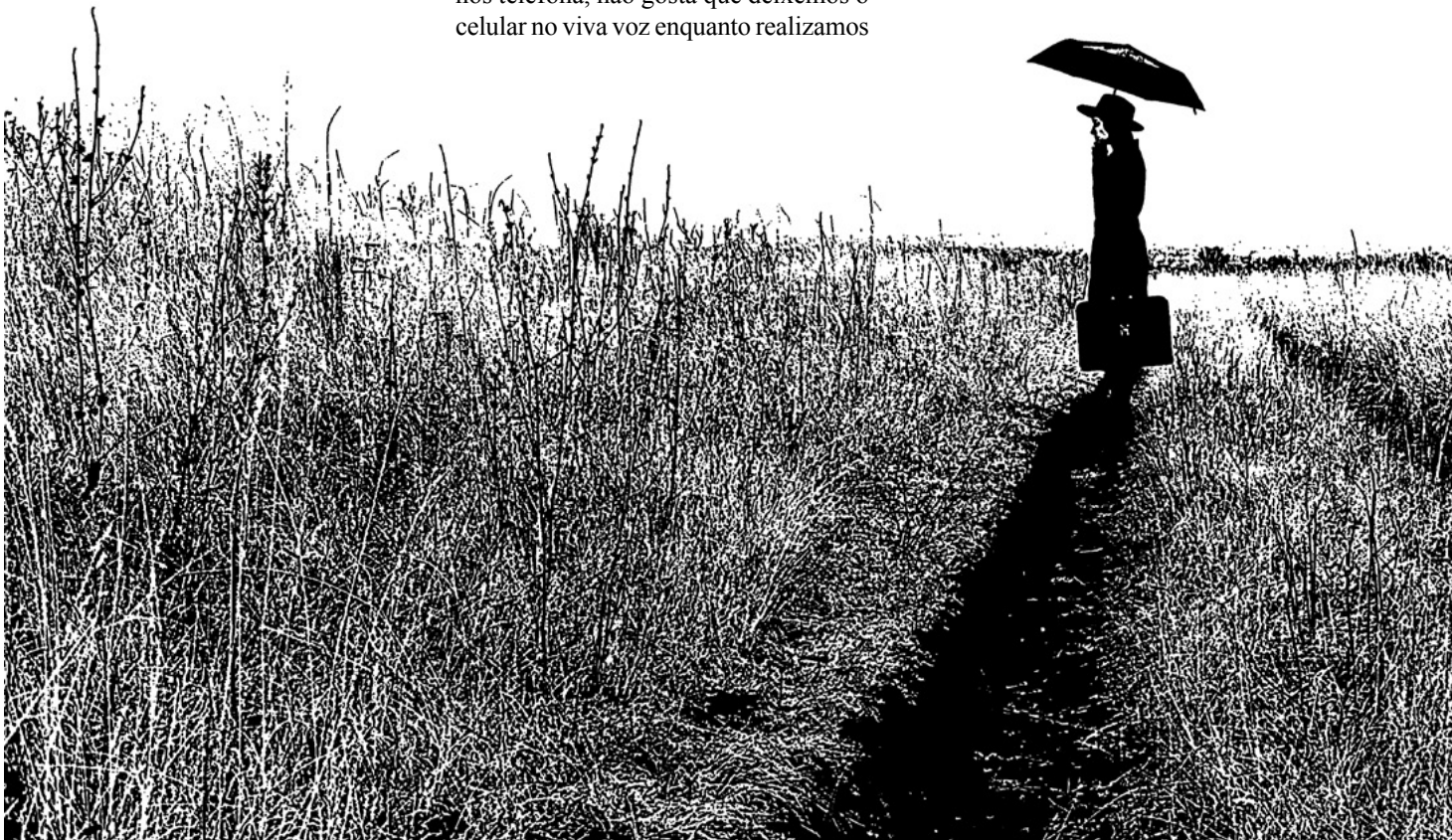
ELISABETH SOUZA FERREIRA

Quem já não se deparou alguma vez na vida com um amigo ou conhecido que sofre de ansiedade? Muitas vezes se trata de alguém de quem gostamos muito e somos todos ouvidos quando ele começa a nos contar os seus problemas, atropelando as palavras e ignorando o espaço entre uma respiração e outra na pressa de nos desabafar as suas lamentações. Geralmente nos sentimos diante de um verdadeiro monólogo teatral onde nos cabe tão somente a tarefa de ouvir e ouvir sem poder interagir com a peça que nos está sendo apresentada. O ansioso não se dá conta da intensidade da própria fala e não deixa brecha para ser interrompido. É o tipo de pessoa que, quando nos faz uma pergunta, não nos dá tempo de respondê-la e solta mais três ou quatro questões semelhante a uma rajada de metralhadora desgovernada sobre assuntos totalmente diferentes. É inteligente e sensível ao desnudar os sentimentos mais profundos do seu âmago,

revelando-nos a alma transparente e sincera que confia em nossa amizade e respeito. O ansioso não se abre com qualquer um. Por isso mesmo, quando ele nos escolhe para ouvi-lo é porque nos considera ouvintes especiais que o compreendem e estão dispostos a apoiá-lo nas mais diversas circunstâncias. Ele sabe que o ouviremos do início ao fim, prestando atenção em todos os detalhes narrados e sem nenhuma sombra de interrupção. O ansioso não gosta de ser interrompido porque fica tão agitado durante a sua explanação que teme perder o fio da meada de sua narrativa. Portanto, quando ele começa a falar não tem hora para silenciar. E ele tem uma destreza exímia para emendar um assunto no outro que chega a ser até perturbador observar calado essa sua gigantesca habilidade de oratória.

Quando presente, o ansioso exige que o nosso olhar não se distraia com o que está ao nosso redor, mas sim que acompanhemos cada gesto seu, cada alteração na voz e nas sobrancelhas, cada franzir da sua testa e que os nossos olhos fiquem fixos nos seus e de preferência, sem piscar. O ansioso, quando nos telefona, não gosta que deixemos o celular no viva voz enquanto realizamos

pequenas tarefas domésticas porque acha que podemos, entre um cômodo e outro da casa, deixar de ouvi-lo como ele realmente gostaria de ser ouvido e compreendido. Não raras vezes, ele chega a gaguejar tamanha a ansiedade que sente ao nos contar certos acontecimentos do seu dia-a-dia. Ele perde a noção do tempo e do espaço e pode passar horas e horas conversando sobre um único tema que o aflige. É lógico que a sua pressão arterial está sempre alterada porque as suas emoções se mantêm à flor da pele, o que o impedem, na maioria das vezes, de ter um sono tranquilo e uma vida saudável. O ansioso, quando se fecha em si mesmo, contrariando a própria natureza comunicativa desenvolve sérios distúrbios alimentares que o fazem assaltar a geladeira nos horários mais inusitados, não por fome, mas porque o seu nervosismo o leva a buscar uma válvula de escape para a sua tempestade interior. O ansioso tem necessidade de colocar para fora tudo o que sente sob pena de explodir contra tudo e contra todos. O ansioso não tem paciência de nos ouvir muito embora aprecie a paciência que temos ao escutá-lo. Quando



abrimos a boca para falar algo, ele faz o mesmo do outro lado da linha. Falamos ao mesmo tempo sobre coisas bem diferentes. E é bem difícil que ele nos ceda a palavra. Quando conseguimos, marcamos um gol.

A ansiedade é a doença da alma que transborda em gritos silenciosos em busca da paz. Ela é o resultado de um somatório de experiências negativas, frustrações, perdas, abusos, violência física ou psicológica que acompanha o ser humano e o reveste de insegurança, impedindo-o de ser quem realmente é. O ansioso geralmente é como uma árvore podada ao extremo que não pôde mostrar ao mundo a beleza dos seus frutos; é a criança que foi impedida de viver uma infância segura e feliz; é a pessoa que não teve a oportunidade de sonhar nem de realizar os seus sonhos mais corriqueiros; é o ser humano mais próximo da humanidade existente em nosso mundo porque capta as vibrações coletivas, trabalha as sensações em sua mente, identifica os sentimentos em seu coração e extravasa o resultado de tudo isso na forma de viver a própria vida, quer seja falando muito, chorando muito ou sofrendo calado. Portanto, se temos algum amigo querido que sofre de ansiedade, sejamos o ombro que o ampara, o ouvido que o escuta e o coração que o medita de amor porque, ao nos procurar, nos torna dignos da sua amizade e de algum propósito oculto do Criador.

(Elisabeth Souza Ferreira é empresária, escritora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Os belos escritos

perambulava-se-me a caneta
sobre os finos campos de papel
que se estendem pelo planeta
dando espaço
para que a criatividade
quebre a monotonicidade
erigindo a beleza,
perfilindo a natureza
e o poeta, bom poeta,
da caneta, segue a via.
caso da caneta saísse genialidades
o poeta as tomaria



Impermanência

E lá se vem,
E lá se vai,
E lá se foi,
E lá se havia sido;
Que coisa essa
Se não o tudo de todos?
Fui-me, foste-me, foi-se, fomo-nos, fostes-vos, foram-se...
E nada por cá!

(Ricardo Rozanski Cordeiro, 13 anos, é estudante. Passo Fundo, RS.)

MUSAS
Concretizaram suas
verdades sobre as
conquistas.

EM SÉRIES
Melhor não saberem que
as amo

AMARGAS
Com lágrimas suplicou
em prece.

ATOS
Acreditava em
seus atos para
seguir o rumo.

FICÇÃO
O mundo se faz
presente e autônomo,
graças a sua ficção.

SORTE
Para a vida ser
menos assustadora,
pensava na sorte.

EM MENTE
Tinha em mente não
tolerar e nem se calar.

NATUREZA
Não houvesse a
bonança, sua natureza
seria outra.

CORA LAUS
Defendia o que
abraçava com o
coração.

(Tânia Du Bois, escritora passo-fundense, morreu em 2 de abril de 2021, vitimada pela Covid-19.)

Os cristãos-novos de Soledade

JOÃO RIÉL

Em 2021, completou-se 200 anos do fim da Inquisição Portuguesa, que também atingiu o Brasil colônia. A Inquisição perseguiu e condenou não católicos, em especial, os judeus. Viver em Portugal e colônias somente para os conversos à fé católica. Estes “cristãos-novos”, quando denunciados por praticar sua antiga religião, eram processados e punidos pelo Tribunal do Santo Ofício. Açoitados, prisão perpétua, desterro, confisco de bens e morte na fogueira eram penas aplicadas aos relapsos. Degradados pelo Tribunal ou tentando escapar dele, muitos cristãos-novos tiveram participação importante em nossa história.

Na vila da Nossa Senhora da Soledade, região norte da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao menos duas diferentes linhagens de origem cristã-nova foram identificadas: uma que leva até o escrivão Vicente Anes Bicudo, falecido em 1582, nos Açores; e outra que chega até Guiomar Nunes, moradora da freguesia de São Julião de Passos e falecida no cárcere inquisitorial em 1601.

Vicente Anes Bicudo teve seu filho Matias Bicudo atuando como espião do Rei Português. Matias Bicudo converteu-se ao catolicismo e tornou-se frei católico, mas seus irmãos, Antônio Bicudo e Vicente Bicudo, vêm para a cidade de São Paulo, por volta de 1585. Os descendentes de Vicente Bicudo rumam para as vilas de Santana do Parnaíba, de Sorocaba, de Curitiba, do Passo Fundo e da Soledade, cada nova geração amíde constituindo os primeiros povoadores dessas referidas localidades.

Já Guiomar Nunes, por supostamente arrastar um crucifixo

no chão de uma igreja, foi presa, torturada, condenada, teve seus bens confiscados, morreu no cárcere e foi queimada viva. Seu quinto-neto, o mercador Gonçalo Pereira da Cunha casa-se, em 1762, no Rio Grande, com a açoriana Roza Maria da Conceição.

A linhagem de Vicente Anes Bicudo chega até Soledade nas figuras da família “Teixeira dos Santos Vaz”, vinda da vila de Curitiba, já antes de 1849; enquanto que a linhagem de Guiomar Nunes o faz na figura de Olivério José de Araújo Ortiz, patriarca da família Ortiz na região, vindo de Rio Pardo, na época casado com Maria Borges, e do qual se tem registro já em 1837 morar nesta região. Estas linhagens unem-se em diversos casamentos consanguíneos. Como a união do viúvo Olivério José de Araújo Ortiz, que se casa em segundas núpcias, em 1861, com Francisca Teixeira dos Santos Vaz; ou a união do seu filho Manoel de Araújo Ortiz com Virgínia Teixeira Alves, em 1862. Estes personagens e seus descendentes assumem papel importante na formação da região. Além de criadores de gado e tropeiros, exercem funções de militares, intendentos, vereadores, prefeitos, policiais, juizes, comerciantes e tantos mais, que participaram ativamente na formação do norte gaúcho.

Os cristãos-novos da região de Soledade abandonaram oficialmente sua religião judaica. Muito provavelmente, todos ou (quase todos) seus descendentes a esqueceram. Enfim, uma bela saga histórica que está apenas começando a ser contada.

(João Riél Manuel Hübner Nunes Vieira Telles de Oliveira Brito é advogado, escritor e presidente da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.)

Poesia

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO

... e se não houver o amanhã

Muitos livros já li
Te encontrei e te perdi
Sofri e cresci

Muitos lugares incríveis vi
A sonhar aprendi

O sino da igreja ouvi
Com uma oração pedi
Com outra agradei

Com a sirene da ambulância me entristeci
Alguns amigos eu vi
Muitos não conheci



O canto do bem-te-vi curti
Sementes plantei, muitas colhi
A suavidade do vento senti
Sob a luz da lua adormeci
Com as ondas do mar amanheci

Já chorei e já sorri
Com a pandemia quase sucumbi
Como um arco-íris, ressurgi

...e se não houver o amanhã?
Não importa, bem vivi até aqui.

(Liciane Toazza Duda Bonatto é artista plástica, Passo Fundo, RS.)

Luzes

Sou o último
apago as luzes
fecho a porta
jogo fora a chave

não sou retorno
nem entorno

em torno teço
estrelas unificadas
em destinos

deixo (nada autorizado)
escrito o último suspiro
e no cantar
o som se faz cíclica
resposta ao iluminar
o trajeto

(as luzes ainda acesas).

Engano

Ser no engano
desengano: a hora do tempo
desmedido dos andares.

Ter estado aqui em outro estado.
Cortar passagem entre o povo
impensável da espera

Saber do fim aproximado e rasgar
em versos o sofrimento acobertado
da esperança: desenganar a imagem
empobrecida das águas turvadas
em cada dia. Adiar a sensação
convincente das emendas
e buscar em frestas o erro
percebido: estar aqui agora
e ainda.

Regresso

Não me faço cúmplice
do progresso: ao regresso
encaminho o pensamento
que resguardo das ousadias
vazias em ressignificações

ser a certeza na incultura
amadurecida em frágeis
árvores despojadas
de glórias e bandeiras
em desfraldadas hastes
de empunhadas lanças
guerreiras formas imateriais
do escondido ao progresso
na maneira correta de dizer não
e virar o rosto ao contragolpe.

Louvar

Louvar as armas
(signo referenciado)
a carne
(sinal diferenciado)
o cerne
(animal introspectivo)

desconsiderar o crime
anoitecido
e nas horas claras
implorar
ao indireto objeto
o seu desejo
(intempestivo).

Lugar

No lugar delimitado
dás escavações
reduz a pó
o nada
encontrado

sagrado lugar
desabitado
por milênios

faz a sua casa
e senta na varanda
ao entardecer

a paisagem
destrava as portas
e pela abertura
antevê o restante.

Restos

A limalha de ferro
aparas
a madeira
recortada
em papel

escrevo em grafite
na folha
arrancada à raiz

rasgo a estrada
em pedras cinzeladas.

(Pedro Du Bois, escritor passo-fundense, morreu em 6 de abril de 2021, vitimado pela Covid-19.)

Vivências

Nós vivemos para lutar,
E também para vencer.
Ainda para enfrentar,
O inverso, se acontecer!

Se quiseres um bom amigo,
Que te saiba aconselhar.
Tenha sempre um livro contigo,
Bem o escolhendo ao comprar.

Jesus foi um mestre divino,
O maior avatar semeador.
Plantando desde menino,
O bem, o belo, a fé e o amor.

Da boca me tire o pão,
E do meu corpo o agasalho.
Mas não me tire da mão,
A pena com que trabalho.

(João Riél Manuel Hübner Nunes Vieira Telles de Oliveira Brito é advogado, escritor e presidente da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.)



A história da medicina

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Segundo do Professor Carlos Antonio Gottshall o termo “médico” é uma palavra pré-histórica que indicava um cuidador ou um feiticeiro. A profissão medicina segue o mesmo conceito. Para entendermos a profissão é necessário que se entenda como a humanidade evoluiu.

Há cerca de 2 milhões de anos, houve uma mutação em primatas da África quando a bacia pélvica se tornou mais estreita e mais alta. Com esta mutação aquele primata passou a andar com dois pés liberando as mãos. Logo a seguir houve uma segunda mutação na loja tênar fazendo com que o polegar passasse a fazer um movimento de pinça o que possibilitou seu uso para, além de pegar os objetos, manuseá-los. Esse era o Homo habilis. Passado, talvez, um milhão de anos outra importante mutação que tornou o músculo masseter mais fraco. Esse músculo que liga o crânio à mandíbula ao ficar mais fraco liberou o crânio para crescer levando com ele o cérebro que aumentou o tamanho de 700 para 1200 ml e por isto aumentando a inteligência daquele Homo. Era o Homo erectus, que migrou da África ocupando a Indonésia (Homem de Java), a Ásia (Homem de Pequim) e a Europa, o Neanderthal.

Os que ficaram na África sofreriam importante mutação que fez com que laringe pudesse organizar palavras facilitando a comunicação entre os indivíduos. Com o cérebro ainda maior, 1500ml e com a capacidade de se comunicar tornou-se o Homo sapiens. Mais inteligente saiu da África há cerca de 150 mil anos, migrou para a Europa e para a Ásia. No Sul, construiu canoas facilitando a ocupação das ilhas do Pacífico chegando até a Austrália há cerca de 50 mil anos. Indo para o norte atravessou o estreito de Behring que naquela época, há 12 mil anos, era glacial, estava congelado. Ocupou as Américas chegando até a Patagônia. Era a primeira volta ao mundo feita. A segunda somente viria em 1525 com Fernando Magalhães.

Viajavam em grupos que variavam

entre 15 e 150 indivíduos. Nômades, ficavam no lugar até esgotar os alimentos migrando em seguida para outras áreas. Por isto não eram sujeitos a doenças causadas por piolhos, pulgas, percevejos e outras. Como o único animal domesticado era o cão não tinham zoonoses como tuberculose, brucelose e outras. Não tinham contato com outros grupos livrando-se de doenças contagiosas e viviam pouco, de 20 a 40 anos não padecendo de doenças degenerativas como câncer, cardiopatias, diabetes e outras. Mesmo assim estudos de fósseis mostraram que já praticavam medicina. Ossos com fraturas consolidadas, crâneos com trepanações e regeneração óssea mostram que as pessoas eram tratadas e recuperadas.

Há cerca de 13 mil anos o homem começou a se fixar num lugar e praticar a agricultura. Três locais foram os preferidos. O Oriente Fértil, hoje Iraque, a Índia e a China. Iniciaram domesticar cabras, vacas e cavalos. Cabanas foram sendo construídas, umas próximas às outras, formando aldeias. Apareceram aí as doenças causadas por transmissores, as zoonoses, as infecções transmissíveis de pessoa a pessoa. Os excrementos jogados perto das cabanas eram outro fator de contágio.

Para tratar essas doenças as pessoas procuravam alguém experiente, que podia ser o mais velho ou o mais inteligente. Criava-se assim a figura comunitária do médico, que era voluntário e não cobrava, mas recebia alimentos e outros objetos de presença em sinal de gratidão das pessoas.

Nesta época havia desenvolvimento da medicina na China e na Índia. Na China havia um grande conhecimento em anatomia e dali saiu a acupuntura. Na Índia havia a medicina Ayurveda ainda usada até nossos dias. Para simplificar o nosso relato vamos nos ater à medicina ocidental.

Na região do Oriente Fértil foi criada a civilização babilônica composta por diversos povos em sequência, assírios, caldeus, sumérios, arcádios e outros. Embora existissem a medicina desde 5000 anos foi conhecida após 2500 anos quando foi, por eles, criada a escrita.

Ali a medicina teve bom desenvolvi-

mento. O médico, era também sacerdote, juiz e advogado e por isto muito respeitado. Usava rezas, superstições, além de plantas e alimentos como tratamento. Havia 250 plantas e 120 minerais. O ópio, a beladona, a mandrágora, a maconha entre elas. Usava também orações e passes para o deus Girra. Com o conceito elevado os médicos abusavam nas cobranças que levou o rei Hamurabi (2123-2081 a,c.) a fazer um código de ética onde limitava as cobranças e instituiu penas para a má prática. É chamado Código de Hamurabi, escrito em pedras e é conservado até hoje no museu do Louvre.

A medicina babilônica teve grande influência na medicina egípcia. Esta por sua vez teve grande desenvolvimento. Os médicos eram também sacerdotes. O grande desenvolvimento da medicina egípcia surgiu com Himotheop, vizir do rei Zozer (2980 a,c.). Imotheop criou escola onde eram ensinados tratamentos médicos e cirúrgicos tais como castração, retirada de pedras da vesícula, tratamento de fistulas anais e outras. A medicina egípcia influenciou muito a medicina grega.

Os gregos tiveram influência das medicinas chinesa, hindu, babilônica, mas principalmente da egípcia. Os médicos, chamados yatros, trabalhavam atendendo os pacientes em casa até surgir Asclépio (o Esculápio dos romanos).

A mitologia grega diz que Asclépio era filho de Apolo e tornou-se muito hábil em medicina sendo que seu pai o nomeou deus da medicina, Asclépio construiu no Peloponeso um prédio, que estava mais para um spa do que um hospital. Neste prédio, os pacientes chegavam, trocavam suas roupas por vestes brancas tomando um banho sulfuroso orientados por Higeia e depois eram alimentados e recebiam chás de ervas tranquilizantes por Panaceia. Panaceia e Higeia bem como Yaso, Podalírio e Macaon eram filhos de Asclépio. Após os cuidados iniciais os pacientes eram aconselhados a dormir. Se sonhassem que seriam curados, continuaria o tratamento, senão eram liberados para voltar para as suas casas. Os cuidadores eram chamados Therapeutés, significando servidores de Deus. Os locais de trata-



mento eram chamados asclepions, que, para uns foram os primeiros hospitais. Ao meu ver eles não tinham aspectos de hospitais.

Asclépio ensinou aos seus filhos a arte da medicina e estes foram passando para as próximas gerações. Os médicos descendentes de Asclépio eram chamados Asclepiádes.

Na 18ª geração de asclepiádes nasceu Hipócrates (480 a 377 a.c.).

Filho de Heráclidos, estudou medicina com Heródico de Selumbra e com Demócrito de Abdera. Praticou na Macedônia, mas se fixou na ilha de Cós. Criou um asclepion e locais onde ensinava médicos.

Seguidor de Aristóteles praticava o método indutivo. Insistia no klinos, ou

seja, o ensino à beira do leito. Recomendava, ouvir o paciente, conhecê-lo, examiná-lo por inteiro e somente depois receitar o tratamento. Seu método é válido até hoje e por isto é considerado o Pai da Medicina.

Ético, criou o princípio do “non nocere” que conhecemos hoje como o princípio da não maleficência, ou seja, eu devo fazer tudo que posso para o meu paciente (princípio da beneficência), desde que não o prejudique.

Trouxe ao mundo muitos conhecimentos que sintetizou numa obra de 72 volumes denominados “Corpus hippocraticum”, que nos chegou às mãos graças aos cuidados dos médicos romanos Sorano e Erotiano. No livro 60 ele afirma que “a medicina baseia-se

em observação, e não necessita hipóteses que não sejam confirmadas pelos sentidos”. Outros livros falam dos ares, dos lugares, da ética e do respeito aos clientes. É dele a primeira observação que as casas devem ser construídas em lugares altos e com a frente dirigida ao sul (norte para o hemisfério Sul) e para o leste. Afirma ainda que o médico deve se vestir adequadamente e respeitar os clientes guardando seus segredos e evitando aproveitar a sua situação para explorar sexualmente as mulheres (naquele tempo todos os médicos eram homens).

Hipócrates ensinava por aforismas, frases curtas e expressivas. Promulgou centenas de aforismas dos quais ainda muitos são verdadeiros nos dias de hoje. Exemplos: A vida é curta e a arte é longa. A morte súbita é mais comum no gordo. Mulher sadia que deixa de menstruar é sinal de gravidez, e tantos outros.

Deixou-nos uma grande herança entre elas o juramento que o médico faz para ingressar na profissão médica. Este juramento, de maneira sintética e adequada aos tempos modernos é lido no dia da formatura dos médicos praticamente em todas as faculdades do mundo ocidental.

Os conhecimentos de Hipócrates foram disseminados pelos reis Felipe e Alexandre da Macedônia que à medida que foram conquistando lugares levavam consigo alunos de Hipócrates que implantavam lá a sua medicina. Exemplo maior foi a criação de Alexandria com seus museus e sua escola de medicina onde praticava-se a dissecação de cadáveres humanos. Desta escola saíram Herófilo da Calcedônia considerado o Pai da Anatomia, e Erasítrato de Cós, considerado o Pai da Fisiologia. Outros cérebros saíram de Alexandria foram Euclides na Geometria, Aristarco na Astronomia e Arquimedes na Matemática e na Física.

A maioria dos lugares onde a medicina grega chegava era bem recebida, exceto em Roma, onde a medicina era ligada ao sobrenatural a ponto de haver um templo dedicado à Deusa Salus. Os médicos não eram valorizados. Plínio, o Velho afirmava que as curas eram “sine medicis nec tamen sine medicina” ou seja, as curas eram com a medicina mas sem médicos. No ano 283 a.c. houve uma peste em Roma, sendo chamados médicos gregos que aos poucos a debelaram elevando o conceito dos médicos. Construíram na ilha Tiberina um templo para Asclépio, bem como,

um outro local onde eram tratados os doentes. Este prédio, que ainda existe, tem corredores com quartos com múltiplas camas que serviu de exemplo para hospitais militares construídos pelos romanos, chamados valetudinária. Os valetudinárias serviram de modelo na Idade Média para os hospitais religiosos chamados de Santas Casas.

No tempo de Júlio Cesar (100 a 44 a.c.) houve outra epidemia, provavelmente a cólera. Novamente foram chamados médicos gregos que proibiram as pessoas de tomarem água do rio Tibre e logo o surto passou. Júlio Cesar em sinal de agradecimento determinou que os médicos e os advogados fossem chamados doutos pelo seu notório saber. Daí vem o título de doutor dados aos médicos em todo o mundo.

Em Roma surgiram diversos médicos, mas o mais famoso foi Cláudio Galeno. De origem grega, mudou-se para Roma onde adotou a doutrina cristã. Inteligente e pesquisador dissecava macacos vivos para conhecer a anatomia. Estudioso, pesquisou com outros médicos a função das ervas e de produtos animais citando 600 ervas terapêuticas. Manipulava as ervas e as guardavam em baús que chamava apotecas e nominava suas fórmulas de fórmulas galênicas, termos usados ainda hoje para farmácias de manipulação (Farmácias galênicas). Por isto Galeno é chamado Pai da Farmácia. Galeno inventou uma droga pela mistura de 70 ervas, conhecida por triarca ou teriarca, e propunha esta mistura para todas as doenças como uma panaceia.

No século III foi para Roma um teólogo e filósofo nascido em Hipona na África, que é conhecido na igreja católica como Santo Agostinho (354-430). Seguidor de Platão, desvinculava a fé e a razão. Muito respeitado no cristianismo Agostinho determinou que os cristãos não deviam escrever nada, pois se escrevessem o que estava na Bíblia era desnecessário e se escrevesse algo diferente seria uma heresia. Defendia que os médicos cristãos deveriam seguir sem contestação as ideias de Galeno.

Com isto a medicina e a ciência do ocidente entraram estagnação. Por isto a Idade Média é chamada de “idade das trevas”. A medicina, no, entanto continuou a se desenvolver nos povos árabes, na Índia e na China.

Na Europa com a limitação no atendimento aos doentes e com endemias repetidas, houve necessidade de atendimento dos pacientes. Os religiosos assumiram



esta tarefa. Bento de Núrsia criou no ano 529 um mosteiro, que recebia homens que queriam se dedicar à vida monástica, mas ainda, doentes dando aos mesmos além de cuidados e orações, chás e outros produtos naturais. Como os monges precisavam ter seus cabelos aparados e sua tonsura feita levaram para dentro dos mosteiros barbeiros, que além desta missão faziam pequenas cirurgias no tratamento dos doentes. Criou-se a figura do cirurgião barbeiro que permaneceria até o século XVIII.

Ainda driblando os conceitos agostinianos, foi criado, no século IX, em Salerno, Nápoles, um pequeno hospital. Seus fundadores: Elinus (judeu), Pontos (grego), Adala (árabe) e Salernus (latino). Entregue inicialmente aos cuidados de monges foi ao pouco se tornando laico e culminou com a formação de uma escola para médicos. Por sua medicina Salerno ficou conhecida como “Civitas Hipocratica”.

No século XIII de nossa era passou a fazer parte da Igreja outro teólogo e filósofo, conhecido como Santo Tomás vindo de Aquino, Itália (1225-1274). Aristotélico, compatibilizava a fé e a razão permitindo assim que houvesse pesquisa nas artes e nas ciências. Com isto surgiram diversos nomes em múltiplas áreas. A medicina ficou liberada para o seu desenvolvimento. Apareceram médicos pesquisadores, dos quais dois nomes foram importantes. Andrea Vesalius (1515-1564), que dissecou cadáveres, mostrando que a anatomia de Galeno tinha muitos erros, afinal a anatomia humana é diferente da anatomia dos símios. Por outro lado, Paracelso (1493-1541) demonstrou que a triarca de Galeno mais prejudicava do que ajudava, sugerindo que os pacientes não tomassem mais medicamentos alopáticos, abrindo o caminho para

que Hanemann (1755-1843) criasse a homeopatia.

Vimos até aqui a origem e a afirmação da Medicina que não parou, mas de maneira cada vez mais intensa foi aumentando seus conhecimentos.

O grande salto desta profissão se deu após o meio do século XX, quando seu crescimento exponencial trouxe descobertas inimagináveis até então. Novos exames, novas drogas, novas técnicas de cirurgia determinaram que a medicina propiciasse um aumento significativo da sobrevida. A vida média dos brasileiros em 1900 era de 40 anos passou a mais de 75 anos nos dias atuais.

Grande avanço na avaliação dos pacientes foi dado com a criação da “medicina baseada em evidências” em 1972 pelo pesquisador britânico Archie Cochrane (1909-1988). Esta proposição faz com que os médicos abandonem o antigo achismo e passem a adotar medidas comprovadas por estudos múltiplos (meta-análise).

Nós, médicos antigos temos uma preocupação. Está havendo um progressivo abandono do método hipocráticos do exame clínico em troca de informações trazidas por exames complementares. Em meu aprendizado os professores diziam que não há doenças, mas sim doentes, isto é cada paciente deve ser tratado de acordo com a sua individualidade. No momento que não levo em consideração de quem é a pessoa que me procura começo a tratá-la como um número e não mais como um ser humano estou tornando a medicina impessoal o que piora muitos os resultados, pois todo o paciente requer carinho e dedicação.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

O que dizem os pássaros sobre o coronavírus

NURIMAR BIANCHI

Quem voa alto vê longe...

Primeiro, foi a andorinha-azul. Aversa ao frio e batendo asas em busca do sol fervente, por onde passava dava a notícia, alertando sobre um inimigo invisível, um estranho no ninho, um corpo rodeado de pequenos picos na superfície parecendo uma coroa. E pior, mesmo não tendo vida própria, agregava-se a outro já existente e fazia a maior confusão. Contava que lá, além-mar, de onde viera, muitos humanos já haviam perdido a vida e outros tantos, vivendo sufocados na angústia do respirar.

O mundo arregalou os olhos, quis enxergar qual era o inimigo. Queria armar-se para detonar esse “bicho” devorador de vidas. Mas, atônito, descobriu que ele estava camuflado e que nem ao menos bicho era.

Logo, a passarada agitou-se na mata. Afinal, são os pássaros que, com suas asas, atingem a plenitude do espaço e

descobrem segredos do céu.

Sabendo disso, a águia, que também voa alto e vê longe, não perdeu tempo e saiu conferir a notícia. Nas alturas, encontrou também o falcão, e juntos confidenciaram seus medos. Porém, o gavião, que por perto se encontrava, quis desviar o assunto, afinal, seu propósito era, naquele momento, caçar sua presa.

As corujas, embora não tenham seu voo longilíneo, fizeram coro nas reuniões do passaredo, sempre com muita sapiência, tentando acertar uma lógica científica para a questão.

De acordo com o Conselho das Aves estabeleceu-se que a primeira coisa a ser feita seria entocar-se no ninho, apenas saindo em caso de emergência, a não ser os que deveriam “trabalhar pela causa”, em nome de proteger a vida.

Assim que os papagaios souberam da notícia, saíram em revoadas na maior gritaria: *“Inimigo perto! Inimigo esperto! Quem será, será? Ninguém sabe ao certo! Pra se resguardar, fique bem quietinho, pra cuidar de sua vida, e também a do vizinho, assim, fique en-*

tocado e não saia de seu ninho, mesmo que esteja estressado!”

Os pelicanos também entraram na história e voando em bandos foram desenhando mensagens no céu, às quais todos poderiam ler: *“Atenção! Atenção! Todo mundo em prontidão! Um inimigo feroz está juntinho de nós, e quer nos levar ao caixão!”*

O condor, a maior ave de rapina do mundo, em conjunto com seus parentes, lá de cima das montanhas repassava notícias que aqui chegavam, pelo eco, através do vento que despachava informações dos mais distantes lugares: *“Planeta-eta-eta... De sul a norte, morte-morte-morte... Vidas perdidas-didas-didas... Por isso, se comporte-porte-porte...”*

Já se sabia, por exemplo, que o vilão da história era um VÍRUS, uma minúscula molécula que nem bicho era, como alguns pensavam. Para poder sobreviver e atacar a vida dos humanos teria que ser transmitido. Não tinha o poder de fazer guerra sozinho.

Assim, foi decidido que TODOS





deveriam fazer o isolamento social, reformulando condutas de higiene, respeitando, enfim, a vida dos outros e a própria.

Sem perder tempo, o João-de-Barro já foi opinando sobre os benefícios de ficar em casa. Disse que fizera sua casinha com compartimentos, então, poderiam imitá-lo. Caso ficassem estressados, que fossem transitando pela cozinha, sala, quarto. Que se entretivessem em limpar gavetas, fazer leitura, e, é claro, olhar pela janela, pois a natureza de fora tem a paisagem mais linda do que qualquer quadro pintado pelo mais famoso pintor.

Sabedor que não poderia beijar, o pequenino colibri, também conhecido por beija-flor, voou até os jardins no qual costumava ir todos os dias e avisou suas amadas flores que os beijos estavam, temporariamente, suspensos.

Nesse ínterim, é certo que um grupo de apoio fazia frente aos trabalhos. Com todos os cuidados, tentava ajudar os que mais precisassem.

As mães-passarinhas, por exemplo, com filhotes recém-nascidos, estavam preocupadas com a alimentação. Assim, o martim-pescador disponibilizou-se a levar mantimentos aos ninhos que tivessem essas necessidades.

Por sua vez, a gralha-azul ofereceu-se para semear pinhões, como sempre acontece. Desse modo, quando os pinheirais estivessem frutificando, muitos teriam alimentação.

E o refrão mais repetido era: *“FIQUE NO NINHO, FIQUE QUIETINHO, não saia pra fora, porque não é hora, FIQUE NO NINHO, na casa onde mora!”*

No entanto, nem todos aceitavam os conselhos. Queriam liberdade de voar

como quisessem. E saíam! Mas, logo eram denunciados sabem por quem?

Pelos bem-te-vis, estes espertos passarinhos que, em tom de apontar o fujão, gritavam em conjunto e aos quatro ventos: *“Bem-te-vi! bem-te-vi! Não adianta se esconder... Bem-te-vi! Bem-te-vi, coisa feia é assim te ver!”* E, então, os desobedientes voltavam em disparada para os próprios ninhos, de onde não deveriam ter saído.

Nesses momentos, quem batia as asas com a maior satisfação era o corvo, afinal, quanto mais morte houvesse, mais comida para seu incomum paladar. E rindo debochado dizia: *“Não tenham medo, e nem preguiça, saiam pra onde quiserem, eu estou esfomeado e doidinho por carniça!”* O pássaro-preto, simbolizando a cor da morte, girava feito redemoinho, clamando os incautos para a dança derradeira: *“Venham bailar comigo, é só uma gripezinha, e em questão de pouco tempo, a morte se lhe avizinha!”*

Aí, a confusão estava lançada. Muitos opinavam a favor, outros, contra. Dessa forma, vizinhos se desentenderam, bateram boca, bateram porta, afinal, o isolamento social deixava muitos bem estressados.

Então, era a vez das pombinhas, que de porta em porta entregavam um raminho simbolizando a paz. Pedindo que tivessem paciência, que fossem unidos e que logo, logo, tudo voltaria ao normal.

Era sabido que, se todos seguissem as regras, o inimigo seria vencido. Ele não vivia por si mesmo. Necessitava de outros para ativar seu veneno e vencer a batalha. Ele tinha o canhão, mas precisava dos soldados para atirar. O CO-

RONAVÍRUS, gerador da COVID-19 era, sim, um parasita, um rei perdido, caso não tivesse seus súditos.

E assim, o tempo foi girando... girando... O Planeta se adaptando... contorcendo... remodificando... E se o mundo estava parado em função da vida considerada “normal”, céleres corriam notícias de descobertas infundas. E as melhores picadas dessa vez não foram a de insetos, mas de seringas feitas armas poderosas.

E o vento começou a bailar trazendo notícias de longe... do outro lado do mundo e levando as de perto, numa consonância de anos, meses, dias, horas, segundos.

Até que um dia o sol começou a sorrir novamente. E no céu as nuvens dançaram desenhando uma canção: Guerras são vencidas depois de muitas lutas / batalhas reunidas cada qual numa disputa... O que conta, na verdade, é avançar com heroísmo, ter na mente esse refrão: união, companheirismo, pois com foco e muita crença, não há mal que não se vença! E assim, nosso inimigo, derrotado, felizmente... E todos sendo bem livres, para voar novamente! Ergamos, enfim, felizes, nossa taça da vitória, pois com o empenho de todos, construiu-se nova história!

E dessa maneira chegou o dia em que a revoada foi a mais festiva de todas. E a vida voltou a cantar. E dos ninhos, soltas, asas alçaram voos e um novo horizonte se estabeleceu, provando que o Planeta é de todos.

(Nurimar Bianchi é professora, escritora e membro da Academia de Letras de Soledade. Foi patrona da 16ª Feira do Livro de Soledade, 2021.)

Irineu Gehlen, exemplo de determinação

OSVANDRÉ LECH

Para do Mariscal, litoral de Santa Catarina, verão de 2018, pontualmente às 9h da manhã, Irineu e Ana Maria, com largos sorrisos, batem à nossa porta. Havíamos combinado uma caminhada até o topo do Morro do Macaco. A caminhada em aclive por terreno íngreme de 1.500 m exige um bom preparo físico. Irineu liderou o pelotão com invejável disposição. Do alto do morro, tiro duas conclusões: a beleza indescritível daquela península e a determinação do quase octagenário Irineu Gehlen.

Nesta situação, Irineu demonstra o seu cuidado com a saúde e a interação com o meio ambiente.

Determinado é uma das palavras que define o amigo Irineu. Para identificar uma pessoa como determinada, uma longa lista de pré-requisitos é necessária: exigente consigo mesmo, pontual, proativo, inclusivo, líder por natureza, disponível, intenso da busca de bons resultados, dentre outros. Irineu reúne todas estas qualidades e muitas outras descritas ao longo do seu livro autobiográfico.

No livro oficial da Academia Passo-Fundense de Letras intitulado “75 anos – História, Patronos, Acadêmicos e Ações em prol da Cultura, que organizei junto com a esposa Marilise, em 2013, o determinado Irineu assim descreve a si próprio: “da vida auri conhecimentos que me ensinaram a lapidar melhor o direito e ter consciência que o maior dos impérios é saber reger a si próprio e construir dia a dia os projetos interiores”.

Nesta definição, Irineu demonstra a sua essência de pessoa determinada.

Em 2014, assim defino o amigo ao prefaciá-lo seu excelente livro “Por um Mundo Melhor – Pronunciamentos”: “A principal mensagem deste livro, no entanto, é a capacidade de Irineu Gehlen, o indivíduo, se integrar com projetos coletivos. Os exemplos estão em todos



(FOTO: ARQUIVO I. GEHLEN)

os textos deste livro: na família, na escola, no esporte, na universidade, na sua própria estrutura de trabalho, na OAB, na política, no tradicionalismo, na vida cívica, na filosofia, no credo religioso, na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, na Academia Passo-Fundense de Letras, na Cruz Vermelha Brasileira, dentre outros. Simultaneamente, ele não apenas participa, mas também defende estas instituições. Luta incansavelmente por elas. Irineu Gehlen é um exemplo muito bem acabado da citação que tenho usado com frequência: Indivíduos fazem uma sociedade. Não o contrário. Estou convicto de que a ação positiva de Irineu Gehlen mudou para melhor as instituições que participou ou participa.” Por isso, não é exagero dizer que o autor se revela neste livro um indivíduo “coletivo, institucional”, ao invés de “solitário, anárquico”. Este posicionamento, *per se*, já é um ensinamento e tanto para todos nós!

Nesta definição, expõe-se o Irineu inquieto e empreendedor. *Multitasking*, portanto.

Em novembro de 2019, Irineu Gehlen assim se manifestou na APLEtras durante o panegírico dedicado a Meirelles Duarte: “Que incomensurável e

mastodôndica honra foi-me concedida para homenagear o Dr. Antonio Augusto Mereilles Duarte. *Não poderia deixar de fazê-lo, porquanto o homenageado foi, ao longo de meio século um amigo leal, sempre pronto para ajudar os outros, naquela simplicidade que lhe era peculiar. E o poeta Álvaro Moreira, arremata - Não se vive, viveu-se. As árvores nos lembram que somos nascidos para crescer! Apesar de perderem completamente as folhas no inverno, elas nos ensinam e nos lembram que a vida é o tempo que temos para crescer, evoluir e progredir. Gratíssimo!!!”*

Nesta manifestação, Irineu demonstra o respeito aos seus companheiros de jornada.

Aos 80 anos, o amigo Irineu tem a serenidade de apreciar a vida do alto da colina como um sábio oriental, sem ainda ter deixado o campo das disputas onde ainda luta como um soldado de Atenas.

E que Deus te conserve assim por muitíssimo tempo ainda!

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo, presidente do International Board of Shoulder and Elbow Surgeons e vice-presidente da Academia Passo Fundense de Medicina.)

Associação dos Amigos da Criança Autista de Passo Fundo - AUMA

(FOTO: ARQUIVO AUMA)



IZABELA NASCIMENTO DE MATTOS

Nasce um filho autista, nasce uma família singular, um mundo paralelo a descobrir. A complexidade do diagnóstico, um cotidiano confuso. Perguntas, incertezas, um caminho que vai se desvendando a cada dia em uma sociedade excludente e egoísta. Qual o lugar do filho e da família nesse mundo?

Elisabete, mãe do Felipe, carinhosamente chamado de “Lipe”, conta em seus relatos a difícil e dolorosa busca por uma escola para seu filho “Foram anos! Dos 5 aos 8 anos. Em alguns lugares, Lipe ficou pouco tempo: um mês, um dia.” No decorrer da jornada por tratamento, relata que a APAE ofereceu alguns atendimentos. “Atendimentos esporádicos, pequenos sem expectativa de continuidade”, disse ela. “A gente ficava sem escola, sem ter espaço próprio para atender as crianças autistas. Noutra época, durante a terapia no CAPS, um grupo de mães de autistas começou a se organizar para conseguir

um espaço para ocupar nossos filhos. Foi assim que fundamos uma associação. O nome é AUMA”.

AUMA, Associação dos Amigos da Criança Autista de Passo Fundo (31 de março de 1999), defende a causa da pessoa com autismo e suas famílias, pela qualidade de vida, da educação e da inclusão social. Entre tantas conquistas da Associação está a escola que em 2001 inicia suas atividades, a Escola Municipal de Autista Professora Olga Caetano Dias, um marco na trajetória dessas famílias pelos direitos de seus filhos. “O Lipe entrou na escola com 15 anos e a mudança foi incrível, pois ele se adaptou muito bem. O diagnóstico de autismo mais o ingresso dele na escola foram os dois divisores de água em nossas vidas. A escola foi um resgate para o Felipe.” No relato da mãe do Felipe a esperança e a coragem, fortalecida no grupo de pais depois da existência da escola e da AUMA.

Os pais da Chana, Rosângela e Antônio, uma das alunas da escola, relatam a trajetória da associação para conseguir uma escola para seus filhos. “Os pais dos autistas, agora organizados numa associação, a AUMA, conseguem mobilizar algumas autoridades e exigir uma escola para educação e inclusão do autista, tarefa difícil que só se concretizou

com a decisão do Ministério Público de Passo Fundo.

Essas histórias estão na obra lançada em 2015, “Filhos Autistas” com a parceria e apoio da UPF. A obra reúne uma diversidade de histórias, relatos de superação e caminhos comuns de um grupo de pais da cidade de Passo Fundo. Pais que, no percurso da caminhada com seus filhos, procuraram uma forma de garantir os direitos e a dignidade deles organizando uma associação. A AUMA, nasceu do sofrimento, em meio a muitas dificuldades para encontrar atendimento aos seus filhos autistas.

O autismo, ainda é muito desconhecido na sociedade, na verdade as pesquisas para entendê-lo, começam no ano de 1943, com o psiquiatra Leo Kanner, que descreve 11 casos de crianças com “isolamento extremo”, ele usa o termo “autismo infantil precoce”. A palavra “autismo” tem prefixo grego “AUTO”, “de si mesmo”, foi criada pelo psiquiatra Eugen Bleuler, em 1908, para descrever um paciente que se isolava em seu próprio mundo. Desde lá muitos estudos vem acontecendo, o último Manual de Saúde Mental – DSM-5, coloca a denominação de todas as variações do autismo como, TEA – Transtorno do Espectro Autista. Um distúrbio do desenvolvimento que afeta a intera-

ção social, dificulta a linguagem com padrões restritos e repetitivos de comportamento. Em cada pessoa essas características afetam de diferentes níveis com variedade de sinais e gravidade, por isso a palavra “espectro”.

A Associação da Criança Autista de Passo Fundo, hoje tem 22 anos de atuação no município, contribuiu e contribui para que a comunidade entenda e abrace a causa dos direitos do autista. Protegidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente (8.069/ 1990), a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (13.145/15) que cria o Estatuto da Pessoa com Deficiência, um símbolo importante da defesa da igualdade de direitos dos deficientes, do combate à discriminação e do atendimento prioritário. A Lei 12.76 /12, “Lei Berenice Piana” que reconhece o autismo como uma deficiência estendendo a eles todos os direitos previstos para pessoas com alguma deficiência e a “Lei Romeo Mion” 13.977/20, que cria a Carteira de Identidade da Pessoa com Transtorno de Espectro Autista (CIPTA). As carteiras já são uma realidade em Passo Fundo, a AUMA está proporcionando, com a parceria da FADERS, a emissão da carteira do autista, que servirá como censo para entender a demanda das famílias de autistas direcionando as políticas públicas,

garantindo o atendimento preferencial entre outros benefícios.

Uma das suas finalidades da AUMA é incentivar pesquisa e estudos sobre o autismo. Vários eventos são organizados para toda a comunidade com a presença de convidados de várias áreas de atuação para falar sobre o atendimento às pessoas com autismo. O tratamento, para a pessoa com TEA é multiprofissional, constitui de um programa intenso e abrangente com médicos, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, nutricionista, psicopedagogo, pedagogo especializado, entre outros. A intervenção precoce e especializada é o que pode fazer a diferença no desenvolvimento, dessa forma a Associação procura desenvolver programas de amparo, ajuda às famílias e às crianças, como o “Encontro Azul”, proporcionado pela AUMA, com a parceria de vários profissionais. A Equoterapia, outro projeto da AUMA, em parceria com a UPF, Prefeitura Municipal, CASE e Brigada Militar, propõe um espaço de troca, aprendizagem através de atividades para crianças, jovens e adultos com o transtorno do espectro autista.

Na semana que precede o dia 2 de abril, juntamente com a escola, a associação se movimenta com uma programação especial para divulgar a

causa e sensibilizar a comunidade. Mateadas na praça, exposições, palestras, distribuição de folhetos explicativos. A escola e todo o grupo se vestem de azul pela causa do autismo. Essa data, 2 de abril, foi instituída pela ONU como o Dia Mundial da Conscientização do Autismo. Uma data para chamar a atenção da população para a importância de conhecer e tratar o transtorno que afeta cerca de 70 milhões de pessoas no mundo, numa porcentagem maior entre os meninos, por isso a cor azul.

No ano de 2021, a tão sonhada escola, com sede própria, está se concretizando. “São muitos anos de luta e muitas pessoas envolvidas”, relato em um post na página do facebook da AUMA. É a luta de muitas mãos, uma meta futura que está sendo concretizada. Uma escola e centro integrado de atendimento de crianças, jovens e adultos com TEA.

A AUMA está fazendo história no município de Passo Fundo, e é referência para tantos outros. Nasceu do respeito, amor, dedicação e garra de muitas famílias com o lema: “DIFERENTE É O MUNDO QUE QUEREMOS”.

(Izabela Nascimento de Mattos é ex-professora da Escola Municipal de Autistas Professora Olga Caetano Dias e membro do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Olhos de África

Mulher preta, tu bem sabes,
Já te chamaram:
Parda,
Negrinha,
Morena,
Mulata.
Já te trataram por:
Coisa,
Escrava,
Criada,
Sexualizada.
Já te jogaram,
Ao navio-inferno,
Ao além-mar,
À senzala,
Ao “quarto de empregada”.
Mas, afinal, o que tem essa gente
branquela?
É ódio?
É raiva?

É soberba?
É delírio atávico de superioridade?
Eu te digo Mulher Preta,
Que essa gente - que por sina -
também é a minha, tem é medo.
Medo sim!
Terror, pavor, covardia.
Medo da noite,
Escondida no escuro da tua pele.
Medo.
Dos teus olhos de África.
Da tua voz-atabaque.
Dos teus cabelos-coroa.
Do teu brado-rugido.
E principalmente Mulher Preta,
Do teu útero-cântaro.
Que faz nascer-renascer todo dia
A renovação do teu povo,
A tua poderosa Ancestralidade.



(Luciana Marinho Albrecht é escritora, poeta e produtora cultural, Passo Fundo, RS.)

Linotipista restaura máquina em exibição na Academia Passo-Fundense de Letras

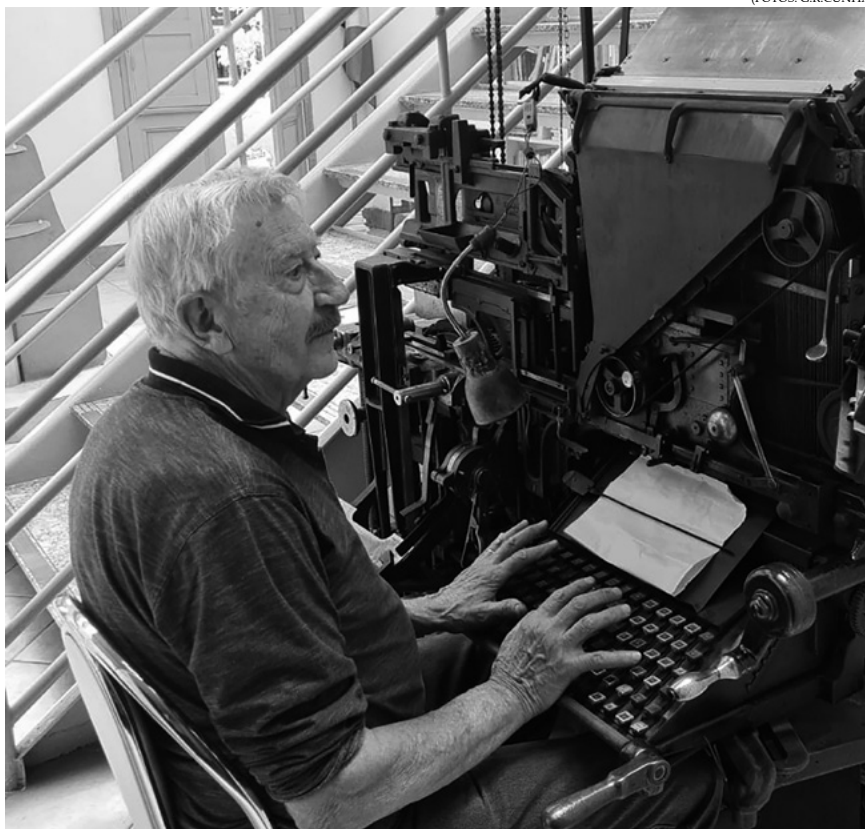
Máquina usada para composição de textos de jornais foi doada pelo linotipista Mauro José Nodari

CLAUDIA DALMUTH

A máquina linotipo em exibição na Academia Passo-Fundense de Letras (APLetras) passou, no mês de novembro de 2021, por um processo de restauração. Os reparos, executados pelo engenheiro-mecânico e linotipista aposentado Mauro José Nodari, envolveram, especialmente, a limpeza de focos de ferrugem que estavam ameaçando a conservação da máquina, fabricada por volta de 1930. O presidente da APLetras, Gilberto Cunha, explica que a Linotype Modelo 8 que pode ser visitada na sede da instituição é fruto de uma doação do próprio Mauro Nodari, um dos últimos linotipistas que ainda fazem conserto de máquinas desse gênero no Rio Grande do Sul. “É um símbolo de preservação da memória da indústria gráfica mundial”, descreve. A máquina foi doada em dezembro de 2015 e segue exposta no salão da academia desde então.

Inventada nos Estados Unidos em 1884, pelo alemão Ottmar Mergenthaler, a linotipo é uma máquina de composição de tipos equipada com chumbo líquido e composta por um teclado e depósitos de matrizes (magazines) que funde em bloco as linhas de caracteres tipográficos tão logo elas são datilografadas. Utilizada especialmente para a composição de textos para jornais e livros no século passado, as máquinas da marca Linotype eram capazes de compor uma linha inteira de texto e, por isso, representavam uma evolução para as artes gráficas, uma vez que eram muito mais ágeis do que as tipografias tradicionais usadas à época, em que as letras eram montadas uma a uma. Estima-se que, com um único linotipo, era possível alcançar a produção de até dez tipógrafos.

Para o linotipista Mauro Nodari, embora as máquinas linotipo tenham sido extintas com a chegada do computador e a impressão *offset*, elas continuam



(FOTOS: G.R.CUNHA)

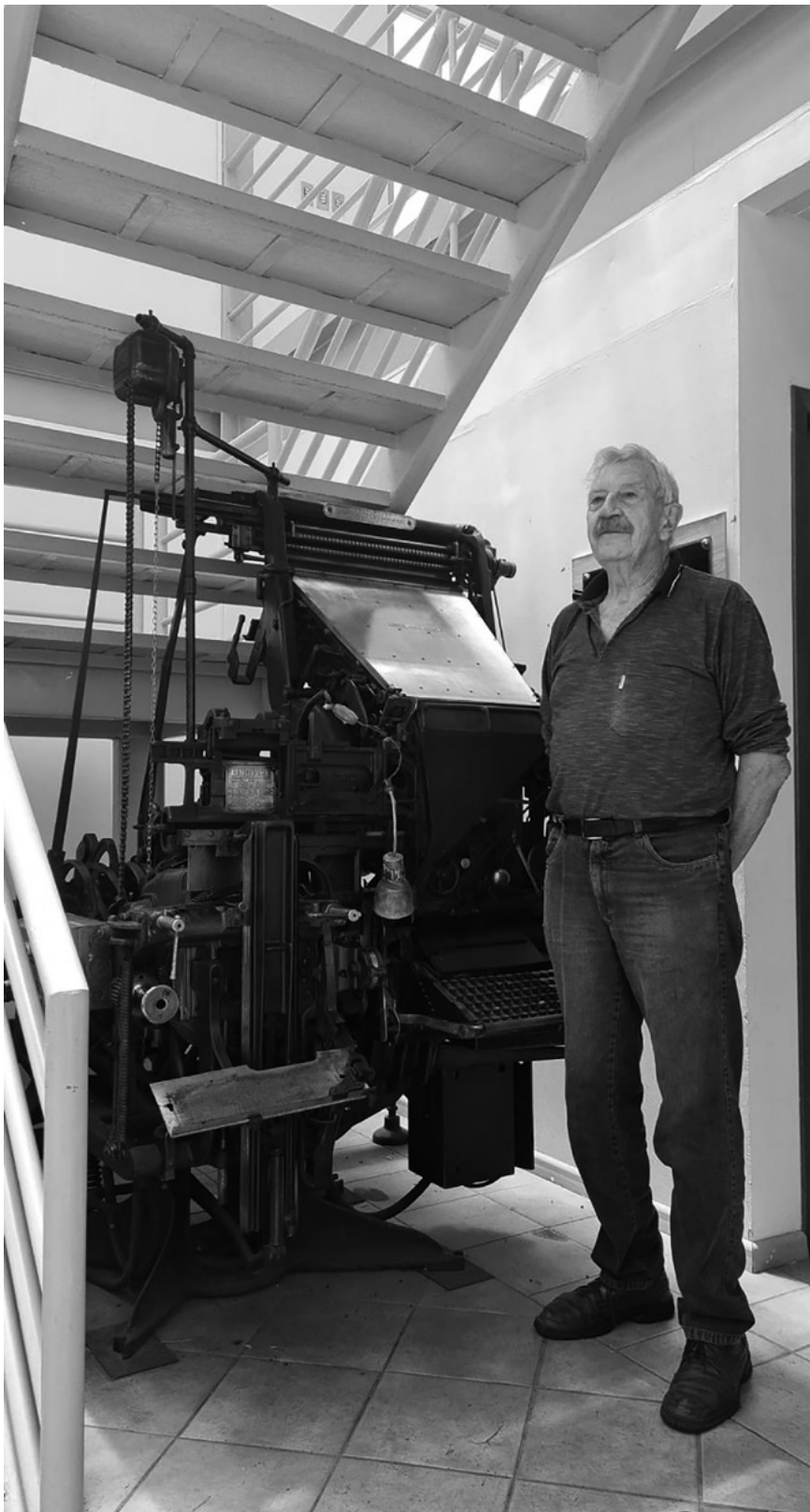
Mauro José Nodari

sendo (as existentes) “uma das máquinas mais perfeitas que existem no mundo da mecânica”. Isto porque, segundo ele, as linotipos são capazes de manter uma precisão admirável, sem variar em nem um centésimo de milímetro a espessura e o espaçamento das linhas durante a composição dos textos. “Quando a linotipo entrou em desuso, eu percebi que muita gente não conhecia o equipamento e fui me convencendo da necessidade de manter essa máquina para o futuro. Mas era difícil achar. Aqui em Passo Fundo, por exemplo, nós tínhamos várias dessas máquinas em gráficas e nos jornais, mas eles acabaram se desfazendo delas quando começaram então a usar computação e *offset*, nos anos 1980”, lembra.

Uma vida dedicada às máquinas gráficas

Com o desejo de manter em Passo Fundo um pedaço da memória vivida

enquanto trabalhava como linotipista, mas incapaz de localizar alguém que estivesse disposto a vender ou doar uma linotipo no município, Mauro passou a buscar modelos pela região. A procura era motivada, especialmente, pela paixão por linotipia que o engenheiro mecânico, hoje com 81 anos, nutre desde a adolescência, quando se mudou de Sertão para Passo Fundo, aos 14 anos de idade, a fim de trabalhar em uma gráfica. “Eu vim para ajudar na limpeza e lubrificação das máquinas. Eu era atraído muito por isso e o chefe de lá percebeu. Um dia, ele me chamou e disse que, se eu estudasse português, eu teria a chance de virar linotipista. Era época de Páscoa e ele me deu um dicionário como presente. Então, ao lado da linotipo, a gente mantinha sempre um dicionário, uma bíblia, um livro de normas brasileiras (ABNT) e um de códigos de Direito, porque aí, se você desconfiasse de algo



enquanto estava passando os textos, já conseguia consultar para não largar a coisa fria no impresso”, resgata.

Embora trabalhasse em tempo integral com mecânica e manutenção de máquinas, Mauro relata que começou, pouco a pouco, a realizar serviços de linotipia para a gráfica onde trabalhava e para os jornais da cidade, conforme a necessidade — como, por exemplo, quando

o linotipista de uma empresa estava de férias e precisava de alguém que o substituísse. O interesse pelo universo da linotipia era tanto que Mauro chegou a ir para Porto Alegre, ainda jovem, estagiando nos jornais Zero Hora e Correio do Povo. “O Correio tinha 19 linotipos”, relembra com admiração. “Você pode ver que as cidades que conseguiram ter um jornal por mais tempo foram aquelas

que conseguiram manter uma linotipo. Os jornais que não tinham linotipo foram morrendo mais cedo porque, sem a máquina, era muito mais complicado de fazer”, observa. A Zero Hora tinha umas 6 ou 7 máquinas.

Os serviços como linotipista prestados por Mauro acabaram se extinguindo entre o fim dos anos 1970 e o começo dos anos 1980, quando as linotipos deram espaço para as máquinas *offset*, com as quais Mauro passou a trabalhar. Mas a admiração pela máquina que o inseriu no mundo gráfico perdurou com certo saudosismo. Em 2015, quando ainda trabalhava com conserto de impressoras, Mauro estava determinado a encontrar uma linotipo que pudesse deixar no hall de ao menos um dos jornais de Passo Fundo, mas os custos para comprar e transportar uma máquina, hoje rara de ser encontrada, freavam os planos. “Numa ocasião, eu estava conversando com o Cunha, que eu já conhecia por ser presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, e perguntei se eles não teriam interesse em ter uma linotipo. Ele não titubeou e disse sim. Aí, na mesma época, um cliente de Caxias do Sul comentou comigo que tinha uma máquina dessas que estava abandonada e estava disposto a doar desde que, em troca, eu consertasse a impressora dele. Eu topei na hora. Tivemos que buscar com um caminhão e guincho, pagos pela APLetras, porque ela pesa quase duas toneladas. Foi um trabalhão, mas conseguimos trazer para Passo Fundo e colocar lá”.

Preservação da memória

Para Mauro Nodari, preservar máquinas como as linotipos é preservar, também, a memória de uma ferramenta que ajudou no desenvolvimento de dezenas de municípios ao facilitar a manutenção de jornais, os únicos veículos de notícia e cultura que as cidades dispunham à época. “Antes da televisão e dos meios eletrônicos, não tinha nada melhor que o jornal. Até mesmo hoje, com as redes sociais e tudo mais, o jornal impresso é muito importante. Ele consegue documentar o que aconteceu e, por ser impresso, pode ser preservado por inúmeras gerações. E a linotipo foi fundamental para a sobrevivência desses veículos”, avalia.

(Claudia Dalmuth é jornalista de O NACIONAL, Passo Fundo, RS.)

Elza do povo

(samba triste para uma guerreira negra brasileira)

Elza do morro,
Elza do povo,
Elza Soares,
Da mocidade independente,
Elza, da carne negra,
Elza, golpe de capoeira
Elza, da alma popular,
Porta-voz brasileira.

Sua voz rasga a garganta
Como o punho do povo
Em riste no calabouço
Da vida rompe a aurora.
Elza das dores... Soares
Elza alegria, dos amores.

Leva nossa comunidade,
Bloco de trabalho, de vida,
Tristeza e balanço, alegria,
Descendo a ladeira, subindo
A dignidade da nossa periferia.

Voz de cambalhotas, gingados,
Encruzilhadas, algozes, perseguição,
Dribles de Garrincha, pernas velozes,
Vai Elza Soares, deixando os malditos
Neste breque de samba da sua voz.

Lágrimas, mas pra que chorar, mulher?
Você é a nossa voz que não para.
O seu tempo de presente no futuro
É o espelho refletindo a nossa cara.

Elza do povo, quem viu,
Elza do morro, do Brasil.

ELZA GOMES DA CONCEIÇÃO
(1930-2022)

Azul

Azul, azul, azul!
Eu no mar azul da Bahia.
Eu, indo no vento,
Dentro do infinito azul.
Azul oceânico,
Azul do céu.
Azul no horizonte,
Tudo azul,
Eu imerso,
No esplendor do azul.
Azul profundo.
Sonoro azul, guitárrico,
Violínico, harpeônico,
Tudo em mim azulando,
Como pássaros atlânticos,
Golfinhos mergulhadores,
No líquido mundo de águas.

Como veleiro de minha alma,
Vou no vento do universo azul.

Vazio

Vazio...
Vazio cinza,
Vazio escuro,
Vazio branco.
Branco, branco vazio.
Eu fantasma.
Vagando no meu vazio.
Vazio de teu hálito,
Vazio de teus lábios,
No vazio dos meus.
Teu corpo ausente,
Tua voz sem som.
Imperceptível, vazia.
Vazio da tua mão no vazio do caminho.
Vazio da minha imensidão vazia.
Pequena existência neste vazio,
Pesado na minha gravitação,
Sem o teu abraço e olhos
Neste vazio circular.
Nessa espiral vazia,
Por onde vou vazio.

Minhas lágrimas

Não há lugar para pôr minhas lágrimas
Quando um acorde musical paira no vento,
Quando uma criança tem olhos de sofrimento,
Quando a barriga de uma mãe ronca de fome,
Quando um feto já está esquelético e subnutrido,
Quando a boca velha perdeu a palavra esperança.

Não há lugar para pôr minhas lágrimas
Quando meu violão já não mais afina,
Minhas canções não tocam os corações,
Minha bússola cambaleou seus rumos,
Todos os horizontes são veredas tristes.

Coloco minhas lágrimas nas pétalas orvalhadas,
No sereno de vinho destilado nas madrugadas,
Na pele áspera que quer se reinventar delicada,
Nos teus lábios machucados por bocas erradas,
No toque suave, enternecido quando está deitada.



Corpus Christi brasileiro

Corpus Christi,
Corpo de Cristo,
Corpo de Deus,
Corpus Domini,
Sangue de Cristo,
Corpo da nação,
Sangue do povo.
Cruzes nas almas,
No brejal da pátria,
Nas periferias cortiças,
Nas vergas das roças,
Nas montanhas ásperas,
Nas terras baixas, banhadal,
Nos vales dos minérios,
Na revolta dos impérios,
Nas vilas, atrás das bodegas,
Nas margens dos rios.
Cruzes, cruces, cruces,
Senhoras e senhores,
Jovens e meninada,
Idosos da memória,
Crianças sem futuro,

Militantes da cidadania,
Militares fardas honradas
- Raros, raros, raros,
Gritam as araras;
Ave!, papagaios!
Milicianos tiroteiam
No seio esperançoso
Da nossa pátria amada.
Corpos de josés, antônios,
Anas, teresas e marias,
Brasileiros, brasileiras, eira,
Todos com a sua cruz,
Sem canto gregoriano,
Sem ritual de pajés, maracás,
Sem tambores de terreiros.
Féretros em sertanejo
Vulgar, dor de corno,
De cotovelo, traições,
Na dor da morte real,
Na dor humana da falta,
Na dor da ausência
Presente na saudade.

Corpos de nossos pedaços,
Medidos a cruces e credos,
Enquanto os assassinos
Veneram seu ódio
Nos cadáveres
Sob as cicatrizes
Das cruces, no silêncio
Absurdo das covas,
Onde não existe paz.
Corpos meus, corpos seus,
Corpos, corpos, corpos nossos.
O sepulcro dos cemitérios
Pede, em sinfonia, justiça!

(Luiz Carlos Tau Golin é escritor,
historiador, professor e membro da
Academia Passo-Fundense de Letras.)

O trágico fim do negacionista ingênuo

GILBERTO R. CUNHA

Bertrand Russell (1872-1970), no livro *The Problems of Philosophy*, de 1912, no capítulo 6, sobre indução, deu vazão à história do indutivista ingênuo, cujo protagonista principal era um frango. Nas versões que a sucederam, o frango foi trocado por um peru, tornando a história mais atraente e mais palatável ao gosto popular. Ei-la (em adaptação livre): certa feita, numa granja de criação de perus, surgiu um peruzinho metido a cientista. O animalzinho era metódico e costumava anotar tudo o que acontecia na granja. Nas suas notas, chamou-lhe a atenção que todos os dias, por volta das 9h, vinha o tratador e fornecia a ele e a seus irmãozinhos uma saborosa refeição na forma de ração balanceada. Analisando os dados que havia coletado, ele constatou que, independentemente do dia da semana, se fazia sol ou chovia, se era frio ou calor, sempre o tratador aparecia e fornecia a refeição. Conclusão elementar: na granja, todos os dias, por volta das 9h, é servida a refeição para os perus. Concluiu e relaxou. Mas, eis que chegou a véspera do Natal e o tratador não apareceu às 9 h. Nenhuma refeição foi servida naquela manhã.

No começo da tarde o tratador chegou vestido de branco. Nas mãos, em vez de ração, trazia um facão. Não serviu qualquer alimento dessa feita e degolou o peruzinho cientista e de resto todos os seus irmãos. Logo mais, na ceia natalina, eles seriam pantagruelicamente devorados, em meio a brindes e votos de felicitações.

Trágica e inverossímil essa historinha do peruzinho indutivista ingênuo. Eu

sei. Mas ela ilustra bem o risco de conclusões tiradas com base na inferência indutiva ingênuo. Apesar de embasadas na experiência, essas conclusões podem ser enganadoras e perigosas. Foi o caso do peruzinho cientista que, mesmo tendo usado premissas verdadeiras, chegou a uma conclusão falsa. A indução, por esse tipo de particularidade e pelo fascínio popular que exerce, tem merecido a atenção de filósofos da ciência há muito tempo. David Hume, em meados do século XVIII, pôs essa questão na pauta de discussões que se estendem até hoje. Mas, sem qualquer dúvida, a indução tem apelo, é útil e é muito usada nas ciências experimentais ou empíricas, como é o caso das agrárias e da saúde. Mas, para ter alguma validade, precisa ser integrada a delineamentos experimentais que primem pela aleatorização e por controles duplo-cegos. O que não é aceitável é o uso indiscriminado do princípio da indução, a partir de exemplos intencionalmente ou ingenuamente escolhidos, dando base a conclusões apressadas ou não e com ou sem conflitos de interesse.

Os tempos atuais, em meio à pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 e à vida tocada

sob a égide das redes sociais, são pródigos para os indutivistas de carteirinha. E dê-lhe receitas de curas baseadas em experiências ou supostas experiências de tratamentos sem comprovação (desconhecidos até

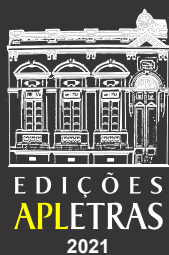
mesmo pela área médica, muitas vezes), indicação de medidas protetivas sem eficácia e previsões de fim da pandemia com base em analogias do passado que, não necessariamente, guardam qualquer relação com a Covid-19. E, o pior dos males, o indutivismo como o criador do negacionismo.

No universo do negacionismo Covid-19, há os negacionistas tipo raiz e os negacionistas ingênuos. Os do tipo raiz adotam o perfil negacionista deliberadamente. Sabem o que fazem e os riscos inerentes. Os ingênuos, não. São seguidores dos primeiros e, de fato, são crédulos no seu negacionismo. Ao dar ouvido a pregações negacionistas raiz e saber que vizinhos e amigos fizeram isso e aquilo e nada de mal aconteceu, o negacionista ingênuo, com o senso indutivo aguçado pelas redes sociais, abre a guarda. Abandona o uso da máscara (ou faz de conta que usa) e, sem qualquer preocupação, em vez de evitar, busca por aglomerações humanas e maior contato social (festas). Dias depois, eis que encontramos o nosso negacionista ingênuo ou chorando a perda de uma pessoa próxima, mais vulnerável do que ele, ou, mais raro, o próprio numa fila de espera por leito de UTI. Felizmente essa é uma história de ficção!

Post scriptum: texto escrito por ocasião da pandemia da Covid-19, em março de 2021.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Presidente nas gestões 2014-2016 e 2020-2022.)





Av. Brasil Oeste, 792 - CEP 99010-001 - Passo Fundo - RS